

PUCRS

ESCOLA DE DIREITO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CRIMINAIS
DOUTORADO

ROSÁLIA MARIA CARVALHO MOURÃO

**A (IN)VISIBILIDADE DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA LITERATURA NEGRO-
BRASILEIRA A PARTIR DA ESCRIVIVÊNCIA DE CAROLINA DE JESUS E CONCEIÇÃO
EVARISTO.**

Porto Alegre
2022

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO UNIVERSITÁRIO SANTO AGOSTINHO – UNIFSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITO
DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL

ROSÁLIA MARIA CARVALHO MOURÃO

**A (IN)VISIBILIDADE DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA LITERATURA
NEGRO-BRASILEIRA A PARTIR DA ESCRIVÊNCIA DE CAROLINA DE
JESUS E CONCEIÇÃO EVARISTO.**

Teresina – Porto Alegre

2022

ROSÁLIA MARIA CARVALHO MOURÃO

**A (IN)VISIBILIDADE DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA LITERATURA
NEGRO-BRASILEIRA A PARTIR DA ESCRE VIVÊNCIA DE CAROLINA DE
JESUS E CONCEIÇÃO EVARISTO.**

Tese apresentada como requisito parcial de avaliação para obtenção do título de Doutor em Direito, na área de Concentração em Ciências Criminais no Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em convênio com o Centro Universitário Santo Agostinho, UNIFSA, de Teresina – Piauí, via Doutorado Interinstitucional – DINTER

Orientador: prof. Dr. Augusto Jobim do Amaral

Coorientadora: Prof.^a Dr^a Clarice Beatriz da Costa Söhngen

Teresina- Porto Alegre

2022

Ficha Catalográfica

M931i Mourão, Rosália Maria Carvalho

A (in)visibilidade da violência de gênero na literatura negro-brasileira a partir da escrevivência de Carolina de Jesus e Conceição Evaristo / Rosália Maria Carvalho Mourão. – 2022.

200f.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Augusto Jobim do Amaral.

Coorientadora: Profa. Dra. Clarice Beatriz da Costa Söhngen.

1. Violência de gênero. 2. Escrevivência. 3. Carolina de Jesus. 4. Conceição Evaristo. I. Amaral, Augusto Jobim do. II. Söhngen, Clarice Beatriz da Costa. III. , . IV. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

FOLHA DE APROVAÇÃO

Trata-se de TESE elaborada por ROSÁLIA MARIA CARVALHO MOURÃO como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor no Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais, realizado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS –, em convênio com o Centro Universitário Santo Agostinho – UNIFSA – de Teresina-PI, via Doutorado Interinstitucional – DINTER presencial, que foi submetida, nesta data, à apreciação da banca avaliadora abaixo firmada e aprovada.

Porto Alegre, 29 de setembro de 2022.

Prof. Dr. Augusto Jobim do Amaral – PPGCCrim - PUCRS

Prof.^a Dr^a Clarice Beatriz da Costa Söhngen - PPGCCrim - PUCRS

Prof.^a Dr^a Angela Araújo da Silveira Espindola – PPGD - UFSM

Prof. Dr. André Karam Trindade – PPGD – FG/BA

Prof.^a Dr^a Fernanda Martins – PPGD UniRitter

AGRADECIMENTOS

Uma tese apesar de ser uma escrita solitária, ao mesmo tempo possui a contribuição de muitas pessoas, das mais variadas formas. Tenho que agradecer por ter chegado até esse momento de defesa a muitas pessoas, sem vocês eu teria desistido no meio do caminho ou nem teria iniciado a realização desse sonho. Ser Doutora em Ciências Criminais pela PUCRS deve-se a contribuição de cada um de vocês em minha vida. Muito obrigada!

Agradeço a Deus porque independente de religião acredito em algo maior, que me ampara nos momentos difíceis e não foi fácil conciliar trabalho *home office* e fazer um Doutorado em plena pandemia. Ter fé faz acreditar que é possível.

Minha família que sempre apoiou meus projetos, me incentivaram mesmo nos momentos mais difíceis e foram fundamentais nesse momento de pandemia. Meus pais amados (Antonio e Rozário Mourão) que são meus maiores fãs. Meus sobrinhos por transformar minha vida e torná-la mais lúdica e leve. Artur, Jeferson, Bernardo, Ingrid, Gabriel, Rafael, Maísa vocês são a melhor parte de mim.

Ao governo do Estado do Piauí e Secretaria de Educação do Estado do Piauí por ter permitido que eu continuasse meus estudos acadêmicos e me liberaram das minhas atividades laborais para que eu pudesse me dedicar a tese.

Aos meus chefes da Procuradoria Geral do Estado, Fernando Rocha que além de chefe se tornou um grande amigo, me apresentou a corrida, discutia as obras literárias comigo e torceu muito por mim, mesmo eu tendo que deixar o trabalho por um tempo. Victor Emmanuel Cordeiro Lima obrigada por todo o incentivo para o meu crescimento pessoal.

Ao prof. Dr, Augusto Jobim por aceitar me orientar numa proposta diferente da que está habituado, suas observações foram essenciais para a construção desse trabalho.

A prof.^a. Dra. Clarice Beatriz por ter se tornado não apenas minha coorientadora, mas por todo incentivo e parceria, pela amizade e companheirismo que desenvolvemos ao longo desse trabalho e que nos permitiu organizar por dois anos seguidos o Seminário de Ciências Criminais e Literatura e que venham muitos projetos juntas.

Ao meu grupo de pesquisa GESEG – PUCRS, que além de dividir a pesquisa científica, dividimos sonhos, dúvidas, frustrações. Obrigada por organizarem junto comigo o 1º e 2º Seminário de Ciências Criminais e Literatura e tornarem o evento incrível, com o desenvolvimento dos Grupos de trabalho e das palestras.

Ao Masterchef, grupo de amigos que divide comigo a amizade e a pesquisa científica. Verônica Acioly valeu cada caminhada e discussões sobre violência de gênero, você é uma parceira de vida, Sérgio Brandim por todas as discussões jusliterárias e filosóficas, por todas as ideias de artigos científicos e por sempre corrigir a minha ABNT, Luciana Pessoa além de nossas pesquisas científicas obrigada por todo o colo que você sempre me dá, por enxugar minhas lágrimas e me fazer acreditar que é possível.

As minhas amigas parceiras de Mestrado: Diana, Ana Cristina, Lilásia e Marlene, que durante todo o período de pandemia e de construção da tese estavam ao meu lado. No Mestrado eu não conquistei só um título acadêmico, mas a amizade de vocês desde aquela seleção em 2005 foi fundamental para quem eu sou como professora, acadêmica e amiga. A nossa amizade foi nossa maior conquista.

A minha turma do Doutorado que sonhou comigo, assistimos aulas em Teresina tendo que nos dividir entre trabalho e estudos, viajamos para Porto Alegre e passamos semanas geladas na PUCRS assistindo aulas, realizando seminários, elaborando artigos em conjunto, participando de congressos, (des)construindo a tese e acima de tudo um amparando o outro em tantos momentos difíceis que tivemos nessa pandemia. Chegar até o final dessa jornada com vocês é um privilégio. Muito obrigada, Luciana Pessoa, Wirna Alves, Jéssica, Thania, Nildes, Marcus Vinicius, João Santos, Juliano Leonel, Marcelo, Luciano Nunes.

A minha psicóloga Cristiane Mattos, que foi essencial nesse processo de construção da tese, no meio da pandemia, com crises de ansiedade e tantas dúvidas. Obrigada por me fazer acreditar, não me deixar desistir e manter a minha saúde mental em dia.

A minha equipe AQUATICATRI, em especial aos meus treinadores Paulo Victor e Bárbara, e as amigas Joaquina, Vânia e Verônica que me incentivaram e vibraram com minhas vitórias, vocês foram essenciais nesse processo. A toda equipe que corre e nada comigo e a si mesmo todos os dias.

Aos meus alunos (as) do Centro Universitário Santo Agostinho – UNIFSA professora é meu projeto de vida e vocês fazem parte disso. Em plena pandemia não foi fácil trabalhar *home office*, reorganizar todo o planejamento, aprender novas tecnologias em tempo recorde, responder mensagens em todas as redes sociais, orientar trabalhos de conclusão de curso, mas vê-los apresentando trabalhos em eventos nacionais e internacionais, produzindo artigos científicos de qualidade é minha maior recompensa. Vocês são meu maior incentivo para melhorar como pesquisadora e professora. A tese também é de vocês.

Vozes-Mulheres

Conceição Evaristo

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

(In: *Poemas de recordação e outros movimentos*, 3.ed., p. 24-25)

Quarto de Despejo

Quando infiltrei na literatura
Sonhava só com a ventura
Minhalma estava chã de hianto
Eu não previa o pranto. Ao publicar o Quarto de Despejo
Concretisava assim o meu desejo.
Que vida. Que alegria.
E agora... Casa de alvenaria.
Outro livro que vai circular
As tristezas vão duplicar.
Os que pedem para eu auxiliar
A concretisar os teus desejos
Penso: eu devia publicar...
– o ‘Quarto de Despejo’.

No início veio admiração
O meu nome circulou a Nação.
Surgiu uma escritora favelada.
Chama: Carolina Maria de Jesus.
E as obras que ela produz

Deixou a humanidade habismada
No início eu fiquei confusa.
Parece que estava oclusa
Num estôjo de marfim.
Eu era solicitada
Era bajulada.
Como um querubim.

Depois começaram a me invejar.
Dizia: você, deve dar
Os teus bens, para um assilo
Os que assim me falava
Não pensava.
Nos meus filhos.

As damas da alta sociedade.
Dizia: pratique a caridade.
Doando aos pobres agasalhos.
Mas o dinheiro da alta sociedade
Não é destinado a caridade
É para os prados, e os baralhos

E assim, eu fui desiludindo
O meu ideal regridindo
Igual um corpo envelhecendo.
Fui enrugando, enrugando...
Petalas de rosa, murchando, murchando
E... estou morrendo!

Na campa silente e fria
Hei de repousar um dia...
Não levo nenhuma ilusão
Porque a escritora favelada
Foi rosa despetalada.
Quantos espinhos em meu coração.
Dizem que sou ambiciosa
Que não sou caridosa.
Incluíram-me entre os usurários
Porque não critica os industriaes
Que tratam como animaes.
– Os operários...

Carolina Maria de Jesus, Meu estranho diário (grafia original)

MOURÃO, Rosália Maria Carvalho Mourão. A (in)visibilidade da violência de gênero na literatura negro-brasileira a partir da escre(vivência) de Carolina de Jesus e Conceição Evaristo. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Centro Universitário Santo Agostinho – UNIFSA, Teresina. 2022.

RESUMO

A presente tese tem por objetivo analisar a (In)visibilidade da violência de gênero na literatura negro-brasileira a partir da escrevivência de “Quarto de despejo”, de Carolina de Jesus e “Becos da Memória”, de Conceição Evaristo relacionando-a com a interseccionalidade de gênero, raça e classe. A pesquisa adequa-se a linha de pesquisa Violência, Crime e Segurança Pública por realizar um estudo interdisciplinar da violência de gênero a partir da Literatura. A natureza da pesquisa é de natureza qualitativa, caracterizada como análise crítica precedida de revisão bibliográfica, estruturando-se a partir da escrevivência das autoras a partir da abordagem interseccional de gênero, raça e classe. Os conceitos dos diversos tipos de violência, de gênero, sororidade e dororidade são explicitados para auxiliar na análise das obras. Na literatura canônica a participação feminina é mínima, a predominância é de homens brancos como: Jorge Amado, Lev Tolstói e Shakespeare que discutem a violência de gênero sob o viés de que a vítima tem culpa pela violência que sofre seja ela física, patrimonial, sexual ou psicológica. Em contrapartida, as autoras negras Carolina de Jesus e Conceição Evaristo através de sua escrevivência relatam experiências como moradores da favela em que a violência é interseccional, pois o gênero, a raça e a classe interferem na violação aos direitos humanos das mulheres negras. Estas sofrem a discriminação por serem mulheres, sejam como autoras da literatura brasileira, que não conseguem fazer parte do cânone literário, seja as personagens femininas de suas obras que tem seus direitos fundamentais violados. Mulheres negras sofrem racismo e seus corpos são expostos como se fossem mercadorias a serem expostas aos olhares ávidos dos homens que a querem consumir, como os antigos senhores faziam na época da escravidão. Além da questão sexual, as mulheres negras trabalham em empregos mal remunerados, que as colocam numa situação de subalternidade perante a branquitude como podemos perceber nas obras. A discriminação de classe dá-se com a exposição do favelada ou ex-favelada quando apresentam a escritora Carolina de Jesus.

Palavras Chaves: Carolina de Jesus. Conceição Evaristo. Escrevivência. Violência de gênero. Interseccionalidade.

ABSTRACT

This thesis aims to analyze the (In)visibility of gender violence in black-Brazilian literature from the writing of “Quarto de despejo”, by Carolina de Jesus and “Alleys of Memory”, by Conceição Evaristo, relating it to the intersectionality of gender, race, and class. The research fits the line of research Violence, Crime and Public Security for carrying out an interdisciplinary study of gender violence from the Literature. This is a research of qualitative nature, characterized as a critical analysis preceded by a bibliographical review, structured from the writing of the authors from the intersectional approach of gender, race and class. The concepts of different types of violence, gender, sorority and pain are explained to help in the analysis of the works. In canonical literature female participation is minimal, the predominance is of white men such as: Jorge Amado, Lev Tolstói and Shakespeare who discuss gender violence under the bias that the victim is to blame for the violence he suffers, be it physical, patrimonial, sexual or psychological. On the other hand, the black authors Carolina de Jesus and Conceição Evaristo, through their writing, report experiences as residents of the favela in which violence is intersectional, as gender, race and class interfere with the violation of the human rights of black women. Such women suffer discrimination because they are women, either as authors of Brazilian literature, who cannot be part of the literary canon, or as female characters in their works whose fundamental rights are violated. Black women suffer racism and their bodies are exposed as if they were merchandise to be exposed to the avid gazes of men who want to consume them, as the old masters did during the time of slavery. In addition to the sexual issue, black women work in poorly paid jobs, which place them in a situation of subalternity in the face of whiteness, as we can see in the works. Class discrimination occurs with the exposition of the favelada or former favelada when they present the writer Carolina de Jesus.

Keywords: Carolina de Jesus. Conceição Evaristo. Writing experience. Gender violence. Intersectionality.

LISTA DE ABREVIACÕES

- ABL – Academia Brasileira de Letras
- ADPF - Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental
- CONDEGE – Conselho Nacional de Defensoras e Defensores Públicos Gerais
- COVID-19 - (co)rona (vi)rus (d)isease de 2019.
- FBSP – Fórum Brasileiro de Segurança Pública
- FTD - Frère Théophane Durand
- GESEG – Grupo de Pesquisa Gestão Integrada da Segurança Pública
- IA – Insegurança Alimentar
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- LMP – Lei Maria da Penha
- NEIA – Núcleo de Estudos Interdisciplinares de Alteridade
- PDT – Partido Democrático Trabalhista
- PENSSAM - Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional
- PUCRJ – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
- PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
- SA – Segurança Alimentar
- SINAM – Sistema de Informação de agravos de notificação do Ministério da Saúde
- STJ – Superior Tribunal de Justiça
- STF – Supremo Tribunal Federal
- UBE – União Brasileira de Escritores
- UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
- UNIGRANRIO - Universidade do Grande Rio Prof. José de Souza Herdy
- USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	CONSTRUÇÃO DAS BASES TEÓRICAS DE NEGRITUDE E LITERATURA.....	30
2.1	Escrita negra ou afro-brasileira de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo.....	30
2.2	As formas de violência e seus desdobramentos conceituais.....	36
2.3	Sororidade ou Dororidade.....	45
2.4	O Cânone literário.....	51
2.5	Violência de gênero na literatura canônica.....	54
2.6	Ampliando o cânone literário: Carolina de Jesus e Conceição Evaristo.....	68
2.7	A humanização através da Literatura de Carolina de Jesus e Conceição Evaristo.....	72
3	CAROLINA DE JESUS: DO QUARTO DE DESPEJO A SALA DE VISITA...	89
3.1	Carolina: assim nasce uma escritora.....	89
3.2	E eu não sou uma escritora.....	92
3.3	Carolina de Jesus: catadora de palavras.....	97
3.4	A subalternidade em Carolina de Jesus e Conceição Evaristo.....	109
3.5	Fortuna Crítica de Carolina de Jesus.....	113
3.6	Interseccionalidade de gênero, raça e classe.....	120
4	CONCEIÇÃO EVARISTO: DA ABL A ESCRIVIVÊNCIA DE “BECOS DA MEMÓRIA”	130
4.1	A academia Brasileira de Letras – a sala de visitas inacessível a Conceição Evaristo.....	130
4.2	Becos da Memória de Conceição Evaristo.....	138
4.3	A escritivência em Becos da Memória.....	140
4.4	Senzala-favela.....	143
4.5	Ditinha – a cor da faxina no Brasil.....	150
4.6	Cidinha – Cidoca: morrer de não viver.....	157
4.7	Nazinha – violência sexual infantil.....	159
4.8	Fuizinha – violência sexual intrafamiliar.....	163
4.9	Vozes- mulheres: a maternidade.....	165
4.9.1	Dora.....	167
4.9.2	Ditinha.....	169
4.9.3	Custódia.....	171
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	174
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	179
7	APÊNDICE.....	187

1 INTRODUÇÃO

A violência de gênero é um tema discutido no Direito e na Literatura. Nos textos literários é possível visualizar situações em que os diversos tipos de violência são vivenciados pelas personagens e as consequências que estas sofrem. O Direito ampara as vítimas através das leis, como a Lei Maria da Penha, mas a Literatura na construção dos seus personagens usa e abusa do mundo permitindo assim nos emocionar mais acima de tudo gerar em cada um, uma reflexão, uma análise do mundo dos seus encantos aos seus mais terríveis vieses desta sociedade.

A partir da possibilidade dessa interdisciplinaridade no programa de Doutorado em Ciências Criminais é que a tese versa sobre a (In)visibilidade da violência de gênero na Literatura negro-brasileira¹ a partir da escrevivência² de Carolina Maria de Jesus e Maria da Conceição Evaristo de Brito³. A pesquisa não é sobre a obra completa das autoras, mas aos livros específicos que versam sobre a temática da violência de gênero. Em relação a Carolina de Jesus, “Quarto de Despejo”, porque é o livro de estreia que a tornou conhecida no Brasil e no exterior, no entanto, é muito difícil desvincular a vida pessoal de Carolina de Jesus, de suas outras obras como “Casa de Alvenaria”⁴ e “Diário de Bitita”⁵, em vários momentos faz-se necessário citar passagens desses textos para comprovar o que está sendo discutido.

Na obra "Quarto de Despejo", por ser um diário, autora e personagem se confundem, sendo possível afirmar que os fatos ali trazidos foram vivenciados pela autora, também personagem. No entanto, não se pode afirmar que em todas as obras analisadas há essa confusão. A obra de Conceição Evaristo utilizada é “Becos da Memória”⁶ uma das primeiras obras escritas pela autora e publicada em 2006.

Durante a pesquisa sobre a temática da violência de gênero vivenciada pelas autoras por serem negras, destacou-se a influência da discriminação de raça, classe e gênero na escrevivência de cada uma delas, por isso na discussão a respeito da interseccionalidade que perpassa as obras literárias é necessário falar também sobre branquitude.

¹Conforme será explanado no ponto 2.1

² O termo escrevivência é utilizado por Conceição Evaristo em diversos textos e entrevistas para falar de sua vivência como mulher negra, periférica e que a partir de sua experiência vê a si e ao outro.

³ A partir desse ponto irei me referir as autoras como Carolina de Jesus e Conceição Evaristo.

⁴A obra Casa de Alvenaria utilizada será a publicada recentemente pela Companhia das Letras, composta de dois volumes. A referida obra quando foi publicada em 1961 possuía apenas um volume.

⁵ JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. São Paulo: Sesi-SP editora, 2014.

⁶ EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

A branquitude é um construto ideológico, no qual o branco se vê e classifica os não brancos a partir do seu ponto de vista. Ela implica vantagens materiais e simbólicas aos brancos em detrimentos dos não brancos. Tais vantagens são frutos de uma desigual distribuição de poder (político, econômico e social) e de bens materiais e simbólicos. Ela apresenta-se como norma, ao mesmo tempo em que como identidade neutra, tendo a prerrogativa de fazer-se presente na consciência de seu portador, quando é conveniente, isto é, quando o que está em jogo é a perda de vantagens e privilégios⁷.

Para se construir uma luta antirracista é necessário primeiro compreender melhor a branquitude e seu racismo. Essa pesquisa analisa as obras literárias de duas autoras negras que tratam do tema violência de gênero⁸, que versam sobre o feminismo negro,⁹ a partir do tema da interseccionalidade¹⁰: raça, gênero e classe.

Ao iniciar a pesquisa se faz necessário refletir sobre a branquitude e seus privilégios. Como por exemplo, quem está consagrado como cânone na literatura brasileira¹¹, quem são os imortais na Academia Brasileira de Letras¹², na política, no ensino superior¹³ na condição de professores dos programas de Mestrado e Doutorado?

⁷SILVA, Priscila Elisabete da. **O conceito de branquitude**: Reflexões para o campo de estudo. In: MÜLLER, Tânia M. P. CARDOSO, Lourenço. **Branquitude**. Estudos sobre a identidade branca no Brasil. Curitiba, Appris, 2017, p. 27-28.

⁸ Os conceitos de violência de gênero vão ser trabalhados no capítulo 2

⁹ Movimento em que mulheres negras teorizam sobre gênero a partir da perspectiva de gênero, raça e classe. No Brasil é importante destacar o papel de Lélia Gonzalez na assunção da expressão feminismo negro, logo após a realização da Conferência da ONU no México. Lélia teve uma atuação marcante nos coletivos autônomos de mulheres negras no Brasil e produziu bastante textos neste período.

¹⁰ O termo interseccionalidade foi utilizado pela primeira vez pela jurista norte-americana Kimberlé W Crenshaw (1989), mas sua origem remonta aos anos 70 no movimento Black feminism que criticava o feminismo branco por não observar nos seus estudos as questões de gênero, raça e classe.

¹¹ Segundo Harold Bloom na obra O cânone Ocidental existe autores que se tornam obrigatórios em nossa cultura, em que suas obras se destacam pelo valor estético, originalidade. Bloom seleciona 26 autores que representam o cânone ocidental e a escolha não é arbitrária segundo ele, pois leva em conta a sublimidade e natureza representativa das obras e autores, podemos assim seguir o conceito de João Ferreira Duarte no seu “dicionário de termos literário” que entende como sendo cânone literário brasileiro o corpo de obras (e seus autores) social e institucionalmente consideradas “grandes”, “geniais”, perenes, comunicando valores humanos essenciais, por isso dignas de serem estudadas e transmitidas de geração em geração.

¹² Devemos discutir de forma mais ampla sobre esse tema no capítulo 4.

¹³ No geral, doze universidades brasileiras com mais de 500 professores têm maioria declarada preta ou parda no corpo docente. A instituição com maior representatividade é a Universidade Tiradentes (Unit), de Sergipe, que conta com 92% de seus professores negros.

A universidade com maior quantidade de negros na docência é a Universidade do Estado da Bahia (Uneb), com 1202 professores (53% do corpo docente). Outra baiana, a Universidade Federal da Bahia (UFBA) está em seguida, com 926 - número que representa apenas 29% do total de professores. Além de ter a maior taxa de representatividade de negros na docência do país, a Unit é a que tem o maior número absoluto entre as particulares: 806 professores negros.

Segundo o MEC, são 65.249 professores negros atuando em universidades brasileiras, número que representa 30,5% do total de docentes no Ensino Superior do Brasil, que é 214.224. O percentual total é de 16,4%.

Uma análise para a situação em cada estado mostra cenários desiguais. As maiores porcentagens de docentes negros são observadas no Amapá (55,6), Acre (41,3%), Maranhão (42,5%) e Alagoas (38,7%). Por outro lado, as taxas de professores negros no Sul e Sudeste chegam a um décimo desses Estados, em São Paulo, por exemplo, o percentual é de 6,3%. Santa Catarina (2,9%) e Rio Grande do Sul (2,8%) têm as menores porcentagens

A discussão de violência de gênero a partir das obras literárias não canônicas, de autoras negras deve partir também de professores brancos, segundo Adilson Moreira, Phillippe de Almeida e Wallace Corbo que dizem que:

Assim como professores de outros grupos raciais, professores brancos e professoras brancas devem estar especialmente preocupados em construir um programa de disciplina que reflita uma pluralidade de epistemologias sociais, pois, dessa forma, não correrão o risco de servirem como instrumentos para a universalização de racionalidades que se mostrem alienantes¹⁴.

Para promover uma educação jurídica antirracista a leitura de autores(as) negros(as) possibilitam uma discussão referente a questão racial de forma aprofundada para levar uma consciência crítica aos alunos(as), discutindo o privilégio de ser branco(a) não só na literatura, mas nas relações interpessoais, de trabalho, sociais, mostrando as estruturas de poder e como ser homem, branco, heterossexual, com condição financeira estável permite uma possibilidade maior de realização pessoal e profissional, porque não vai sofrer discriminações sejam ela de gênero, raça, orientação sexual e de classe.

Segundo Adilson Moreira, *et all* ser professor(a) branco(a) tem um papel de grande importância na conscientização dos alunos

Isso requer que esse profissional não lide apenas com autores brancos hegemônicos em sala de aula; isso requer que ele também garanta que a sala de aula seja um lugar no qual as opiniões de pessoas negras e brancas sejam igualmente ouvidas; e isso exige que ele corrija aquelas posições incompatíveis com os pressupostos teóricos que devem guiar esse debate. O professor branco deve fazer todo o possível para evitar criar, entre as pessoas brancas, a percepção de que elas devem defender uma mesma posição, uma posição das pessoas brancas, porque só há um lado dentro desse debate, que é o da justiça social¹⁵.

Assim é a possível um(a) professor(a) branco(a) levantar questões de violência de gênero a partir da literatura, privilegiando autoras que não estão no cânone literário brasileiro, que discutem de forma interseccional: gênero, raça e classe, que através de suas escrituras contestam a hegemonia de homens brancos na Literatura como autoridades a respeito da questão racial.

Lia Schucman aborda as políticas de igualdade racial nos espaços institucionais:

Nesse sentido, a mudança na situação das desigualdades raciais tem sido limitada, pois os espaços institucionais que devem viabilizar as políticas de combate ao racismo

A quantidade de professores negros em universidades federais cresceu 60% desde que a lei de cotas para concursos públicos foi aprovada em 2014. Com isso, a participação de docentes pretos e pardos no quadro total de mestres e doutores passou de 11,7% para 15,8% entre aquele ano e 2019. Disponível em: <https://www.faac.unesp.br/#!/noticia/1974/procura-se-uma-professora/>. Acesso em: 10/02/2022.

¹⁴MOREIRA, Adilson José; ALMEIDA, Phillippe Oliveira de. CORBO, Wallace. **Manual de educação jurídica antirracista: direito, justiça e transformação social**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2022, p. 193

¹⁵MOREIRA, Adilson José; ALMEIDA, Phillippe Oliveira de. CORBO, Wallace. **Manual de educação jurídica antirracista: direito, justiça e transformação social**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2022, p. 195

e/ou da promoção da igualdade racial são ocupados por brancos, em sua maioria homens, que buscam formas de minimizar o impacto das políticas de combate ao racismo e de promoção da igualdade racial¹⁶.

Um dos privilégios de ser branco é sentir-se confortável nos ambientes, não pensar no tema da branquitude, porque existe uma hegemonia da supremacia racial branca que não nos faz questionar a raça, a não ser quando vamos falar de racismo, mas geralmente se pensa a partir da raça negra e não da branca.

Realmente, seria descabido imaginar uma branca fazendo relatos em nome de uma pessoa negra, já que sua experiência pessoal é, necessariamente, diferente, mas ela deve, sim juntar-se aos negros para combater o racismo, da mesma forma que bell hooks e Chimamanda Adichie convocam os homens a se tornarem feministas, lutando contra o sexismo (sobretudo aquele que foi internalizado pela socialização machista dos meninos). A universidade brasileira tem recebido cada vez mais alunos e professores negros, graças, em grande parte, à política de cotas, e isso pode contribuir para, parodiando Sueli Carneiro, “enegrecer” a academia¹⁷.

Segundo Djamila Ribeiro pessoas brancas não costumam discutir sobre raça e quando o fazem é a partir da negritude. “Portanto, uma pessoa branca deve pensar seu lugar de modo que entenda os privilégios que acompanham a sua cor. Isso é importante para que privilégios não sejam naturalizados ou considerados apenas esforço próprio”¹⁸, ou seja, não sejam normalizados como algo natural e relacionem com a meritocracia¹⁹.

A meritocracia se manifesta por meio de mecanismos institucionais como os processos seletivos das universidades e os concursos públicos. Uma vez que a desigualdade educacional está relacionada com a desigualdade racial, mesmo no sistema de ensino públicos e universalizados, o perfil racial dos ocupantes de cargos de prestígio no setor público e dos estudantes nas universidades mais concorridas reafirma o imaginário que, em geral, associa competência e mérito a condições como branquitude, masculinidade e heterossexualidade e cisnormatividade²⁰.

Conceição Evaristo em entrevista diz que não acredita no discurso meritocrático, de que se ela conseguiu ser uma escritora negra de sucesso, outras também vão conseguir. Não basta querer, estudar, se esforçar, segundo a escritora isso é uma falácia, uma enganação, que faz muitas pessoas acreditarem que a exceção é a regra.

Eu agradeço muito à vida, ressalto, mas digo que não quero ser tratada como excepcionalidade, porque ela reforça o discurso da meritocracia. Se estudar, se trabalhar consegue. Não é isso! Porque eu conheço muita gente que tentou estudar, tentou trabalhar e que morreu pelo caminho, adoeceu pelo caminho. E porque nossos caminhos têm de ser tão dolorosos? Tinha que ser um processo natural. As exceções servem para pensar a regra. Que regras são essas na sociedade brasileira em que uma

¹⁶SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo**: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. 2ª edição. São Paulo

¹⁷FIGUEIREDO, Eurídice. **Por uma crítica feminista**: leituras transversais de escritoras brasileiras. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020

¹⁸RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 32

¹⁹Meritocracia entendida como pessoas que conseguem atingir seus objetivos e metas através de seus esforços e méritos, não se levando em conta a raça, classe social, gênero.

²⁰ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo. Editora Jandaíra, 2021, p. 81.

mulher negra só vai poder publicar aos 44 anos e precisa levar mais 30 anos para alcançar visibilidade? Será que se eu fosse uma autora branca e tivesse nascido em outra circunstância só agora eu estaria alcançando isso?²¹

No Brasil, o discurso meritocrático não leva em consideração a desigualdade social, o racismo estrutural e institucional e o sexismo fazendo muitos acreditarem que para conseguir alcançar seus objetivos basta quererem, que as oportunidades são iguais para todos, sejam eles: brancos/negros; ricos/pobres; homens/mulheres; porque não possuem consciência de raça, classe e gênero e o quanto esses fatores influenciam no cotidiano.

Para participar de uma luta antirracista efetiva é necessário compreender os privilégios que pessoas brancas possuem e as responsabilidades diante das injustiças contra grupos sociais vulneráveis, no caso específico da tese, das autoras Carolina de Jesus e Conceição Evaristo e as personagens de suas histórias literárias que são mulheres negras cis ou lésbicas.

Trata-se de refutar a ideia de um sujeito universal – a branquitude também é um traço identitário, porém marcado por privilégios construídos a partir da opressão de outros grupos. Devemos lembrar que este não é um debate individual, mas estrutural: a posição social do privilégio vem marcada pela violência, mesmo que determinado sujeito não seja deliberadamente violento²².

O problema de pesquisa da tese: é possível discutir a violência de gênero a partir da Literatura de Carolina de Jesus e Conceição Evaristo desnaturalizando o olhar condicionado pelo racismo no universo acadêmico, criando a possibilidade de no Doutorado de Ciências Criminais analisar as obras de autoras negras, que não fazem parte do cânone literário brasileiro, promovendo discussões interdisciplinares não só sobre a negritude, mas sobre a violência de gênero sofrida por elas, como escritoras negras, e suas personagens a partir da interseccionalidade: gênero, raça e classe. Assim existe a possibilidade de avaliar sobre outro viés, que não seja o discurso falocêntrico e hegemônico da raça branca, escritoras que não estão no cânone literário e que ainda são desconhecidas de boa parte do público leitor.

Propõe-se com esta pesquisa investigar, via perspectiva teórica decolonial, a autoria feminina negro brasileira de Carolina de Jesus e Conceição Evaristo a partir do aporte teórico da escrevivência de Conceição Evaristo e como essa aparece representada na obra das autoras, na representação das personagens interseccionalizando raça, classe e gênero.

²¹DORALI, Ivana. **Conceição Evaristo: imortalidade além de um título**. Disponível em: <https://revistaperiferias.org/materia/conceicao-evaristo-imortalidade-alem-de-um-titulo/>. Acesso em: 30/11/2021.

²²RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 33

A metodologia da pesquisa é de natureza qualitativa, caracterizada como análise-crítica precedida da revisão bibliográfica, estruturando-se a partir da escrevivência das autoras a partir da abordagem interseccional de gênero, raça e classe.

Como hipóteses de pesquisa temos que: esta tese de Ciências Criminais promove a análise da violência de gênero a partir da interseccionalidade: gênero, raça e classe como uma possibilidade de pesquisa interdisciplinar; as obras literárias de Carolina de Jesus e Conceição Evaristo possibilitam um processo de humanização dos leitores segundo o conceito de Antonio Cândido; o conceito de escrevivência de Conceição Evaristo como forma de tornar visível a violência de gênero na obra “Becos da Memória” desta autora e a obra “Quarto de Despejo” de Carolina de Jesus; o conceito de Dororidade²³ é mais específico para explicar a dor das mulheres negras relacionando machismo e racismo do que o de sororidade; é viável discutir a violência de gênero através de autoras negras que não fazem parte do cânone literário brasileiro; o discurso falocêntrico, heteronormativo e hegemônico da raça branca possibilitam as situações de violências sofridas pelas autoras e personagens de suas obras literárias.

No curso de Letras – Português, nas disciplinas de Literatura é perceptível a ausência de autoras negras, mesmo naquelas disciplinas em que o foco era a literatura feminista.

A literatura de mulheres de cor raramente é incluída nos conteúdos de literatura de mulheres, e quase nunca em outras disciplinas de literatura, nem nos estudos das mulheres como um todo. Com demasiada frequência, a desculpa dada é que as literaturas das mulheres de cor só podem ser ensinadas por mulheres de cor, ou que elas são muito difíceis de entender, ou que as turmas não conseguem “se envolver”, porque vêm de experiências que são “diferentes demais”. Tenho visto esse argumento ser usado por mulheres brancas extremamente inteligentes, mulheres que não parecem ter problemas nenhum para ensinar e analisar obras que vêm das experiências amplamente diferentes de Shakespeare, Molière, Dostoiévski e Aristófanes. Certamente deve haver outra explicação²⁴.

Na Literatura canônica²⁵ não se percebe a presença de autoria feminina na literatura brasileira, principalmente se esta for negra. Temos uma voz única que é branca e falocêntrica. Primeiro se pensa em autores masculinos e brancos, depois masculinos e negros, depois autoras femininas e brancas. Na Literatura Brasileira facilmente nomeamos: Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, Machado de Assis, Jorge Amado, Clarice Lispector, Rachel de

²³Dororidade é um termo criado por Vilma Piedade para explicar a dor sentida por mulheres negras relacionando gênero e raça.

²⁴LORDE, Audre. **Irmã Outsider**: tradução Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 145

²⁵Literatura canônica constitui-se como uma seleção de obras realizadas por grupos dominantes, instituições de educação, crítica literária que representam o legado cultural de um país e não se percebe nessa seleção autoras femininas negras.

Queiroz, Cecília Meireles e somente em último lugar nomeamos literatura de autoria feminina e negra, muitos leitores nem chegam a conhecê-las, tornando-as invisíveis no meio literário.

Muitos professores brancos não se sentem capazes ou à vontade para estudar literatura negra por um pretense desconforto, pela sua ausência de lugar de fala, no entanto, estudam literatura etnocêntricas, inglesa, russa, irlandesa, dentre outras. Essas posturas decerto, não se justificam pelo lugar de fala, mas pelo interesse e pelo reconhecimento do valor e da complexidade do objeto de estudo²⁶.

Natália Lívía sugere outras possibilidades de análise para pesquisadores negros ou não negros que queiram aprofundar o estudo da Teoria Literária estudando autores negros (as) da Literatura Brasileira, sendo assim, podemos em primeiro buscar autores que não estejam no cânone literário, instaurando assim outros *corpus* de pesquisa, possibilitando outras leituras e interpretações. Em segundo lugar, “cabe articular outros campos de estudo – como o feminismo negro, os dados estatísticos, sobre populações racializadas no Brasil, a pedagogia, a sociologia negra que tem pensado a maternidade, a psicologia que vem se enegrecendo, dentre outros campos”²⁷. Em terceiro lugar “é imprescindível construir uma dicção dissidente e minoritária, enegrecer as coisas no texto, a partir da linguagem, desrecalcar a primeira pessoa do negro no texto”²⁸.

Pode-se então analisar a obra de autoras negro-brasileiras, como Carolina de Jesus e Conceição Evaristo para os estudos de violência de gênero, observando uma bibliografia tanto teórica quanto literária majoritariamente negra, mais especificadamente do feminismo negro, que aborda temas constante nas obras literárias dessas duas autoras.

A base teórica da tese trabalha a violência de gênero a partir do referencial teórico de autoras como Sueli Carneiro, Djamila Ribeiro, Lélia Gonzalez, Neusa Sousa Santos, Beatriz Nascimento, Chimamanda Ngozi, Conceição Evaristo, Bell Hooks, Lívía Natália, Vilma Piedade, Heleieth Saffioti, Regina Dalcastagnè, Eurídice Figueiredo, Audre Lorde, Tânia Nascimento, Andrea Pachá, Lia Vainer Schucman, Joana Aguiar e Silva, Patrícia Hill Collins, dentre outras autoras que contribuíram com seus trabalhos para a construção da análise da obra

²⁶ NATÁLIA, Lívía. **Intelectuais escrevientes**: enegrecendo os estudos literários. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p.221

²⁷ NATÁLIA, Lívía. **Intelectuais escrevientes**: enegrecendo os estudos literários. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p.222

²⁸ NATÁLIA, Lívía. **Intelectuais escrevientes**: enegrecendo os estudos literários. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p.222

“Quarto de Despejo”, de Carolina Maria de Jesus e “Becos da Memória”, de Conceição Evaristo a partir da perspectiva da interseccionalidade.

Estudar autoras negro-brasileiras, sob o viés do feminismo negro, permite contestar o perigo de uma história única, como nos fala a nigeriana Chimamanda Ngozi:

É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: *nkali*. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer “ser maior do que outro”. Assim como o mundo econômico e político as histórias também são definidas pelo princípio de *nkali*: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas depende muito de poder²⁹.

Cria-se uma história única mostrando por exemplo um povo como uma única coisa, sem parar, repetidas vezes, a imigração dos venezuelanos por causa da miséria do país deles, a desigualdade social e ele se torna isto. O Brasil como sendo o país do futebol, do carnaval e da “mulata³⁰” brasileira são estereótipos de uma história única que não observa a complexidade da estrutura social, econômica e racial brasileira.

As narrativas contadas por Carolina de Jesus e Conceição Evaristo colocam as mulheres negras como protagonistas de suas histórias, dramas pessoais, relações interracialis amorosas, seus cotidianos, suas residências e famílias. A partir das histórias de violência que vivenciam sob o ponto de vista da escrevivência dessas autoras. “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história”³¹.

Questiona-se então a existência de uma história única do feminismo, e uma categoria universal de mulher, na busca da percepção de um mundo plural, em que são possíveis outros feminismos, dentre eles, o negro e uma mulher plural, diversificada.

As autoras falam de alguns estereótipos que elas debatem, tais como: a hipersexualização da mulher negra, naturalizada em personagens como Rita Baiana da obra “O

²⁹ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo. Companhia das Letras, 2019, p. 22-23. Este livro foi originado da palestra proferida pela autora no TED TALK, em 2009 e que está disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br#t-12885.

³⁰Palavra de origem espanhola, feminina de “mulato”, “mulo” (animal híbrido, resultado do cruzamento de cavalo com jumenta ou jumento com égua). As palavras “mulato” e “mulata” foram usadas de forma pejorativa para os filhos mestiços das escravas que coabitaram com os seus senhores brancos e deles tiveram filhos. Não é por acaso, portanto, que muitas pessoas mais conscientes dos efeitos do racismo não querem ser denominados “mulatos”. Guia de enfrentamento do racismo institucional. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Guia-de-enfrentamento-ao-racismo-institucional.pdf>. Acesso em: 08/02/2022.

³¹ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo. Companhia das Letras, 2019, p. 26

Cortiço (1890)³²”, de Aluísio de Azevedo, “Gabriela, Cravo e Canela (1958)³³”, de Jorge Amado, dentre outras, em que a sensualidade dos corpos negros são explorados e naturalizados.

Carolina de Jesus e Conceição Evaristo apresentam outras possibilidades através de suas escrituras, suas histórias de vidas e lutas para serem reconhecidas como escritoras negras merecedoras de serem estudadas junto com o cânone literário brasileiro.

Lélia Gonzalez, pensadora e ativista do feminismo negro:

Criticava a hierarquização de saberes como produto da classificação racial da população. Ou seja, reconhecendo a equação: quem possui o privilégio social, possui o privilégio epistêmico, uma vez que o modelo valorizado e universal de ciência é branco. A consequência dessa hierarquização legitimou como superior a explicação epistemológica eurocêntrica, conferindo ao pensamento moderno ocidental a exclusividade do que seria conhecimento válido, estruturando-o como dominante e assim inviabilizando outras experiências do conhecimento³⁴.

Historicamente mulheres negras são silenciadas em suas falas, quando conseguem que sejam ouvidas são chamadas de arrogantes, agressivas, identitárias, que promovem uma cisão no movimento feminista, enquanto outras falas são fortalecidas nos seus discursos, sejam eles :sexista, heteronormativo, racista, patriarcal.

A escolha por estudar a violência de gênero a partir de Carolina de Jesus e Conceição Evaristo, deve-se ao fato de só recentemente suas obras estarem sendo estudadas no ensino médio e superior e colocadas em listas de vestibulares³⁵. Com a lei 10. 639/2003³⁶ e lei 11.645/2008³⁷ foi implementada a obrigatoriedade da temática História e Cultura afro-brasileira no ensino fundamental e médio da rede pública e privada de ensino, possibilitando assim que autores (as) afrodescendentes tivessem uma visibilidade maior de suas obras literárias e temas que antes não eram discutidos como racismo (institucional, estrutural, recreativo), os horrores da escravidão e os resquícios dela até hoje, religião afro, a violência de gênero sofrida pela mulher negra, a cor da faxina no Brasil, dentre outros estão sendo discutidos em sala de aula,

³² AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. São Paulo. Ática, 1979.

³³ AMADO, Jorge. **Gabriela, Cravo e Canela**. São Paulo. Companhia das Letras, 2012.

³⁴ RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019, p. 24

³⁵ O livro Quarto de Despejo – diário de uma favelada de Carolina de Jesus aparece nos vestibulares da UNICAMP(2020), UFRGS(2019) e UEM (2022), Unicentro (2020). O livro Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo aparece no vestibular da UFSC (2018), Unicentro (2020) e UFRGS (2022), Olhos d’ água de Conceição Evaristo foi cobrado no vestibular UPF (2021).

³⁶ Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

³⁷ Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

em congressos nacionais e internacionais e artigos científicos, dissertações e teses estão sendo escritos sobre o tema.

A adoção das obras literárias das referidas autoras nos vestibulares provoca nas escolas discussões sobre a vida e textos dessas mulheres, o que é literatura de autoria negra ou afro-brasileira e a dificuldade de estudá-la, sendo assim os professores pesquisam e elaboram material a respeito do conteúdo das obras selecionadas e das histórias de vidas das autoras. Nas discussões percebe-se a ausência do estudo de autores(as) negros (as) nos currículos escolares e inicia-se nas escolas de ensino médio, cursinhos vestibulares e universidades a necessidade de reformular os currículos e disciplinas, reelaborando as ementas e introduzindo literatura de autoria negra.

Recentemente obras de autores negros obtiveram visibilidade no Brasil ao ganhar grandes prêmios literários, tais como: Itamar Vieira Junior com a obra “Torto Arado”, o Prêmio Leya em Portugal (2018), Prêmio Oceanos (2020), Prêmio Jabuti (2020) e “O Avesso da Pele”, de Jeferson Tenório ganhou o Prêmio Jabuti (2021). Ao obterem o reconhecimento de suas obras literárias ampliou-se a discussão a respeito da importância da visibilidade da literatura produzida por autores(as) negros(as) no Brasil.

O primeiro capítulo da tese parte da discussão da terminologia utilizada por estudiosos como Zilá Bernd, Luiz Cuti, Luíza Lobo, Serafina Machado, Tânia Nascimento e Conceição Evaristo ao nomearem a literatura como negra ou afro-brasileira. Optou-se por nomear de Literatura negro-brasileira porque as autoras são negras e discutem a abordagem da cultura negra no território brasileiro dentro de suas obras, no ambiente urbano da favela.

Para discorrer sobre gênero e violência é necessário abordar alguns conceitos que são teorizados por Heleieth Saffioti, Heloisa Buarque de Holanda, Lourdes Bandeira, Suelly Almeida, Joan Scott, Kimberlé Crenshaw. Esses conceitos são necessários para a compreensão de como a violência de gênero dá-se no âmbito da realidade e como é representado na Literatura através das personagens. O conceito de Sororidade com base em Bell hooks e a ampliação desse conceito com a criação do termo “Dororidade”, por Vilma Piedade são conceitos importantes na obra das duas autoras.

Quais os critérios utilizados por professores para selecionar obras literárias para ministrar aulas e incentivar a leitura dos alunos. Ítalo Calvino propõe que se (re)leia os clássicos, mas outras obras literárias contemporâneas, regionais e marginais também têm o que ensinar. Carolina de Jesus e Conceição Evaristo são autoras negras que não fazem parte do

cânone e rompem com uma literatura falocêntrica, branca que não discute a interseccionalidade de gênero, raça e classe.

Regina Dalcastagné pesquisou o romance contemporâneo brasileiro entre 1990 e 2004 e descobriu que a literatura brasileira invisibiliza pobres e negros, grupo que as duas autoras estudadas pertencem. A pesquisa revela que há uma predominância de homens brancos, de meia idade, com curso superior que moram no eixo Rio-São Paulo.

Explanou-se ainda a respeito da violência de gênero na literatura canônica e como as narrativas literárias são relacionadas ao Direito Penal e Criminologia. O embasamento teórico deu-se com Enrico Ferri, Antonio Quitano Ripollés, Lemos Brito e os autores canônicos escolhidos foram Jorge Amado, Lev Tolstói, William Shakespeare para representar a violência de gênero na literatura, sob a perspectiva masculina, patriarcal, do homem como possuidor da mulher, ela sendo considerada propriedade dele. Quando há traição ou a mera suspeita desse evento, as mulheres são assassinadas sob a desculpa de que os maridos precisam “lavar a honra com sangue”, argumentando a legítima defesa da honra porque foram afetados pelo comportamento leviano e adúltero da consorte.

A violência de gênero é abordada de forma diferente na literatura canônica escrita por homens, estes culpabilizam a vítima, que segundo eles são as responsáveis por provocar ciúmes, se exibir aos olhares maliciosos de outros homens, macular a imagem deles perante a sociedade, que agora os veem como homens fracos, porque foram traídos.

O cânone literário prioriza a escrita de homens brancos que se consagram na arte da escrita, sem observar a diversidade de autoria como indígenas, mulheres, negros que ampliam as discussões sobre a escrevivência daqueles que são marginalizados na vida e que apesar de se tornarem conhecidos na literatura com milhões de livros vendidos e traduzidos para várias línguas como foi o caso de Carolina de Jesus, permaneceram no esquecimento durante décadas e só mais recentemente sua obra voltou a ser colocada em lista de vestibulares em todo o país e a autora passou a ser lida e tornou-se objeto de pesquisa em pós-graduações em vários cursos como: Letras, Direito, Ciências Sociais, Sociologia, dentre outros.

Antonio Cândido, Joana Aguiar, Martha Nussbaum, Conceição Evaristo, Luis Alberto Warat abordam o caráter humanizador das obras literárias e o impacto das leituras literárias para o leitor. Um exemplo é o racismo explicitado na obra infantil de Monteiro Lobato que foi judicializado chegando ao STF, que enviou para o STJ, onde atualmente aguarda julgamento para decidir sobre o racismo ou não da obra Lobatiana e como proceder neste caso. Arnaldo

Godoy e Anamaria Ladeira e Camila Pereira discutem os argumentos daqueles que não admitem a censura da obra do autor e justificam a leitura da obra por crianças e adolescentes nos tempos atuais, enquanto que as autoras discordam desse posicionamento ao questionarem o que crianças e adolescentes negros sentiriam ao verem a Tia Nastácia e Tio Barnabé serem humilhados e tratados de forma depreciativa por Emília? O racismo enfrentado diariamente por crianças e adolescentes não é suficiente, eles ainda precisam vê essa representação na literatura infantil disponibilizada a eles?

O segundo capítulo discorre sobre a vida e obra de Carolina Maria de Jesus, principalmente, “Quarto de Despejo” que deu notoriedade a escritora, mas “Diário de Bitita” e “Casa de Alvenaria I e II”, também são citados inúmeras vezes para comprovar o que está sendo discutido. Carolina de Jesus e sua mãe passam muitas dificuldades e fome, trabalhando em casas de família, na zona rural de Minas Gerais até a mudança de Carolina de Jesus para São Paulo em busca de uma vida melhor. Em São Paulo surge o desejo dela se tornar escritora e ela narra em seus cadernos que são apresentados ao jornalista Audálio Dantas o difícil cotidiano da favela Canindé, às margens do rio Tietê.

Carolina de Jesus ser ou não escritora é uma discussão que permeia o meio literário, críticos como Wilson Martins acreditavam que Audálio Dantas foi quem escreveu os diários ou pelo menos melhorou a escrita dela. Para alguns críticos e escritores as obras da autora não possuem literalidade e por isso não poderia ser considerada Literatura. A discriminação de classe é nítida porque alguns a veem somente como uma favelada, sem instrução formal, que teve um destaque meteórico com sua obra de estreia, mas que depois caiu no esquecimento, porque sua obra não teria qualidade literária suficiente para se manter como uma autora que deveria ser lida e estudada. Questiona-se como uma mulher negra, favelada, semianalfabeta seria capaz de produzir Literatura? E se produzisse que tipo de obra literária seria produzida pela autora? As obras publicadas por Carolina de Jesus teriam qualidade estética para permanecer na Literatura Brasileira e fazer parte do cânone?

Como é a escrevivência de Carolina de Jesus? A autora consegue visibilizar todo o sofrimento dela, dos filhos, vizinhos que tem seus direitos básicos como: moradia digna, acesso à educação, água potável nas torneiras, iluminação elétrica, segurança pública violados pelo Poder Público que os ignora, deixando-os abandonados à margem da sociedade e da dignidade da pessoa humana.

Carolina de Jesus serve de inspiração para autores (as) negras publicarem como é o caso de Françoise Ega com “Cartas a uma negra³⁸”, a obra “Carolinas³⁹” com contos, poesias, textos autobiográficos de autores (as) negros (as) inspirados em “Quarto de Despejo”, a própria Conceição Evaristo e sua mãe foram influenciadas a escrever depois de terem lido a obra “Quarto de Despejo”, de Carolina de Jesus em família. Inspirar outras pessoas a escrever o que viveram é uma forma de resistência ao preconceito, a discriminação de gênero, raça e classe, principalmente de mulheres, que não tiveram oportunidade de estudar de forma adequada, mas ainda assim conseguem escrever obras literárias que devem ser lidas e conhecidas do público-leitor.

Carolina de Jesus e Conceição Evaristo são autoras que apesar da Literatura expressiva que produziram são silenciadas, permanecem subalternizadas, não fazem parte do cânone literário, não aparecem nos livros didáticos de Ensino Médio e no caso de Carolina de Jesus sofreu um epistemicídio, apagamento da sua história de vida e literatura, durante décadas para ser resgatada mais recentemente com o surgimento de pesquisas no âmbito de Mestrado e Doutorado que analisam a obra da autora sob diversas perspectivas.

A fortuna crítica de Carolina de Jesus é riquíssima e possuem muitas obras que são resultados de pesquisas de Mestrado e Doutorado, várias biografias da autora como as escritas por Tom Farias, Eliane Moura Castro e Marília Novais de Mata Machado, Joel Rufino e João Pinheiro (biografia em quadrinhos). No caso da autora não dá para separar sua vida pessoal da obra literária, porque ela narra exatamente o que vive.

Há trabalhos que discutem a poética de resíduos e a compreensão da autora por meio de textos inéditos manuscritos, que não foram selecionados por Audálio Dantas para fazerem parte do “Quarto de Despejo”.

“Quarto de Despejo”, de Carolina de Jesus se destaca por ser um marco na Literatura Brasileira e por isso boa parte dos estudos a respeito da autora prioriza essa obra, no entanto, “Diário de Bitita” que não é tão conhecida e relata a infância de Carolina de Jesus também é pesquisada, dando destaque a uma literatura marginal, uma escrita subversiva, que retira a autora da posição de subalternidade, apesar de ela não adentrar o cânone literário.

³⁸ EGA, FRANCOISE. **Cartas a uma negra**: narrativa antilhana. Tradução Vinicius Carneiro e Mathilde Moaty. São Paulo: Todavía, 2021.

³⁹ LUDEMIR, Júlio(org). **Carolinas**: a nova geração de escritoras negras brasileiras. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. (ebook)

As traduções de “Quarto de Despejo” para várias línguas e a recepção dessas obras em outro contexto que não o brasileiro é pesquisada mostrando a importância da autora para outros países, como a desigualdade social brasileira é apresentada e as violações aos direitos fundamentais dos cidadãos que vivem nas favelas.

As inúmeras dissertações e teses encontradas no Portal da Capes que pesquisam a obra de Carolina de Jesus dão destaque a obra “Quarto de Despejo”, mas “Diário de Bitita” e as demais obras são mencionadas no trabalho, porque não tem como separar a autora de sua obra literária, porque ela relata exatamente através de sua escrivência todas as dores de não ser reconhecida ainda em vida como a grande escritora que é, ter seus textos constantemente questionados se são ou não Literatura, visibilizar para o leitor a violência perpetrada pelo Estado contra os moradores da favela ao não terem seus direitos básicos garantidos, relatar a violência de gênero explícita nas relações amorosas dos moradores de Canindé.

O terceiro capítulo é a respeito de Conceição Evaristo, escritora negra, mestre e doutora em Literatura, que recebeu influência literária de Carolina de Jesus, as autoras possuem histórias de vidas com alguns pontos em comum: ambas viveram em favela, foram empregadas domésticas, passaram fome e tem a escrivência como forma de denunciar as violências que sofreram. No entanto, Conceição Evaristo destaca-se por ter tido acesso a uma educação formal, chegando a concluir Doutorado em Literatura, o que para uma mulher negra, mesmo nos dias atuais não é uma conquista fácil e por isso Conceição Evaristo questiona a meritocracia, porque segundo ela por ter conseguido concluir sua tese e se tornar uma escritora negra que conquistou o Prêmio Jabuti de Literatura, muitos vão dizer que basta querer e se esforçar que autores (as) negros (as) conseguem, o que não é verdade.

O capítulo inicia-se com um relato da candidatura de Conceição Evaristo a Academia Brasileira de Letras – ABL, e como são poucos os representantes negros, sejam homens ou mulheres, no quadro de imortais. Conceição não conseguiu ser aceita, obteve apenas um voto e fica nítido o racismo institucional que ainda prevalece no Brasil. Na Literatura Brasileira não há uma diversidade de autores sejam eles mulheres, negros, indígenas que representem uma identidade nacional autêntica. O que percebemos é a manutenção de autores brancos nos quadros da ABL e do cânone literário.

A obra literária de Conceição Evaristo selecionada para abordar a invisibilidade da violência de gênero foi “Becos da Memória” por ser a que mais se aproxima de “Quarto de Despejo”, de Carolina de Jesus. Conceição coloca na ficção a experiência de ter vivido na favela as condições subumanas e o processo violento do desfavelamento, que apesar de

supostamente pacífico causa revolta, medo, dor, tristeza, nos moradores que tem que deixar tudo que conhecem para trás, inclusive as relações de amizade que foram construídas em décadas. Outras obras de Conceição Evaristo também abordam a temática da violência de gênero, como “Insubmissas lágrimas de mulheres⁴⁰” e “Olhos d’água⁴¹”.

A escrevivência de Conceição Evaristo em “Becos da Memória” é diferente porque ela não narra em primeira pessoa como Carolina de Jesus, a narradora da obra é a personagem Maria-Nova que expõe as situações que ocorrem na favela remetendo em vários momentos a escravidão e a influência deste período histórico na construção de uma sociedade injusta e desigual, principalmente para os moradores negros (as) da favela.

A relação senzala-favela discorre sobre os resquícios da escravidão para os descendentes daqueles que foram escravizados e que o Estado brasileiro não teve uma reparação histórica pelos 388 anos de trabalhos forçados e a herança deixada é a falta de direitos fundamentais básicos para os que estão à margem da sociedade. A favela tem uma relação direta com a senzala e os bairros nobres vizinhos com a casa grande. Isso é demonstrado nas relações de trabalho em que os vizinhos ricos empregam os moradores da favela.

Depois são apresentadas várias personagens que sofrem as mais variadas formas de violência de gênero, sejam elas físicas, verbais, sexuais, patrimoniais, psicológicas e alguns casos essas violências são vivenciadas de forma concomitante pela mesma personagem. São mulheres invisibilizadas, são negras, pobres, prostitutas, empregadas domésticas, crianças e adolescentes que tem pouco ou nenhum acesso a direitos fundamentais básicos como: direito à moradia digna, alimentação adequada, acesso à educação, segurança pública, ambiente familiar harmonioso e saudável, trabalho, lazer, o direito de brincar.

A empregada doméstica tem cor no Brasil, dificilmente se vê uma mulher branca prestando serviços em casas de família⁴². Ditinha é a personagem que cumpre uma carga horária exaustiva de trabalho, porque o serviço é até a patroa precisar dela e depois que acaba com seus afazeres sai da casa da patroa, em bairro nobre, e retorna a miséria em que vive com a família na favela. A desigualdade social fica explícita na relação patroa/empregada, favela/senzala e

⁴⁰ EVARISTO, Conceição. **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

⁴¹ EVARISTO. Conceição. **Olhos d’água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2015.

⁴² TEIXEIRA, Juliana. **Trabalho Doméstico**. São Paulo: Jandaíra, 2021. No tópico A cor da faxina no Brasil o trabalho doméstico de mulheres negras é desenvolvido a partir da personagem Ditinha de “Becos da Memória”, de Conceição Evaristo.

num ato impensado Ditinha furta uma joia da patroa e isso tem um impacto em sua vida, pois é presa acusada de ser uma falsa doméstica e ladra, seus filhos e o pai doente são amparados pelos demais moradores da favela, que na medida do possível os auxiliam, enquanto Ditinha não retorna para casa.

Cidinha-Cidoca é a prostituta, mulher objetificada, tida como propriedade da favela, não tem liberdade de ir e vir para favelas vizinhas, porque ela e seus pretendentes seriam ameaçados de morte. É o estereótipo da mulher negra sexualizada e desumanizada pelos que buscam prazer. A loucura a alcança e ela morre de tristeza, de não viver.

Nazinha é uma criança que é vendida pela mãe para um pedófilo que a violenta. Fuizinha uma adolescente que após a morte da mãe, assassinada pelo marido, torna-se vítima do pai ao ser abusada sexualmente por ele. É explícita a violência contra crianças e adolescentes que estão em situação de vulnerabilidade social e a omissão do Estado em protegê-las.

Vozes-mulheres trata da maternidade e da violência que as mulheres sofrem ao exercê-la, desde a imposição de ser mãe aquelas que não se sentem aptas para exercer a maternidade seja naquele momento ou não se sentem preparadas de forma alguma. A discussão sobre a autonomia do próprio corpo, em que não se tem políticas públicas de planejamento familiar e a criminalização do aborto condena a morte milhares de mulheres todos os anos em abortos clandestinos mal sucedidos.

2. CONSTRUÇÃO DAS BASES TEÓRICAS DE NEGRITUDE E LITERATURA

2.1 A escrita negra ou afro-brasileira de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo

Nomear o que seria literatura negra ou afro-brasileira suscitou várias reflexões de renomados autores da Literatura, e este é o momento de delimitar o recorte da tese e a opção por algumas terminologias.

A produção literária de autores negros e brancos, homens e mulheres, abordando questões a respeito das relações inter-raciais tem nuances diferentes por conta da subjetividade que a sustenta e pelo lugar que esses autores ocupam.

Através da específica escrita da mulher negra, através do seu olhar individual e da sua experiência pessoal, certos clichês e estereótipos passam a ser questionados. A mulher negra brasileira, ao escrever, tematizando ela mesma a sua própria experiência, seus próprios problemas, suas angústias, necessidades e desejos, explicitando de uma forma ou de outra as marcas deixadas pela escravidão, pondo a nu a discriminação racial e social sentidas na própria pessoa e nos que lhe são próximos, denunciando sexismo e machismo, questionando a ligação amorosa entre negros e brancos, a dependência econômica, a desigualdade social, a emancipação feminina, integrando o ficcional e o documental, a escritora afro-brasileira está prestando uma relevante contribuição para corrigir e rever os mitos e estereótipos que estigmatizam a mulher negra, recompondo-se como pessoa, ressaltando o seu verdadeiro e multiforme papel na sociedade brasileira. Têm essas autoras bem clara a consciência da dupla colonização que oprime as mulheres de sociedades desenvolvidas sob os efeitos tanto da ideologia colonial quanto da ideologia patriarcal.⁴³

A escrita de Carolina de Jesus e Conceição Evaristo quebra o padrão estereotipado da escrita falocêntrica e através da escrevivência das autoras expõem aos leitores uma experiência de vida, escrita e leitura diversas, sob a perspectiva de mulheres negras periféricas, que “nasceram rodeadas de palavras” como diz Conceição Evaristo em várias entrevistas e que nos mostram a dor de ser uma mulher constantemente silenciada em seus desejos, sonhos, perspectiva de uma vida melhor.

Seja na favela ou numa casa de alvenaria, num bairro que tenha água encanada e energia elétrica, Carolina de Jesus deixa explícita a desigualdade social brasileira na construção dos personagens e na imagem da fome, que ganha uma cor, a “amarela”, mas não é só fome de alimento sólido, que sacie suas entranhas famintas, que a autora pleiteia. É de uma vida digna, que os moradores do quarto de despejo desejam com respeito aos direitos humanos e fundamentais, tornando pessoas invisibilizadas socialmente em visíveis ao Estado.

Zilá Bernd conceitua literatura negra como:

⁴³AUGEL, Moema Parente. “‘E Agora Falamos Nós’: Literatura Feminina Afrobrasileira”, *Revista Literafro*, 2018. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/artigos/artigosteorico-conceituais/157-moema-parente-augel-e-agora-falamos-nos>. Acesso em 19/10/2021.

Neste sentido, é preciso sublinhar que o conceito de literatura negra não se atrela à cor do autor nem apenas à temática por ele utilizada, mas emerge da própria evidência textual cuja consistência é dada pelo surgimento de um eu enunciativo que se quer negro. Assumir a condição negra e enunciar o discurso em *primeira* pessoa para ser o aporte maior traduzido por essa literatura, constituindo-se um de seus marcadores estilísticos mais expressivos⁴⁴.

Assim, seria literatura negra aquela que tivesse uma consciência de “existir negro”, com uma ancestralidade em comum, com um modo de ver e sentir diferente do branco colonizador, com uma linguagem própria e que remete a suas origens, que resgata a memória de seus antepassados e de suas origens, uma identidade que foi perdida com a imposição da cultura do branco e a criminalização da cultura negra. “ Uma literatura cujos valores fundadores repousam sobre a ruptura com contratos de fala e da escritura ditados pelo mundo branco e sobre a busca de novas formas de expressão dentro do contexto literário brasileiro⁴⁵”

Para Zilá Bernd ao utilizarmos a expressão afro para denominarmos a produção literária negro-brasileira estamos hierarquizando as culturas, africana e brasileira, como se a literatura negra brasileira fosse um mero apêndice ou complemento da africana, o que não é verdade. São literaturas que possuem suas singularidades, que as distinguem e as tornam divergentes uma da outra, um deles é que a Literatura Africana não questiona e nem combate ao racismo brasileiro.

A respeito da escrita afro-brasileira ou afrodescendente, Cuti nos diz que:

Que escrita será essa? Parece-nos que a escrita afro-brasileira ou afrodescendente tenderia a se diferenciar da escrita negro-brasileira em algum ponto. O ponto nevrálgico é o racismo e seus significados no tocante à manifestação das subjetividades negra, mestiça e branca. Quais as experiências vividas, que sentimentos nutrem as pessoas, que fantasias, que vivências, que reações, enfim, são experimentadas por elas diante das consequências da discriminação raciais e de sua presença psíquica, o preconceito? Esse é o ponto!⁴⁶

Assim, a escrita seria negro-brasileira para representar as situações vivenciadas pelas autoras e personagens negras que manifestam as experiências de preconceito, discriminação racial e racismo nas experiências de vida das próprias autoras, e das personagens descritas nos diários de Carolina e no romance “Becos da Memória”, de Conceição Evaristo.

Luíza Lobo conceitua a literatura afro-brasileira:

Poderíamos definir literatura afro-brasileira como a produção literária de afrodescendentes que se assumem ideologicamente como tal, utilizando um sujeito de enunciação próprio. Portanto, ela se distinguiria, de imediato, da produção literária de autores brancos a respeito do negro, seja enquanto objeto, seja enquanto tema ou personagem estereotipado (folclore, exotismo, regionalismo)⁴⁷.

⁴⁴BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988, p. 22

⁴⁵BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988, p. 22

⁴⁶CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010, p.38-39

⁴⁷LOBO, Luíza. **Crítica sem juízo**. 2 ed. revista. Rio de Janeiro: Garamond, 2007, p.315.

Segundo Machado:

A escrita afrofeminina é, por excelência, representativa da cultura afro-brasileira e problematiza o espaço social que o negro ocupa (ou pleiteia) na sociedade. São personagens facilmente encontrados em favelas, subúrbios, morros, terreiros, enfim, em espaços marginais. Mais que isso, o negro, nesta escrita, frequentemente protagoniza cenas trágicas, polêmicas, marcadas pelo crime e violência. Este dado reflete uma literatura engajada, fincada na realidade sócio-histórica e comprometida com a função humanizadora da literatura⁴⁸.

A partir desses conceitos as obras de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo também podem ser consideradas afrofeminina, além de negro-brasileiras, pois problematizam a vivência de personagens negros (as) e os espaços marginalizados que ocupam, principalmente nas favelas e subúrbios das grandes cidades. “E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo⁴⁹”

Segundo Tânia Nascimento:

A literatura afrofeminina refere-se, dentre outras possibilidades, a uma prática de significação e à utilização dos recursos da linguagem para demarcar possibilidades identitárias. As representações constituídas nela participam da invenção simbólica das identidades, estabelecendo uma noção de comunidade negra para além da noção de escravidão enquanto raiz identitária. Ao considerarmos o histórico de desumanização da comunidade negra, compreendemos que a escrita elaborada por mulheres negras contrapõe o desígnio de silenciamento aos corpos duplamente subjugados em uma sociedade etno e falocêntrica⁵⁰.

Conceição Evaristo na obra “Becos da Memória” expõe a identidade de várias mulheres negras e suas vidas, seus sofrimentos e dores, mas também o enfrentamento a uma sociedade patriarcal, misógina, racista. As personagens femininas saem de seu silenciamento, imposto a elas por séculos de uma herança racista e tem suas histórias narradas por Maria-Nova, e revelam o comprometimento com a humanização que lhes foi negada durante tanto tempo.

A autora não conta histórias para adormecer os da casa grande, como as mães pretas faziam com os filhos do senhor e da sinhazinha, a escrevivência da autora reflete a dor e a insubmissão de mulheres, que apesar de toda a violência física e psicológica a que são submetidas conseguem viver e transformar suas histórias de vida, apesar de estarem passando por um processo de desfavelamento que as deixam sem moradia e com uma insegurança em relação ao futuro.

⁴⁸MACHADO, Serafina Ferreira. **Literatura afro-feminina: uma escrita de cobrança.** Revista Graphos, vol. 14, nº 2, 2012, p.136.

⁴⁹JESUS, Maria Carolina. **Quarto de despejo: diário de uma favelada.** São Paulo: Ática, 2020, p.41

⁵⁰NASCIMENTO, Tânia. **Literatura afrofeminina a construção de novos significados.** Opiniões –Revista dos Alunos de Literatura Brasileira. São Paulo, ano 10, n. 18, jan.-jul. 2021, p.360. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/179980/174687>. Acesso em: 16/11/2021.

A obra literária das autoras continua incomodando aos que estão no Poder, um exemplo disso é que a obra “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo foi proibida de ser utilizada na escola particular Vitória Régia, na cidade de Salvador. A professora de História adotou “Olhos d’água” para complementar suas aulas numa turma de Ensino Médio. Esta obra literária não foi aceita sob a justificativa dos pais de alunos e discentes que não leriam a obra pois : “Não vamos lidar com uma dor que não é nossa”⁵¹. A dor do outro não deve ser vivenciada, segundo eles, não lhes diz respeito a violência que mata centenas de jovens negros, em que como cantava Elza Soares “ a carne mais barata do mercado era a carne negra”⁵².

A rejeição a uma obra literária sob o argumento de que os alunos não precisam ter acesso a discussões sobre a violência urbana, que mata negros todos os dias, em abordagens policiais truculentas e sem chance de defesa às vítimas causa estranhamento e indignação diante da censura sofrida pela docente, em não poder utilizar um texto literário para discutir a violência que visualizamos todos os dias nas redes de comunicação.

Deleuze e Guattari ao definirem uma literatura menor “não é de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior”⁵³, o termo menor não deve ser entendido como inferior.

Em relação a desterritorialização da língua, Carolina de Jesus foge dos padrões estabelecidos pela norma culta, ao mesmo tempo que tem muitos erros gramaticais, consegue fazer metáforas belíssimas, “E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome!”⁵⁴ tem uma linguagem própria, de alguém que com o pouco grau de instrução que possuía, estava sempre disposta a aprender, lendo jornais, revistas, livros, tudo para melhorar seu texto, numa busca constante de melhorar seu texto.

A ligação do indivíduo no imediato-político: a enunciação de Carolina no “Quarto de Despejo” não é apenas individual, mas coletiva. Não é apenas a história dela, mas de todos que moram na favela Canindé. Torna seu caso individual imediatamente ligada à política e ao coletivo. “Os vizinhos de alvenaria olha os favelados com repugnância. Percebo seus olhares de odio porque eles não quer a favela aqui, que a favela deturpou o bairro. Que tem nojo da

⁵¹MUNIZ, Tailane. **Professora do Vitória Régia é afastada de turma por abordar livro de escritora negra em sala de aula**. Disponível em: <https://www.metro1.com.br/noticias/cidade/115433.professora-do-vitoria-regia-e-afastada-de-turma-por-abordar-livro-de-escritora-negra-em-sala-de-aula>. Acesso em 21/11/2021.

⁵²A música A Carne é de autoria de Seu Jorge, Marcelo Yuca e Wilson Capellette, que ganhou espaço na voz de Elza Soares. Foi lançada em 22 de abril de 2002.

⁵³DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. **Kafka por uma literatura menor**. Tradução Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. P.35

⁵⁴JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014, p. 35.

pobresa. Esquecem eles que na morte todos ficam pobres”⁵⁵. É uma favelada que produz uma narrativa com uma linguagem própria, que coloca em evidência um sujeito social, o favelado, que é esquecido, ou não é visto pela sociedade brasileira.

O agenciamento coletivo da enunciação: No “Quarto de Despejo” há diversos estilos de escrita: a autobiografia da vida de Carolina nos diários, a oralidade (linguagem falada na favela), pois a maioria dos moradores era analfabeta e não tinham acesso a norma culta.

A obra “Quarto de despejo” é um exemplo de literatura menor, o discurso literário da autora ao narrar as agruras de quem vive na favela, descrever a fome, a violência urbana e de gênero, ao pensar o próprio processo de escrita, de uma escritora que com pouco tempo de escolarização consegue ler e escrever muito, que está constantemente pensando a sociedade em que vive e seu processo de escrita criativa.

Pode-se afirmar, porém, que Carolina Maria de Jesus, produzindo a partir de uma capacidade adquirida por um processo autodidático, cria uma tradição literária em que sujeitos da escrita, tendo ou não certificados escolares, mas sempre letrados, fazem da leitura e da escrita práticas sociais que lhes possibilitam se colocar na sociedade em que vivem e inclusive criticá-la⁵⁶.

Conceição Evaristo por intermédio de seu conceito de escrevivência dá um outro significado a escrita de mulheres negras, a partir de suas experiências de vidas e não apenas do cânone da literatura falocêntrica e branca.

Podemos ainda perceber na escrita das duas escritoras “a desterritorialização da língua, a ligação do indivíduo no imediato-político, o agenciamento coletivo de enunciação⁵⁷” que são características de uma literatura menor segundo Deleuze e Guattari.

Suas obras possibilitam outras formas de escrita, escrevivências de autoras não hegemônicas que incomodam e fazem repensar o cânone. Durante o lançamento de “Quarto de Despejo” muitos foram os que duvidaram de que Carolina realmente tivesse escrito a obra, atribuindo a escrita ao jornalista Audálio Dantas, que sempre negou a autoria, assim como a autora, que publicou outras obras que não obtiveram o mesmo sucesso da primeira, mas que continua sendo lida e discutida nos programas de Pós-Graduação em Letras, História, Direito, Ciências Sociais de todo o país.

Depois das conceituações de literatura negra ou afro-feminina de vários autores, e apesar de Carolina de Jesus e Conceição Evaristo se enquadrarem segundo os critérios em ambos

⁵⁵JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014.p. 57

⁵⁶EVARISTO, Conceição. DE JESUS, Vera Eunice. **Outras letras**: Tramas e sentidos da escrita De Carolina Maria de Jesus. In: DE JESUS, Carolina Maria. **Casa de Alvenaria**. Volume 2: Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 13

⁵⁷DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. **Kafka por uma literatura menor**. Tradução Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. P.39

conceitos, optamos por nomear de literatura negro-brasileira a escrita dessas autoras, porque as autoras são negras e discutem em seus textos abordagens da cultura negra, mas também para não restar dúvidas de que estamos falando de uma literatura brasileira e que não tem relação com o continente africano, como diz Cuti “Afro-brasileiro” e “afrodescendente” são expressões que induzem a um discreto retorno à África, afastamento silencioso do âmbito da literatura brasileira para se fazer de sua vertente negra um mero apêndice da literatura africana⁵⁸.”

2.2 As formas de violência e seus desdobramentos conceituais.

Segundo Heleieth Saffioti preleciona que: “ Trata-se da violência como ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral”⁵⁹. Nas obras literárias de Carolina de Jesus e Conceição Evaristo é possível perceber um ambiente em que as personagens sofrem com a violência física, psicológica, moral, patrimonial, sexual dentro e fora da família e como isso impacta a vida das vítimas e suas relações interpessoais.

As expressões violência contra mulher, doméstica, intrafamiliar, conjugal ou de gênero são utilizados muitas vezes como sinônimos, outras vezes, com usos semânticos variados e implicações teóricas diferentes. Optamos por utilizar o termo violência de gênero, pois:

Entende-se que as ações violentas são produzidas em contextos e espaços relacionais e, portanto, interpessoais, com cenários sociais históricos não uniformes. A centralidade das ações violentas incide sobre a mulher, quer sejam estas violências físicas, sexuais, psicológicas, patrimoniais ou morais, tanto no âmbito privado-familiar como nos espaços de trabalho e públicos⁶⁰.

Os corpos femininos são os mais vitimizados pela violência de gênero, por uma questão histórica e pelas relações de poder que foram construídas socialmente de forma assimétrica, onde o homem é colocado numa posição de superioridade em relação à mulher.

Ao contrário, tal violência ocorre motivada pelas expressões de desigualdades baseadas na condição de sexo, a qual começa no universo familiar, em que as relações de gênero se constituem no protótipo de relações hierárquicas. Porém, em outras situações, quem subjuga e quem é subjugado pode receber marcas de raça, idade e classe, dentre outras, modificando sua posição em relação àquela do núcleo familiar⁶¹.

⁵⁸CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010, p.35-36

⁵⁹SAFIOTTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015, p. 19

⁶⁰BANDEIRA, Lourdes Maria. **Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019, p. 295.

⁶¹BANDEIRA, Lourdes Maria. **Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019, p. 294.

A violência contra a mulher tem como centro de sua conceituação a figura da vítima que é biologicamente uma mulher, independente da violência que tenha sofrido ter sido praticada em razão dessa “identidade” ou não. Suely de Sousa Almeida faz diferenciação entre os termos violência contra a mulher, violência doméstica, violência intrafamiliar e de gênero.

Violência contra a mulher enfatiza o alvo contra o qual a violência é dirigida. É uma violência que não tem sujeito, só objeto; acentua o lugar da vítima, além de sugerir a unilateralidade do ato. Não se inscreve, portanto, em um contexto relacional.

Violência doméstica é uma noção especializada, que designa o que é próprio à esfera privada – dimensão da vida social que vem sendo historicamente contraposta ao público, ao político. Enfatiza, portanto, uma esfera da vida, independentemente do sujeito, do objeto ou do vetor da ação.

Violência intrafamiliar aproxima-se bastante da categoria anterior, ressaltando, entretanto, mais do que o espaço, a produção e a reprodução endógenas da violência. É uma modalidade de violência que se processa dentro da família.

[...]

Violência de gênero designa a produção da violência em um contexto de relações produzidas socialmente. Portanto, o seu espaço de produção é societal e o seu caráter é relacional⁶².

Estas definições são vagas e incompletas, e uma mesma mulher pode sofrer diversos tipos de violência sendo assim, a violência de gênero se apega aos papéis sociais desempenhados pela vítima, assim a condição do gênero feminino foi relevante para a prática da violência que pode ter se dado no ambiente doméstico (violência doméstica), por familiares ou nas relações íntimas de afeto. O papel social de mulher é o filtro de colorir para a definição de violência de gênero.

A Violência contra a mulher enfatiza o alvo contra o qual a violência é dirigida. É uma violência que não tem sujeito, só objeto. O processo de desnaturalização da violência que a mulher sofre e o questionamento de seu “lugar natural” como apenas o espaço privado e voltado às atividades de cuidados provocou no plano normativo a assunção de uma obrigação para o Estado de interferir, por meio de políticas públicas, em relações que estavam tradicionalmente reservadas ao íntimo, ou seja, ao sagrado âmbito da família. Neste ponto, o feminismo finca sua contribuição no sentido de fomentar um enfrentamento à violência doméstica e familiar contra a mulher, baseada no gênero.

“O feminismo une a pauta da igualdade de gênero com a da investigação dos fatores que determinam os instrumentos de reprodução da dominação masculina. Compreende-se o pensamento feminista como aquele que critica a vinculação da mulher ao espaço privado e a

⁶² ALMEIDA, Suely Souza de. **Essa violência mal dita**. In: ALMEIDA, Suely Souza de. **Violência de gênero e políticas públicas**. Rio de Janeiro. UFRJ, 2007, p. 23. 24.

sua exclusão da esfera pública”⁶³, tendo desempenhado papel crucial, enfim, para problematizar a dicotomia público/privado.

Importa frisar de que não é qualquer violência contra a mulher, ou qualquer violência doméstica e familiar, mas sim, a que é construída pela perspectiva de gênero que se traduz em vetor para o desenvolvimento desta tese.

Não houvesse esta sanção social positiva, as relações de gênero não descreveriam tão bruscos movimentos. É exatamente esta legitimação social da violência dos homens contra as mulheres que responde pelo caráter tão marcadamente de gênero deste fenômeno⁶⁴.

Na violência de gênero é importante destacar a questão da “falsa neutralidade de gênero” que ocorre quando utilizamos termos masculinos de referência, tais como: “ele”, “homem”, como se esses termos englobassem também as mulheres. A tendência atual é utilizar termos como “alguém”, “ele ou ela”, “homem e mulher”, “pessoas”, ou utilizar termos de referência masculinos ou femininos.

Termos neutros devem ser utilizados com atenção as questões de gênero de fato, porque a experiência real das pessoas baseia-se nas estruturas sociais por relações de gênero, mas dependendo de qual é o sexo da pessoa. Não houve discussões de gênero a respeito da linguagem neutra e isso trouxe equívocos, pois não oferece na prática caminhos morais e políticos, inclusivos das mulheres.

Saffioti menciona ainda que as feridas causadas no corpo, podem cicatrizar e serem curadas com êxito em muitos casos. As feridas da alma são mais difíceis de serem detectadas e curadas. A respeito da violência psíquica e moral preleciona que:

Observa-se que apenas a psíquica e a moral situam-se fora do palpável. Ainda assim, caso a violência psíquica enlouqueça a vítima, como pode ocorrer – e ocorre com certa frequência, como resultado da prática da tortura por razões de ordem política ou de cárcere privado, isolando-se a vítima de qualquer comunicação via rádio ou televisão e de qualquer contato humano –, ela torna-se palpável⁶⁵.

As sequelas nas vítimas de violência doméstica perduram por muitos anos e é necessário auxílio psicológico e psiquiátrico para garantir a saúde mental de quem passou anos vivendo

⁶³ MIGUEL, Luis Felipe. **O feminismo e a política**. In: MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e a política**. São Paulo: Boitempo, 2014. P. 17-31.

⁶⁴ SAFFIOTI, Heleieth IB. **Violência de gênero no Brasil atual**. Revista Estudos feministas, Florianópolis, n. esp., p. 443-461, 2. sem. 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16177>. Acesso em: 01/03/2022.

⁶⁵SAFIOTTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015, p. 19

em condições de violência física ou psicológica, para conseguir manter relacionamentos saudáveis e não infligir a outras pessoas a dor pela qual passou.

A vítima de abusos físicos, psicológicos, morais e/ou sexuais é vista por cientistas como indivíduo com mais probabilidades de maltratar, sodomizar outros, enfim, de reproduzir, contra outros, as violências sofridas, do mesmo modo como se mostrar mais vulnerável às investidas sexuais ou violência física ou psíquica de outrem⁶⁶.

A tese se concentrará no estudo da violência de gênero cometida contra mulheres no ambiente doméstico ou fora dele, tendo como base a obra “Quarto de Despejo”, de Carolina de Jesus e “Becos da Memória”, de Conceição Evaristo.

A violência de gênero é transversal e ignora as fronteiras entre classes sociais, mas nas obras em destaque a maioria dos casos se dá em mulheres da periferia, da classe social baixa, o que não impede que a mulher de classe média e alta também sofram com a discriminação de gênero, mostrando que todas as mulheres, independente da classe social a que pertencem podem ser vítimas de violência de gênero no âmbito doméstico. “O inimigo da mulher não é propriamente o homem, mas a organização social de gênero cotidianamente alimentada não apenas por homens, mas também por mulheres”⁶⁷.

Importa analisar o lugar da mulher vítima de violência das mais diversas, em especial após as transformações provocadas pela disciplina jurídica da Lei Maria Penha⁶⁸, é o horizonte almejado nas obras de Carolina de Jesus e Conceição Evaristo.

⁶⁶SAFIOTTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015, p. 19

⁶⁷SAFIOTTI, Heleieth I. B; ALMEIDA, Suely S de. **Violência de gênero: Poder e Impotência**. Rio de Janeiro: Editora Revinter, s.p.

⁶⁸ É a lei Nº 11.340, DE 7 de agosto de 2006 que na ementa diz que:Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Em seu artigo a lei determina quais são os tipos de violência que podem ser cometido contra as mulheres como podemos ver:

Art. 7º São formas de violência doméstica e familiar contra a mulher, entre outras:

I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;

II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação; (Redação dada pela Lei nº 13.772, de 2018)

III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;

O legislador brasileiro empreendeu um esforço, uma tentativa para de alguma forma recolocar a mulher vítima no processo penal na cena jurídica, não como objeto de prova, mas produtora de sentidos e expressando subjetividade. O direito está pouco preocupado em saber quem é esta mulher e a Literatura nos permite reduzir esse desconhecimento, dá uma visibilidade a elas, mostra os rostos através das personagens das obras literárias, delinea quem são, se são mães, estado civil, em que trabalham, se ainda possuem sonhos, como sobrevivem e o que esperam da vida.

No processo penal existe um lugar uniformizador da vítima, em que as mulheres são vítimas possíveis e não são realmente consideradas pelo Direito em suas diferenças de gênero, raça e classe. Inviabilizando o que as feministas desejam destacar, que não temos uma vítima universal, única, perfeita, mas uma pluralidade de vítimas em potencial e Carolina de Jesus e Conceição Evaristo nos mostram outras possibilidades, através das inúmeras experiências que as personagens de suas obras vivenciam ao sofrerem a violência de gênero em suas diversas possibilidades.

Nas últimas décadas, a vítima vem, provocada por vários interesses, numa busca de maior valorização de suas expectativas e interesses e, aos poucos, a presença da ofendida tem enriquecido o processo penal e tentado combater o descaso com relação à vítima, suas pluralidades e interesses diversos.

A noção de que somente ao Poder Público caberia o protagonismo da ação penal, sem a mínima participação ativa da vítima, é a dominante no campo processual. Caberia à vítima apenas a confiança de que lhe bastava saber de informações básicas, quando solicitasse ao Estado, não devendo acompanhar andamento processual, condenação ou soltura do réu, etc.

A Lei Maria da Penha - LMP desde a sua vigência em 2006 apresenta a mulher vítima de violência de gênero em suas mais variadas formas, disposições a uma série de direitos tais como:

IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

V - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria.

1. de ser atendida preferencialmente por profissionais do sexo feminino capacitadas para atendê-las,
2. direito de informação de ofício dos atos processuais e prisão e soltura do agressor,
3. medidas de natureza extrapenal de assistência a vítima para que ela receba acolhimento e instruções desde a fase inquisitorial até a sentença no processo.

Essas são medidas necessárias para prevenir a revitimização da mulher ao procurar os órgãos estatais de apoio à vítima de violência. Múltiplas perspectivas de análise da violência são possíveis, a violência contra a mulher, recebeu o filtro do gênero, e foi definida como violência de gênero qualquer ação ou omissão baseada no gênero, passando, após 2006, a ser sujeita à competência do Juizado de violência doméstica e familiar, previsto na Lei nº 11.340, de 2006.

As leis são importantes, porém, provocar uma mudança sociocultural nas relações de gênero não é papel que possa ser assumido exclusivamente pelo Direito e por meio de mera previsão normativa de um tipo penal. A utilização do gênero como categoria de análise produziu, dentre outros efeitos, a publicização de vários temas, principalmente, a desnaturalização da violência de gênero contra a mulher repercutindo nas políticas públicas do Estado. Sendo assim, tendo a desigualdade de gênero como fator determinante da violência de gênero, bem como a influência do caso maria da penha no plano internacional da normativa existente e a produção da Lei nº 11.340, de 2006, tem-se o impacto da atuação do Sistema de Justiça, especificadamente quanto aos estudos de Gênero e da relação gênero/Direito nas políticas públicas de enfrentamento a violência contra a mulher, impulsionado pelos movimentos feministas.

Segundo Joan Scott faz pouco tempo que as feministas começaram a utilizar a palavra gênero como “organização social da relação entre os sexos⁶⁹”. A relação com a gramática é “explícita porque implica regras formais que decorrem da designação de masculino e feminino⁷⁰” e abre várias possibilidades inexploradas porque em idiomas indo-europeus existe a categoria neutro. “Na gramática, gênero é compreendido como meio de classificar fenômenos,

⁶⁹ SCOTT, Joan. **Gênero uma categoria útil para análise histórica**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 49-50

⁷⁰ SCOTT, Joan. **Gênero uma categoria útil para análise histórica**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p.50

um sistema de distinções socialmente acordado mais do que uma descrição objetiva de traços inerentes⁷¹”.

A palavra gênero também pode ser utilizada como sinônimo de “mulheres” porque se acreditava que indicava um trabalho mais erudito e sério, por ter uma conotação mais objetiva e neutra. Que as informações a respeito das mulheres também dizem respeito aos homens, que o mundo de ambos coexiste e se relaciona.

O gênero indica as construções sociais das ideias sobre os papéis que devem ser desempenhados por homens e mulheres, por exemplo no que diz respeito as profissões que cada um deve possuir.

Scott (1995) incursiona a respeito da produção das pesquisadoras feministas que compreendiam que a categoria de análise de gênero vai impactar as pesquisas científicas, nos modos de aprender, pensar, pesquisar o trabalho científico. A autora tem a percepção de que gênero não se analisa sozinho:

Aqui as analogias com a classe e a raça eram explícitas; com efeito, os (as) pesquisadores (as) de estudos sobre a mulher que tinham uma visão política mais global recorriam regularmente a três categorias para escrever uma nova história. O interesse pelas categorias de classe, de raça e de gênero assinalava primeiro o compromisso do(a) pesquisador(a) com a história que incluía a fala dos (as) oprimidos(as) e com uma análise do sentido e da natureza de sua opressão: assinalava também que esses (as) pesquisadores (as) levavam em consideração o fato de que as desigualdades de poder estão organizadas segundo, no mínimo, esses três eixos⁷².

J. Scott compreende gênero a partir de indagações, do tipo “Como o gênero funciona nas relações sociais humanas? [...] As respostas a essas questões depende de uma discussão do gênero como categoria de análise⁷³”. Assim, propõe um conceito bipartido, segundo o qual o gênero é considerado uma categoria de análise relacional. Assim, conceito de gênero tem uma primeira parte “o gênero é um elemento constitutivo relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”, e uma segunda parte que considera “gênero é uma forma primária de dar significação às relações de poder⁷⁴”.

Segundo a definição de gênero de Scott esta tem duas partes e várias subpartes que são ligadas entre si, mas deveriam ser analiticamente distintas. “O gênero é um elemento

⁷¹ SCOTT, Joan. **Gênero uma categoria útil para análise histórica**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p.50

⁷² SCOTT, Joan. **Gênero uma categoria útil para análise histórica**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p.51

⁷³ SCOTT, Joan. **Gênero uma categoria útil para análise histórica**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p.52

⁷⁴ SCOTT, Joan. **Gênero uma categoria útil para análise histórica**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p.67

constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos; e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”⁷⁵. Estas duas proposições devem estar conectadas integralmente.

Quando ocorre mudanças na organização das relações sociais há mudanças nas representações de poder. Como elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, o gênero implica quatro aspectos relacionados entre si que são:

O primeiro são os símbolos que possuem múltiplas representações, muitas vezes contraditórias, como é o caso da mulher quando são representadas por Eva (a pecadora) ou Maria (a santidade, mãe de Jesus). Ambas representam as mulheres em diferentes contextos. O segundo é a limitação das possibilidades metafóricas dos símbolos, possibilitando apenas uma interpretação binária que afirma de forma categórica o masculino e o feminino, sem outras possibilidades. O terceiro aspecto é o resgate por grupos religiosos fundamentalistas do papel tradicional das mulheres, que possibilitava uma permanência binária na representação dos gêneros. O quarto aspecto é a identidade subjetiva, a construção da identidade gênero. Esses quatro aspectos são essenciais para compreender a primeira parte da definição de gênero de Scott e um não opera sem os demais. Na teorização de gênero na segunda parte do conceito detalha que:

Mas a teorização do gênero é apresentada na minha segunda proposta: o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. Seria melhor dizer que o gênero é um campo primeiro no seio do qual ou por meio do qual o poder é articulado. O gênero não é o único campo, mas parece ter constituído um meio persistente e recorrente de tornar eficaz a significação do poder, no Ocidente, nas tradições judaico-cristãs e islâmicas⁷⁶.

A autora conclui que os conceitos de poder mesmo que reforcem o gênero nem sempre dizem respeito ao gênero literalmente porque existem outros campos que tornam eficaz a significação do poder.

Gênero é uma forma articulada, mas também desigual de poder que influencia na organização social. Assim o gênero indica as construções sociais dos papéis desempenhados por homens e mulheres. É uma categoria imposta por um corpo sexuado, por meio do qual se distingue a prática sexual dos papéis atribuídos a homens e mulheres.

⁷⁵ SCOTT, Joan. **Gênero uma categoria útil para análise histórica**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p.67

⁷⁶ SCOTT, Joan. **Gênero uma categoria útil para análise histórica**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p.69

Os detentores do poder dividem os grupos em submetidos e os que submetem para distribuição do poder nas estruturas sociais. Ao investigar a noção de patriarcado as teóricas do feminismo explicam porque homens querem dominar e submeter as mulheres como forma de transcender a privação dos meios de reprodução da espécie humana, para outras era a sexualidade em si. A crítica que se faz é que as teóricas do patriarcado não conseguem explicar qual a relação da desigualdade de gênero com as demais desigualdades, como a de raça e classe.

Descolada a noção de sexo e de gênero, a categoria mulheres permanece aplicando uma perspectiva patriarcal por ser universalista, como se existisse uma mulher universal que abarcasse todas as demais. As mulheres não são igualmente atendidas em suas pretensões, assim como são diversas as opressões que sofrem, pois não há uma identidade única de mulher, mas uma pluralidade que leva em consideração os elementos de raça, classe, etnia, orientação sexual. Daí as mulheres devem ser corporificadas e expostas em suas identidades para que os avanços nas teorias de gênero sejam comprometidos com a realidade. Dessa relação é que surge o conceito de interseccionalidade.

O termo interseccionalidade foi utilizado pela primeira vez pela jurista norte-americana Kimberlé W. Crenshaw (1989), mas sua origem remonta a década de 70 com o movimento *Black Feminism* que criticava o feminismo branco, porque este só observava as questões de gênero, mas não mencionava questões de raça, classe e orientação sexual.

Na evolução dos estudos de gênero foi um avanço fundamental para as feministas a contribuição que as mulheres negras tiveram relacionando as desigualdades de raça e classe e como operam de forma interseccional relacionando os temas e como estas interações contribuem para as vulnerabilidades dos diversos tipos de mulheres existentes.

Ser mulher negra (ou mulher não branca) é estar sujeita a categoria de subjugação (gênero, raça e classe) que incide de forma diversa nas mulheres brancas. A interseccionalidade considera os vários eixos de subordinações e as dinâmicas de interação entre raça, gênero e classe e a forma como é construído a atuação das instituições para que não seja realizado de uma forma excludente.

A interseccionalidade é conceituada como a interação entre dois ou mais eixos de subordinação. Assim é possível perceber como o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe cria desigualdades em relação a mulher negra.

Utilizando uma metáfora de interseção, faremos inicialmente uma analogia em que os vários eixos de poder, isto é, raça, etnia, gênero e classe constituem as avenidas que estruturam os terrenos sociais, econômicos e políticos. É através delas que as dinâmicas do desempoderamento se movem. Essas vias são por vezes definidas como eixos de poder distintos e mutuamente excludentes; o racismo, por exemplo, é distinto

do patriarcalismo, que por sua vez é diferente da opressão de classe. Na verdade, tais sistemas, frequentemente, se sobrepõem e se cruzam, criando intersecções complexas nas quais dois, três ou quatro eixos se entrecruzam⁷⁷.

Na estrutura social em que essas intersecções estão naturalizadas temos para determinados grupos sociais privilégios, porque fazem parte do gênero, classe e raça dominantes, que submetem os demais a situações de vulnerabilidade social, principalmente as mulheres negras da periferia. As mulheres costumam ser submetidas a múltiplos sistemas de subordinação que operam sobre elas, mas que nem sempre são perceptíveis esta discriminação interseccional porque elas não se atentam para a análise contextual.

No próximo tópico dialogamos como isso impacta inclusive na literatura de mulheres negras da periferia, que não tem as mesmas oportunidades de publicação e visibilidade de seus textos escritos por não fazer parte de academias de Letras, ou ter seu trabalho questionado e não reconhecido por outros escritores e leitores.

2.3 Sororidade e Dororidade⁷⁸

Quando o movimento feminista estadunidense começou a conectar raça e gênero, as mulheres brancas acusaram as negras de mudar o foco do debate introduzindo a questão da raça, como se houvesse uma mulher universal e essa fosse branca, ocidental, de classe média e instruída, o que não correspondia a verdade, pois muitas mulheres que faziam parte do movimento eram brancas, mas ou tinham pouca instrução ou nenhuma, eram trabalhadoras, operárias de fábricas e mulheres negras. Estas queriam ampliar a discussão e obter uma política feminista que atendesse a todas e não que privilegiasse uma em prol de outras, e para isso acontecer era necessário colocar no debate a questão racial.

As mulheres negras buscavam uma sororidade genuína e para isso as mulheres brancas deveriam ser capazes de abrir mão da supremacia e de seus privilégios brancos para fundamentar uma luta feminista antirracista e tornar real a irmandade entre todas as mulheres.

⁷⁷ CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 10, n. 1, p.171-188, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000100011>. Acesso em 01/03/2022, p. 177.

⁷⁸ Conceito “Dororidade”, de autoria de Vilma Piedade, foi pela primeira vez apresentado no evento *Feminismo, Racismo, Branquitude: opressão e privilégios*, em 20 de maio de 2017, no Rio de Janeiro, dentro da série “Diálogos Feministas” da Escola com #partidA, e foi desenvolvido no artigo “Dororidade ... o que é? Ou o que pretende ser?”, publicado em 19 de maio de 2017 em <https://partidanet.wordpress.com/2017/05/19/dororidade-o-que-e-ou-o-que-pretende-ser/>

Enquanto mulheres brancas utilizarem o poder de classe e de raça para dominar outras mulheres não existirá uma sororidade genuína.

A sororidade feminista está fundamentada no comprometimento compartilhado de lutar contra a injustiça patriarcal, não importa a forma que a injustiça toma. Solidariedade política entre mulheres sempre enfraquece o sexismo e prepara o caminho para derrubar o patriarcado⁷⁹.

A sororidade é promovida pelo movimento feminista como forma de apoio, união e irmandade entre as mulheres, no entanto, parece não bastar para as mulheres pretas. Assim, Vilma Piedade cria um novo conceito o de Dororidade que “contém as sombras, o vazio, a ausência, a fala silenciada, a dor causada pelo Racismo. E essa Dor é Preta”⁸⁰.

Vilma Piedade continua dizendo que apesar de sororidade ser um conceito em que as mulheres se unem e irmanam, não é suficiente para as Mulheres Pretas, porque o lugar de fala delas é marcado pela “ausência. Pelo silêncio histórico. Pelo não lugar. Pela invisibilidade do Não Ser, sendo”⁸¹.

Segundo Audre Lorde “as mulheres brancas se concentram na opressão que sofrem por serem mulheres e ignoram as diferenças de raça, orientação sexual, classe e idade. Há uma suposta homogeneidade de experiência coberta pela palavra “sororidade”, que, de fato, não existe⁸²”.

Fica explícito que somente a sororidade não é suficiente, porque a dor da mulher negra está ligada ao machismo, mas também ao racismo, e neste caso, as mulheres brancas não conhecem essa dor, e muitas vezes não possuem empatia em relação a dor de outras mulheres.

A palavra sororidade, etimologicamente vem de sóror que quer dizer irmãs. São irmãs naquilo que as une seja as vitórias ou derrotas. Dororidade vem de Dor, que significa sofrimento, qualquer que seja ele físico ou emocional.

A dor une todas as mulheres? É comum ouvir dizer que as mulheres negras são mais resistentes a dor. Qual a comprovação científica para esta informação? As mulheres negras são mais resistentes a dor, e por isso, muitas vezes, são submetidas a violência obstétrica⁸³,

⁷⁹HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo:** políticas arrebatadoras; tradução Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018, p. 36.

⁸⁰PIEADADE, Vilma. **Dororidade.** São Paulo: Editora Nós, 2017, p. 16

⁸¹PIEADADE, Vilma. **Dororidade.** São Paulo: Editora Nós, 2017, p. 17

⁸²LORDE, Audre. **Irmã Outsider:** tradução Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2020, p. 143.

⁸³ “A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil” fez uma análise comparativa de puérperas pretas vs. brancas gerou uma subamostra de 6.689 mulheres, sendo 1.840 pretas e 4.849 brancas após o pareamento pelo escore de propensão. As puérperas de cor preta possuíram maior risco de terem um pré-natal inadequado (OR = 1,62; IC95%: 1,38-1,91), falta de vinculação à maternidade (OR = 1,23; IC95%: 1,10-1,37), ausência de acompanhante (OR = 1,67; IC95%: 1,42-1,97) e peregrinação para o parto (OR = 1,33; IC95%: 1,15-1,54). As pretas também receberam menos orientação durante o pré-natal sobre o início do trabalho de parto e sobre possíveis complicações na gravidez. Apesar de terem menor chance para uma cesariana e de intervenções

obrigadas a passar horas em trabalho de parto normais, sentindo muita dor, quando poderia ser feito um parto cesáreo. Não recebem anestesia ou tem o parto normal induzido, ouvem constantemente que por seres negras estão habituadas a sentirem dor e que são mais resistentes por isso.

São mais resistentes a dor porque desde a infância convivem com o racismo estrutural em relação a seus corpos, ou sexualizando a mulher negra no carnaval, colocando-a como produto de exportação, ou falando do cabelo, lábios, nariz, pernas, bunda, reduzindo-a partes de um corpo, desumanizando-a?

Mulheres negras são resistentes porque todos os dias são obrigadas a ouvir e ver nos noticiários seus maridos e filhos serem mortos, em operações policiais, em que balas perdidas sempre encontram corpos negros, sejam eles crianças, mulheres ou homens. Ou por vê-los encarcerados nos porões das prisões, os novos navios tumbeiros?

São resistentes por não poderem expressar sua fé de matriz africana sem medo de sofrerem represálias, tendo seus templos atacados, pichados, prédios depredados, intolerância religiosa praticada por indivíduos isolados ou grupos religiosos que veem nas religiões de matriz africana uma afronta as demais religiões e os acusam de praticar o mal. Segundo Sidnei Nogueira⁸⁴.

O livro *Presença do axé: mapeando terreiros no Rio de Janeiro*, organizado pelas pesquisadoras Denise Pini Rosalem da Fonseca e Sonia Maria Giacomini (2013), revela o dramático problema enfrentado pelos fiéis das religiões afrobrasileiras: de 840 terreiros pesquisados, 430 (cerca de 51%) já passaram por alguma forma de agressão. Os números do estudo realizado no Rio de Janeiro revelam que 430 casas sofreram alguma “discriminação religiosa”. É importante notar também os locais das agressões – públicos (57%) e notadamente a rua (67%) –, os tipos de agressão – verbal (70%) e física (21%) –, os agressores – evangélicos (39%); vizinhos (27%) – e os tipos de alvo – a pessoa (60%) e a casa (29%).

dolorosas no parto vaginal, como episiotomia e uso de ocitocina, em comparação às brancas, as mulheres pretas receberam menos anestesia local quando a episiotomia foi realizada (OR = 1,49; IC95%: 1,06-2,08). A chance de nascimento pós-termo, em relação ao nascimento termo completo (39-41 semanas), foi maior nas mulheres pretas que nas brancas.

A comparação entre puérperas pardas e brancas resultou numa subamostra de 13.318 mulheres, das quais 6.659 eram pardas e 6.659 brancas. Os resultados indicaram maior risco de as puérperas pardas terem pré-natal inadequado (OR = 1,24; IC95%: 1,12-1,36) e ausência de acompanhante (OR = 1,41; IC95%: 1,27-1,57). Foi menor o risco para uma cesariana e para realização de episiotomia e uso de ocitocina no parto vaginal. As puérperas pardas também apresentaram maior chance de nascimento pós-termo em relação ao nascimento termo completo (39-41 semanas) em comparação às mulheres brancas

Na comparação entre pretas e pardas, a subamostra foi de 9.006 mulheres, sendo 1.804 pretas e 7.202 pardas. A inadequação no pré-natal, a não vinculação à maternidade e a não orientação durante o pré-natal sobre o início do trabalho de parto foram mais frequentemente observadas nas puérperas pretas. Não foram encontradas diferenças significantes para os demais desfechos estudados.

LEAL, Maria do Carmo et al . **A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 33, supl. 1, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/LybHbcHxdFbYsb6BDSQHb7H/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 02/03/2022.

⁸⁴ NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância Religiosa**. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2020, p. 43.

Ainda segundo Sidnei Nogueira(2020) os denominados “evangélicos” são os primeiros a agredir e discriminar pessoas que professam a religião de matriz africana, em segundo lugar os vizinhos e em terceiro lugar os “vizinhos evangélicos”. As agressões não se restringem ao ambiente dos templos, mas em qualquer espaço público em que os agressores se deparem com manifestações religiosas diferente das deles.

Essas dores não são comuns a todas as mulheres, por isso surgiu a necessidade de dá um nome diferente para a dor que as mulheres negras carregam e que a sororidade não dá conta de explicar.

Quando eu argumentei que Dororidade carrega no seu significado, a Dor provocada em todas as Mulheres pelo Machismo, destaquei que quando se trata de Nós, Mulheres Pretas, tem um agravo nessa Dor, agravo provocado pelo Racismo. Racismo que vem da criação Branca para manutenção do Poder... E o Machismo é Racista. Aí entra a Raça. E entra Gênero. Entra Classe. Sai a Sororidade e entra Dororidade⁸⁵.

O conceito de Dororidade veio para acrescentar e não para anular o de Sororidade. Em resumo: a Dororidade contém a Sororidade, mas nem sempre a Sororidade contém a Dororidade”⁸⁶.Na escrivência de Carolina de Jesus e Conceição Evaristo podemos observar que a Dororidade está bem representada nas personagens de suas obras.

No conto “Rose Dusreis”, de Conceição Evaristo que está publicada na obra “Insubmissas Lágrimas de Mulheres”⁸⁷, o próprio título da obra remete a Dororidade, são 13 histórias de mulheres negras, que sofrem com o racismo e o machismo, que choram suas dores, mas não se sujeitam, enfrentam, gritam e se fazem ouvir. Conceição Evaristo dá voz aquelas que durante muito tempo foram silenciadas, narrar suas dores e transformá-las em Literatura é uma forma de resistir, de continuar lutando.

A personagem Rose Dusreis é uma bailarina, dançarina, professora de dança que ensina do clássico ao moderno e narra o seu amor pela dança, passando por episódios em que por ser criança não tinha a dimensão do racismo estrutural e de que não possuir o tipo específico para ser aluna de balé da professora Atilia Bessa, significava muito mais do que poderia parecer, significava que ser uma criança negra e pobre o balé não era acessível.

No entanto, surge outra oportunidade de dançar, uma outra professora a chama para encarnar o papel de uma bonequinha preta que cantava e dançava. Durante dias Rose ensaiou

⁸⁵PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017, p. 46

⁸⁶PACHÁ, Andréa, PIEDADE, Vilma. **Sobre feminismos**. Rio de Janeiro: Agir, 2021, p.70

⁸⁷ EVARISTO, Conceição. **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

para o papel sob os aplausos de alunos e professores, inclusive de Atília Bessa, no entanto, sem que nenhuma explicação fosse dada ela foi substituída por outra menina.

Aguardei o porquê da minha substituição, já na semana da festa, quando uma menina branca, pintada de preto⁸⁸, no meu lugar, fingiu ser a bonequinha negra que eu era. Mas nem as dores, as violências sofridas nessa época de infância, cuja compreensão me fugia, tiveram a força de me fazer desistir⁸⁹.

A bonequinha preta não é dada nenhuma satisfação, silenciamento total dos que fizeram a troca sem se importar com os sentimentos de uma criança, que não compreendia que não havia lugar para ela naquele palco. A sua dor foi apagada, ninguém quis saber dela, do que sofreu ao ver uma menina branca tomando seu lugar, com o rosto enegrecido. Ela era a bonequinha preta que cantava e não a outra. Ela era protagonista de sua história e isso fica perceptível quando apesar dos obstáculos impostos pelo racismo estrutural ela não desistiu e torna-se professora de dança.

Em “Diário de Bitita”⁹⁰, obra publicada postumamente em 1982 na França e em 1986 no Brasil. A narrativa não é em forma de diário como “Quarto de Despejo” e “Casa de Alvenaria”. A obra conta a história de Carolina desde a infância até a fase adulta, passando por várias cidades, trabalhando em casas de famílias como empregada doméstica, o início do acesso à escola, a doença que a assolava desde pequena e deixava suas pernas cheias de feridas, a relação com as patroas, os episódios de machismo e racismo ao longo de sua vida. No trecho abaixo vemos um exemplo de Dororidade.

Se o filho do patrão espancasse o filho da cozinheira, ela não podia reclamar para não perder o emprego. Mas se a cozinheira tinha filha, pobre negrinha. O filho da patroa a utilizaria para o seu noviciado sexual. Meninas que ainda estavam pensando nas bonecas, nas cirandas e cirandinhas eram brutalizadas pelos filhos do senhor Pereira, Moreira, Oliveira e outros porqueiras que vieram de além-mar⁹¹.

Os filhos da cozinheira eram submetidos a humilhações e maus-tratos pelo filho do patrão, e não havia nada que ela pudesse fazer, por medo de represálias e de perder o emprego. A dor da mulher negra de ver seus filhos submetidos aos castigos físicos impostos pelo patrão e não poder defendê-los. Para as meninas negras era ainda pior, porque além da violência física, havia a sexual, a que as meninas eram submetidas desde a infância. O filho do patrão iniciava a vida sexual com as negras da casa ou suas filhas menores, e o resultado disso eram filhos que nasciam dessa união.

⁸⁸Blackface é uma prática de teatro na qual atores brancos pintavam a pele de preto para interpretar personagens negras, reforçando estereótipos racistas. É uma prática que deve ser evitada, pois é considerada racista.

⁸⁹EVARISTO, Conceição. **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. Rio de Janeiro: Malê, 2016, p. 110.

⁹⁰Bitita é o apelido de Carolina Maria de Jesus.

⁹¹JESUS, Carolina. **Diário de Bitita**. São Paulo: SESI-SP editora, 2014, p. 38

No fim de nove meses, a negrinha era mãe de um mulato, ou pardo. E o povo fica atribuindo paternidade: - Deve ser filho de Fulano! Deve ser filho de Sicrano. Mas a mãe, negra, inciente e sem cultura, não podia revelar que o seu filho era neto do doutor X, ou Y. Por que a mãe ia perder o emprego. Que luta para aquela mãe criar aquele filho! Quantas mães solteiras se suicidavam, outras morriam tísicas de tanto chorar. O pai negro era afônico; se pretendia reclamar, o patrão impunha: - Cala a boca, negro vadio! Vagabundo!⁹²

As meninas engravidavam do filho do patrão, mas a paternidade não podia ser atribuída a ele, assim as crianças ficavam órfãs de pai vivo e as mães eram submetidas a um verdadeiro massacre moralista, em que atribuíam a paternidade a vários homens, como forma de desmoralizar ainda mais a mãe. Os filhos ilegítimos não tinham direitos e o sofrimento dessas jovens mães a levavam ao suicídio ou morriam de tuberculose. O machismo e o racismo matam porque essas mulheres são subjugadas por serem mulheres (gênero) negras (raça) e pobres (classe).

A dor que elas sentem é intensificada e a sororidade não é suficiente, sendo necessário a dororidade para explicar a dor que as mulheres negras sentem ao ter seu corpo violado e as consequências desse ato, sejam elas físicas ou emocionais. São meninas-mulheres que vão ter que aprender a serem mãe, quando mal saíram da infância, os olhares julgadores de uma sociedade misógina e patriarcal que a julga e condena por ter filhos fora do casamento, pela ausência do pai que não assume a paternidade

Em outra passagem de “Diário de Bitita” nos mostra que: “No ano de 1925, as escolas admitiam alunas negras. Mas quando as alunas negras voltavam das escolas, estavam chorando. Dizendo que não queriam voltar à escola porque os brancos falavam que os negros eram fedidos”⁹³.

A permissão de que mulheres negras passassem a frequentar a escola é motivo para o racismo surgir na sala de aula, através da violência psicológica que os alunos cometem ao falar do cheiro das alunas, dizendo que elas fediam. As humilhações, xingamentos a que são submetidas é uma forma de violência simbólica para que as alunas negras desistam de estudar. A educação não era um direito acessível a todos, os filhos de fazendeiros tinham uma educação privilegiada, inclusive fora do Brasil, enquanto a maioria das pessoas, principalmente mulheres negras não era alfabetizada.

A dororidade está presente na dor que elas sofrem por se sentirem deslocadas no ambiente escolar, e por supostamente não ter a higiene e o cheiro adequado que seus algozes queriam.

⁹²JESUS, Carolina. **Diário de Bitita**. São Paulo: SESI-SP editora, 2014, p. 38

⁹³JESUS, Carolina. **Diário de Bitita**. São Paulo: SESI-SP editora, 2014, p. 42

2.4 O cânone literário

Joana de Aguiar discorre sobre os critérios de seleção de obras literárias. O que ler em Direito e Literatura? Que obras deveriam ser selecionadas pelos pesquisadores e professores para refletir sobre nossa humanidade, enriquecer nossa imaginação, estimular nosso senso crítico, empatia, sensibilidade?

As obras selecionadas necessariamente têm que pertencer ao universo jurídico com personagens como juízes, promotores, advogados, réus ou podem ser outros personagens que não façam parte diretamente da vida institucional do Direito?

Qualquer estudioso de Literatura vai selecionar obras que reflitam aquilo que ele considera mais importante, que faça parte de suas preferências pessoais, políticas, sociais. A crítica que se faz é que essa seleção é extremamente subjetiva. E se o leitor tiver um posicionamento ideológico diferente do professor da disciplina, não gostar dos mesmos autores, não compartilhar das mesmas ideias? Como saber que obras utilizar no decorrer da disciplina?

Tal como Procustes, na antiga mitologia grega, mutilava os membros das suas vítimas para os ajustar às dimensões do leito de ferro a que os prendia, ora amputando-os por serem demasiado grandes, ora tendo que os esticar por serem pequenos, também os praticantes do direito na literatura podem ser acusados de desvirtuar as obras literárias para nelas fazerem caber as suas propostas éticas e políticas. Podem ser e são frequentemente acusados de ler e interpretar as obras literárias com o fito de as fazer coincidir com os argumentos que visam defender, com os interesses que tratam de preservar, desta forma cerceando a complexidade e a riqueza das próprias obras. Este uso abusivo do prestígio e da autoridade das obras literárias começa com a própria seleção que delas empreendem os investigadores, procurando naturalmente, as que melhor correspondem às suas convicções profissionais, éticas ou políticas⁹⁴.

Uma das dificuldades ao selecionar as obras literárias é que há uma predominância dos autores clássicos, pouco se estuda autores regionais ou da literatura marginal⁹⁵, e mesmo

⁹⁴SILVA, Joana Aguiar e. **Para uma teoria hermenêutica da Justiça**: repercussões jusliterárias no eixo problemático das fontes e da interpretações jurídicas. Coimbra: Editora Almedina, 2011.p.78

⁹⁵O termo literatura marginal possui várias acepções e uma ampla bibliografia, por isso pegamos de maneira resumida alguns significados da dissertação de Érica Peçanha do Nascimento a respeito do tema: o primeiro significado se refere a produção dos autores que estariam a margem do corredor comercial oficial de divulgação de obras literárias – considerando-se que os livros se igualam a qualquer bem produzido e consumidos nos moldes capitalistas – e circulariam em meios que se opõem ou se apresentam como alternativa ao sistema editorial vigente. O segundo significado está associado aos textos com um tipo de escrita que recusaria a linguagem institucionalizada ou os valores literários de uma época, como no caso das obras de vanguarda. Enquanto o terceiro significado encontra-se ligado ao projeto intelectual do escritor de reler o contexto de grupos oprimidos, buscando retratá-los nos textos. Sob um outro ponto de vista, “literatura marginal” designaria os livros que não pertencem aos clássicos da literatura nacional ou universal e não está nas listas de leituras obrigatórias de vestibulares (Caravita, s.d), ou ainda como nos estudos mais recentes o emprego da expressão denotaria as obras produzidas por autores pertencentes a minorias sociológicas, como mulheres, homossexuais e negros. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-03092007-133929/publico/TESE_ERICA_PECANHA_NASCIMENTO.pdf. Acesso em: 08/02/2022.

quando estes são estudados, percebe-se ainda uma consagração do cânone literário e aqueles autores pouco conhecidos, mas que tem uma obra que poderia enriquecer os estudos de direito e literatura ficam relegados ao esquecimento, porque há um medo de se analisar autores desconhecidos e de pouca visibilidade nacional.

O clássico transformou-se, em larga medida pela mão de Ítalo Calvino, na obra que sempre é melhor ler do que não ler, que nunca acaba de dizer aquilo que tem para dizer, por mais vezes que se leia, que incessantemente suscita uma trama de discursos críticos enquanto se mantém igual a si mesma, que tende a relegar a actualidade à categoria de ruído de fundo, sem no entanto conseguir prescindir desse mesmo ruído de fundo, que exerce uma particular influência, seja quando se impõe por inesquecível, seja quando se esconde nas pregas da memória, mimetizando-se com o inconsciente colectivo ou individual⁹⁶.

Ítalo Calvino (1993) em sua obra nos incita a refletir sobre porque ler os clássicos e se observamos os leitores atuais, a grande maioria não leu e nem conhecem os clássicos e nem os cânones da Literatura seja ela universal ou brasileira.

A leitura de um clássico deve oferecer-nos alguma surpresa em relação à imagem que dele tínhamos. Por isso, nunca será demais recomendar a leitura direta dos textos originais, evitando a mais possível bibliografia crítica, comentários, interpretações. A escola e a universidade deveriam servir para fazer entender que nenhum livro que fala de outro livro diz mais sobre o livro em questão; mas fazem de tudo para que se acredite no contrário. Existe uma inversão de valores muito difundida segundo a qual a introdução, o instrumental crítico, a bibliografia são usados como cortina de fumaça para esconder aquilo que o texto tem a dizer e que só pode dizer se o deixarmos falar sem intermediários que pretendam saber mais do que ele⁹⁷.

A intenção quando se faz a crítica em relação as obras canônicas não é que elas não devem ser (re)lidas, mas que possamos ir além dos clássicos, e discutir uma literatura contemporânea, regionalista, de autores (as)desconhecidos (as), mas que também tem muito a contribuir na formação humanística, permitindo que os leitores conheçam as referidas autoras e suas obras

Carolina de Jesus, mineira, catadora de lixo, moradora da favela Canindé obteve muito sucesso na década de 60 com a publicação da obra “Quarto de Despejo” em 14 idiomas, mas que apesar disso é pouco conhecida no Brasil, porque não consta nos livros didáticos e sua obra ficou relegada ao esquecimento durante anos, muitos alunos (as) passaram pelo ensino

⁹⁶SILVA, Joana Aguiar e. **Para uma teoria hermenêutica da Justiça:** repercussões jusliterárias no eixo problemático das fontes e da interpretações jurídicas. Coimbra: Editora Almedina, 2011.p.78-79.

⁹⁷ CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos?** Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p.12.

fundamental, médio, fizeram vestibulares, cursaram Letras e não chegaram a conhecer Carolina de Jesus, porque ela não faz parte do cânone literário.

A partir da percepção da ausência de dois grandes grupos nos romances brasileiros: pobres e negros, Regina Dalcastagné na Universidade de Brasília realizou o mapeamento do romance brasileiro contemporâneo, no período de 1990 a 2004, nas editoras Companhia das Letras, Record e Rocco. O resultado da pesquisa mostra que a literatura brasileira invisibiliza esses grupos, como podemos ver:

De um modo geral, esse tipo de ausência costuma ser creditada à *invisibilidade* desses mesmos grupos na sociedade brasileira como um todo. Nesse caso, os escritores estariam representando justamente essa invisibilidade ao deixar de fora das páginas de seus livros aqueles que são deixados à margem de nossa sociedade⁹⁸.

Carolina de Jesus e Conceição Evaristo fazem parte de autores (as) que também são invisibilizados pelo cânone literário, assim como as personagens que permeiam “Quarto de Despejo” e “Becos da Memória” representam aqueles que estão à margem da sociedade, pessoas que moram na favela, desempregados, prostitutas, trabalhadores sem carteira assinada, empregadas domésticas, crianças e idosos.

A Literatura não tem a obrigação de ser fiel a realidade, de ser o retrato da sociedade brasileira, mesmo que de uma forma imperfeita, mas ao não mostrar perspectivas diferentes da elite dominante, termina por invisibilizar grupos sociais inteiros e silencia quem não está no Poder.

A literatura é um artefato humano, e como todos os outros, participa de jogos de força dentro da sociedade. Essa invisibilização e esse silenciamento são politicamente relevantes, além de serem uma indicação do caráter excludente de nossa sociedade (e, dentro dela, do nosso campo literário)⁹⁹.

O *corpus* da pesquisa relacionou 258 obras no período selecionado que foram publicadas por homens como se observa no trecho abaixo:

Chama a atenção o fato de que os homens são quase três quartos dos autores publicados: 120 em 165, isto é, 72,7%. Não é possível dizer se as mulheres escrevem menos ou se têm menos facilidade para publicar nas editoras mais prestigiadas (ou ambos). Há um indício que sugere que a proporção entre escritores homens e mulheres não é exclusividade das maiores editoras¹⁰⁰.

⁹⁸DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Horizonte, 2017, p.147.

⁹⁹DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Horizonte, 2017, p. 149.

¹⁰⁰DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Horizonte, 2017, p.158

É nítida a disparidade entre escritores e escritoras, embora a pesquisa não responda à pergunta de o porquê da diferença expressiva nesses números, se é porque as mulheres escrevem menos ou têm poucas oportunidades de publicar suas obras em editoras, ou outros motivos sejam eles pessoais ou editoriais.

A pesquisa notou também que além da pouca presença feminina, há também uma homogeneidade racial “São brancos 93,9% dos autores e autoras estudados (3,6% não tiveram a cor identificada e “os não brancos”, como categoria coletiva, ficaram em meros 2,4%)¹⁰¹”. Esses autores brancos estão não só na literatura, mas fazem parte de outros espaços privilegiados de poder, como o universo acadêmico, dentre outros.

O perfil do escritor brasileiro no período estudado é que “Ele é homem, branco, aproximando-se ou já entrado na meia idade, com diploma superior, morando no eixo Rio-São Paulo”¹⁰².

Esses dados são reveladores de que os romances brasileiros contemporâneos silenciam sobre aspectos da desigualdade social brasileira ao não privilegiar em suas obras escritores (as) das classes populares, como Carolina de Jesus e Conceição Evaristo que têm muito a contribuir com um projeto de literatura mais autêntico, que não invisibilize aqueles que já estão à margem da sociedade. A partir dessa perspectiva é interessante estudar autoras que desmitificam o cânone literário brasileiro, que dão voz aos personagens marginalizados, que estão inseridos na favela ou sendo expulsos dela e que representam uma parcela significativa da população brasileira que se identifica com as personagens e as situações difíceis enfrentadas por elas.

2.5 Violências de gênero na literatura canônica

A Literatura e as Ciências Criminais estão constantemente sendo relacionadas nas narrativas literárias, inúmeras são as obras que tecem essa relação entre Direito Penal, Criminologia e Literatura, em que os mais diversos crimes são analisados sejam eles contra o patrimônio, costumes ou à vida, os criminosos em suas mais variadas classificações, tais como

¹⁰¹DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Horizonte, 2017, p.160.

¹⁰²DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Horizonte, 2017, p.162.

“O criminoso nato, o criminoso louco, o criminoso por hábito adquirido, o criminoso passional e o criminoso accidental”¹⁰³.

Antonio Quintano Ripollés¹⁰⁴ compara criminosos e artistas, quando estes atuam no crime e nas artes.

Uno y outro son, por descontado, productos exclusivos del hombre, que no se concibiesen si fueran de su ámbito biológico, pudiendo perfectamente servir como signos diferenciales de la especie. Aun dentro de ella “obra de arte” y “delito” son, a su vez creación de una minoría de humanos, que conscientemente unas veces, y de modo inconsciente otras muchas, se colocan para su realización al margen de las condiciones “normales” de vida que son válidas para la generalidad de los componentes de su grupo social y cultural. Los unos y los otros no caben en la categoría de “hombres medios”, estos es, la de los perfectamente adaptados a las realidades cotidianas de la existencia, que gozan de una armonía más o menos perfecta en lo orgánico, lo intelectual y lo moral, constitutiva de un relativo pero gráfico nombre de normalidad¹⁰⁵.

Segundo Quintano¹⁰⁶ tanto criminosos quanto artistas são minorias, não cabem na categoria de homens médios, não estão na categoria de homens normais, se destacam por não se adaptarem as regras conhecidas.

En el artista genial, al menos en gran número de ellos, es hacedero también constatar, muy a menudo, claras señales de inadaptabilidad, ya que no por defecto sí por exceso, de cualidades y vivencias intelectivas o sensitivas. Semejante anormalidad, valga este nombre sin sentido peyorativo, no ha de valorarse arbitrariamente como “degeneración”, cual se inclinaron a hacerlo, entre otros, Max NORDAU y LOMBROSO, sino meramente como diferenciación. El genio es diferente, se siente inadaptado al mundo circundante, al “No Yo”, y precisamente por esa sensación, tantas veces angustiada y trágica, procede a crear una “realidad” o mundo suyo peculiarísimo: la de la obra de arte¹⁰⁷.

¹⁰³ FERRI, Enrico. **Os criminosos na Arte e na Literatura**. Tradução, atualização, notas e comentários, Dagma Zimmermann. Porto Alegre: RicardLenz, 2001, p. 31

¹⁰⁴ RIPOLLÉS, Antonio Quintano. **La Criminología em la Literatura Universal**: ensayo de propedéutica biológico-criminal sobre fuentes literarias. Barcelona: BOSCH, Casa Editorial, 1951, p.07

¹⁰⁵ Um e outro são, é claro, produtos exclusivos do homem, que nem sequer são concebidos fora de sua esfera biológica, e podem servir perfeitamente como signos diferenciais da espécie. Mesmo dentro dela, "obra de arte" e "crime" são, por sua vez, criação de uma minoria de humanos, que conscientemente às vezes, e inconscientemente muitas outras, se colocam para sua realização fora das condições "normais" de vida que são válidas para a generalidade dos componentes de seu grupo social e cultural. Um e outro não se enquadram na categoria dos "homens médios", ou seja, daqueles perfeitamente adaptados às realidades cotidianas da existência, que gozam de uma harmonia mais ou menos perfeita no orgânico, no intelectual e no moral, constitutivo do nome relativo mas gráfico da normalidade.

¹⁰⁶ RIPOLLÉS, Antonio Quintano. **La Criminología em la Literatura Universal**: ensayo de propedéutica biológico-criminal sobre fuentes literarias. Barcelona: BOSCH, Casa Editorial, 1951, p.08

¹⁰⁷ No artista genial, pelo menos em grande parte deles, também é possível verificar, muitas vezes, sinais claros de inadequação, não por defeito, mas por excesso, de qualidades e experiências intelectuais ou sensíveis. Tal anormalidade, digna desse nome sem sentido pejorativo, não deve ser arbitrariamente valorizada como "degeneração", como se inclinaram a fazer Max NORDAU e LOMBROSO, entre outros, mas apenas como diferenciação. O gênio é diferente, sente-se desajustado ao mundo que o cerca, ao "Não Eu", e justamente por esse sentimento, tantas vezes angustiante e trágico, passa a criar uma "realidade" ou mundo próprio muito peculiar: aquele da obra de arte.

Os artistas geniais não se enquadram no mundo que conhecem, se sentem desajustados (as) e criam outras versões desse universo, narrativas literárias diferentes para questionar a realidade em que vivem, como faz Carolina de Jesus ao se sentir um “objeto fora de uso”, que não serve para nada ao ter sido despejada na favela, no quarto de despejo de São Paulo, ou Conceição Evaristo que ouve histórias violentas sofridas por mulheres negras e dá literaridade a elas.

Nas narrativas literárias não se analisa o *caput* do artigo violado, mas antes de tudo a ação criminosa, tentando compreender a transgressão humana as normas e as consequências sociais, jurídicas à estas violações.

Os gênios literários podem ser comparados aos telescópios que devassam os arcanos do espaço e, contudo, não logram descobrir os micro-organismos que se suspendem no ar ou passeiam no sangue através de todo o sistema de artérias, de veias e vasos do corpo humano, defendendo-o ou arruinando-o¹⁰⁸

Os literatos conseguem visualizar o que há de melhor e pior no ser humano e colocar isso nos personagens, nas experiências vivenciadas por eles, no impacto social que a criminalidade causa. A Literatura é a expressão das experiências humanas, e embora não tenha obrigação em ser fiel a realidade, ela nos oferece a compreensão das emoções, do que é belo e feio, justo ou injusto, os vícios, as paixões, os delitos e quem os cometeu, a sanidade e loucura relacionada à criminalidade.

Os homens das letras não se preocupam com os Códigos penais, nem ao escreverem vão procurar as figuras criminais que esses discriminam. Eles surpreendem os fatos onde quer que se produzam e os agentes dentro na esfera natural de suas ações, no meio onde se movem e porfiam, obedientes às forças misteriosas e ocultas que trabalham em seu organismo, através dos endócrinas e da herança, ou às energias sociais, de vez que o homem é por igual uma resultante de fatores sociais, instrução, educação, miséria, luxo, paixões mundanas, vícios, abandono material e moral da infância, e tantos outros que o enquadram na vida.¹⁰⁹

As narrativas literárias não são escritas observando-se as leis, sejam elas penais ou não, o autor tem a liberdade de criar e na sua imaginação inúmeras possibilidades surgem a partir da observação do mundo que o cerca, das leituras realizadas, da compreensão de que ser humano é errar, acertar, cometer crimes ou não, ser cumpridor das normas jurídicas ou transgredi-las e que inúmeros fatores que devem ser considerados ao se analisar o homem criminoso e o crime cometido por ele, sejam os aspectos sociais, econômicos, psicológicos, ambientais.

¹⁰⁸BRITTO, Lemos. **O Crime e os criminosos na Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora José Olympio, 1946, p. 06.

¹⁰⁹BRITTO, Lemos. **O Crime e os criminosos na Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora José Olympio, 1946, p. 08.

Só mesmo a literatura, que é a expressão da vida no que ela oferece de beleza e feiura, de falso ou verdadeiro, de virtuoso ou de maligno, poderia reproduzir as maldades e as paixões humanas. Paralelamente a isso, o leitor se defronta com os aspectos mais dolorosos e trágicos da vida, evidenciados em perfis de personagens degenerados ou doentes dos nervos, ou até mesmo personagens primeiramente inocentes, mas que delinquiram pela força das circunstâncias. Sem falar nos personagens detetives que se incubem de desvendar os mais ardilosos mistérios. Fácil é perceber a variável gama de sentimentos humanos e de impulsos contraditórios que a literatura depreende do real.¹¹⁰

Nos personagens de Jorge Amado, Lev Tolstói, de William Shakespeare das narrativas abaixo podemos perceber a variedade de sentimentos humanos, que levam muitos personagens a serem violentos e cometerem crimes, sejam movidos pela paixão, ciúmes, vingança. Esses são sentimentos comuns a todos nós, em algum momento da nossa vida e quantas são as vezes que nos imaginamos com plano de vingança, ou pensamos em lesionar e matar algum (des)afeto.

O crime é velho como a própria humanidade. Todo ato criminoso em oposição a organização do estado, às leis e à moral social, sempre constituiu crime, e a literatura, que é a expressão da vida humana no que ela oferece de belo e de feio, e de bom e de mau, de refalsado ou verdadeiro, de virtuoso ou de maligno, não podia deixar de reproduzir as maldades e as paixões humanas, em que pese a PLATÃO quando condena, em República, a arte imitativa que recolhendo a realidade fenomênica, falsa e má, a tudo reproduz, ainda quando se trate de mentira, de vício de paixão, ou de delito e reforça deste jeito os piores instintos do gênero humano¹¹¹.

“Gabriela, Cravo e Canela” (1958), de Jorge Amado, “A sonata a Kreutzer”, de Lev Tolstói (1891) e “Otelo”, de Shakespeare (1603/1604) são exemplos de obras literárias em que ocorrem a violência de gênero, inclusive com o homicídio das mulheres, sejam elas adúlteras ou não. São obras que fazem parte do cânone literário da literatura brasileira e universal, escrita por homens brancos em que a legítima defesa da honra dos homens no caso de adultério é um argumento válido, em que as mulheres são colocadas em posição de subalternidade e são agredidas físicas e psicologicamente.

A escolha da obra de Jorge Amado deu-se porque além de ser contemporâneo de Carolina de Jesus, ele e a autora tiveram uma relação conturbada, em parte causada por ela que acusou o escritor baiano de a ter sabotado no chamado “Festival do Escritor”, maior feira do livro do país, organizada pela UBE – União Brasileira de Escritores.

¹¹⁰MESSA, Fábio. **O gozo estético do crime: Dicção homicida na ficção contemporânea.** Tubarão: ed. Unisul, 2008, p. 15.

¹¹¹BRITTO, Lemos. **O Crime e os criminosos na Literatura Brasileira.** São Paulo: Editora José Olympio, 1946, p. 08-09.

No referido festival foram pedidos 200 exemplares da obra *Quarto de Despejo*, no entanto, a editora Francisco Alves só enviou 50 exemplares, porque não havia mais disponíveis, todos haviam sido vendidos. Enquanto Jorge Amado, por já ser um escritor renomado e de várias obras publicadas, autografou e vendeu muito mais do que 50 exemplares. Assim “Carolina concluiu erroneamente que ele, de propósito tinha escondido os seus livros no “Shopping Center de Copacabana” evitando, assim que ela o ultrapasse em vendas”¹¹².

Carolina acusou publicamente Jorge Amado em jornais escritos e na televisão na “Edição Extra” da TV Tupi e no Canal no Programa de Paulo Roberto do autor a ter sabotado no festival e de ter inveja dela. Jorge Amado defendeu-se dizendo que:

se ela devesse culpar alguém que culpasse sua própria editora, que não mandou livros suficientes para ela no evento. Falou ainda que as declarações de Carolina aos jornais foram de uma injustiça inominável e revelaram uma total falta de consideração aos que trabalharam pela organização do festival¹¹³.

Muitos autores saíram em defesa de Jorge Amado, dentre eles Marcos Rey e o mal entendido foi esclarecido, ficando Jorge Amado e Carolina amigos e se encontrando algumas vezes em eventos literários, autografando livros e conversando.

Sentamos. Disse-me que a dona Jurema estava ausente e Jorge Amado, estava preparando-se para vir ver-me. Fiquei nervosa! Eu ia falar com o Jorge Amado! O vate do Brasil! Mas, eu não simpatizo com Jorge Amado. Um homem que não ri parece um general.
Pensei: seja o que Deus quiser! O Jorge Amado surgiu. Levantei e fui cumprimentá-lo. Almocei e beijamos. Eu gosto de beijar. Ele é agradável no falar. Deu-me um livro de sua autoria. Os velhos marinheiros¹¹⁴.

A autora demonstra ter consciência, que as oportunidades de vida deles foram diferentes. Jorge Amado teve oportunidade de estudar, de fazer pesquisa para suas obras, de escrever em norma culta e optar por escrever como o povo falava, com gírias e até palavrões. Ela é autodidata, frequentou a escola por apenas dois anos e dos ensinamentos que recebeu aprendeu a ler e desenvolveu o hábito de leitura e escrita cotidianos.

A narrativa de Jorge Amado não é romântica, como pode parecer a muitos que não tenham lido a obra literária e tenham apenas visto a novela e a minissérie, visto que estas centram a trama na história de amor entre Nacib e Gabriela. A estrutura narrativa do romance de Jorge Amado justapõe duas frentes – o coletivo centrado na luta política entre o exportador Mundinho Falcão, que representa uma forma nova de fazer política e o coronel Ramiro Bastos, representando o coronelismo.

¹¹²FARIAS, Tom. **Carolina**: uma biografia. Rio de Janeiro: Malê 2017, p. 265

¹¹³FARIAS, Tom. **Carolina**: uma biografia. Rio de Janeiro: Malê 2017. p.266.

¹¹⁴JESUS, Carolina Maria de. **Casa de Alvenaria**. Volume 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 303.

A história de Gabriela representa bem a violência de gênero na literatura, pois se inicia com um crime de honra, em que o fazendeiro Jesuíno Mendonça matou a tiros de revólver, dona Sinhazinha Guedes Mendonça, sua esposa e o Dr. Osmundo Pimentel, cirurgião-dentista que era amante de Sinhazinha.

Coronel Jesuíno é descrito pelo narrador como “homem de honra e determinação, pouco afeito a leituras e a razões estéticas, tais considerações não lhe passaram sequer pela cabeça dolorida de chifres”¹¹⁵. No Nordeste, existem leis que não estão escritas nos códigos, mas que as pessoas cumprem porque acreditam verdadeiramente nelas e para a desonra de um marido traído só existe uma pena: a morte dos adúlteros.

Certas leis também, a regularem suas vidas. Uma delas, das mais indiscutidas, novamente cumprira-se naquele dia: honra de marido enganado só com a morte dos culpados podia ser lavada. Vinha dos tempos antigos, não estava escrita em nenhum código, estava apenas na consciência dos homens, deixada pelos senhores de antanho, os primeiros a derrubar as matas e a plantar cacau¹¹⁶.

O coronel não obedecia a nenhuma lei penal da época, mas as leis não escritas, o costume, marido enganado, lavava sua honra com sangue, e a sociedade toda aprovava esse comportamento. Não se questionava, nos bares, em todos os lugares de Ilhéus os comentários eram sempre a favor da morte dos adúlteros.

Unanimemente davam razão ao fazendeiro, não se elevava voz – nem mesmo de mulher em átrio de igreja – para defender a pobre e formosa Sinhazinha. Mais uma vez o coronel Jesuíno demonstrava ser homem de fibra, decidido, corajoso, íntegro, como aliás à sociedade o provava durante a conquista da terra¹¹⁷.

Época que predominava em Ilhéus o coronelismo, o machismo, a divisão bem definidos dos papéis de gênero: as mulheres deveriam casar castas, permanecer fiéis ao marido, serem donas de casa exemplares, que deveriam manter a plenitude e harmonia do lar sob os olhares vigilantes do marido e da sociedade, a violência doméstica acontecia constantemente, fosse ela física ou psicológica e era plenamente aceita por todos. “onde a vida humana possuía pouco valor, não se conhecia outra lei para traição de esposa além da morte violenta”¹¹⁸.

Todos acreditavam que o coronel Jesuíno agira da forma correta, e muitos não acreditavam que ele fosse a julgamento, para o tribunal do júri, visto que era pacífico entre a população que crimes contra a honra eram passíveis da morte dos traidores.

Nenhuma aposta se aceitava, porém, quando o júri se reunia para decidir sobre crime de morte em razão de adultério: sabiam todos ser a absolvição unânime do marido ultrajado o resultado fatal e justo. Iam para ouvir os discursos, a acusação e a defesa,

¹¹⁵AMADO, Jorge. **Gabriela, Cravo e Canela**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 09.

¹¹⁶AMADO, Jorge. **Gabriela, Cravo e Canela**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.10

¹¹⁷AMADO, Jorge. **Gabriela, Cravo e Canela**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 87

¹¹⁸AMADO, Jorge. **Gabriela, Cravo e Canela**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.87

e na expectativa de detalhes escabrosos e picarescos, escapando dos autos, ou da falação dos advogados. Condenação do assassino, isso jamais!, era contra a lei da terra mandando lavar com sangue a honra manchada do marido. Comentava-se e discutia-se apaixonadamente a tragédia de Sinhazinha e do dentista. Divergiam as versões do sucedido, opunham-se detalhes mas numa coisa todos concordavam: em dar razão ao coronel, em louvar-lhe o gesto de macho¹¹⁹.

No tribunal do júri são os jurados, que fazem parte da comunidade que vão ouvir os debates e decidir se o réu é culpado ou inocente. Em Ilhéus já se tinha como ganho o júri do coronel Jesuíno, não só pelo poder que o réu tinha, a influência política, bem como a população estava ao lado do marido traído.

Um júri, numa cidade pequena, em que nada ocorre de novo, e ainda mais num caso de adultério que envolve três pessoas poderosas da cidade é um acontecimento único, o resultado esperado por todos era a inocência do coronel, o que importava eram os debates acalorados entre defesa e acusação, os detalhes picantes que muitas vezes não estavam nos autos do processo, mas eram sabidos de todos da cidade, como que o coronel Jesuíno “ encontrou-os no quarto, despidos, ela com “depravadas meias pretas”, e ele sem nada a cobrir sua “arrogante juventude conquistadora” e disparou contra cada um, dos tiros definitivos causando-lhes à morte”¹²⁰. A sentença, porém não confirma o que todos esperavam – a inocência do marido traído. Sinal de mudança dos tempos, do declínio do poder dos coronéis que burlavam as leis e saíam impunes.

DO POST SCRIPTUM

Algum tempo depois, o coronel Jesuíno Mendonça foi levado a júri, acusado de haver morto a tiros sua esposa, dona Sinhazinha Guedes Mendonça e o cirurgião-dentista Osmundo Pimentel, por questões de ciúmes. Vinte e oito horas duraram os debates agitados, por vezes sarcásticos e violentos. Houve réplica e tréplica. Dr. Maurício Caires citou a Bíblia, recordou a escandalosa meias pretas, moral e devassidão. Esteve patético. Dr. Ezequiel Prado, emocionante: já não era Ilhéus terra de bandidos, paraíso de assassinos. Com um gesto e um soluço, apontou pai e mãe de Osmundo em luto e em lágrimas. Seu tema foi a civilização e o progresso. Pela primeira vez, na história de Ilhéus, um coronel do cacau viu-se condenado à prisão por haver assassinado esposa adúltera e seu amante¹²¹.

O veredicto surpreendeu por haver condenado um coronel do cacau, com tantas mortes nas costas, com influência política ser condenado por haver matado a tiros a esposa adúltera e o amante, crime de honra, tão comum naquele ano de 1925 e que infelizmente acontece em 2022, pelos mesmos motivos, e com argumentações em que os advogados de defesa ainda culpam a mulher vítima do homicídio de ter dado causa a ele, que o homem estava no papel de defender sua honra e isso só é possível com a morte da mulher.

¹¹⁹AMADO, Jorge. **Gabriela, Cravo e Canela**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. P.88

¹²⁰AMADO, Jorge. **Gabriela, Cravo e Canela**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.p.91

¹²¹AMADO, Jorge. **Gabriela, Cravo e Canela**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. P.321

O que se percebe é uma mudança, ainda que lenta dos costumes, após o veredicto, na obra de Jorge Amado, outros casos de adultério são descritos, inclusive o de Gabriela que trai Nacib, com Tônico, no entanto, este não mata Gabriela e nem o amigo, anula o casamento, não tendo o casamento a ofensa não é tão grave.

Na obra de Jorge Amado é citado em vários momentos do texto a expressão crime de honra e a expressão: “honra de marido enganado só com a morte dos culpados pode ser lavada”. O coronel mata os amantes adúlteros, para perante a sociedade machista, patriarcal de Ilhéus reparar o mal que foi feito a sua honra.

A “honra” é utilizada em sentido deturpado, refere-se ao comportamento sexual das mulheres, principalmente as casadas, que deveriam manter o recato e o decoro, são o estandarte da moral e da família, não podendo assim serem desvirtuadas cometendo adultério e caso isto ocorresse, a morte era certa.

Não havia uma lei escrita, nenhum código que punisse o adultério com a morte, não existia a excludente de ilicitude “legítima defesa da honra”, e a excludente que existia no Código Penal de 1890 “perturbação dos sentidos e da inteligência” foi eliminada, pois deixava impunes os maridos que matavam suas esposas por infidelidade, em alguns casos a mera suspeita do adultério era suficiente para a morte da mulher.

O argumento de “legítima defesa da honra” foi criado pelos advogados de defesa dos réus, que se utilizavam do machismo da sociedade brasileira para culpar as vítimas e deixar os assassinos impunes. Tanto que nos assassinatos de Sinhazinha e Osmundo fica explícito nas conversas realizadas pela cidade, depois do episódio que homens e mulheres aprovavam o comportamento do coronel Jesuíno, muitos não entendiam nem porque deveria haver tribunal do júri, visto que era pacífico que os amantes adúlteros deveriam morrer.

O homem que mata a companheira e a ex-companheira alegando questões de “honra”, quer exercer, por meio da eliminação física, o ilimitado direito de posse que julga ter sobre a mulher e mostrar isso aos outros. Não é por acaso que a maioria dos homicídios passionais confessa o crime. Para eles, não faz sentido matar a esposa adúltera e a sociedade não ficar sabendo¹²².

A tese de legítima defesa da honra infelizmente até bem pouco tempo era utilizada em nossos tribunais do júri, por alguns advogados de defesa para defender seus constituintes das acusações de feminicídio, ou tentativa de homicídio, desqualificando a mulher, atribuindo a elas comportamento sensual, libidinoso, expondo intimidades da vítima, como se esta fosse a

¹²²ELUF, Luiza Nagib. **A paixão no banco dos réus**. São Paulo: Saraiva, 2013.

culpada da própria morte, pois segundo os advogados, as mulheres provocam os homens com um comportamento desonroso, que faz com que eles privados de sentidos, percam o discernimento do certo e errado e matam como forma de revidar a ofensa sofrida.

Assim, em 2020 o Partido Democrático Trabalhista (PDT) questionou o Supremo Tribunal Federal (STF) a respeito da Constitucionalidade do argumento da legítima defesa da honra em Arguição de Preceito Fundamental (ADPF).

No dia 12 de março de 2021 o STF decidiu que a legítima defesa da honra é inconstitucional. Numa sociedade misógina e patriarcal como a brasileira, muitos homens acreditam que tem direito de posse em relação a mulher e não aceitam o fim do relacionamento amoroso de forma pacífica, passando a persegui-las, ameaçá-las de morte e em último caso matando-as.

A tese de legítima defesa da honra era utilizada pelos advogados dos réus para imputar as vítimas de feminicídio como culpadas pela própria morte, alegando traições, e comportamento desonroso da mulher. A corte referendou a liminar concedida pelo ministro Dias Toffoli na ADPF 779. Um dos casos mais conhecidos foi o da socialite Angela Diniz e de Doca Street que chocou o Brasil em 1976. Em 2019, o podcast “Praia dos Ossos”, da Rádio Novelo narrou o crime em oito episódios. Evandro Lins e Silva defendeu Doca Street no primeiro julgamento e conseguiu convencer o conselho de sentença utilizando o argumento de legítima defesa da honra colocando Ângela como uma mulher sedutora, “messalina”, “devoradora de homens”, “vênus lasciva”, “prostituta de alto luxo da Babilônia”, mulher que por onde passa faz estragos na vida dos homens que a cortejam.

Outra obra que fala da violência de gênero e o consequente homicídio da mulher é: “A sonata a Kreutzer”, de Lev Tolstói publicada em 1891, em que narra a história de Pózdnichev, que mata a esposa e é absolvido no julgamento. O protagonista da história narra aos seus interlocutores tudo que aconteceu para que chegasse aquele desfecho: o homicídio.

No julgamento perguntam-me como o que foi, e como a matei. Gente tola! Pensam que a matei então, à faca, no dia cinco de outubro. Não foi então que a matei, e sim muito antes. Exatamente como agora eles assassinam, todos, todos...¹²³

Numa época em que não se falava em violência contra a mulher, Tolstói antecipa uma discussão sobre a violência psicológica cometida no matrimônio, o marido tem consciência que não a matou no dia cinco de outubro quando a esfaqueou, mas muito antes disso, com as brigas constantes, ofensas, injúrias, um ciúme doentio, xingamentos, agressões físicas seguidas de

¹²³ TOLSTÓI, Lev. **A sonata a Kreutzer**. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2010, p. 46

uma calmaria, de períodos curtos de amor e explosões de ódio recíproco que culminaram no assassinato. “ A sonata a Kreutzer desafina-nos até hoje e parece insistir em que a literatura nos obriga a conviver com aquilo que nos parece mais odioso em nosso cotidiano”¹²⁴.

- Comecei a compreender somente quando a vi no caixão... – Emitiu um soluço, mas imediatamente prosseguiu, apressado: - Somente quando vi o seu semblante morto, compreendi o que fizera. Compreendi que fora eu, eu mesmo, quem a matara, que por minha causa ela, que fora viva, movente, cálida, tornara-se imóvel, cérea, fria, e que não se podia corrigi-lo jamais, em parte alguma, com nada. Quem não sofreu isto não pode compreendê-lo...Uh! Uh!Uh...exclamou ele algumas vezes e calou-se.¹²⁵

A violência que permeia as relações matrimoniais é explicitada pela confissão do marido aos seus interlocutores, ele é preso, levado a julgamento e inocentado pelo júri que considera o caso de crime passionai, motivado pela traição da esposa com um músico. No julgamento, o assassino ainda tenta argumentar que talvez não houve acontecido a traição da esposa, mas os jurados entendem que ele a está querendo defender depois da morte e o absolvem. Para Pózdnichev parece que no julgamento eles não entenderam bem o seu caso, daí sua necessidade de se explicar, de argumentar a outras pessoas.

Ao analisar o veredicto dado a Pózdnichev, Shoshana Felman diz que:

Esse veredicto é, contudo, um tanto enigmático no contexto do texto literário, visto que está em explícita contradição com a própria confissão do marido de que ele de fato cometeu o assassinato, sendo, portanto, claramente culpado. A questão é assim suscitada: por que o texto literário precisa afinal incluir um julgamento jurídico que absolve o marido em contraste com os fatos? Como a absolvição é necessária à história? Como compartilha ela da compreensão (ou interpretação) literária do caso? A mim, parece que Tolstói deseja sugerir pela introdução do veredicto precisamente uma certa *cumplicidade entre o assassinato e o julgamento*, entre a lei e a transgressão da lei – uma cumplicidade secreta, mas significativa entre o crime e a sociedade que o julga e submete o criminoso ao julgamento. O processo criminal é sempre instituído efetivamente não em nome da vítima, mas em nome da comunidade cuja lei é violada. Mas a comunidade aqui, por meio do simbolismo de um veredicto absolutório, como a expressão da vontade comunitária, fala numa voz que confere ao crime do marido uma certa sanção de quase-legitimidade.¹²⁶ (grifo do autor).

Assim, o assassinato da esposa supostamente “infel” adquire um respaldo da sociedade, ao absolver o marido, legitimando o homicídio da mulher adúltera como punição.

A Literatura desnuda o julgamento do assassino e a incapacidade que a sociedade tem de compreender o que estava acontecendo no âmbito da relação matrimonial, da violência doméstica invisível aos olhos da sociedade, da mulher vista como propriedade do homem e não como sujeito de direitos.

¹²⁴SCHNAIDERMAN, Boris. **Posfácio**. In: A Sonata a Kreutzer. São Paulo: Editora 34, 2010, p. 113

¹²⁵TOLSTÓI, Lev. **A sonata a Kreutzer**. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2010, p. 104

¹²⁶FELMAN, Shoshana. **O inconsciente jurídico: julgamentos e traumas no século XX**. Tradução: Ariani Bueno Sudatti; prefácio Márcio Seligmann Silva. São Paulo: EDIPRO, 2014, p. 109 -110.

O que sabe Tolstói para sentir-se tão compelido a dar vida a esse brutal caso jurídico e publicamente desnudar a culpa do marido? O que motiva o escritor magistral, assumindo assim a responsabilidade por um crime que ele de fato não cometeu, e choca o mundo, amedrontar seus leitores, desafiar e importunar a incredulidade do público e a perplexidade escandalizada, provocar a proibição do censor, desafiar a ira, o ultraje da Igreja e do Estado (sem mencionar aquela mais privada de sua própria esposa); durante todo esse tempo declarado (insinuando pela teoria) que nenhum tribunal é capaz de trazer esse caso à justiça, que o direito não está equipado para compreender a natureza do crime ou tratar da natureza do caso. Poderia Tolstói estar certo?¹²⁷

Tolstói desnuda a alma do assassino, o sentimento de culpa que o consome, a tentativa dele de no julgamento explicar, sem sucesso, que talvez a mulher não fosse infiel, que a morte dela não acontecera naquele dia fatídico, mas ao longo dos anos de violência doméstica e da invisibilidade social das agressões físicas e psicológicas sofridas pela vítima, culminando com o homicídio e a absolvição do acusado, por defender a honra masculina, maculada pelo suposto adultério da esposa.

A Literatura tem várias obras que abordam o tema do adultério feminino e as consequências deste, concretizando-se o adultério ou não, dentre elas: “Otelo”, de Shakespeare escrita em 1603 ou 1604, é uma de suas tragédias mais conhecidas, em que o mouro de Veneza mata sua amada Desdêmona, acreditando que essa comete adultério com Cássio. Otelo instigado por Iago, que mente, planta provas do adultério (o lenço de Desdêmona é encontrado no quarto de Cássio). Iago incute na cabeça de Otelo uma série de mentiras para prejudicar Cássio e Desdêmona e instiga o ciumento Otelo quando diz que:

Pra homem ou mulher bom nome é tudo;
De nossas almas é a mais cara joia:
Quem rouba a minha bolsa rouba nada,
Era minha, hoje é dele, foi de mil;
Mas quem de mim arranca meu bom nome
Não enriquece com o que me tirou,
Mas a mim deixa pobre, realmente¹²⁸

As mentiras de Iago deixam Otelo transtornado pela certeza do adultério de Desdêmona. O mouro lembra que a esposa traiu o pai, ao se casar escondida com ele e que foi alertado pelo sogro de que se ela foi capaz de enganar ao próprio pai que ela jurava amar e que lhe deu a vida, não seria diferente com ele. O bom nome, a reputação de um general do exército não pode ser maculada por um ato tão vil quanto o adultério e a forma de reparar isso é com a morte da adúltera. Otelo quer saber o que Iago pensa e este diz que:

¹²⁷ FELMAN, Shoshana. **O inconsciente jurídico: julgamentos e traumas no século XX**. Tradução: Ariani Bueno Sudatti: prefácio Márcio Seligmann Silva. São Paulo: EDIPRO, 2014, p. 131.

¹²⁸ SHAKESPEARE, William. **Grandes obras de Shakespeare**: volume 1: tragédias. Tradução Barbara Heliodora. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017, p. 416. Ato III, Cena III.

Nem me tirando o coração o pode,
Muito menos enquanto ele for meu:
Ah, Cuidado com o ciúme;
É o monstro de olhos verdes que debocha
Da carne que o alimenta. Vive o corno
Ciente feliz, se não amar quem peca:

Mas como pesa cada hora àquele
Que ama, duvida, suspeita e mais ama.¹²⁹

O ciúme não permite que Otelo veja as más intenções de Iago, não suspeita em nenhum momento das acusações do “amigo” que a pretexto de ajudá-lo, alimenta suas inseguranças em relação à esposa.

Infelizmente, em Otelo, o amor idealizado assim nascido entre “um bárbaro errante” e “uma veneziana sofisticada” leva a um precipitado casamento, que é atacado por Iago antes de ter tempo de se solidificar através de um melhor conhecimento entre o maduro guerreiro e a ingênua e inexperiente quase adolescente¹³⁰.

O desfecho trágico dá-se com o homicídio de Desdêmona, pelas mãos daquele que ela amava e que até o último suspiro defendeu. As inseguranças alimentadas pelo ciúme doentio, as intrigas, a prova “irrefutável” do adultério, o lenço de Desdêmona, que foi encontrado no quarto de Cássio, após ser implantado por Iago. Não houve direito a defesa, Otelo não permitiu que Desdêmona fosse julgada e condenada por adultério, não houve tempo para esclarecer as mentiras, a prova falsa plantada. Otelo acreditou nas mentiras de Iago e não deixou que Desdêmona as refutasse, a condenou à morte e foi seu algoz. “ A beijei ao matá-la; e a saída. É sobre um beijo eu acabar com a vida”¹³¹. Depois de saber toda a verdade e que matou uma mulher inocente, que ambos foram vítimas da inveja e intrigas de Iago, o mouro de Veneza se mata e morre ao lado de Desdêmona.

A violência é o tema que resvala essas narrativas, principalmente a de gênero. No Atlas da violência de 2020¹³² os números são expressivos e apesar de inúmeras leis para proteger as

¹²⁹SHAKESPEARE, William. **Grandes obras de Shakespeare**: volume 1: tragédias. Tradução Barbara Heliodora. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017, p. 417. Ato III, Cena III

¹³⁰SHAKESPEARE, William. **Grandes obras de Shakespeare**: volume 1: tragédias. Tradução Barbara Heliodora. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017, p. 345.

¹³¹SHAKESPEARE, William. **Grandes obras de Shakespeare**: volume 1: tragédias. Tradução Barbara Heliodora. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017, p. 495.

¹³²Em 2018, 4.519 mulheres foram assassinadas no Brasil, o que representa uma taxa de 4,3 homicídios para cada 100 mil habitantes do sexo feminino. Seguindo a tendência de redução da taxa geral de homicídios no país, a taxa de homicídios contra mulheres apresentou uma queda de 9,3% entre 2017 e 2018. No total, dezenove das 27 UFs brasileiras tiveram redução nas taxas de homicídios de mulheres entre 2017 e 2018. As reduções mais expressivas aconteceram nos estados de Sergipe (48,8%), Amapá (45,3%) e Alagoas (40,1%). Os estados com

mulheres, como é o caso da lei Maria da Penha, ainda assim nota-se que a violência de gênero mesmo com a diminuição no número de homicídios é alarmante.

Em 2021 foi promulgada a lei 14.188 de 28 de julho de 2021¹³³ para criar o tipo penal de violência psicológica contra a mulher. Dentre os tipos de violência abordadas na lei Maria da Penha esta é uma das mais difíceis de ser detectada, em muitos casos, a vítima não percebe que está num relacionamento abusivo e que o agressor a agride psicologicamente, diminuindo a autoestima dela, afastando-a de familiares e amigos para que não a alertem do que está acontecendo.

A violência seja ela física ou simbólica sofrida pelas mulheres reais ou da ficção nas obras das autoras Carolina de Jesus e Conceição Evaristo abordam temas como: estupro, incesto, abuso sexual infantil, gravidez (in)desejada, aborto, relacionamentos abusivos, prostituição, homoafetividade, erotização da mulher negra, maternidade obrigatória.

Carolina de Jesus retira a literatura de autoria negro-feminina da invisibilidade com a obra Quarto de Despejo publicada em 1960, traduzida para 14 idiomas e que trouxe uma discussão sobre o que é ou não considerado literatura e os clássicos.

É por isso que, dependendo de qual concepção de literatura se defende, Carolina e suas obras, terão ou não valor, o que permite também dizer que Carolina será ou não considerada autora, por sua vez, se sua obra é ou não “digna” de ser considerada um clássico. O efeito disso será legitimação ou a interdição dessa obra e desse autor¹³⁴.

Conceição Evaristo cria o conceito de escrevivência e a partir dele que vamos analisar a violência de gênero vivenciada pelas autoras e suas personagens nas obras “Quarto de Despejo”, de Carolina de Jesus e “Becos da Memória”, de Conceição Evaristo.

Assenhorando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação. Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre (vivência) das mulheres negras explícita as aventuras e as

as menores taxas de homicídios de mulheres por 100 mil habitantes, em 2018, foram São Paulo (2,0) Santa Catarina (2,6), Piauí (3,1), Minas Gerais (3,3) e Distrito Federal (3,4). No mesmo sentido, essas cinco UFs também apresentaram as menores taxas gerais de homicídios no país em 2018. ATLAS da violência 2020, p. 34.

¹³³ Define o programa de cooperação Sinal Vermelho contra a Violência Doméstica como uma das medidas de enfrentamento da violência doméstica e familiar contra a mulher previstas na Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 (Lei Maria da Penha), e no Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), em todo o território nacional; e altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para modificar a modalidade da pena da lesão corporal simples cometida contra a mulher por razões da condição do sexo feminino e para criar o tipo penal de violência psicológica contra a mulher.

¹³⁴ LEANDRO, Michel Luís da Cruz. **Autoria e Resistência**: Carolina Maria de Jesus em discurso. Orientador: Dra. Soraya Maria Romano Pacífico, 2019, 187 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeira Preto. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59140/tde-03102019-231200/publico/Corrigida.pdf>. Acesso em 19/01/2022, p. 55

desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra¹³⁵.

Nesse viés, as referidas autoras escrevem a partir de suas vivências, com estilos de escrita diferentes, mas que abordam temáticas pertinentes ao universo feminino, a violência de gênero sofridas por elas e suas personagens.

Nas narrativas literárias é possível observar crimes graves, como homicídio, e as motivações humanas que o permeiam, mas também fica explícito outros tipos de violências de gênero cometidas contra às mulheres, como são os casos das obras de Carolina de Jesus e Conceição Evaristo.

A tese em questão trata da violência de gênero em autoras negras não canônicas e do impacto que essas violências causam tanto na vida das autoras, que muitas vezes são questionadas sobre se são literatura ou não, se representam ou não a identidade da literatura brasileira.

Carolina é autora e personagem de sua própria história e nela viveu as agruras do racismo, da violência de gênero, da desigualdade social que não lhe deu as mesmas oportunidades de autores brancos e ainda assim conseguiu se destacar na literatura, apesar da aversão de alguns leitores e críticos literários que não consideram que ela seja escritora.

Conceição Evaristo por meio de sua escrevivência, incomoda os da casa grande ao contar as violências sofridas por mulheres negras, por tanto tempo silenciadas pelo machismo, patriarcado, racismo, pela misoginia, e que agora ganham voz nos textos literários da autora, que desvela um mundo de violência intra e extrafamiliar, nos estupros de vulnerável, em que a mulher é objetificada pelo homem, que a vê como uma “coisa”, “troço-mulher” e não como um ser humano.

Carolina de Jesus e Conceição Evaristo não são penalistas, criminólogas, mas conseguem em suas narrativas expor o lado (des)humano da violência de gênero e como as vítimas permanecem em ambientes violentos por tanto tempo, mostram a convivência de vítimas e agressores e as nuances de relacionamentos afetivos violentos que marcam não apenas o corpo, mas abalam psicologicamente as vítimas, que são feridas em sua autoestima pelo machismo, racismo e que por não possuírem uma rede de apoio efetiva, seja no amparo pelas

¹³⁵ EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita.** In: ALEXANDRE, Marcos Antonio (org) **Representações. performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 16-52.

políticas públicas do Estado ou pelo apoio familiar, essas mulheres são submetidas a violência de gênero durante boa parte de sua vida e não conseguem sair desse ambiente sem ajuda.

2.6 Ampliando o cânone literário: Carolina de Jesus e Conceição Evaristo

Carolina de Jesus ganhou destaque depois de alguns vestibulares adotarem em suas listas de obras literárias e com as discussões propostas pelos grupos de gênero na Literatura e o resgate da autora do esquecimento pelo movimento negro.

Se considerarmos que todo valor é resultado de uma intrincada rede de fios – como a crítica literária acadêmica, as editoras, os livros didáticos, os currículos dos cursos de letras, os prêmios literários, a imprensa, etc. – que se articula e se retroalimenta para manter a posição segundo a qual apenas alguns agentes valoradores são qualificados para dizer qual texto é bom e qual não é; assumiremos que todo valor é resultado de conflitos, choques e disputas de poder atuando no campo simbólico e, portanto, sempre construído socialmente em articulação com forças econômicas, com pressupostos de gênero, etnia e território, sendo, por isso, contingente e nunca imanente à obra, pois uma obra nunca é boa simplesmente porque é boa, visto que a literatura não é um elemento da natureza, a- histórico.

Isto posto, a afirmação de Felinto de que a academia não consegue dar estatuto literário a Carolina de Jesus, apenas reitera o poder da academia enquanto agente valorador, e nada diz a respeito dos textos de Carolina Maria de Jesus¹³⁶.

A editora Companhia das Letras editou, em 2021, “Casa de Alvenaria”, volumes 1 e 2 de Carolina de Jesus retratando o período que a autora saiu da favela Canindé e foi morar com os filhos no bairro de Santana em São Paulo, numa casa de alvenaria. As obras contêm textos inéditos da autora e é escrito também em forma de diário, assim como “Quarto de Despejo”. No entanto, em 1961 quando foi lançado não fez o mesmo sucesso que a obra de estreia da autora, foi uma decepção nas vendas e só recentemente Carolina de Jesus está tendo sua obra republicada, e estudada em vários programas de Mestrado e Doutorado do país.

O valor de um livro é dado não apenas pelo montante do consumo de exemplares, mas principalmente pelo acúmulo da fortuna crítica que a obra consegue amearhar no decorrer do tempo. A princípio, sim, é o mercado o determinante mais forte. Depois, é o que se diz do texto e o quanto ele é promovido, pelas suas qualidades internas e a capacidade de levar as pessoas a experimentarem emoções profundas, movimentos lúdicos, expectativas almejadas, saberes sobre a vida, etc¹³⁷.

O cânone literário brasileiro prioriza uma elite branca que teve acesso a uma educação formal, deixando autores indígenas e negros à sombra da seleção canônica, no entanto, as

¹³⁶DA COSTA, Renata Jesus. **Subjetividades femininas**: mulheres negras sob o olhar de Carolina Maria de Jesus, Maria Conceição Evaristo e Paulina Chiziane. Dissertação. (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP, 2007

¹³⁷CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010, p.32-33. (coleção consciência em debate/coordenada por Vera Lúcia Benedito)

referidas autoras demonstram através de suas obras literárias a força da escrita de mulheres negras, de suas escrevivência e que a literatura marginal e periférica também tem representantes consagradas não pelo cânone, mas pelos leitores.

Constantemente uniformizados pelo olhar do cânone, os escritores pertencentes às suas margens constituem – quando projetados por este corpo – uma silhueta desprovida de profundidade cuja presença serve para afirmá-lo em sua existência e importância. Se dispostos em conjunto, formam uma região enegrecida da qual poucos críticos se aproximam¹³⁸.

Carolina de Jesus através de sua escrita autobiográfica, apresenta a visão de uma mulher periférica, que não teve acesso a uma educação formal periódica, que pensa o ambiente social em que vive e o impacto na vida dela e dos outros favelados. “ Duro é o pão que nós comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado”¹³⁹.

A escrita dela produz metáforas a respeito das favelas que surgem em São Paulo e dos marginalizados que vivem nelas com os seus direitos fundamentais sendo violados pela falta de uma moradia digna, a fome diária, o desemprego, a falta de uma boa escola e educação de qualidade para as crianças, ambiente em que fica explícito o racismo estrutural, no espaço periférico que é a favela Canindé.

A escrita de Carolina é visibilizada depois do sucesso de “Quarto de Despejo”, mas ela continua sendo para muitos uma catadora de lixo, uma mulher do povo sem nenhuma aptidão literária, que fez sucesso devido a intervenção do jornalista Audálio Dantas e que seu texto não teria literariedade para caracterizá-lo como Literatura, mas que seria o mero desabafo de uma mulher amargurada pela vida difícil, dando ênfase nos erros de ortografia, pontuação e aspectos formais do texto e não na riqueza do conteúdo.

O silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a ele. Vozes que buscam falar *em nome* deles, mas também, por vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes. Mesmo no último caso, tensões significativas se estabelecem: entre a “autenticidade” do depoimento e a legitimidade (socialmente construída) da obra de arte literária, entre a voz autoral e a representatividade de grupo e até entre o elitismo próprio do campo literário e a necessidade de democratização da produção artística¹⁴⁰.

¹³⁸ LEAL, Marcelle Ferreira. **Poéticas da sombra:** de projeções a sujeito da literatura. 2017. 267 f. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.posciencialit.letras.ufrj.br/images/Posciencialit/td/2017/Tese%20formatada%20Marcelle%20Ferrera.pdf>. Acesso em 26/11/2021.

¹³⁹JESUS. Carolina Maria de. **Quarto de despejo:** diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020, p.44.

¹⁴⁰DALCASTAGNÈ. Regina. **Vozes nas sombras:** representação e legitimidade na narrativa contemporânea. In: DALCASTAGNÈ. Regina (org.). **Ver e imaginar o outro:** alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea. Vinhedo: Horizonte, 2009, p. 78

Quando Carolina está na sala de visitas, que é São Paulo, ela não consegue a visibilidade merecida. É na favela, que ela faz a diferença, porque saber ler e escrever e ter consciência social, de classe e denunciar através de seus diários a vida difícil de quem sobrevive em condições subumanas, denunciar os políticos corruptos e as falsas promessas, a eleição como o “cavalo de troia” que enganam os eleitores com promessas falsas e sem fundamentos, que são repetidas eleição após eleição e tudo continua igual para a população.

Escritoras como elas movimentaram a Literatura Brasileira e fizeram leitores, professores, críticos literários, repensarem o cânone. O mercado editorial também tem papel fundamental em que autores são lidos ou não no país e quais são considerados cânones literários. Carolina de Jesus tem consciência de que os editores brasileiros selecionam quem eles vão publicar e que ela, uma autora periférica, desconhecida, favelada, que não escreve na norma culta padrão e que fala de temas sociais a partir de sua escrevivência não é bem vista pelo mercado editorial. “- Pois é, Toninho, os editores do Brasil não imprime o que escrevo porque sou pobre e não tenho dinheiro para pagar. Por isso eu vou enviar o meu livro para os Estados Unidos. Ele deu-me vários endereços de editoras que eu devia procurar”¹⁴¹.

Carolina tinha consciência que escrever era o ofício que a distinguia das demais pessoas da favela, que o que acontecia no quarto de despejo de São Paulo devia ser conhecido pelo restante do Brasil e até do exterior, por isso ela arrisca a enviar seus originais para os Estados Unidos e a devolução destes a deixa bastante desanimada como podemos perceber.

Fui no Correio retirar os cadernos que retornaram dos Estados Unidos. [...] Cheguei na favela. Triste como se tivessem mutilado os meus membros. O The Reader Digest devolve os originais. A pior bofetada para quem escreve é a devolução de sua obra. Para dissipar a tristeza que estava arroxendo a minha alma, eu fui falar com o cigano. Peguei os cadernos e o tinteiro e fui lá. Disse-lhe que tinha retirado os originais do Correio e estava com vontade de queimar os cadernos¹⁴².

Autoras negras, como: Carolina de Jesus e Conceição Evaristo terem seus textos publicados em grandes editoras é muito difícil, porque elas não tem meios financeiros para bancar as publicações, não são conhecidas do público-leitor, na década de 60 quando foi publicado o “Quarto de Despejo” não se debatia a questão de autoria negra, e a preferência é pelos autores já consagrados da Literatura Brasileira, que já tem um público fiel, como é o caso de Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, dentre outros.

No entanto, quando a discussão é a produção literária de autoria de mulheres negras, percebe-se que tanto as livrarias físicas, quanto as virtuais, ainda não garantem o

¹⁴¹JESUS. Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020, p.123.

¹⁴²JESUS. Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2020, p.143.

acesso a essas escritoras que a nosso ver, é um modo de interdição do funcionamento de política literária, por conta disso, temos uma produção e a propagação cada vez mais crescente de editoras independentes. Por editora independente entende-se modos de produção do livro que foge das grandes e renomadas editoras do país¹⁴³.

O mercado editorial no Brasil, ainda é restrito a escritoras negras que não são conhecidas do público-leitor, as grandes editoras preferem não correr risco em publicá-las e não vender, por isso, muitas publicam por editoras menores, como é o caso de Conceição Evaristo que em entrevista no Geledés aborda a referida questão.

E como o mercado está reagindo a isto, num cenário em que livrarias estão fechando?

O grande mercado livreiro, que ainda está propenso a pegar as “grandes autorias”, os clássicos, está sofrendo um choque porque está percebendo que editoras pequenas estão se impondo. Eu mesma, por exemplo, só tenho publicado em editoras pequenas: Mazza e Nandyala, de Belo Horizonte, que nascem com objetivo de publicar autoria negra devido a nossa dificuldade de penetrar no mercado.

Aqui no Rio de Janeiro público com a Malê, uma editora que nasceu também com esse objetivo, e a Editora Pallas que tem também divulgado e vendido muito minha obra, inclusive via PNLD (Política Nacional de Livros e Distribuição), é de médio porte. Tenho transitado entre editoras que poderiam até ser chamadas de alternativas, e outras um pouco maiores. Vemos hoje, inclusive nos prêmios literários, que editoras pequenas estão surgindo e conseguem colocar seus autores na mesma concorrência que as já definidas no mercado¹⁴⁴. (grifo do autor)

Essa dificuldade de publicação de autores negros permanece até hoje e não se esgotou com a publicação das obras literárias de Carolina de Jesus e Conceição Evaristo. Exemplo disso é que os premiados autores Itamar Vieira Junior e Jeferson Tenório, que ganharam recentemente prêmios literários expressivos no Brasil e em Portugal somente tiveram seus livros publicados ao participarem e ganharem concursos literários impulsionadores das publicações e do reconhecimento da qualidade de suas obras pelo público leitor.

Carolina de Jesus adentrou a tão esperada sala de visita, mas no cenário da Literatura Brasileira continua no quarto de despejo, esquecida pela crítica literária, com a maioria de sua obra ainda indisponível aos leitores, conhecida pela sua obra de estreia, não obteve o mesmo sucesso editorial com as demais obras publicadas e que são desconhecidas da maioria dos leitores e críticos literários.

O professor José Carlos Sebe Bom Meihy (USP, UNIGRANRIO) proferiu palestra no VI Colóquio Mulheres em Letras e deu por e-mail entrevista aos pesquisadores do NEIA –

¹⁴³LEANDRO, Michel Luís da Cruz. **Autoria e Resistência:** Carolina Maria de Jesus em discurso. Orientador: Dra. Soraya Maria Romano Pacífico, 2019, 187 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeira Preto. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59140/tde-03102019-231200/publico/Corrigida.pdf>. Acesso em 19/01/2022, p. 70-71.

¹⁴⁴ Não colem em mim esse discurso de meritocracia diz Conceição Evaristo. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/nao-colem-em-mim-esse-discurso-da-meritocracia-diz-conceicao-evaristo>. Acesso em 19/01/2022.

Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade. Ao ser perguntado por Eduardo de Assis Duarte: “Afinal, o que se pode fazer para retirar Carolina Maria de Jesus do “quarto de despejo da Literatura brasileira?” o professor responde que:

Tirar Carolina do “Quarto de despejo” da literatura brasileira implica em primeiro lugar em mostrar que ela é muito mais do que simplesmente o que se lê nas frações publicadas do diário. Na sequência caberia ver sua obra completa publicada a preço e alcance acessíveis. Uma conveniente campanha de esclarecimento sobre os critérios de leitura desse acervo seria oportuna para abrir debates sobre temas como a pobreza, contrastes sociais, papéis de gênero. Os estudos sobre a diversidade, por exemplo, poderiam se beneficiar de leitores que teriam neste tipo de exercício uma exemplificação boa. Mas eu diria que não seria suficiente tirar Carolina do “Quarto de despejo da literatura brasileira”. A sociologia, a história, a antropologia e os demais estudos sobre urbanização, por exemplo, poderiam ganhar bastante. E todos sairíamos mais ricos se os pactos interdisciplinares ocorressem¹⁴⁵.

Infelizmente, ainda falta muito para que Carolina Maria de Jesus consiga alcançar lugar de destaque na Literatura Brasileira, ou seja reconhecida como um cânone, há os que ainda a consideram desprovida de literariedade e que por não fazer uso da norma culta padrão não poderia estar entre os grandes autores.

2.7 A humanização através da literatura de Carolina de Jesus e Conceição Evaristo

Antonio Cândido em seu ensaio “O Direito à Literatura¹⁴⁶” faz uma discussão interessante a respeito da Literatura ser considerada um fator de humanização e também um bem indispensável aos seres humanos, com base nos estudos do sociólogo e economista francês, o dominicano Padre Louis-Joseph Lebret, fundador do movimento Economia e Humanismo e na divisão que este faz de “bens compressíveis” e “bens incompressíveis”.

Os bens compressíveis são aqueles que podem ser descartados e que se pode viver sem eles, como é o caso de cosméticos, enfeites, roupas extras. São bens supérfluos e que não são essenciais à vida humana. Diferente dos bens incompressíveis que são aqueles que garantem a sobrevivência física como é o caso da roupa, da casa, dos alimentos, mas também do aspecto espiritual, emocional como é o caso da Literatura, da arte, da música.

Cândido discute a possibilidade de a Literatura ser considerada um bem incompressível, ou seja, essencial à vida humana. Em época de pandemia de COVID-19¹⁴⁷ nos damos conta de

¹⁴⁵Entrevista com José Carlos Sebe Bom Meihy. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/autoras/carolina-maria-jesus/CarolinaCr02BomMeihy.pdf>. Acesso em: 03/02/2022.

¹⁴⁶ CÂNDIDO, Antônio. **O Direito à Literatura e outros ensaios**. Coimbra: Angelus Novus, 2004.

¹⁴⁷No início de 2020 foi confirmado na República Popular da China, na cidade de Wuhan um novo tipo de coronavírus, que se alastrou por todos os países que recebeu o nome de SARS-CoV-2, responsável por causar a doença de COVID-19, que matou milhares de pessoas em todo o mundo.

que sem as obras literárias e as artes de forma geral, o isolamento social e afetivo a que nós fomos impostos por medo do contágio da doença, tanto de contaminar como de ser contaminado, nos deixou apreensivos em casa e possibilitou a muitos que não tinham tempo para lê, devido a vida agitada que tínhamos com tantas atividades laborais, de estudo, dentre outras, a encontrar na Literatura uma forma de vivenciar outras possibilidades de reflexão, visto que as redes sociais e televisão, o conteúdo trata em sua maioria da pandemia que nos assola.

A Literatura não pode ser entendida apenas sob o viés utilitarista de que é necessária para algo ou alguém. A obra de arte não precisa ter utilidade alguma, ela basta em si mesma. Antonio Cândido preocupa-se com o caráter humanizador das obras literárias. O que os leitores podem perceber ou adquirir ao ler uma obra literária? Qual o impacto que a leitura vai ter na vida dos leitores? É possível o processo de empatia ou sensibilização do leitor através da Literatura?

As autoras em questão tornam visível o que está invisível para a maioria das pessoas, o “Quarto de despejo”, que é a favela apresentada por Carolina de Jesus, e o processo de desfavelização¹⁴⁸ narrado por Conceição Evaristo em “Becos da Memória” e todos os males advindos dessa segregação social e racial, desvelando os diversos tipos de violência abordados em seus textos literários.

O romance “Becos da Memória” (2006) de Conceição Evaristo narra também a vida em uma favela. É a primeira obra da autora, no entanto, só foi publicada em 2006 por inúmeras dificuldades que a autora por ser negra e desconhecida teve para publicar. A narrativa da obra, segundo a autora nasce em 1987/88, no entanto, não foi publicada nesta época como deveria pela “Fundação Palmares/Minc, como parte das comemorações do Centenário de Abolição, projeto que não foi levado adiante, acredito que por falta de verbas”¹⁴⁹. O livro ficou durante anos esquecido na gaveta, outra oportunidade surgiu, mas também não deu certo, somente em 2006 a obra saiu do esquecimento e foi publicada.

Diferente do “Quarto de Despejo”, de Carolina de Jesus que narra em primeira pessoa o dia a dia na favela Canindé, em que se inicia em 15 de julho de 1955 até 01 de janeiro de 1960. A narrativa de “Becos da Memória” não é em primeira pessoa e nem em forma de diário. A autora narra a experiência de ter vivido na favela e através de várias personagens conta outras

¹⁴⁸ Desfavelização é quando os moradores da favela são retirados pelo Poder Público, do espaço que ocupavam, mediante violência policial para que a ocupação seja feita de forma ordenada por empreendimentos lucrativos.

¹⁴⁹ EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

histórias, algumas que lembram “Quarto de Despejo”, porque tratam da fome, da miséria humana, dos vulneráveis, da prostituição, incesto, violência de gênero.

Não há por parte da autora uma preocupação em ser fiel à realidade, aos acontecimentos como ocorreram. Conceição Evaristo narra a experiência de viver numa favela que está passando por um processo de desfavelamento, em que aquelas pessoas que já estavam no quarto de despejo, no quintal da cidade, como dizia Carolina de Jesus passam por mais um processo de exclusão ao serem colocadas para fora da favela, alguns moradores nasceram, cresceram e viveram toda uma vida naquele ambiente inóspito de desigualdade social, mas era tudo que conheciam e se agarravam a todas suas memórias sem querer deixar o lugar. Para onde iriam?

As narrativas dessas autoras rompem silêncios ao narrar sob o viés da escrevivência delas temas diversos, tais como: o preconceito e a discriminação, o estar à margem dos direitos fundamentais e da literatura canônica brasileira e as relações violentas advindos da interseccionalidade de gênero, raça e classe.

Antônio Cândido coloca que a Literatura seria considerada um bem incompressível se representasse uma necessidade profunda do ser humano na nossa sociedade e que a ausência desse bem causasse um desconforto, uma frustração ao não poder usufruí-lo, pois se trataria de um bem essencial à vida humana.

A Literatura faz parte dos currículos do ensino fundamental e médio como instrumento de formação intelectual e discussão dos problemas sociais, jurídicos, éticos, dentre outros. “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas¹⁵⁰.

As artes de forma geral enriquecem a imaginação humana e nossa percepção do mundo que nos cerca, mas a Literatura especificadamente tem um caráter humanizador. Segundo Antonio Cândido:

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A Literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante¹⁵¹.

¹⁵⁰ CÂNDIDO, Antônio. **O Direito à Literatura e outros ensaios**. Coimbra: Angelus Novus, 2004, p.17.

¹⁵¹ CÂNDIDO, Antônio. **O Direito à Literatura e outros ensaios**. Coimbra: Angelus Novus, 2004, p.22

O autor não diz que a Literatura nos torna seres humanos melhores, mas fala do processo de humanização ao organizarmos nossas emoções e visões diferentes de mundo em relação ao Outro, ao aprendizado que nos é possibilitado ao lermos uma obra literária, tem um grau de intencionalidade do autor quando ele escreve uma obra e esse conhecimento é repassado e conscientemente ou não assimilado pelo leitor.

A respeito da humanidade de suas personagens, Conceição Evaristo nos diz que:

Creio que é a humanidade das personagens. Construo personagens humanas ali, onde outros discursos literários negam, julgam, culpabilizam ou penalizam. Busco a humanidade do sujeito que pode estar com a arma na mão. Construo personagens que são humanas, pois creio que a humanidade é de pertença de cada sujeito. A potência e a impotência habitam a vida de cada pessoa. Os dramas existenciais nos perseguem me caminham com as personagens que crio. E o que falar da solidão e do desejo de encontro? São personagens que experimentam tais condições, para além da pobreza, da cor da pele, da experiência de ser homem ou mulher ou viver outra condição de gênero fora do que a heteronormatividade espera. São personagens ficcionalizadas que se com(fundem) com a vida, essa vida que eu experimento, que nós experimentamos em nosso lugar ou vivendo com (fundido) com outra pessoa ou com o coletivo, originalmente de nossa pertença¹⁵².

Conceição Evaristo ao falar da construção de suas personagens, nos fala da humanização delas, onde outros discursos criminalizam, julgam, penalizam o ser humano, ela nos dá a oportunidade de compreender melhor as situações que o levaram até aquele momento. Nos mostra os dramas existenciais pertinentes a qualquer ser humano, as escolhas erradas e as consequências dos atos, as emoções conflitantes, as experiências vivenciadas por aqueles que estão fora do padrão instituído pela sociedade.

Carolina de Jesus e Conceição Evaristo se apropriam, assim, do direito à Literatura de Cândido porque se configuram como escritoras que representam uma parcela da população que é silenciada e que elas dão voz através de sua escrevivência de autoras negras e das personagens idealizadas por elas e que não foram legitimadas pela estrutura hegemônica, que diz quem pode escrever, quem deve ser lido, que personagens são marcantes, delimitam que obras possuem literariedade e podem fazer parte do cânone e da Academia Brasileira de Letras.

O “Quarto de Despejo” até hoje tem autores que discutem que foi Audálio Dantas que escreveu e não Carolina de Jesus. Conceição Evaristo apesar de toda representatividade no

¹⁵²EVARISTO, Conceição. **A Escrevivência e seus subtextos**. In: Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.p.31

mundo literário e reconhecimento pelos leitores não conseguiu se eleger para ocupar a Academia Brasileira de Letras.

A Literatura nos dá a possibilidade de vivenciar experiências que não temos condições de viver, porque fizemos outras escolhas, tivemos oportunidades diferentes, e (des)humaniza aqueles que cometeram crimes e suas vítimas. Ao cometerem crimes parece que as personagens deixam de pertencer a raça humana, transgrediram as normas e por isso devem ser punidas, mas isso não as torna menos humanas e merecedoras de menos direitos. As vítimas também são desumanizadas ao sofrerem o ato violento, porque não são vistas também como um ser humano, muitas vezes, quando saem da condição de vítimas, continuam sendo massacradas por quem não entende que ela pode ficar ao lado do agressor por vários fatores, dentre eles: dependência emocional e financeira.

No “Diário de Bitita” de Carolina de Jesus observamos isso:

O meu tio espancava a minha madrinha, que estava superalcoolizada, estendida no solo. Dava a impressão que ele estava espancando um cadáver. Mas quem é que ousava interferir? Quando ela normalizava, estava com o braço quebrado. Começava a gemer e a chorar.

E eu pensava: “Tem mulher que diz que homem é bom. Que bondade pode ter o homem, se ele mata e espanca cruelmente? Quando eu crescer eu não quero ser homem. Prefiro viver sozinha.”

Ela ajeitava o braço ferido. Depois continuava beijando o meu tio. Aquelas cenas, para mim, eram um enigma. E dizia comigo mesma: “Credo. Eles não têm vergonha”¹⁵³

Na narrativa de Bitita vemos um exemplo de violência de gênero, numa época em que não havia leis que protegessem as mulheres, os homens tinham direito de espancar suas esposas e isso era plenamente aceito na sociedade, poucos eram os que se insurgiam contra isso, e era comum as próprias vítimas ficarem ao lado de seus algozes. Assim, as vítimas também eram questionadas, porque permaneciam sofrendo a violência e não se separavam, muitas vezes chegando a defender os maridos agressores.

As narrativas literárias permitem que os leitores compreendam o contexto social, econômico, familiar da violência de gênero. No exemplo acima é possível fazer vários questionamentos. A vítima é dependente econômica do esposo? Essa mulher tem como se manter e aos filhos sem a ajuda financeira do homem? Existem leis que protegem a mulher na época em que aconteceu o caso? Ao se separar quais os direitos que essa mulher tem? Como a sociedade percebe a mulher que se divorcia do marido? A família da mulher a acolherá e dará apoio emocional para que ela possa se separar do marido? Essas são algumas perguntas que se

¹⁵³JESUS, Carolina. **Diário de Bitita**. São Paulo: SESI-SP editora, 2014, p. 87

devem fazer antes de julgar uma vítima da violência de gênero. A Literatura nos possibilita olhar com mais humanidade para a dor do outro ao conhecermos a história sob múltiplas perspectivas.

Martha Nussbaum no prefácio de sua obra “*Justicia Poetic*” é indagada por uma aluna sobre a leitura de Maurice de E. M Forster poder mudar a mentalidade de um indivíduo e até de um juiz, mas que obras desse tipo poderiam obrigar alguém que odeia a homossexualidade a examinar seus motivos para fazê-lo, mas esses casos são uma centelha de esperança em meio a tanto ódio e preconceito.

La estudiante 1180 tienerazón. La imaginación literaria tiene que luchar contra los profundos prejuicios de muchos seres humanos e instituciones, y no siempre prevalece. Muchas personas que narran historias maravillosas son racistas que no podrían contar una historia empática sobre un negro. Muchas otras, que tienen criterio amplio en cuestiones raciales, rechazarían la invitación de Forster a imaginar a un gay como una persona similar a ellas o a sus seres queridos. Nuestra sociedad está plagada de rechazos que atentan contra la imaginación empática y compasiva, rechazos de los que nadie está exento. Muchas de las historias que nos contamos alientan el rechazo de la compasión, de modo que ni siquiera la imaginación literaria está libre de culpa. Aunque hallemos una buena historia para contar, no debemos esperar que cambiaremos años de odio y discriminación institucionalizados mediante la sola apelación a la “fantasía”, pues aun la fantasía más lograda es una fuerza frágil en un mundo lleno de diversas formas de crueldad¹⁵⁴.

Nussbaum concorda com a aluna quando diz que a imaginação literária tem que lutar contra o preconceito de pessoas e instituições, que muitos autores que contam histórias maravilhosas são racistas¹⁵⁵ e não tem empatia pelos negros, outros não são racistas, mas são homofóbicos.

A imaginação literária não é capaz sozinha de mudar anos de ódio institucionalizado e discriminação, como é o caso da discussão sobre se o autor Monteiro Lobato é racista ou não.

¹⁵⁴ NUSSBAUM, Martha C. **Justicia Poetica**. La imaginación literaria y la vida pública. Traducción de Carlos Gardini. Editorial Andres Bello. Edición original: Beacon Press, Boston, 1995. P. 19-20
A estudante 1180 está certa. A imaginação literária tem que lutar contra os preconceitos profundos de muitos seres humanos e instituições, e nem sempre prevalece. Muitas pessoas que contam histórias maravilhosas são racistas que não conseguiram contar uma história empática sobre uma pessoa negra. Muitos outros, que têm opiniões amplas sobre questões raciais, rejeitariam o convite de Forster para imaginar uma pessoa gay como semelhante a eles ou a seus entes queridos. Nossa sociedade está cheia de rejeições que minam a imaginação empática e compassiva, rejeições das quais ninguém está isento. Muitas das histórias que contamos a nós mesmos encorajam a rejeição da compaixão, de modo que nem mesmo a imaginação literária está isenta de culpa. Mesmo que encontremos uma boa história para contar, não devemos esperar mudar anos de ódio e discriminação institucionalizados apelando apenas à “fantasia”, pois mesmo a fantasia mais realizada é uma força frágil em um mundo cheio de várias formas de crueldade. (Tradução nossa)

¹⁵⁵ Um exemplo é Monteiro Lobato que teve sua obra infantil *Caçadas de Pedrinho* levada ao Supremo Tribunal Federal como sendo uma obra racista e que deveria ser retirada das obras de leitura obrigatória do Programa Nacional Biblioteca da Escola, das escolas públicas de São Paulo. O autor é conhecido por suas obras infantis, como o *Sítio do pica-pau amarelo* e outras obras para o público adulto como *Urupês*, *Jeca Tatu*, o conto *A negrinha*, dentre outros.

Em outubro de 2020, o STF reconheceu a incompetência¹⁵⁶ para julgar o caso e remeteu o processo para o STJ que é o órgão competente para o julgamento, depois de 07 anos à espera de uma decisão, inicia-se um novo julgamento em outra corte.

A polêmica sobre o racismo de Monteiro Lobato ganha um novo capítulo com a reedição da obra infantil “A menina do narizinho arrebitado”¹⁵⁷. A bisneta do autor, reeditou a obra e suprimiu trechos considerados racistas, como por exemplo: “trepou que nem uma macaca preta de carvão”¹⁵⁸. A supressão de expressões e palavras discriminatórias em relação a raça possui posicionamento favorável a mudança, porque retira o caráter racista da obra e outro contrário, porque o texto original do autor foi modificado, descaracterizando assim a obra literária. Até setembro de 2022 o STJ ainda não se pronunciou sobre o racismo na obra de Monteiro Lobato.

Um leitor ao ler o conto “A negrinha” ,¹⁵⁹ de Monteiro Lobato pode se sensibilizar com a crueldade dos castigos físicos impostos pela Dona Inácia, aquela órfã, outros no entanto vão analisar que os castigos eram necessários, para que a negrinha soubesse seu lugar, que não tomasse determinadas liberdades, que o contexto histórico da época, a abolição da escravatura estava recente ainda, e se em pleno século XXI o Brasil é um país racista, e que discrimina seus cidadãos por serem negros, imaginem dona Inácia que havia sido dona de escravos e que não se acostumara ainda a liberdade deles.

Há uma discussão sobre a divulgação da literatura infantil de Monteiro Lobato para crianças e adolescentes negras e como as expressões de cunho racista presente nas obras impactaria diretamente estas ao observarem como tia Nastácia, tio Barnabé são tratados como subalternos e o pretuguês¹⁶⁰, é visto como expressão linguística inferior, assim como a cultura dos negros.

¹⁵⁶ O Mandado de Segurança 30.952 Distrito Federal trata de pedido de liminar, impetrado pelo Instituto de Advocacia Racial Iara e por Antônio Gomes da Costa Neto com o objetivo precípuo de suspender os efeitos do Parecer nº 06/2011 do Conselho Nacional de Educação e de revigorar o Parecer nº 15/2010 do aludido Conselho. O ministro Fux negou seguimento ao Mandado de Segurança, na forma do art. 21, § do Regimento Interno desta Corte, ficando prejudicado o exame do pedido liminar. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/arquivos/2015/2/art20150203-03.pdf>. Acesso em 27/09/2022.

O voto do ministro relator Dias Toffoli sana a omissão do acórdão embargado e determina o envio imediato para o STJ para a apreciação da questão. Disponível em: https://www.migalhas.com.br/arquivos/2020/10/224fc71549fcb4_5179388.pdf. Acesso em 27/09/2022.

¹⁵⁷ LOBATO, Monteiro. **A menina do Narizinho Arrebitado**. Revista do Brasil. São Paulo, 1920.

¹⁵⁸ LOBATO, Monteiro. **Caçadas de Pedrinho**. 60ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 23

¹⁵⁹ O conto A Negrinha foi publicado em 1920 e dá nome a coletânea de contos de Monteiro Lobato.

¹⁶⁰ Termo utilizado por Lélia Gonzalez para mostrar a riqueza da língua portuguesa ,que nem sempre vai seguir a norma culta, em que a “mãe preta” passa os valores e a linguagem para as crianças brancas.

A literatura infantil Lobatiana é clássica, mas reproduz preconceitos do autor e da época em que foi escrita contra os negros, inferiorizando-os na sua cultura, linguagem, culinária, tratando-os como pessoas subalternizadas, enquanto que as personagens brancas são enaltecidas como superiores. Ao ser disponibilizadas nas bibliotecas públicas do país, todos, independentemente de raça vão ter acesso aos livros infantis do autor, mas a percepção de uma criança branca lendo Monteiro Lobato e observando o modo desprezível como Emília destrata, ri, humilha o pretuguês falado por tia Nastácia e tio Barnabé, é diferente de uma criança negra que percebe nos xingamentos, o desprezo com que sua raça é tratada pela boneca Emília, Pedrinho e Narizinho.

Arnaldo Godoy aborda a judicialização da obra de Monteiro Lobato sob uma perspectiva histórica em que analisar com os olhos do leitor de hoje textos literários escritos em outra época e contexto dá margem a problemas historiográficos de difícil resolução e que deixa os leitores do autor insatisfeitos.

Não se pode isolar Monteiro Lobato do contexto no qual viveu, ambiente prenhe de uma herança histórica, maldita, e que percebia a herança escravocrata dentro uma naturalidade que hoje não conseguimos compreender. Colocá-lo no banco dos réus, nesse sentido, é atitude presunçosa de nosso tempo, que detém algum benefício de retrospecto. Não se faria justiça à imensa colaboração crítica desse grande escritor, no contexto de nossa história literária¹⁶¹.

O argumento proposto por Arnaldo Godoy é utilizado por diversos defensores da leitura de Monteiro Lobato para crianças e adolescentes negros, que não apoiam a censura da literatura infantil do autor pelo conteúdo racista, mas discutem que o ideal seria promover a leitura orientada por professores que mediarão as discussões, explicando o contexto histórico da época, e colocando notas explicativas nas obras para explicar o contexto em que foram escritas.

Godoy concorda que há um elemento perverso de recepção de textos, por intermédio do qual não nos libertamos de nosso tempo e de nossas instâncias e categorias de pensamento. Não se pode dissimular que há um conteúdo ofensivo em alguns fragmentos da obra questionada, e que se deve mitigar a dor e a humilhação dos atingidos, porque efetivamente evidentes¹⁶².

¹⁶¹GODOY, A. S. de M. Monteiro Lobato no banco dos réus: o tema da judicialização das caçadas de Pedrinho. **ANAMORPHOSIS - Revista Internacional de Direito e Literatura**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 113–121, 2016. DOI: 10.21119/anamps.21.113-121. Disponível em: <https://periodicos.rdl.org.br/anamps/article/view/218>. Acesso em: 23 ago. 2022.

¹⁶²GODOY, A. S. de M. Monteiro Lobato no banco dos réus: o tema da judicialização das caçadas de Pedrinho. **ANAMORPHOSIS - Revista Internacional de Direito e Literatura**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 113–121, 2016. DOI: 10.21119/anamps.21.113-121. Disponível em: <https://periodicos.rdl.org.br/anamps/article/view/218>. Acesso em: 23 ago. 2022.

Como diminuir a dor e a humilhação de pessoas negras ao lê nas obras infantis como a raça negra é representada, apesar do contexto histórico da época? Leituras orientadas por professores, notas explicativas são realmente eficientes para promover uma releitura desse autor?

Anamaria Ladeira e Camila Pereira em texto sobre o racistês¹⁶³ de Monteiro Lobato questionam como justificar a leitura da obra infantil do para crianças e adolescentes de hoje quando se propõe uma educação com base no respeito as diferenças de gênero, raça e classe? As autoras questionam se é possível promover uma leitura antirracista a partir de uma obra racista?

Será que as crianças negras não convivem, diariamente, nas escolas e fora delas, com incontáveis situações de agressão para que, ainda por cima, a esses ataques reais sejam somados os ataques da ficção (também bastante reais)? Nossa hipótese é a de que o racismo não arde na pele e/ou no âmago da maioria das pessoas que advogam pelo uso da obra de Lobato em sala de aula com estudantes do Ensino Fundamental. Vale evidenciarmos que quem fala em nome da Educação, da Literatura, das novas gerações leitoras e do quanto pode ser prejudicial privar as crianças do contato com “os clássicos”, parece menosprezar o fato de que esses mesmos “clássicos” classificam mais da metade da população brasileira como inferior às pessoas brancas¹⁶⁴.

Com a diversidade de obras infantis de autores (as) renomados (as)¹⁶⁵ que abordam a raça negra com respeito, criatividade, enaltecendo seus traços físicos, a cultura, religiosidade, culinária, valorizando os aspectos e representação positiva de pessoas que foram escravizadas e subalternizadas durante séculos, porque utilizar Monteiro Lobato que humilha e despreza a raça negra justamente no ensino infantil?

As autoras não defendem a censura de Monteiro Lobato, nem a queima de seus livros em praça pública, mas que crianças negras sejam poupadas de lê livros em que o racismo seja explícito e que pessoas negras sejam tratadas de forma agressiva, e como inferiores. Na prática crianças e adolescentes negros já vivem o racismo no seu dia a dia e precisam de livros que exaltem a autoestima da raça negra e sua cultura.

¹⁶³Ao definirem o que é racistês no artigo sobre a obra infantil de Monteiro Lobato as autoras pontuam que o não reconhecimento do racismo dentro de si ou em pronunciamentos alheios indica a ausência de racismo ou a falta de interesse em percebê-lo?

¹⁶⁴PEREIRA, A. L.; PEREIRA, C. S. A obra infantil de Monteiro Lobato: do racistês ao pretuguês. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 17, p. 1–23, 2022. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.17.19417.072. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/19417>. Acesso em: 23 ago. 2022.

¹⁶⁵“O menino marrom” (1986), de Ziraldo, “Menina bonita do laço de fita” (1986) de Ana Maria Machado, “O pequeno príncipe preto” (2020) de Rodrigo França, “Sinto o que sinto. A incrível história de Asta e Jaser” (2019) e Lázaro Ramos.

Ler permite inúmeras reflexões, mas será que é possível que nos tornemos pessoas melhores, mais empáticas em relação ao sofrimento alheio, críticos em relação a situações de discriminações de raça, gênero, classe, orientação sexual após a leitura de obras literárias sejam elas canônicas ou não?

Martha Nussbaum pergunta a aluna 1180 o que mais podemos fazer como cidadãos se quisermos encorajar a esperança por nós mesmos? A resposta que a autora dá ao questionamento realizado a referida aluna é que:

Podemos abrigar laesperanza de que este registro permanezca, aunque no tenga poder de persuasión universal, y que al ser contrastado com lo brutal y lo obtuso como un objeto bello frente a un objeto feo, détestimoniodel valor de lahumanidad como um finensímismo. Si no cultivamos laimaginación de esta manera, a mi juicio perderemos um puente esencialhacialajusticia social. Si renunciamos a la “fantasía”, renunciamos a nosotrosmismos.¹⁶⁶

Ao renunciarmos a imaginação e fantasia renunciamos a justiça social, e a nós mesmos.
Segundo Nussbaum:

Por otra parte, lo que vemos enesosrechazos humanos no es un defectoenel tipo de “fantasía” que defender é aquí, sino um defecto de los seres humanos que no practican bien ese tipo de fantasía, que cultivan su simpatía humana en forma estrecha y parcial. El remedio para esedefecto no consiste en repudiar lafantasía, sino encultivarla de manera más coherente y humanitaria, nienreemplazarestructurasinstitucionalesimpersonales por laimaginación, sino en construir instituciones y actoresinstitucionales que encarnen más perfectamentelas intuiciones de laimaginacióncompasiva. No es preciso niaconsejable confiar únicamenteenlafantasía de losindividuos. La “fantasía” también debería informar lasinstitucionesmismas.¹⁶⁷

O defeito não está na “imaginação”, na “fantasia” está nas próprias pessoas que não praticam de forma coerente e humana essa imaginação e fantasia. A leitura literária pode permitir a empatia por meio da imaginação, por uma identificação com o eu do outro, as semelhanças e diferenças que existem nessa relação. Possibilita uma compreensão de outras vidas possíveis, outras vivências através das narrativas.

Retornando ao exemplo do conto “A negrinha”, o final da narrativa é de extrema sensibilidade, depois de ser tantas vezes castigada, com cocres, beliscões, ovo quente dentro da boca, de ficar imóvel horas ao lado da senhora, sem nunca poder viver como uma criança de 07

¹⁶⁶NUSSBAUM, Martha C. **JusticiaPoética**. La imaginación literaria y la vida pública. Traducción de Carlos Gardini. Editorial Andres Bello. Edición original: Beacon Press, Boston, 1995. p. 20 -21.

¹⁶⁷NUSSBAUM, Martha C. **JusticiaPoética**. La imaginación literaria y la vida pública. Traducción de Carlos Gardini. Editorial Andres Bello. Edición original: Beacon Press, Boston, 1995. p. 20.

Podemos esperar que esse registro permaneça, mesmo que não tenha poder de persuasão universal, e que, contrastado com o brutal e o obtuso como objeto belo contra objeto feio, dê testemunho do valor da humanidade como finesse. Se não cultivarmos a imaginação dessa forma, acredito que perderemos uma ponte essencial para a justiça social. Se desistirmos da "fantasia", desistiremos de nós mesmos.

anos, até a chegada das duas sobrinhas brancas de Dona Inácia e descobrir ao brincar de boneca com aqueles anjos loiros que “Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha alma”¹⁶⁸. O ato de brincar fez com que negrinha percebesse sua humanidade, que não era objeto, coisa, mas era um ser humano. E essa sensibilidade de descobrir-se humana, causou sua morte

Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que ela trazia em si, e que desabrochava, afinal, como fulgurante flor de luz. Sentiu-se elevada à altura de ser humano. Cessara de ser coisa e de ora avante lhe seria impossível viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava!...

Assim foi, e essa consciência a matou.¹⁶⁹

Quando as férias acabaram e as meninas partiram para suas casas, negrinha voltou a ficar sozinha, e mesmo que dona Inácia não a maltratasse mais como antes, negrinha descobriu-se como humana, não conseguia voltar ao *status quo* anterior de “coisa” e essa consciência recém adquirida de quem era, a retirada de tudo de bom que ela viveu naquele mês de férias, em que descobriu a felicidade de ser gente, de ser criança, de brincar, e ao perder tudo isso repentinamente foi suficiente para que ela entrasse numa tristeza profunda, que a fez definhir gradativamente até a sua morte.

Segundo Joana Aguiar a tese de que a leitura de obras literárias nos torna melhores pessoas, mais generosas, mais altruístas é atribuída injustamente ao ensino humanístico de Martha Nussbaum.

E como também já tivemos ocasião de afirmar, concordamos que não é por ler determinadas obras que vamos mudar as nossas convicções mais profundas em relação a questões fundamentais que dizem respeito ao homem, à vida ou à sociedade. Se politicamente somos de esquerda ou de direita, se somos contra ou a favor da eutanásia, do aborto, da escravatura ou da pena de morte, se somos ou não racistas, machistas ou feministas, trabalhadores ou parasitas, pacifistas ou não pacifistas – não vamos, com grande probabilidade, deixar de o ser por lermos literatura que represente posições contrárias às nossas. Ou, pelo menos, não vamos deixar de o ser repentinamente, “de uma leitura para outra.”¹⁷⁰

A leitura de obras literárias torna os leitores mais críticos, e aptos a enxergar novas possibilidades de leituras, outros sentimentos ao interagir com as vivências dos personagens. Mas seria possível uma pessoa racista, homofóbica, misógina deixar seus preconceitos de lado ao ler obras literárias? Segundo Joana Aguiar

¹⁶⁸ LOBATO, Monteiro. **A negrinha**. Disponível em: <https://cs.ufgd.edu.br/download/Negrinha-de-Monteiro-Lobato.pdf>. Acesso em: 07/03/2021. p. 04.

¹⁶⁹ LOBATO, Monteiro. **A negrinha**. Disponível em: <https://cs.ufgd.edu.br/download/Negrinha-de-Monteiro-Lobato.pdf>. Acesso em: 07/03/2021. p. 04.

¹⁷⁰ SILVA, Joana Aguiar e. **Para uma teoria hermenêutica da Justiça: repercussões jusliterárias no eixo problemático das fontes e da interpretações jurídicas**. Coimbra: Editora Almedina, 2011.p.73-74

O conhecimento que adquirirmos de determinadas situações ou caracteres não molda as nossas atitudes perante situações e caracteres similares. É proverbial o argumento de que, com toda a probabilidade, se formos racistas não deixaremos de o ser após a leitura de “A cabana do Pai Tomás”. Poderemos até reforçar esse nosso sentimento, essa nossa atitude, pois procuraremos interpretar tudo aquilo que lermos de forma a sustentar ideias próprias já formadas.¹⁷¹

A literatura tem um papel fundamental ao possibilitar experiências diversas das vivenciadas pelo leitor, observar pontos de vistas diferentes dos que defende, facilita uma tolerância em relação a situações em que muitas vezes por falta de conhecimento não compreende as diferenças e não tolera que o outro, pense e seja diferente dele.

Possibilita por parte do leitor uma compreensão das infinitas possibilidades da natureza humana e do autoconhecimento, refletir criticamente sobre as obras literárias que ler e o que pode aprender sobre as diferenças de argumentação. Desenvolver a capacidade de empatia em relação a dor do outro, perceber de forma positiva o que torna os indivíduos diferentes entre si, seja pela orientação sexual, gênero, raça, cultura, dentre outros.

A leitura de obras literárias pode fomentar esta reflexão, pode dar-nos material para argumentarmos, pode desenvolver a nossa perspicácia e a nossa sensibilidade. Não os torna melhores moralmente, mas talvez mais compreensivos, certamente melhores leitores críticos, mais preparados para lidar com a diferença, mais propensos a uma identificação empática com o outro.¹⁷²

A pessoa não se torna um ser humano melhor ao lê obras literárias clássicas ou contemporâneas e conhecer personagens consagrados dessas obras, mas pode se colocar nas situações descritas nos textos e visualizar posicionamentos diferentes dos seus, fazendo um exercício de reflexão e crítica sobre sentimentos e emoções universais do ser humano, promovendo uma empatia em relação ao outro.

Isso não é uma tarefa fácil, acordar como um inseto e perceber como as relações familiares são estruturadas, as emoções que afloram em relação aos pais e a irmã que no início da narrativa é a que mais se preocupa com Gregor Samsa, na obra “A Metamorfose”, de Franz Kafka ou perceber a burocracia das nossas instituições jurídicas na obra “O Processo”, do mesmo autor, nesta obra Joseph K é acusado de algo que não sabe o que é, não sabe quem o denunciou, não tem acesso ao processo, assim como seu advogado que não pode elaborar uma petição específica, porque não sabe do que defender K e as diversas possibilidades de

¹⁷¹ SILVA, Joana Aguiar e. **A prática judiciária entre Direito e Literatura**. Coimbra: Editora Almedina, 2001, p. 123.

¹⁷² SILVA, Joana Aguiar e. **Para uma teoria hermenêutica da Justiça: repercussões jusliterárias no eixo problemático das fontes e da interpretações jurídicas**. Coimbra: Editora Almedina, 2011.p.75

discussões que temos a respeito da burocracia nos tribunais sejam eles de primeira instância ou superiores.

Harold Bloom, crítico literário também compartilha da mesma ideia de Joana Aguiar ao dizer que não é função da literatura tornar as pessoas melhores ou piores.

O estudo da literatura, como quer que se o faça, não vai salvar nenhum indivíduo, não mais do que melhorar qualquer sociedade. Shakespeare não nos tornará melhores, nem piores, mas pode ensinar-nos a entreouvirmos quando falamos a nós mesmos. Posteriormente, pode ensinar-nos a aceitar a mudança em nós e nos outros, e talvez até a forma final de mudança¹⁷³.

A Literatura permite reflexões sobre quem somos, se nossas atitudes podem contribuir ou não de alguma forma para melhorar as interações interpessoais que estabelecemos com outras pessoas, conhecermos pontos de vistas divergentes dos nossos, podendo concordar com eles ou não, um conhecimento mais aprofundado da complexidade que nós seres humanos possuímos para sabermos argumentar respeito de nossas escolhas, refletindo sobre elas e o impacto que elas causam em nossas vidas e na de outras pessoas. As obras literárias são fontes de sensibilidade e empatia fora de nós mesmos.

Uma contra narrativa bem escrita é capaz de salvar os juízes de proferirem sentenças com tratamentos diferenciados a grupos minoritários ou marginalizados como afrodescendentes, mulheres, presidiários, povos indígenas, homossexuais, deficientes, imigrantes? Erros judiciários são caracterizados pela inferiorização dessas categorias elencadas como pertencentes a comunidade humanas, sociais ou raciais que não são as predominantes. A leitura de obras literárias faria diferença nas sentenças de juízes que discriminam por questões sociais, de gênero, de raça, cor, origem nacional?

A opinião dos autores é claramente negativa. As nossas determinações culturais são, entendem eles, demasiado fortes para sofrerem alterações profundas com a leitura de uma ou duas obras literárias. Obras literárias que, pela própria natureza dos fins em vista, se pretendem contrárias a todo um ideário social, ético e político vigente e que, por essa mesma razão, são passíveis de suscitar por parte da comunidade leitora uma muito maior resistência¹⁷⁴.

As narrativas literárias servem de conscientização das estruturas de poder dominante e de como compreendê-las, levando muitas vezes a um questionamento dos grupos

¹⁷³BLOOM, Harold. **O cânone Ocidental**. Tradução de Marcos Santarita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010, p.47.

¹⁷⁴SILVA, Joana Aguiar e. **Para uma teoria hermenêutica da Justiça: repercussões jusliterárias no eixo problemático das fontes e da interpretações jurídicas**. Coimbra: Editora Almedina, 2011.p.82

marginalizados. Mas os que estão no poder tornam-se mais conscientes de seu papel na invisibilidade das pessoas que moram nas favelas, por exemplo.

Luis Alberto Warat também aborda a questão da (des)humanização no ensino. “Os que simulam ensinar ou educar escolarizam¹⁷⁵ em vez de humanizar. Soa estranho que se fale em humanizar o homem. Acontece que nos tornaram inumanos como condição de controle”¹⁷⁶. Tornamo-nos inumanos, segundo o autor, quando professores pretendem ensinar e ao fazer isso “institucionalizam valores de opressão que contaminam dependências emocionais, que condicionam submissões nas relações pessoais e nas institucionais, e isto começa a nos tornar inumanos”¹⁷⁷.

Assim, faz-se necessário um ensino em que o professor não seja visto como aquele que detém o conhecimento, que irá reproduzir em aulas expositivas e o aluno um mero expectador, sem participar ativamente do processo, sem dialogar com fontes jurídicas e literárias, promovendo um ensino-aprendizagem participativo, com diálogo, tendo o professor como mediador do processo.

Alguns professores podem nos ajudar, mas para isto, têm que reaprender seu ofício, converter-se em mediadores, em ajudadores em nossos processos individuais de descoberta da própria subjetividade, assim como ocorre nos processos grupais de autoanálise. Assim, os professores têm que se transformar em sábios, em mestres e não em experts que controlam pessoas, que precisam de um público para captar as atenções¹⁷⁸.

Ao ministrar aulas com a literatura de Carolina de Jesus e Conceição Evaristo a intenção é justamente ressignificar o ensino jurídico, através da escrevivência de duas autoras negras, com singularidades em suas obras e personagens, que mostram uma realidade de desigualdade social, racismo, discriminação de classe e gênero, vivências diferentes da maioria dos alunos que cursam Direito.

Carolina de Jesus passou por um singelo processo de escolarização, apenas dois anos de escola formal, mas era uma leitora voraz, lia tudo que conseguia, desde recortes de jornais, revistas, livros que encontrava no lixo e que ampliava seus horizontes, quando a autora lia e

¹⁷⁵Warat chama de escolarização aos processos através dos quais os experts saqueiam nossa herança comunitária, o saber vital de nossas experiências. Roubam-nos a possibilidade de sermos os protagonistas de nossa própria história. O homem escolarizado perde absolutamente sentido estilístico de sua existência. P.427

¹⁷⁶ WARAT, Luís Alberto. **Epistemologia e ensino do Direito**: o sonho acabou. In: Sobre a impossibilidade de ensinar Direito: notas polêmicas para desescolarização do Direito. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2004, p. 425

¹⁷⁷WARAT, Luís Alberto. **Epistemologia e ensino do Direito**: o sonho acabou. In: Sobre a impossibilidade de ensinar Direito: notas polêmicas para desescolarização do Direito. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2004, p. 425

¹⁷⁸WARAT, Luís Alberto. **Epistemologia e ensino do Direito**: o sonho acabou. In: Sobre a impossibilidade de ensinar Direito: notas polêmicas para desescolarização do Direito. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2004, p. 426

escrevia era uma forma de sair daquele quarto de despejo em que se encontrava, com a violação aos seus direitos fundamentais e de sua dignidade. Não ter a escolarização adequada incomoda a muitos leitores, críticos literários, não incomodaria a Warat que propõe não que se suprima as instituições escolares, mas a função ideológica da escolarização como diz a seguir:

Basta tornar surrealistas as escolas substituindo o controle pela poesia e a verdade pela estilística da existência. Transformando a pedagogia moderna em institucional. Introduzindo a fórmula da contestação no lugar da descrição neutra e objetiva do mundo. A fórmula da contestação não é outra coisa que o processo de ajuda por meio do qual as pessoas aprendem o que elas querem e não o que o outro pretende impor. As pedagogias institucionais constituem as melhores armas para a celebração de uma pedagogia humanista¹⁷⁹.

Warat propõe um ensino-aprendizagem de Direito através das artes, seja ela a literária, o cinema, artes plásticas, o direito está ao nosso redor, no nosso cotidiano e a Literatura possibilita aprendê-lo sob uma nova perspectiva, sem esquecer a humanidade, os conflitos individuais e coletivos, as afetividades, a solidariedade.

Aprender Direito é aprender a alteridade em sua radicalidade. Espero que se multiplique em muitos a ideia de que se pode aprender Direito fora das Universidades, fora das escolas de Direito que terminam sendo o carro chefe da economia de muitas pequenas universidades privadas. As pessoas podem aprender Direito em redes comunitárias. O direito é algo que deve ser aprendido por todos e não só pelos futuros operadores de direito, pelos futuros donos do poder. O direito pode ser aprendido na sociedade através de políticas de mediação cultural, assistido por mediadores culturais do Direito¹⁸⁰.

O processo de escolarização a que os estudantes de Direito são submetidos ensinam leis, artigos, posicionamentos dos tribunais, doutrina, jurisprudência, e os aliena nessa escolarização, deixam de perceber que as partes de um processo são pessoas que tiveram algum direito violado e que a mediação de conflitos, a escuta do outro possibilita muitas vezes uma aprendizagem mais rica do que decorar artigos esparsos de leis. É preciso humanizar o Direito, mas também reconhecer que muitas vezes nos desumanizamos nesse processo e resgatar a nossa humanidade faz-se necessário para uma aprendizagem mais autêntica.

Carolina de Jesus nos mostra os conflitos sociais, a miséria humana, a desigualdade social, a luta diária pela sobrevivência dos marginalizados, dá cor a fome – amarela, critica a assistência social do governo e os maus políticos que só aparecem na favela nas épocas de

¹⁷⁹WARAT, Luís Alberto. **Epistemologia e ensino do Direito**: o sonho acabou. In: Sobre a impossibilidade de ensinar Direito: notas polêmicas para desescolarização do Direito. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2004, p. 428

¹⁸⁰WARAT, Luís Alberto. **Epistemologia e ensino do Direito**: o sonho acabou. In: Sobre a impossibilidade de ensinar Direito: notas polêmicas para desescolarização do Direito. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2004, p. 434

eleições, a obra “Quarto de Despejo” é um compêndio de violação aos direitos humanos e as consequências da desumanização vê-se de forma reiterada no diário de Carolina.

A autora nos ensina que Direito não são só leis, doutrina e jurisprudência. Torna visível através de sua Literatura, aqueles que são invisíveis ao Poder Público e que estão no “Quarto de Despejo”, de São Paulo, e que permanecem marginalizados e sem os direitos fundamentais garantidos, sem uma moradia digna, Carolina diz que não podia chamar o barraco que morava com os filhos de lar. Falta alimentação diária, água potável,

Conceição Evaristo em “Becos da Memória” através de sua escrivência narra a violência de gênero vivenciada por mulheres negras, em que o racismo, a dororidade, o machismo permeia as relações sociais entre os gêneros. No entanto, apesar das histórias das violências sofridas pelas mulheres, elas em muitos casos conseguem se reerguer e as lágrimas vertidas nos episódios de sofrimento vivenciados por elas, não as submetem a continuar nas situações de violência de gênero a que são submetidas, seja no ambiente familiar e nas relações afetivas. Em outras situações as situações de violência se agravam e culminam com a morte da mulher.

Na obra “Quarto de Despejo” de Carolina de Jesus, escrita em 1960 e que denuncia as condições desumanas em que vivem os desfavorecidos da favela Canindé em São Paulo, que tem seus direitos fundamentais violados, desde a moradia, falta água potável, energia elétrica, alimentação adequada, educação para crianças, jovens e adultos, trabalho, dentre tantos direitos que são violados constantemente pelo Estado que deveria promovê-los.

A obra é transgressora por ter sido escrita por uma mulher negra, favelada, semianalfabeta, que encontrou na literatura uma forma de contar as dificuldades, de sobreviver em uma cidade que trata os que não tem condições financeiras como rebotalhos, que não servem aos propósitos dos governantes, pessoas invisíveis a sociedade. Carolina dá visibilidade ao cotidiano dos rejeitados, considera-se uma poetisa do lixo.

Mas eu já observei os nossos políticos. Para observá-los fui na Assembleia. A sucursal do Purgatório, porque a matriz é a sede do Serviço Social, no palácio do Governo. Foi lá que eu vi ranger de dentes. Vi os pobres sair chorando. E as lágrimas dos pobres comove os poetas de salão. Mas os poetas do lixo, os idealistas das favelas, um expectador que assiste e observa as tragédias que os políticos representam em relação ao povo.¹⁸¹

¹⁸¹ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014. p. 53

Na obra é constante a crítica da autora a forma que os governantes tratam o povo das favelas, sem ouvi-los, sem dá condições de trabalho e que vivam com dignidade. “ E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo”¹⁸². Em várias passagens da obra a autora critica a atuação dos políticos, sejam eles prefeito, governador ou presidente da república, porque só fazem alguma coisa para os favelados quando estão na época das eleições, que é descrita como o “cavalo de Tróia” do povo, verdadeiro presente de grego que se enganam com as falsas promessas dos candidatos a um cargo político, mas que depois das eleições esqueciam o prometido povo, para lembrar somente nas próximas eleições.

A narração pelos grupos oprimidos do seu sofrimento e da sua sujeição permite não apenas que estes se libertem, pela exposição pública e pela partilha dessa opressão; permite também o despertar da consciência dos grupos sociais dominantes, permite desafiar o status quo e a racionalização que do mesmo se foi fazendo ao longo do tempo¹⁸³.

Assim, é que Carolina de Jesus revela ao mundo a favela vista por dentro, por uma pessoa pobre, que tem seus direitos fundamentais violados constantemente, mostra uma realidade crua que é mascarada pela elite política brasileira e que por isso é durante criticada nos seus diários, ela tem consciência que os políticos brasileiros só querem angariar os votos dos favelados, mas efetivamente não fazem nada para melhorar as condições de vida dos eleitores, e o ciclo se repete a cada quatro anos, com novas promessas e decepções entre políticos corruptos e eleitores.

¹⁸²JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014. p. 37

¹⁸³SILVA, Joana Aguiar e. **Para uma teoria hermenêutica da Justiça**: repercussões jusliterárias no eixo problemático das fontes e das interpretações jurídicas. Coimbra: Editora Almedina, 2011.p.86

3. CAROLINA DE JESUS: DO QUARTO DE DESPEJO A SALA DE VISITA

3.1 Carolina: assim nasce uma escritora

Carolina Maria de Jesus é uma mulher transgressora desde o seu nascimento, nasceu sob a insígnia da letra escarlate¹⁸⁴ em Sacramento, Minas Gerais, em 14 de março de 1914. Maria Catarina de Jesus, sua mãe era mais conhecida como Cota casou-se com Osório Pereira e com ele teve um filho, Jerônimo Pereira, mas Osório não gostava de trabalhar e não possuía meios de sustentá-los. Cota passou a trabalhar fora de casa para sustentar a família, em meio ao falatório do povo, que dizia que mulher casada só deveria trabalhar nos afazeres domésticos.

Cota trabalhava durante o dia e à noite saía com seus amigos para festas e foi num baile que conheceu o pai de Carolina, um preto muito bonito, que tocava violão e era boêmio. Quando Cota engravidou do segundo filho as más línguas de Sacramento diziam que era do poeta boêmio. “A minha semelhança com o poeta serviu de pretexto para o esposo de minha mãe abandoná-la”¹⁸⁵.

Depois do nascimento de Carolina, Cota foi abandonada pelo marido com dois filhos pequenos para criar e com muita dificuldade os sustentou. Mãe e filha eram mal vistas pelas pessoas de Sacramento. Cota porque cometeu adultério e a filha era a comprovação do seu ato ilícito, pecaminoso, aos olhos moralistas da sociedade de Sacramento. Carolina não tinha culpa de ser o fruto de uma relação ilegítima, mas sofria com o desprezo com que era tratada inclusive por pessoas da família.

Ainda criança um médico espírita faz uma premonição a respeito do futuro de Carolina, que ela seria uma poetisa e amaria tudo que era belo.

Minha mãe queixou-se que eu chorava dia e noite. Ele disse-lhe que o meu crânio não tinha espaço suficiente para alojar os miolos que ficavam comprimidos, e eu sentia dor de cabeça. Explico-lhe que, até os vinte anos, eu ia viver como se estivesse sonhando, que a minha vida ia ser atabalhoada. Ela vai adorar tudo que é belo! A tua filha é poetisa; pobre Sacramento, do teu seio sai uma poetisa. E sorriu¹⁸⁶.

Carolina queria muito saber quem era seu pai, mas tinha medo de perguntar a mãe. Até que:

¹⁸⁴ Referência a obra literária A Letra Escarlate de Nathaniel Hawthorne publicada em 1850 em que a personagem principal, Hester Prynne tem como punição utilizar a Letra A em suas roupas para mostrar a toda sociedade de Boston que é adúltera. Pearl é o fruto da relação extraconjugal de Hester e do pastor Arthur Dimmesdale e carrega a marca da letra escarlate não no peito, mas de maneira simbólica. Mãe e filha são mulheres desprezadas pela sociedade, uma porque cometeu adultério, a outra por ser o resultado dessa relação ilegítima.

¹⁸⁵ JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. São Paulo: Sesi-SP editora, 2014, p. 72

¹⁸⁶ JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. São Paulo: Sesi-SP editora, 2014, p. 71

Um dia, ouvi da minha mãe que o meu pai era de Araxá e o seu nome era João Cândido Veloso. [...] Que o meu pai tocava violão e não gostava de trabalhar. Que ele tinha só um terno de roupas. Quando ela lavava a sua roupa, ele ficava deitado nu. Esperava a roupa enxugar para vesti-la e sair¹⁸⁷

Foi assim que Carolina ficou sabendo quem era seu pai, mas nunca chegou a conhecê-lo. Ficou com a mãe perambulando por Minas Gerais, Ubatuba, Franca e Ribeirão Preto, trabalhando na casa de um, de outra pessoa, até a morte de Cota em 1937. Carolina chegou em São Paulo pela estação da luz em 1947.

Quando chega em São Paulo passa novamente por muitas dificuldades, fome, frio, trabalha na casa de algumas pessoas como empregada doméstica, mas é demitida. Um ano depois de sua chegada em São Paulo engravida de João José (1948), filho de um português que a abandona logo depois, desse modo vai parar às margens do rio Tietê, na favela Canindé, que ela apresenta a todos os seus leitores em “Quarto de Despejo”.

Em 1950 engravida novamente, agora de um espanhol que também não assume a paternidade de José Carlos e em 1953 nasce Vera Eunice, fruto de um relacionamento com um brasileiro, branco e rico, que apenas é citado em “Quarto de Despejo” e que esporadicamente dá algum dinheiro para a criação da filha, mas não assume efetivamente a paternidade.

Mãe de três filhos, permanece solteira, apesar de ficar claro as investidas de vários homens que a procuravam para relacionamentos casuais ou duradouro. Como seu Manoel que a procurava várias vezes e quer se casar com ela. “Nossos olhares se encontraram e eu lhe disse:- Vê se não volta mais aqui. Eu já estou velha. Não quero homem. Quero só os meus filhos”¹⁸⁸.

Carolina não cede às investidas de Seu Manoel porque acredita que homem nenhum gosta de mulher que lê e escreve como no trecho abaixo:

O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal¹⁸⁹.

A escritora tem consciência que incomoda os vizinhos e o leitor, que ser vista lendo, escrevendo sobre as dificuldades que os favelados vivem e que são narrados com uma crueza de detalhes faz as pessoas refletirem sobre o papel que desempenham nessa desigualdade social e o que pode ser feito para melhorar.

¹⁸⁷JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. São Paulo: Sesi-SP editora, 2014, p. 14.

¹⁸⁸ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. São Paulo: Ática, 2020, p. 95

¹⁸⁹ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. São Paulo: Ática, 2020, p. 52

Segundo ela os homens não gostam de mulheres que leem e escrevem e não é uma opção desistir de seu ideal, que é justamente ser escritora, mais precisamente poetisa. Ela perseguiu esse ideal durante toda sua vida, publicou “Quarto de despejo” e outras obras literárias, apesar de as demais não terem o mesmo destaque a obra de estreia, assim como os leitores não tiveram uma boa recepção em relação a “Casa de Alvenaria” e os demais escritos. Podemos perceber que a literatura toma conta de seus pensamentos, até quando quer dispensar um homem e fala de seu livro.

..Seu Gino veio dizer-me para eu ir no quarto dele. Que eu estou lhe desprezando. Disse-lhe: Não!

É que estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela. Não tenho tempo para ir na casa de ninguém. Seu Gino insistia. Ele disse:

- Bate que eu abro a porta.

Mas meu coração não pede para eu ir no quarto dele¹⁹⁰.

Ela rejeita o convite de Gino porque sente que não deve ir ao quarto dele, sua preocupação são os filhos e o livro que está escrevendo. Os moradores da favela sabem do livro, porque Carolina sempre ameaça colocá-los nele, relatando tudo que acontece de errado na favela, nomeando os malfeitores, de coisas simples até graves. É uma mulher criticada pelos vizinhos por isso:

Tem pessoas aqui na favela que diz que eu quero ser muita coisa porque não bem pinga. Eu sou sozinha. Tenho três filhos. Se eu viciar no álcool os meus filhos não irá respeitar-me. Escrevendo isto estou cometendo uma tolice. Eu não tenho que dar satisfações a ninguém. Para concluir, eu não bebo porque não gosto, e acabou-se. Eu prefiro empregar o meu dinheiro em livros do que no álcool. Se você achar que eu estou agindo acertadamente, peço-te para dizer:

- Muito bem, Carolina!¹⁹¹

Carolina sabe que é diferente dos demais moradores da favela, não se nota nos vizinhos a necessidade de frequentar a escola, ler, escrever, mudar de vida, sair da situação de vulnerabilidade em que se encontram. A autora vê na Literatura uma possibilidade real de mudança de vida, de sair da miséria em que vive com os filhos e ir para uma moradia digna, com uma alimentação diária e adequada, por isso, muitas vezes é chamada de agressiva, intolerante. Tem sonhos simples como: “O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a

¹⁹⁰ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. São Paulo: Ática, 2020, p. 32-33

¹⁹¹ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. São Paulo: Ática, 2020, p. 71

profissão que exerço. Já habituei-me andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir em favela”¹⁹².

Com o sucesso de vendas de “Quarto de Despejo” e o recebimento dos direitos autorais, Carolina vai poder realizar seu sonho de comprar uma casa de alvenaria, no bairro Santana e depois um sítio em Parelheiros. Apesar da concretização desse sonho, as coisas não saem como ela esperava. O preconceito e a discriminação a acompanham na casa de alvenaria e no sítio, os vizinhos não a aceitam, seus filhos continuam sofrendo agressões verbais e físicas dos vizinhos e das empregadas domésticas que passam pela casa dela.

E ainda se discute se ela é uma fraude idealizada pelo jornalista Audálio Dantas ou se é realmente uma escritora digna de ser imortalizada por sua obra? Seus textos são ou não literatura? São questionamentos que parecem não fazer mais sentido em 2022, sessenta e dois anos após a publicação e o sucesso de “Quarto de Despejo”, mas sempre aparece leitores, críticos literários, jornalistas que questionam Carolina Maria de Jesus.

3.2 E eu não sou uma escritora?¹⁹³

Eu disse: o meu sonho é escrever!
Responde o branco: ela é louca.
O que as negras devem fazer...
É ir para o tanque lavar roupa¹⁹⁴.

A pergunta faz-se necessário por que assim como Sojourner Truth teve que gritar que era uma mulher, Carolina teve que gritar e estabelecer que é escritora, porque muitos são os que duvidam (daram) de sua capacidade criativa, que ela fosse capaz de criar metáforas, que seu texto tivesse literariedade¹⁹⁵ e ela pudesse configurar no meio de grandes autores da literatura brasileira.

Carolina considera-se uma poetisa e em seus escritos, muitos ainda não divulgados para os leitores estão muitos poemas desconhecidos, alguns foram publicados na obra “Antologia

¹⁹² JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. São Paulo: Ática, 2020, p. 27-28.

¹⁹³O título faz referência ao discurso feito por Sojourner Truth, única mulher negra, que em uma convenção de mulheres em Akron, Ohio em 1851 diz: Não sou eu uma mulher? Como resposta aos homens que diziam que a fragilidade feminina era incompatível com o sufrágio feminino. Ela com uma voz que soa como um trovão pergunta se ela não é uma mulher? Ela que ara a terra, planta, enche celeiros, que pode trabalhar e comer tanto quanto um homem. Ela que aguentou o chicote de seus algozes. Que pariu 13 filhos e viu a maioria dos filhos serem vendidos como escravos. Ela que tem a força de um homem e mostra seu braço para comprovar. Ela também não é uma mulher?

¹⁹⁴JESUS, Carolina Maria de. **Antologia Pessoal**. Rio de Janeiro. Ed. UFRJ, 1996. p.201.

¹⁹⁵Termo que faz de uma dada obra uma obra literária segundo Roman Jakobson

Pessoal”¹⁹⁶, outros foram declamados por ela em feiras de livros, saraus, conversas informais, publicados em jornais, no entanto, é a prosa de “Quarto de Despejo”, que conquista seu público leitor, é a narrativa autêntica, fiel de uma narradora que vivencia morar à margem da sociedade e que muitos querem que ela permaneça no quarto de despejo da Literatura, esquecida, silenciada, cabe a estudantes, professores e pesquisadores manter viva a obra da escritora.

A epígrafe mostra que a escritora tinha um sonho: escrever, mas o homem branco quer colocá-la num lugar de subalternidade, de invisibilidade literária ao dizer que a uma mulher negra o lugar que lhe cabe é o tanque, é lavar as roupas, limpar as sujeiras da “casa grande”. Não é permitido a uma mulher negra escrever, mesmo que seja suas experiências, memórias, críticas ao governo e políticos, ao custo de vida que não permite que o favelado tenha o que comer todos os dias, a falta de direitos fundamentais básicos.

Ao escrever e publicar seu diário, Carolina consagra-se escritora para os favelados, para o jornalista Audálio Dantas, outros integrantes da sociedade paulista que a leem, críticos literários e leitores, mas tem alguns que além de não considerar o que ela escreveu como Literatura, não a consideram escritora, como vemos no trecho abaixo:

22 de maio de 1960

Nas ruas o povo dizia:

- Olha a escritora que estava na televisão.

- Ela ganhou uma caneta de ouro.

- De ouro! – exclamavam os que ouvia – que sorte!

- Por que é que ela ganhou a caneta?

- Ela é a escritora da favela.

Ouvi uma gargalhada irônica:

- Favela não dá escritor. Dá ladrão, tarado e vadio. Homem que mora na favela é porque não presta¹⁹⁷.

Fica nítido o preconceito do interlocutor de Carolina ao dizer que na favela não pode nascer uma escritora, a favela é lugar de tudo que não presta, do que não serve para sociedade, por isso, ela nomeia como quarto de despejo, tudo que não serve para estar na sala de visita de São Paulo, é jogado à margem da sociedade, mas naquele ambiente inóspito também é possível surgir algo bom, como é o caso de Carolina Maria de Jesus, que transformou sua vida difícil de mulher negra, mãe solteira, catadora de lixo em matéria literária.

¹⁹⁶ Obra póstuma publicada em 1996, pela editora da UFRJ, sob a organização de José Carlos Sebe Bom Meihy, que é um dos autores de Cinderela Negra. A Antologia Pessoal possui três textos críticos a respeito da poesia de Carolina sendo O Inventário de uma certa poetisa do organizador da obra, Poesia no Quarto de despejo, ou um ramo de rosas para Carolina de Marisa Lajolo e A vida por escrito de Armando Freitas Filho. Os textos dão uma ideia geral do que o leitor irá encontrar nos poemas de Carolina.

¹⁹⁷ JESUS, Carolina Maria de. **Casa de alvenaria**: diário de uma ex-favelada, Livraria Francisco Alves, 1961, p. 25. Este trecho foi retirado dessa edição de 1961, porque na edição publicada em 2021 não tem esse trecho.

Carolina de Jesus dá voz aos marginalizados, fala em nome dos favelados não só de Canindé, mas dos que se reconhecem na sua escrita a dor de viver no quarto de despejo da cidade, a poetisa da favela como gostaria de ser reconhecida, quebra as regras da tradição literária ao produzir literatura, não nos moldes conhecidos, mas que nasce da escrivência dos despossuídos dos direitos fundamentais, dentre eles, o de frequentar regularmente uma escola e ter acesso a uma educação formal, que contribuísse para um maior domínio da norma culta, afinal, muitos a criticam como escritora por ela possuir um domínio precário da língua portuguesa.

Na Literatura, a autora também está à margem do que muitos consideram Literatura, é marginalizada, colocada numa vitrine, na sala de visita de São Paulo em 1960, quando publicou “Quarto Despejo”, para no ano seguinte ser esquecida e seu livro “Casa de Alvenaria” (1961) não ter sido sucesso de venda como foi o primeiro.

Quando escrevi o meu Diário não foi visando publicidade. É que eu chegava em casa não tinha sabão. Não tinha o que comêr. Ficava revoltada interiormente e escrevia. Tinha a impressão de estar contando as minhas máguas a alguém. E assim surgiu o Quarto de Despejo. Classifiquei a favela de quarto de despejo porque, em 1948, quando o Dr. Francisco Prestes Maia começou a urbanizar a cidade de São Paulo, os pobres que habitavam os porões foram atirados ao relento impiedosamente¹⁹⁸.

Excluir uma autora da expressão de Carolina de Jesus é perder a diversidade da expressão literária, por esta não se adequar aos moldes estabelecidos pela crítica literária, autores e leitores.

Assim, mulheres e homens, trabalhadores e patrões, velhos e moços, negros e brancos, portadores ou não de deficiência, moradores do campo e da cidade, homossexuais e heterossexuais vão ver e expressar o mundo de diferentes maneiras. Mesmo que outros possam ser sensíveis e solidários a seus problemas, nunca viverão as mesmas experiências de vida, e portanto, enxergarão o mundo social a partir de uma perspectiva diferente¹⁹⁹.

A autora escreve sob a perspectiva de uma mulher negra, chefe de família, com três filhos pequenos, dependentes dela, apenas o pai de Vera Eunice contribui de maneira esporádica com algum dinheiro para a criação da filha. Catadora de lixo, que vive da sobra dos que vivem na casa de alvenaria fornecem, da caridade da igreja ou de empresários que vez ou outra aparecem na favela para distribuir cestas básicas, agasalhos, ossos.

Carolina retrata de maneira crua o ambiente inóspito da favela, o quintal de São Paulo, lugar que colocam tudo o que é inservível e ela não fala apenas dos objetos, mas de pessoas,

¹⁹⁸ JESUS, Carolina Maria de. **Casa de Alvenaria**. Volume 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p.341.

¹⁹⁹ DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte 2012, p. 20

aquelas que não úteis para sociedade, que não podem aparecer, são mendigos, prostitutas, desempregados, alcoólatras, dependentes químicos, imigrantes sem ter para onde ir, são os despojados dos direitos fundamentais, que são invisíveis a maioria da população, mas que é dado voz e visibilidade na obra *Quarto de Despejo*.

A perspectiva feminina de Carolina Maria de Jesus abre espaço para abrigar uma pluralidade de existências: da mãe solteira que precisa sustentar os filhos em meio à miséria ao cigano bonito, com asas nos pés, que atravessa sua história. Mas há ainda a menina pobre que usa seu charme para conquistar as pessoas, o garotinho acusado de tentar violentar um bebê, o advogado pulha, os políticos corruptos que só são gentis durante as eleições, o homem triste abandonado pela esposa, os “nortistas” festeiros e tocadores de viola²⁰⁰.

Para democratizar a Literatura e torná-la um espaço com multiplicidade de perspectivas faz-se necessário reconhecer a obra de Carolina de Jesus como literatura e colocá-la ao lado de nomes consagrados como: Clarice Lispector, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, dentre outros. Relegar seus textos a apenas uma obra testemunhal e de memória, que descreve o que é morar numa favela a partir de sua experiência é desmerecer o conteúdo social e poético da escritora. “O fato de ela ser negra, pobre, catadora de lixo não pode ser usado para transformá-la numa personagem exótica, apagando sua autoridade enquanto autora”²⁰¹.

A recepção de “*Quarto de Despejo*”, a autora nos é apresentada como um ser exótico, estranha ao mundo dos livros e da Letras, talvez por isso muitas vezes ela se mostre decepcionada e procurando seu espaço na Literatura “Eu ainda não me habituei com esse povo da sala de visita. Uma sala que estou procurando um lugar para sentar”²⁰².

É como se a sociedade brasileira estivesse disposta a ouvir as agruras de sua vida, e só. Ou como se alguém como Carolina Maria de Jesus não coubesse mais do que escrever um diário, reservando-se o “fazer literatura” àqueles que possuem legitimidade social para tanto²⁰³.

Em “*Casa de Alvenaria*” a autora narra sua trajetória depois do sucesso de “*Quarto de Despejo*”, as viagens nacionais e internacionais para divulgar o livro em noites de autógrafo, as dificuldades de criar os filhos sozinhas, trabalhar e continuar fazendo os afazeres em casa, porque as empregadas domésticas que arranjavam demoravam pouco tempo, chegando a

²⁰⁰DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte 2012, p. 41

²⁰¹DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte 2012, p. 39

²⁰²JESUS, Carolina Maria de. **Casa de Alvenaria**. Volume I. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p.94.

²⁰³DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte 2012, p. 39

maltratar seus filhos, o que era inadequado segundo ela. No entanto, essa narrativa não parece interessar aos leitores, tanto quanto as mazelas narradas no primeiro livro.

A autora sabe-se em desvantagem em relação a outros autores que são legitimados pelo cânone literário, pois tem que se legitimar primeiro como escritora para depois ter sua obra aceita pelos leitores. Muitos tentam desqualificá-la dizendo que o que produz não é literatura como podemos ver no trecho abaixo:

R. A Dona Idalina Passarelli maltratava o meu filho moralmente. Dizendo-lhe que ele não aprende divisão, percibi que ela é negligente. Quando os jornaes começou a relatar que eu sou escritora. A Dona Nene começou a dizer ao meu filho na classe, que eu sou domestica e não escritora, e as outras crianças criticava-me para meu filho que eu sou domestica e não ia escrever coisa alguma. Ele ficou ressentido com as criticas das outras crianças e pediu-me para sair da escola²⁰⁴.

É uma “poetisa do lixo” que consegue adentrar os salões literários, que se torna sucesso de vendas, que tem seu livro traduzido para várias línguas e comercializadas em vários países e ainda assim contestasse se ela é ou não escritora, se sua obra é ou não Literatura?

Carolina reclama que na favela ela não consegue um ambiente sossegado para escrever, é constantemente interrompida pelos filhos que querem comida, pelas brigas e idílios amorosos dos vizinhos, pelo calor ou frio que faz no barraco, pela falta de recursos adequados para escrever, ainda assim ela escreve, todos os dias, nos momentos que pode, independente das dificuldades.

“A verdade que você gritou é muito forte, mais forte do que você imagina, Carolina”²⁰⁵, mas ainda assim, a autora é silenciada, se deparar com a favela descrita sob o olhar dela é enxergar o que a sociedade não quer ver, os que estão à margem, os despossuídos de direito, é preferível mostrar a sala de visitas de São Paulo, as obras de infraestrutura realizadas, as promessas de campanha cumpridas, as oportunidades de trabalho. Carolina mostra o que está oculto, dá cor a fome e ainda tem os que não consideram que seus textos sejam literatura por não possuir literariedade.

Embora vários autores considerem que o texto é uma literatura autêntica, produzida por alguém que vivencia o que é descrito, há aqueles “O que não impediu que alguns torcessem o nariz para o livro e até lançassem dúvidas sobre a autenticidade do texto de Carolina. Aquilo, diziam, só podia ser obra de um espertalhão, um golpe publicitário”²⁰⁶.

²⁰⁴JESUS, Carolina Maria de. **Casa de Alvenaria**. Volume I. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p.46

²⁰⁵DANTAS, Audálio (1961). **Casa de alvenaria**, história de uma ascensão social. In: JESUS, Carolina Maria de. Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada. São Paulo: Livraria Francisco Alves. p. 5-10.

²⁰⁶DANTAS, Audálio. A atualidade do mundo de Carolina. In: JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014, p.202.

Audálio Dantas é acusado de ser o autor da obra, Wilson Martins diz que ele mexeu tanto no texto da autora que o descaracterizou, em entrevistas e no prefácio da obra o jornalista se defende dizendo o que fez:

No tratamento que dei ao original, muitas vezes, por excessiva presença, a Amarela saiu de cena, mas não de modo a diminuir a sua importância na tragédia favelada. Mexi, também, na pontuação, assim como em algumas palavras cuja grafia poderia levar à incompreensão da leitura. E foi só, até a última linha²⁰⁷.

O crítico literário Wilson Martins em artigo publicado sob o título “Mistificação Literária” diz que “Quarto de Despejo” não foi escrito por Carolina, mas por Audálio e cita trechos da obra ironizando que uma autora com pouca instrução pudesse utilizar determinadas palavras.

Mas é, estilisticamente, uma preciosa. De manhã, não se levanta, mas “deixa o leito”, ao abrir a janela, nota que o sol está “galgando”, enquanto os pardais se entregam à sua “sinfonia matinal”; o povo da favela é a “turba” e lavar o rosto é “abluir-se”; os vizinhos usam “palavras de baixo calão”; uma mulher grávida está “gestante”; a sua própria existência é uma vida “infausta”, e assim por diante²⁰⁸.

Wilson Martins continua contestando Audálio Dantas dizendo que seu trabalho de editor vai “muito além da excessiva presença que admite na preparação do texto” e deixa claro que o jornalista teve influência direta na narrativa do diário, que conduziu a narrativa da autora.

3.3 Carolina de Jesus: catadora de palavras

“É da mulher comum que a incomum depende”²⁰⁹. Esta frase de Virginia Woolf define bem a escritora Carolina Maria de Jesus, apresentada comumente como mulher negra, pobre, moradora da favela Canindé, semianalfabeta, catadora de lixo, escritora vira-latas²¹⁰, ela é muito

²⁰⁷DANTAS, Audálio. A atualidade do mundo de Carolina. In: JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014, p.202.

²⁰⁸BARCELLOS, Sérgio da Silva (org). **Vida por escrito: guia do acervo de Carolina Maria de Jesus**. Sacramento: Bertolucci Editora, 2015. P.17

²⁰⁹WOOLF, Virginia. **Mulheres e ficção**. Tradução de Leonardo Fróes. São Paulo: Penguins Classics Companhia das Letras, 2019, p.10.

²¹⁰Escritora vira lata aparece no seguinte trecho: Eu disse para a Dona Maria que ia para a televisão. Que estava tão nervosa e apreensiva. As pessoas que estavam no bonde olhavam-me e me perguntavam-me: é a senhora quem escreve? Sou eu. – Eu ouvi falar. Ela é a escritora vira lata disse a dona Maria mãe da Ditão. Conteí-lhes que um dia uma jovem bem vestida vinha na minha frente, um senhor disse: - Olha a escritora! O outro agêitou a gravata e olhou a loira. Assim que eu passei fui apresentada. – Ele olhou-me e disse-me. – É isto? E olhou-me com cara de nojo. Sai achando graça. Os passageiros sorriram. E repetiam. Escritora vira lata (citado por Pérpetua, 2000, p.332)

mais que isso, é precursora e influencia até hoje a escrevivência de muitas autoras negras, dentre elas: Conceição Evaristo, Françoise Ega²¹¹ e outras que permanecem no anonimato, mas que se identificam com as mazelas descritas no Diário de uma favelada. Em entrevistas e depoimentos Conceição Evaristo relata que sua mãe se inspira em Carolina de Jesus para também escrever seu diário como é relatado no trecho abaixo:

Nas páginas de outra favelada nós nos encontrávamos. Conhecíamos, como Carolina, a aflição da fome. E daí ela percebeu que podia escrever como a outra, porque ela era também a Outra...São lindos os originais de minha mãe, caderninhos velhos, folhas faltando, exteriorizando a pobreza em que vivíamos. Ali, para além de suas carências, ela se valeu da magia da escrita e tentou, como Carolina, manipular as armas próprias do sujeito alfabetizado²¹².

Assim como sua mãe, Conceição Evaristo também tem sua escrevivência inspirada na escrita de Carolina de Jesus, isso fica claro nas entrevistas que dá falando da autora, na influência que recebe da mãe, pela leitura e nas situações de vida descritas em Quarto de despejo. Em depoimento no I Colóquio de autoras mineiras, Conceição diz que:

Conseguir algum dinheiro com os restos dos ricos, lixos depositados nos latões sobre os muros ou nas calçadas, foi um modo de sobrevivência também experimentado por nós. E no final da década de 60, quando o diário de Maria Carolina de Jesus, lançado em 58, rapidamente ressurgiu, causando comoção aos leitores das classes abastadas brasileiras, nós nos sentíamos como personagens dos relatos da autora. Como Carolina Maria de Jesus, nas ruas da cidade de São Paulo, nós conhecíamos nas de Belo Horizonte, não só o cheiro e o sabor do lixo, mas ainda, o prazer do rendimento que as sobras dos ricos podiam nos ofertar. Carentes de coisas básicas para o dia a dia, os excedentes de uns, quase sempre construídos sobre a miséria de outros, voltavam humilhantemente para as nossas mãos. Restos.

Minha mãe leu e se identificou tanto com o *Quarto de Despejo*, de Carolina, que igualmente escreveu um diário, anos mais tarde. Guardo comigo esses escritos e tenho como provar em alguma pesquisa futura que a favelada do Canindé criou uma tradição literária. Outra favelada de Belo Horizonte seguiu o caminho de uma escrita inaugurada por Carolina e escreveu também sob a forma de diário, a miséria do cotidiano enfrentada por ela²¹³.

Esse depoimento mostra que a realidade das favelas de Minas Gerais e São Paulo são bem próximas, a fome, o lixo, a miséria cotidiana e a sobrevivência narrada em “Quarto de Despejo” serviu de inspiração para “Becos da Memória”, de Conceição Evaristo. Muda-se de estado, mas as situações de miserabilidade, ausência do poder público, falta de moradia digna, direitos fundamentais ausentes ou violados são uma constante e permanecem até hoje.

²¹¹Escritora franco-martinicana que publicou *Cartas a uma negra* como se tivesse dialogando com a escritora mineira Carolina de Jesus e sua obra *Quarto de despejo*.

²¹²Depoimento. In: DUARTE, E de A; FONSECA, M. N. S. (orgs) **Literatura e afrodescendência no Brasil**. Vol. 4. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 105

²¹³EVARISTO, Conceição. **Depoimento no I Colóquio de escritoras mineiras**. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em 28/02/2022.

Assim como Conceição Evaristo, a escritora franco-martinicana Françoise Ega leu na revista francesa *Paris Match* um artigo sobre Carolina de Jesus e a obra “Quarto de Despejo” e imediatamente associa as dificuldades de sua vida a da escritora brasileira. “Cartas a uma negra” são os relatos de sua vida como se estivesse escrevendo para Carolina, como se reconhecesse na outra todas as dificuldades que vivencia.

Pois é, Carolina, as misérias dos pobres do mundo inteiro se parecem como irmãs. Todos leem você por curiosidade, já eu jamais a lerei; tudo que você escreveu, eu conheço, e tanto é assim que as outras pessoas, por mais indiferentes que sejam, ficam impressionadas com as suas palavras. Faz uma semana que comecei estas linhas, meus filhos se agitam tanto que não tenho muito tempo para deixar no papel o turbilhão de pensamentos que passa pela minha cabeça²¹⁴.

Françoise Ega descobre afinidades com Carolina como a luta pela sobrevivência diária dela e dos filhos, embora tenha consciência que as cartas que escreve para Carolina nunca chegarão a suas mãos, nunca será lida por ela e que também não lerá “Quarto de Despejo” por falta de tempo, pela correria diária tão conhecida das duas, ainda assim, sente necessidade de escrever, apesar de todas as dificuldades e sente que a outra a compreenderia em todas as suas mazelas. Carolina é inspiração “Se você não tivesse se tornado minha inspiração, eu já teria atirado tudo para o alto dizendo: ‘De que adianta escrever?’ Fecho uma janela em meus pensamentos, outra se abre, e a vejo curvada, na favela, escrevendo no papel que tinha catado no lixo”²¹⁵.

Outra iniciativa que teve como inspiração Carolina Maria de Jesus é a obra “Carolinas”, que surgiu a partir da formação de escrita organizado pela Festa Literária das Periferias – FLUP em 2020 para homenagear os 60 anos do lançamento do livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada”. O livro possui 560 páginas de textos como: contos, crônicas, relatos autobiográficos e diários de autoras negras. São quase 200 textos divididos em 08 partes, são escritos de toda uma geração de novas escritoras, que reconhecem o potencial criativo e a importância de Carolina de Jesus para a Literatura Brasileira.

O livro Carolinas é composto por textos curtos e heterogêneos, densos e suaves, provocativos e reflexivos, encantados e críticos. Textos que passeiam por estilos diferentes e caminhos próprios, revelando pontos de partidas de autoras estreadas e pontos de chegada de autoras maduras.

Em comum, as autoras dessa obra de muitas mãos quando guardam o lugar autoral, pois todos os textos aqui dispostos aqui são escritos por mulheres negras brasileiras.

²¹⁴EGA, FRANCOISE. **Cartas a uma negra**: narrativa antilhana. Tradução Vinicius Carneiro e Mathilde Moaty. São Paulo: Todavia, 2021, p.05

²¹⁵EGA, FRANCOISE. **Cartas a uma negra**: narrativa antilhana. Tradução Vinicius Carneiro e Mathilde Moaty. São Paulo: Todavia, 2021, p.08

E também, o fato de terem sido atravessadas por Carolina Maria de Jesus de alguma forma pela vida afora e pela palavra adentro²¹⁶.

É nítida a influência da autora em toda uma nova geração de escritoras negras, que independente do gênero literário que escolham, se identificam na raça, nas dores, nas histórias de vida, na ancestralidade que faz parte delas e estão explícitas em suas escrevivências.

Carolina incomodava por ser leitora e escrever constantemente, na sua biografia consta um episódio em que foi presa por ler supostamente um livro tido como proibido, o de São Cipriano.

Certo dia, uns rapazes que passavam, conhecidos dela, a viram lendo e foram até ela saber que livro segurava nas mãos. Um deles pediu para olhar o livro. Tendo-o à mão, visto pelo peso não pelo conteúdo, sentenciou:

- Ah, é mesmo o livro de São Cipriano!²¹⁷

Logo a história se espalhou por toda a cidade de Sacramento em Minas Gerais. Já era ultrajante para as pessoas verem uma negra lendo, quando o acesso a educação era dado a poucos, os negros na sua maioria eram analfabetos. Como ela ousava saber ler e fazer isso à vista de todos e ainda por cima o livro de São Cipriano, considerado por muitos como um livro de feitiços, que seriam conjurados para fazer mal a inimigos e aos brancos.

O livro não foi aberto por seus algozes, não interessava o conteúdo em si, a sentença já havia sido decretada, não importava se era um livro de feitiços ou não, ela tinha a petulância de ler e fazia isso cotidianamente e isso incomodava, do mesmo jeito que a literatura produzida por ela incomoda até hoje seus leitores e críticos.

Carolina não passa despercebida no cenário literário brasileiro. Foi esquecida durante décadas, para ressurgir nos debates de gênero, raça e classe, embora não se considere uma feminista, a própria história de vida da autora a torna uma figura representativa das lutas feministas, que até hoje as mulheres travam, em serem reconhecidas como sujeitos de direitos, de terem uma autoria definida na literatura que produzem e de não serem comparadas aos autores masculinos, porque cada autor é único em sua história e na forma que escreve suas narrativas.

Para enaltecer uma autora como Virginia Woolf ou Clarice Lispector, não se precisa destruir a reputação e os escritos de Carolina de Jesus, cada autora tem estilo próprio, as duas

²¹⁶LUDEMIR, Júlio (org). **Carolinas**: a nova geração de escritoras negras brasileiras. Rio de Janeiro: Bazar do tempo: Flup, 2021, p.22-23 (ebook)

²¹⁷FARIAS, Tom. **Carolina**: uma biografia. Rio de Janeiro: Malê 2017, p.93-94

primeiras consagradas pelo cânone literário, enquanto a outra ressurgiu atualmente no cenário literário brasileiro.

Virginia Woolf completa que:

Apenas quando soubermos quais eram as condições de vida da mulher comum – o número de filhos que teve, se o dinheiro de que dispunha era seu, se tinha um quarto para ela, se contava com ajuda para criar a família, se tinha empregadas, se parte do trabalho doméstico era tarefa dela -, apenas quando pudermos avaliar o modo de vida e a experiência de vida tornados possíveis para a mulher comum é que poderemos explicar o sucesso ou o fracasso da mulher incomum como escritora²¹⁸.

Carolina de Jesus é uma mulher comum, que se torna uma escritora incomum e que até hoje causa impacto nos leitores e isso se observa pelo número de artigos, dissertações, teses, e trabalhos publicados a respeito de “Quarto de Despejo” e o interesse da editora Companhia das Letras em publicar os demais escritos, alguns ainda inéditos dela. Embora tenha ficado relegada ao esquecimento durante alguns anos, nota-se um interesse crescente na obra de Carolina de Jesus e o reconhecimento, ainda que tardio e póstumo, quando no dia 25 de fevereiro de 2021, a Universidade Federal do Rio de Janeiro concedeu a escritora o título de Doutora Honoris Causa²¹⁹.

O impacto que seu diário vai causar na vida das pessoas da favela já é pensado pela escritora quando diz que “Eu percebo que se este Diário for publicado vai magoar muita gente. Tem pessoa que quando me vê passar saem da janela ou fecham as portas. Estes gestos não me ofendem. Eu até gosto porque não preciso parar para conversar”²²⁰.

Ainda assim, Carolina continua escrevendo o que vê, nomeando as pessoas e suas desditas, seja a violência doméstica comum vivenciada por homens, mulheres e crianças, a prostituição de jovens, os adultérios, os males provocados pela bebida, as brigas diárias e que constantemente ela intervém indo chamar a polícia, o ambiente hostil em que segundo o tenente não é adequado para crianças viverem.

A escrita tem o poder de desvelar a favela sob o olhar perscrutador da vivência de si, que se transforma na vivência do nós. Muitos moradores não se sentem à vontade em ter seus

²¹⁸WOOLF, Virginia. **Mulheres e ficção**. Tradução de Leonardo Fróes. São Paulo: Penguins Classics Companhia das Letras, 2019, p.10.

²¹⁹COUTINHO, Sidney. Consuni aprova título de Doutora Honoris Causa a Carolina Maria de Jesus. Disponível em : <http://www.cfch.ufrj.br/index.php/27-noticias/1415-consuni-aprova-titulo-de-doutora-honoris-causa-a-carolina-maria-de-jesus>. Acesso em : 10/01/2022.

²²⁰JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. São Paulo: Ática, 2020, p. 75

nomes revelados na obra e ameaçam a autora. “ – Se você me por no jornal eu te quebro toda, vagabunda! Esta negra precisa sair daqui da favela”²²¹.

A autora deixa de catar apenas lixo para sobreviver e começa a catar palavras e através delas narra a situação de vulnerabilidade social a que estavam submetidos os que estavam no quarto de despejo e não tinham acesso a sala de visita da grande São Paulo. “Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá...isso é mentira! Mas as misérias são reais”²²². Muitos duvidaram que Carolina de Jesus realmente tivesse escrito a obra, atribuindo-a inclusive ao jornalista Audálio Dantas. Este chega a dizer que mexeu na pontuação em alguns trechos e retirou algumas repetições, porque o dia a dia na favela era exaustivo e cansaria o leitor, sendo assim:

Conclui pois que ele exerceu duas formas de “controle” sobre os escritos de Carolina: primeiro, melhorou sua prosa evitando repetições – e reafirmou isso dizendo diversas vezes que o trabalho era completamente dela e que ele nunca seria capaz de escrever no seu estilo ingênuo; segundo, como é mais aparente no livro *Casa de Alvenaria*, ele editou passagens, deixando, contudo, os cortes marcados por reticências²²³.

O encontro de Audálio Dantas e Carolina de Jesus deu-se quando o jornalista foi a favela Canindé cobrir a inauguração de um *playground* e lá deparou-se com ela ameaçando alguns homens de colocá-los no livro dela, a menção ao livro aguçou a curiosidade dele que a interpelou sobre o assunto.

Carolina leva o jornalista ao seu barracão e mostra seus escritos, em folhas esparsas e cadernos feitos com folhas que recolhe do lixo. Audálio inicia a leitura ali mesmo e vê a narrativa nua e crua de uma realidade que o Brasil merece conhecer. Assim, leva alguns cadernos de Carolina para posteriormente publicar no jornal Folha da Noite e depois de uma seleção transforma alguns daqueles escritos na obra “Quarto de Despejo”. Segundo Audálio a respeito da obra:

O sucesso do livro – uma tosca, acabrunhante e até lírica narrativa do sofrimento do homem relegado à condição mais desesperada e humilhante de vida – foi também o sucesso pessoal de sua autora, transformada de um dia para outro numa patética Cinderela, saída do borralho do lixo para brilhar intensamente sob as luzes da cidade²²⁴.

²²¹JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. São Paulo: Ática, 2020, p. 161

²²²JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. São Paulo: Ática, 2020, p. 49

²²³MEIHY, José Carlos Sebe Bom. LEVINE, Robert M. **Cinderela Negra**: a saga de Carolina de Jesus Sacramento, MG: Editora Bertolucci, 2015, p. 36

²²⁴JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. São Paulo: Ática, 2020, p. 202.

A escritora não conclui uma educação formal e por isso se discute se os textos produzidos por ela são ou não literatura, a experiência autodidata de estar sempre lendo o que encontrava e escrevendo o que via na favela e na sala de visita fez com que a escrita tenha uma autenticidade que o jornalista não poderia imitar, por não conhecer de perto as mazelas de quem tinha que acordar de madrugada para pegar água, sair muito cedo de casa para catar papel e outros materiais recicláveis para vender e ter o pão de cada dia.

Nos três dias de visitas à favela, eu tinha recolhido informações suficientes para contar como o povo de lá vivia, mas, por mais que tivesse me enfiado pelo labirinto de barracos, pisado o chão lamacento, sentido o fedor das valas de esgoto, ouvido lamentos, xingamentos, blasfêmias e até palavras de conformismo, estava convencido de que não conseguiria retratar aquele mundo miserável com a mesma força e a mesma verdade contidas naqueles cadernos²²⁵.

O jornalista tem consciência que não escreveria com a riqueza de detalhes de Carolina, a luta diária pela sobrevivência dela e dos filhos, o aumento do custo de vida, as reflexões sobre a política brasileira, a violência doméstica na favela que são narradas na obra sob o olhar observador e crítico de Carolina de Jesus.

A escrita dá poder de refletir sobre o ambiente, questioná-lo, buscar respostas e alternativas para sair da favela e ir morar num bairro, numa moradia digna, uma casa de alvenaria em que pudesse criar seus filhos longe da miséria humana que se instala naquele quarto de despejo, onde seres humanos são despejados de seus barracos e são despojados de seus direitos humanos mais básicos, como a alimentação adequada, a favela e tida como lugar indigno para qualquer pessoa viver e que não é reconhecido como lar. “Cheguei na favela, eu não acho geito de dizer cheguei em casa. Casa é casa. Barracão é barracão. O barraco tanto no interior como no exterior estava sujo. E aquela desordem aborreceu-me. Fitei o quintal, o lixo podre exalava mau cheiro”²²⁶.

O barraco em que mora com os filhos, não é considerado uma casa, uma moradia digna de alguém viver, está sempre sujo, tanto interna como externamente, assim com a autora e seus filhos. “Quando eu digo casa, penso que estou ofendendo as casas de tijolos²²⁷” É uma ofensa segundo ela chamar aqueles barracos, de casa. Ela preocupa-se com a higiene do ambiente e do corpo, mas devido à natureza de seu trabalho, permanece suja e sabe do repúdio que causa nas pessoas quando ela passa.

²²⁵ DANTAS, Audálio. **Tempo de reportagens**. Histórias que marcaram época no Jornalismo Brasileiro. São Paulo: Leya, 2012, p. 07-08

²²⁶ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. São Paulo: Ática, 2020, p. 50

²²⁷ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. São Paulo: Ática, 2020, p. 57

O sonho de Carolina é sair do quarto de despejo e ir morar num bairro, construir casa de alvenaria para morar com seus filhos. Os vizinhos próximos a favela de Canindé os olham com superioridade, porque eles desvalorizam seus imóveis.

Os vizinhos de alvenaria olha os favelados com repugnância. Percebo seus olhares de odio porque eles não quer a favela aqui. Que a favela deturpou o bairro. Que tem nojo da pobreza. Esquecem eles que na morte todos ficam pobres.²²⁸

Alguns meses após a obra “Quarto de Despejo” começar a fazer sucesso e ela receber pelos direitos autorais, ela consegue se mudar da favela e ir para um bairro. No entanto, essa transição não vai ser feita de forma pacífica.

Os repórtes iam chegando para filmar a minha saída da favela. O João não estava, ele subiu no telhado, e caiu, firiu a perna, foi para a Central fazer o curativo. Eu xinguei-lhe porque eu recomendei-lhe que olhasse os cacarecos que estavam no quintal, a Dona Aliçe disse-me que os filhos da dona Juana estavam mechendo nos livros, que confusão, e que nojo ao mesmo tempo.

Mesmo com a confusão eu estava contente, era a concretização de um sonho. Os reportes fotografavam e filmavam, o Audalio chegou com o repórter Jose Hamilton. A Dona Aliçe auxiliou-me a carregar os cacarecos, entreguei-lhe o barracão e entramos no caminhão, eu e os dois filhos, porque o João não estava, o motorista estava agitado²²⁹.

Depois do sucesso de sua obra de estreia, “Quarto de Despejo”, Carolina publica “Casa de Alvenaria” em 1961, no entanto, estava obra não obteve o sucesso esperado pela autora. O trecho acima é o início da obra que relata a saída de Carolina e seus filhos da favela Canindé. Foi um processo tumultuado, muitos moradores foram vê a partida dela e proferiram xingamentos, insultos e até pedras jogaram no caminhão de mudança.

Alguns vizinhos acreditavam que ela estava rica graças a obra em que narrava as mazelas dos moradores de Canindé e que por isso era justo que ela dividisse com eles sua fortuna.

Passados alguns meses, tudo mudou. Carolina, bem como sua família, na verdade nunca se sentiu em “casa” ou que estivesse vivendo o sonho acalentado. Os vizinhos os rejeitavam, curiosos os espiavam como avis rara a todas as horas, policiais eram chamados para separar brigas de bêbados e transeuntes que estacionavam em frente da casa para vê-los. Todos se referem a esta época como sendo um verdadeiro inferno²³⁰.

A vida nova tão sonhada pela autora, longe da miséria da favela não se deu de forma como ela esperava. A narrativa de “Casa de Alvenaria” relata uma vida atribulada pelas constantes viagens que a autora faz para divulgar o livro em vários estados brasileiros e

²²⁸JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. São Paulo: Ática, 2020, p. 57

²²⁹ JESUS, Carolina Maria de. **Casa de Alvenaria**. Volume 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 28

²³⁰MEIHY, José Carlos Sebe Bom. LEVINE, Robert M. **Cinderela Negra: a saga de Carolina de Jesus** Sacramento, MG: Editora Bertolucci, 2015, p. 32

inclusive no exterior, as brigas constantes com os vizinhos por causa dos filhos, pessoas (des)conhecidas que batiam a sua porta com os mais variados pedidos, desde comida, emprego, até a casa própria, todos queriam alguma coisa de Carolina, em vários trechos ela se mostra cansada e consciente da exploração a que é submetida como vemos no trecho abaixo:

Preciso preparar o livro para setembro. O último livro que vou escrever. Porque estou com nêjo da literatura. Por causa dos desgraçados que quer expoliar-me. Não suporto os velhacos. Eu ando tão nervosa que vou acabar num hospício. Eu não enlouqueci na favela no meio dos incultos. Mas, vou enlouquecer na casa de alvenaria. No quarto de despejo que é a favela, eu estou no inferno. Na casa de alvenaria que é a cidade, eu estou no inferno²³¹.

Carolina assim como qualquer autor quer viver de seus escritos, quer ter tempo para escrever, “ – Se eu pudesse eu escrevia dia e noite. A única coisa que eu gosto é de livros”²³², mas são tantos os compromissos familiares e de trabalho, que embora não cate mais papel e outros materiais para sobreviver, a vida continua difícil. “ Com esta vida atribulada que eu levo estou cansada mas, os meus esforços são compensados, porque o meu livro é o mais vendido”²³³

O livro a que ela se refere é “Quarto de despejo”, que na “primeira edição a tiragem de 10 mil exemplares se esgotou em uma semana e em poucos meses as tiragens somavam 100 mil exemplares”²³⁴. Sucesso absoluto de vendas, que ultrapassou inclusive autores renomados da época, como Jorge Amado. Apesar de “Casa de Alvenaria” não obter o mesmo sucesso de vendas de “Quarto de Despejo”, e isso deixar a autora frustrada, ela permanece escrevendo, embora muitas vezes se insurja contra a interferência de pessoas que queriam manipulá-la dizendo o que ela deve ou não escrever. Em muitos momentos se angustia ao ter que escrever o que outras pessoas querem e não o que ela quer escrever como vemos no trecho abaixo:

- Vou abandonar a literatura.

Com as confusões que eu enfrento com o Quarto de Despejo, fui perdendo o amor pela literatura. É que o senhor Bertini, o representante da Editora Abraxas, queria uma fotografia minha com o dr. Lélío. Saímos da livraria eu fui queixando que vou deixar a literatura de lado. Vou arranjar um emprego. Não me adapto a ser teleguiada²³⁵.

Ela quer ter liberdade criativa, escrever poemas, marchinhas de carnaval, teatro, romances, mas Audálio Dantas por ter conhecimento do mercado editorial insiste para que ela continue escrevendo sobre o que a tornou uma autora consagrada pela imprensa e leitores.

Alguns dos orientadores de Carolina, incluindo Audálio Dantas, aconselharam-na a escrever mais sobre a injustiça social, mas, autônoma, ela escapava sempre. Ao contrário, insistia em dedicar-se à ficção, ensaios ou a qualquer coisa que lhe viesse à

²³¹JESUS, Carolina Maria de. **Casa de Alvenaria**. Volume 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 136

²³²JESUS, Carolina Maria de. **Casa de Alvenaria**. Volume 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 353.

²³³JESUS, Carolina Maria de. **Casa de Alvenaria**. Volume 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 35

²³⁴JESUS, Carolina Maria de. **Casa de Alvenaria**. Volume 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 35

²³⁵JESUS, Carolina Maria de. **Casa de Alvenaria**. Volume II. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 365.

cabeça. Escrevia mas não conseguia publicar. Recusava-se terminantemente a ser manipulada. Aos instigadores opunha-se com sua língua cortante. Por outro lado, o hábito irascível de se opor aos padrões externamente fabricados a indispunha com os grupos que pretendiam ser seus mentores a abrir-lhes o trânsito às publicações²³⁶.

Seus demais escritos não obtiveram o sucesso esperado pela autora e editora, o que a deixou bastante decepcionada com o público. “Casa de Alvenaria” também é uma espécie de diário, mas não como “Quarto de Despejo” que relata a luta pela sobrevivência e denuncia as mazelas sociais e sim a transformação de vida da autora e seus filhos ao saírem da favela Canindé e conseguirem viver uma vida digna, onde a cor amarela da fome, não é mais o mote principal da narrativa Caroliniana.

De mulher negra, pobre, semianalfabeta como é comumente apresentada, torna-se uma escritora renomada e reconhecida a nível nacional e internacional, tendo seus livros publicados em 13 idiomas²³⁷ e 40 países, embora não tenha recebido os direitos autorais por todas essas publicações, o reconhecimento do público leitor a autora obteve em vida por algum tempo, foram muitas noites de autógrafos, feiras literárias, entrevistas a jornais e periódicos, amada por muitos e desprezada por outros que consideram que o que Carolina de Jesus escreve não é literatura, o fato é que ainda se discute a narrativa da autora e a importância de que as pessoas leiam e conheçam os escritos Carolinianos, sem dá tanta importância ao aspecto gramatical da obra, mas sim a qualidade intrínseca da narrativa e das denúncias e reflexões sociais referentes ao gênero, raça e classe que é possível perceber em sua obra.

Em 2017, em evento na Academia Carioca de Letras para homenagear Carolina Maria de Jesus, o professor de Literatura Ivan Cavalcanti Proença²³⁸, membro da academia profere discurso no início elogiando a autora, até que:

Ia tudo muito bem no discurso do acadêmico até a hora em que, com a sagrada edição na mão, objeto de colecionador, diga-se de passagem, o homem brada, com aquele antigo desprezo que se oferece às artes não brancas nesse eurocêntrico domínio, e afirma, seguro como um cientista: “só tem uma coisa, isso não é literatura”. Estarreci. Teria me desligado? Ouvi mal? Não poderia ser da Carolina que ele falava. Era. “Isso pode ser um diário e há inclusive o gênero, mas, definitivamente, isso não é literatura”, continuou. “Cheia de períodos curtos e pobres, Carolina, sem ser imagética, semianalfabeta, não era capaz de fazer orações subordinadas, por isso esses períodos

²³⁶MEIHY, José Carlos Sebe Bom. LEVINE, Robert M. **Cinderela Negra**: a saga de Carolina de Jesus Sacramento, MG: Editora Bertolucci, 2015, p. 35

²³⁷Alguns países em que “Quarto de Despejo” foi publicado Holanda, Argentina, França, Alemanha, Suécia, Itália, Tchecoslováquia, Romênia, Inglaterra, Estados Unidos, Rússia, Japão, Polônia, Hungria e Cuba.

²³⁸O vídeo “oficial” do evento foi retirado do ar, mas ainda é possível acessar o fragmento em questão no endereço: https://www.youtube.com/watch?v=gshLYahQ_8. Acesso em 10/02/2022.

curtos”. E seguiu destituindo sem o menor constrangimento a internacional obra da homenageada²³⁹.

Num evento para homenageá-la a autora tem sua obra questionada por um professor de Literatura, é inacreditável que isso aconteça e por isso Elisa Lucinda sai em sua defesa citando passagens de “Quarto de despejo” e perguntando se aquelas metáforas não são literatura? Se não é literatura por que a autora é traduzida para várias línguas e sua obra comercializada em mais de 40 países, por que a homenagem na academia carioca de Letras se ela não fosse considerada literatura? A autora continua incomodando aqueles que são puristas da língua, que ousam dizer o que pode ou não ser considerado literatura, quem deve ser ou não lido.

Carolina e a favela de Canindé não são mais invisíveis, embora a favela tenha desaparecido, outras surgiram em seu lugar, outras surgem em várias partes do Brasil e no mundo todos os dias, a fome não acabou e continua amarela, desfocando o olhar e matando todos os dias, principalmente numa época em que a pandemia aumentou o índice de desemprego e cenas como as descritas no “Quarto de Despejo” de pessoas em filas quilométricas aguardando para receber cestas básicas e ossos são transmitidas pelos telejornais diariamente.

Em 2020 iniciou-se a pandemia de COVID 19 no mundo e o Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar realizado pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan) em parceria com a Action Aid Brasil, Friedrich Ebert Stiftung Brasil (FES Brasil) e Oxfam Brasil, com apoio do Instituto Ibirapitanga coletou dados nas cinco regiões brasileiras entre novembro de 2021 e abril de 2022 entre áreas rurais e urbanas e constatou que:

Comparado ao I VIGISAN, que identificou, em dezembro de 2020, 9% da população (ou 19 milhões de pessoas) convivendo com a fome, no II VIGISAN este percentual passou para 15,5% da população ou 33,1 milhões de pessoas em situação de fome, indicando que 14 milhões de brasileiros foram deslocados para tal condição em um ano²⁴⁰.

A insegurança alimentar, eufemismo utilizado para caracterizar a fome que aumentou consideravelmente depois que o mundo viu o comércio fechar, aumento do desemprego, empresas encerrando suas atividades, trabalhadores informais ficarem sem ter como sustentar

²³⁹ LUCINDA, Elisa. **Carolina de Jesus é literatura sim!**. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2017/04/24/carolina-de-jesus-e-literatura-sim>. Acesso em: 10/02/2022.

²⁴⁰II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil [livro eletrônico]: II VIGISAN : relatório final/Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar – PENSSAN. -- São Paulo, SP : Fundação Friedrich Ebert : Rede PENSSAN, 2022, p.85. -- (Análise ; 1) PDF. Disponível em: <https://olheparaafome.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Relatorio-II-VIGISAN-2022.pdf>. Acesso em 31/08/2022.

a família, aumento do custo de vida, a fome chegou em muitos lares em que antes apesar das dificuldades conseguia-se fazer as três refeições diárias.

A pesquisa mostra que os lares comandados por mulheres pardas ou negras, com baixa escolaridade tem um índice maior de insegurança alimentar. “A fome está presente em 43,0% das famílias com renda per capita de até 1/4 do salário mínimo, e atinge mais as famílias que têm mulheres como responsáveis e/ou aquelas em que a pessoa de referência (chefe) se denomina de cor preta ou parda”²⁴¹.

Isso nos mostra que a realidade narrada no “Quarto de Despejo”, em relação a fome, ainda é encontrada no Brasil atual, aumentado pelas consequências da pandemia vivenciada no mundo desde início de 2020 e que não tem data para acabar, visto que em 2022 os efeitos ainda são sentidos e surgem novas variantes do vírus.

Assim, como as personagens de Conceição Evaristo, Carolina de Jesus também é insubmissa, não se rende ao papel que é esperado dela. É protagonista de sua própria história, personagem de si mesma e na sua escrivência consegue sair da invisibilidade social, de uma simples catadora de lixo, de mulher negra e favelada, sai do quarto de despejo e entra na sala de visita, adentra os salões literários, encontra-se com os políticos, inclusive com aqueles que ela denuncia, participa de eventos em vários estados brasileiros para apresentar sua obra e constantemente sai matéria de jornais a seu respeito.

O diário de uma favelada, são fragmentos de vida da autora, de seus vizinhos, de seus antepassados, refletem o racismo estrutural, que permeia a sociedade brasileira e que não discute a falta de oportunidades para jovens negros da periferia, que insiste num discurso meritocrático e que a própria história de vida da autora pode ser deturpada para mostrar que basta querer que você consegue alcançar seus objetivos.

A autora tem consciência que as palavras sejam elas escritas ou faladas tem poder “ Não tenho força física, mas as minhas palavras ferem mais do que espada. E as feridas são incicatríveis”²⁴². As metáforas da autora ao falar sobre a fome não são apenas da falta de alimentos para suprir as necessidades biológicas, mas fome de ter os direitos humanos

²⁴¹ **II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil** [livro eletrônico]: II VIGISAN : relatório final/Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar – PENSSAN. -- São Paulo, SP : Fundação Friedrich Ebert : Rede PENSSAN, 2022, p.18. -- (Análise ; 1) PDF. Disponível em: <https://olheparaafome.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Relatorio-II-VIGISAN-2022.pdf>. Acesso em 31/08/2022.

²⁴² DE JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo**. São Paulo: Ática, 2020, p. 51

garantidos. Vera Eunice e Conceição Evaristo em texto de abertura do livro “Casa de Alvenaria” falam a respeito da fome.

Aliás sobre a fome descrita pela escritora, temos insistido que se tratava de uma fome mais profunda, e não somente a privação, a carência material, mas uma fome física, como metáfora do vazio, da dor, do inexplicável, da vacuidade existencial. Parece haver má vontade para a compreensão semântica da fome contida de Carolina²⁴³.

Essa fome de direitos e de reconhecimento permaneceu até a morte da autora. Após o sucesso de “Quarto de Despejo” (1960), publicou “Casa de Alvenaria” (1961), “Pedaços de fome”(1963), “Provérbios” (1963). Postumamente foram publicadas “Diário de Bitita”(1986), “Meu estranho diário” (1996) e “Antologia Pessoal”(1996). Nenhuma das demais obras obteve o mesmo sucesso de “Quarto de despejo”, o que não quer dizer que não sejam boas obras, mas são desconhecidas do público leitor.

3.4. A subalternidade em Carolina de Jesus e Conceição Evaristo

No texto “Pode o subalterno falar?” de Gayatri Spivak a autora teoriza sobre quem seja o subalterno, que segundo ela não pode ser considerado qualquer sujeito marginalizado. Segundo Spivak

Para ela, o termo deve ser resgatado, retomando o significado que Gramsci lhe atribui ao se referir ao “proletariado”, ou seja, àquele cuja voz não pode ser ouvida. O termo subalterno, Spivak argumenta, descreve “as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante²⁴⁴.

A autora critica ainda o posicionamento do intelectual pós-colonial que quer falar em nome do subalterno e este continua silenciado, porque não é ouvido, alguém fala em seu nome. “Nenhum ato de resistência pode ocorrer em nome do subalterno sem que esse ato esteja imbricado no discurso hegemônico”²⁴⁵.

As autoras pesquisadas ainda não fazem parte do cânone literário. São lidas por alunos(as) que fazem vestibulares em universidades públicas, mas mesmo no curso de Letras, muitos alunos (as) vão se formar sem conhecer nenhuma das escritoras. Elas não fazem parte do discurso hegemônico literário, porque este privilegia ainda uma literatura de autores(as) brancos (as).

²⁴³DE JESUS, Carolina Maria. **Casa de Alvenaria**. Volume 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 09

²⁴⁴SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 13-14

²⁴⁵SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 14.

Como permitir que duas autoras subalternas tenham voz? Isso é possível quando esta pesquisadora não fala em nome delas, elas são protagonistas de suas histórias, por isso tudo que é dito sobre elas são marcados com passagens de seus textos, como forma de dá voz a quem por tanto tempo foi silenciada. E assim, evita do “perigo de constituir o outro e o subalterno apenas como objetos de conhecimento por parte de intelectuais que almejam meramente falar pelo outro”²⁴⁶.

Segundo Spivak, “o sujeito subalterno é capaz de falar, no sentido escrito da expressão”²⁴⁷, porém a uma ausência dialógica na fala do subalterno. Ao discutir a vida e obras específicas dessas autoras é uma tentativa de criar espaços na universidade, nas salas de aulas, na pesquisa científica em que a voz delas seja ouvida e amplificada nas discussões de gênero, raça e classe.

O epistemicídio é um conceito elaborado por Boaventura Sousa Santos é a “supressão dos conhecimentos locais perpetrada por um conhecimento alienígena”²⁴⁸. O autor descreve dois elementos inerentes o processo colonial que são: o genocídio e o epistemicídio.

O genocídio que pontuou tantas vezes a expressão europeia foi também um epistemicídio: eliminaram-se povos estranhos porque tinham formas de conhecimento estranho e porque eram sustentadas por práticas sociais e povos estranhos. Mas o epistemicídio foi muito mais vasto que o genocídio porque ocorreu sempre que se pretendeu subalternizar, subordinar, marginalizar, ou ilegalizar práticas e grupos sociais que podiam ameaçar a expressão capitalista ou, durante boa parte do nosso século, a expansão comunista (neste domínio tão moderno quanto capitalista), e também porque ocorreu tanto no espaço periférico, extra europeu e extra-norte-americano do sistema mundial, como no espaço central europeu e norte-americano, contra os trabalhadores, os índios, os negros, as mulheres e as minorias em geral (étnicas, religiosas, sexuais)²⁴⁹

O colonizador branco ao escravizar os africanos, além de promover um genocídio em relação ao povo negro, ainda inferiorizaram a cultura deles, colocando-os como subalternos, marginalizando as expressões culturais, a religião, a língua e tudo que dizia respeito ao negro e infelizmente esse epistemicídio permanece até hoje com a falta de oportunidades para os negros e a discriminação racial, o preconceito e o racismo estão presentes cotidianamente na sociedade brasileira, inclusive na Literatura.

²⁴⁶SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 14.

²⁴⁷SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 16

²⁴⁸SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria Paula (orgs). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009, p.08.

²⁴⁹SANTOS, B. D. S. **Pela Mãos de Alice. O Social e o Político na Pós-Modernidade**. 7ª. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1999, p.283

Sueli Carneiro(2005) reflete a respeito do conceito de Epistemicídio de Boaventura Santos e vai além, refletindo sobre o apagamento dos negros como produtores de conhecimento.

Para nós, porém, o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra, mutila a capacidade de aprender etc²⁵⁰.

Estudar Carolina de Jesus e Conceição Evaristo auxiliam a desnaturalizar o cânone literário brasileiro, que sempre foi eurocêntrico, androcêntrico, racial, classista. Ao ler as obras delas questiona-se as ideias de branquitude do cânone e dá outras alternativas que representam uma parcela da população brasileira que é silenciada e sub-representada inclusive na Literatura. Esta desvela as formas como o racismo oculta a dominação econômica étnico racial percebida, por exemplo, no “Quarto de Despejo”, de Carolina de Jesus.

Tom Farias, o biógrafo de Carolina de Jesus diz sobre o final da vida da autora e de suas últimas publicações.

Sua vida dos últimos anos foi a de pensar nos projetos editoriais para tentar voltar, mesmo na condição de meteoro, às graças da imprensa e ao braço do povo, de onde vinha se desgarrando pouco a pouco. Mas os azedumes do seu temperamento irrequieto, os problemas surgidos após avassaladora fama, e falta crônica de dinheiro – tudo ou um pouco disso – foi agravando o estado de espírito de Carolina, levando-a tomar decisões cada vez mais desastrosas, mesclada com o meio, a opressão social e da imprensa, que não perdoavam nenhum gesto seu, aproveitando-se de suas fraquezas, suas dúvidas e incertezas diante do futuro, sobretudo para os filhos, que estavam crescendo, vendo a mãe sob forte tristeza, diante das usurpações das editoras e o ostracismo da mídia sensacionalista²⁵¹.

As demais obras publicadas pela autora em vida não obtiveram sucesso como “Quarto de Despejo”, e muitas vezes, Carolina teve que colocar dinheiro na publicação e não obteve retorno financeiro com as publicações. Os leitores não liam mais Carolina, os críticos literários silenciaram, o jornal publicava matérias sensacionalistas a respeito da vida pessoal dela.

²⁵⁰CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese. (Doutorado em Educação). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005, p.97. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em 15/04/2022.

²⁵¹FARIAS, Tom. **Carolina**: uma biografia. Rio de Janeiro: Malê 2017, p. 319

Carolina apesar de saber ler e escrever não sabia lidar com dinheiro, não economizava, emprestava para quem não pagava e provavelmente foi enganada por várias pessoas que viam na ingenuidade dela e no querer ajudar aos necessitados como ela, uma forma de prejudicá-la.

Não sabia, também, como tantos astros, brancos e negros, lidar com fama. Isto, porém, não explica como ela caiu da fortuna à carência – não ao nível dos tempos da roça ou da Canindé – tão rapidamente como caiu. É possível que tenha sido enganada em alguma coisa, aqui e ali, por editores, produtores e administradores de seus direitos autorais e cachês. Imagine a humilhação de mandar o filho ao editor pelo dinheiro da feira. Mas o problema nem era esse, era outro: ela invadiu o mundo do dinheiro e, sem a habilidade requerida, simplesmente foi expulsa²⁵².

Depois de conseguir entrar na sala de visita de São Paulo, a autora foi expulsa de lá, mas não podia voltar a morar na favela Canindé, nem em outra, os jornais publicavam constantemente o quanto “Quarto de Despejo” vendia e as previsões de quanto ela recebia, do quanto estava rica.

Carolina não corresponde aos estereótipos e sempre surpreende. Negra, espera-se que seja humilde, mas não é. Mulher, espera-se que seja submissa, mas não é. Semianalfabeta, espera-se que seja ignorante, mas não é. E não sendo o que se espera dela, é rejeitada como pessoa pela sociedade e incompreendida como escritora. Foi rapidamente esquecida e sua obra, que incomodou pelo conteúdo e pela forma, permanece em grande parte inédita. A sociedade preferia não saber da miséria, do sofrimento e da injustiça. Depois de mostrar “cenas de pobreza explícita”, queriam mais é que ela saísse de cena, pois já bastava. A novidade do Quarto de despejo foi consumida junto com sua autora, como um fenômeno breve. A glória de Carolina foi intensa, porém efêmera²⁵³.

Durante décadas a autora sofreu com o epistemicídio imposto pelos leitores e escritores brasileiros, mas recentemente com a ampla produção e pesquisa sobre suas obras é possível perceber uma mudança de atitude ao nos depararmos com a reedição de parte da obra de Carolina de Jesus pela editora Companhia das Letras e a adoção de “Quarto de Despejo” em vários vestibulares do país, bem como as diversas dissertações e teses sobre a escritora nos mais variados cursos superiores.

²⁵²SANTOS, Joel Rufino dos. **Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p. 147.

²⁵³CASTRO, Eliana de Moura, MACHADO, Marília Novais da Mata. **Muito bem, Carolina!** Biografia de Carolina Maria de Jesus. Belorizonte: Editora C/Arte, 2007, p. 77.

3.4 Fortuna crítica de Carolina de Jesus

Após a publicação de “Quarto de Despejo”, em 1960 os leitores de Carolina de Jesus se ampliaram, desde alunos do ensino médio que vão prestar ENEM, estudantes de Letras e áreas afins, pesquisadores de várias áreas distintas estudam a obra de Carolina de Jesus, desde seu livro de estreia até publicações póstumas. Surgem a partir dessas leituras artigos apresentados em congressos nacionais e internacionais, dissertações e teses.

A intenção não é esgotar a fortuna crítica de Carolina de Jesus, mas trazer à tona livros publicados sobre sua vida e textos que contribuíram muito para esta pesquisa. No portal da Capes é possível encontrar também dissertações e teses nas mais várias áreas de conhecimento a respeito da escritora, como se pode observar nas obras abaixo:

Carolina: uma biografia de Tom Farias²⁵⁴ publicado em 2017 pela editora Malê é uma das principais biografias da autora. O livro é dividido em três partes. A primeira²⁵⁵ fala do nascimento de Bitita, apelido de Carolina na infância, dos dois anos em que estudou na escola Allan Kardec, das mudanças de cidades pelo interior paulista até a prisão da autora por supostamente estar lendo o livro de São Cipriano para fazer “feitiços” para os brancos.

A segunda parte²⁵⁶ inicia com a saída de Carolina de Sacramento, a despedida da mãe Cota, a ida para São Paulo, o sonho de se tornar poetisa e de viver da escrita, a vida de doméstica na casa de famílias ricas e por fim, a chegada a favela de Canindé onde inicia seu martírio de se sentir num quarto de despejo, como coisa inútil e o início de seus diários.

A terceira parte²⁵⁷ é dedicada a “Quarto de despejo”, desde seu lançamento e as críticas que saíram em vários jornais, algumas positivas e outras negativas, em muitos textos a discussão se a obra é ou não literatura. As publicações da obra em vários países e a recepção no estrangeiro até o silenciamento de Carolina pela crítica literária e o esquecimento dos leitores, culminando com a morte da autora.

²⁵⁴FARIAS, Tom. **Carolina:** uma biografia. Rio de Janeiro: Malê 2017.

²⁵⁵ FARIAS, Tom. **Carolina:** uma biografia. Rio de Janeiro: Malê 2017, p 11-100.

²⁵⁶ FARIAS, Tom. **Carolina:** uma biografia. Rio de Janeiro: Malê 2017, p 101-197.

²⁵⁷ FARIAS, Tom. **Carolina:** uma biografia. Rio de Janeiro: Malê 2017, p 197-352.

O livro de Tom Farias é leitura obrigatória para quem quer conhecer mais profundamente a escritora, o biógrafo analisa desde a infância e o ambiente familiar da escritora até o auge de sua fama e o epistemicídio sofrido por ela.

Cinderela negra²⁵⁸: a saga de Carolina Maria de Jesus²⁵⁹ publicado em 1994 pela editora UFRJ e reeditado pela Editora Bertolucci em 2015. O livro é dividido em 5 partes. A primeira²⁶⁰ é Uma história para Carolina, assinada por Robert M Levine. A segunda parte²⁶¹ traz as razões da História Oral neste estudo e tem depoimentos de Vera Eunice de Jesus Lima (filha de Carolina), José Carlos de Jesus (filho de Carolina), Dona Maria Puerta (Vizinha de Carolina na favela Canindé) e Maria Terezinha Godinho (assistente social de São Paulo que trabalhava com os moradores a remoção deles da favela Canindé). Nesta parte consta ainda textos de José Carlos de Jesus e Vera Eunice julgando a trajetória da mãe. E vários textos de Marta Terezinha Godinho.

Na terceira parte²⁶² consta dois textos de autoria de Carolina de Jesus, o primeiro “Minha Vida”. Este texto foi publicado na França sob o título “Um Brasil para os brasileiros” e depois fez parte da obra “Diário de Bitita”. “Sócrates Africano”, que narra a morte do avô de Carolina, Benedito José da Silva e como ele era respeitado por todos. “Os homens ricos iam visitá-los, e ficavam horas e horas ouvindo-o. E saíam dizendo: - foi uma pena não educar este homem. Se ele soubesse ler poderia ser o nosso Sócrates Africano”²⁶³. A autora não sabia o que significava ser o Sócrates Africano, sua mãe também não sabia explicar e só depois de estudar descobriu que era um elogio e não uma ofensa que o prefeito de Sacramento tinha feito a seu avô, que morreu sendo o Sócrates, analfabeto.

²⁵⁸ O título da obra causou divergência entre Robert Levine e José Carlos, filho da autora. Este queria o título Cinderela Negra: o inventário de Carolina Maria de Jesus e dizia que o sentido da palavra negro no Brasil queria dizer exatamente o oposto de Cinderela Branca. Ficou acordado que Jose Carlos decidiria o título da edição brasileira e Robert Levine daria um nome mais discreto a edição norte- americana.

²⁵⁹MEIHY, José Carlos Sebe Bom. LEVINE, Robert M. **Cinderela Negra**: a saga de Carolina de Jesus Sacramento, MG: Editora Bertolucci, 2015.

²⁶⁰MEIHY, José Carlos Sebe Bom. LEVINE, Robert M. **Cinderela Negra**: a saga de Carolina de Jesus Sacramento, MG: Editora Bertolucci, 2015. p 17-60.

²⁶¹MEIHY, José Carlos Sebe Bom. LEVINE, Robert M. **Cinderela Negra**: a saga de Carolina de Jesus Sacramento, MG: Editora Bertolucci, 2015. P 61-195.

²⁶²MEIHY, José Carlos Sebe Bom. LEVINE, Robert M. **Cinderela Negra**: a saga de Carolina de Jesus Sacramento, MG: Editora Bertolucci, 2015. p. 196-228.

²⁶³MEIHY, José Carlos Sebe Bom. LEVINE, Robert M. **Cinderela Negra**: a saga de Carolina de Jesus Sacramento, MG: Editora Bertolucci, 2015, p 221.

A quarta parte²⁶⁴ aborda como surgiu o projeto Cinderela Negra. O primeiro texto é do norte americano Robert M Levine, professor de História da América Latina nos Estados Unidos e de sua experiência ao adotar o livro “Quarto de Despejo” em suas aulas e da indignação do professor ao descobrir que Carolina de Jesus era desconhecida de boa parte dos brasileiros, apesar do sucesso da obra e das várias edições em países estrangeiros. O professor chegou a fazer um documentário da obra de Carolina de 20 minutos para passar em suas aulas. Perguntas como: Por que essa mulher era tão dócil? O professor não entendia porque Carolina não culpava o sistema que produzia a miséria. O que teria acontecido com a história da favelada e com a trajetória de seu livro? E vários outros questionamentos a respeito de “Quarto de Despejo” serviram de roteiro para os alunos de graduação e pós-graduação do professor Robert Levine.

Ainda na quarta parte temos o texto “O olhar brasileiro”, de José Carlos Sebe Bom Meihy, professor do Departamento de História da USP e que integra o quadro de pesquisadores da UNIGRARIO do RJ. O professor faz uma retrospectiva histórica da década de 50, 60 e 70 para situar a obra de Carolina de Jesus e constata diferenças que, assim como Carolina chefiava a família, as mulheres de baixa renda continuam a chefiar famílias, que o dinheiro auferido por crianças fazem parte da renda familiar, que a favela dá lugar ao cortiço, que embora existam catadores de papel ainda hoje não dá para viver dessa atividade, por conta das empresas de coletas de lixo.

E a quinta parte²⁶⁵ é um posfácio de Marisa Lajolo que pergunta: Por que, afinal não deu certo o conto de fadas para Carolina Maria de Jesus quando, em 1960, seu “Quarto de Despejo” foi um estrondoso sucesso de vendas? Por que a autora teve fama e voltou a ser gata borralheira e esquecida dos leitores, editores e críticos literários?

Muito bem, Carolina! Biografia de Carolina Maria de Jesus²⁶⁶ das autoras Eliana de Moura Castro e Marília Novais de Mata Machado foi editada em Belo Horizonte em 2007. É uma obra composta pela introdução e nove capítulos que tratam da vida da autora desde Sacramento, a chegada a Canindé, a relação dela com Audálio Dantas, o sucesso da autora, a vida na casa de alvenaria, a vida em Parelheiros e a redescoberta da obra da autora pelos leitores.

²⁶⁴MEIHY, José Carlos Sebe Bom. LEVINE, Robert M. **Cinderela Negra: a saga de Carolina de Jesus** Sacramento, MG: Editora Bertolucci, 2015, p 229-270.

²⁶⁵MEIHY, José Carlos Sebe Bom. LEVINE, Robert M. **Cinderela Negra: a saga de Carolina de Jesus** Sacramento, MG: Editora Bertolucci, 2015, p 271-280.

²⁶⁶CASTRO, Eliana de Moura, MACHADO, Marília Novais da Mata. **Muito bem, Carolina!** Biografia de Carolina Maria de Jesus. Belorizonte: Editora C/Arte, 2007.

Na introdução as autoras fazem vários questionamentos que tentam responder no decorrer da obra biográfica dentre elas: Por que Carolina de Jesus é mais reconhecida no estrangeiro do que no Brasil? O que aconteceu com ela e os filhos depois do sucesso de “Quarto de Despejo?” Como era a relação da escritora e do jornalista Audálio Dantas? Por que fez tanto sucesso e depois ficou relegada ao esquecimento no Brasil?

A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus²⁶⁷ de Raffaella Fernandez é resultado da tese de doutorado Processo criativo de uma poética de resíduos no espólio literário de Carolina Maria de Jesus defendido no IEL, Unicamp em 2015 e que foi publicado em livro pela Aetia Editorial em 2019.

A proposta da autora é compreender Carolina de Jesus, por meio de arquivos inéditos ou manuscritos não selecionados por Audálio Dantas, arquivos que existem em Sacramento, com familiares da autora, manuscritos da coleção Carolina Maria de Jesus e Audálio Dantas na Fundação Biblioteca Nacional daí a denominação “poética de resíduos”, aquilo que não foi aproveitado para o lançamento das obras da autora, mas que ainda pode ser explorado para a compreensão da obra Caroliniana.

Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável²⁶⁸, de Joel Rufino dos Santos publicado em 2014 pela Editora Garamond é outra biografia de Carolina Maria de Jesus, que narra a vida da escritora com episódios da História recente do Brasil, citando políticos renomados como Jânio Quadro, Juscelino Kubitschek, Paulo Maluf, Ademar Barros, dentre outros, com reflexões sobre o processo de escrita e a interseccionalidade de temas como gênero, raça e classe e a violência doméstica que assolava os lares da favela Canindé.

“Diário de Bitita”, de Carolina Maria de Jesus: saltando os muros da subalternidade²⁶⁹ de Wesley Henrique Alves da Rocha é uma das poucas obras que analisa não o “Quarto de despejo”, que tornou a escritora conhecida, mas “Diário de Bitita” uma obra que foi publicada postumamente, primeiro na França (1982) e só depois no Brasil (1986).

A obra destaca como através de uma escrita subversiva a autora conseguiu se destacar utilizando a literatura marginal periférica para saltar os muros da subalternidade, divergindo do discurso literário falocêntrico, branco e de classe média, tecendo reflexões sobre gênero, raça e

²⁶⁷ FERNANDEZ, Raffaella. **A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus**. São Paulo: AetiaEditoral, 2019.

²⁶⁸ SANTOS, Joel Rufino dos. **Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

²⁶⁹ ROCHA, Wesley Henrique Alves. **Diário de Bitita de Carolina Maria de Jesus: saltando os muros da subalternidade**. Salvador: Editora Devires, 2021.

classe. Menciona ainda, o projeto literário da escritora, que não se restringe a obra de estreia, mas tem outros escritos biográficos que abrangem outros gêneros, tais como: poesia, contos, marchinhas de carnaval, romance.

Carolina, de Sirlene Barbosa e João Pinheiro²⁷⁰ é a adaptação da vida de Carolina para uma história em quadrinhos em preto e branco, assim como é a vida dela, onde a cor que se destaca é a amarela, quando está com fome. É uma biografia com passagens da vida da autora que estão em suas obras. Ao final tem um breve texto falando de Carolina e da sua importância para a literatura brasileira.

Memorialismo e Resistência: Estudos sobre Carolina Maria de Jesus²⁷¹ é uma obra que surge no VI Colóquio Mulheres em Letras, organizado pelo grupo Letras de Minas realizado em 2014, que discutiu a obra Caroliniana por ocasião do centenário da autora. Assim pesquisadores renomados das Letras, Mestrandos e Doutorandos que se dedicavam a estudá-la reuniram quinze artigos analisando diversos aspectos de seus escritos, dando destaque para Quarto de Despejo.

A vida escrita de Carolina Maria de Jesus²⁷² de Elzira Divina Perpétua é o resultado da tese defendida pela autora em 2000 na Universidade Federal de Minas Gerais e publicada em comemoração dos 100 anos de Carolina Maria de Jesus. Elzira destaca a história de “Quarto de Despejo” e suas inúmeras traduções

Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira lata²⁷³ a obra é o resultado da tese de Germana Henriques Pereira de Sousa na Universidade de Brasília, no Departamento de Teoria Literária e Literaturas entre os anos de 2000 a 2004. Germana problematiza a permanência de Carolina de Jesus na Literatura Brasileira que isso deve ao deslocamento do ponto de vista de classe que o seu texto opera e a linguagem fraturada²⁷⁴. A Literatura Caroliniana é um produto estranhado, diferente de tudo que já foi escrito até então e que faz (re)pensar o que é Literatura, apresenta a tensão entre o cânone literário e a literatura marginal, entre o lixo e o luxo, a figura do escritor e a favelada que se torna escritora.

²⁷⁰PINHEIRO, João; BARBOSA, Sirlene. **Carolina**. Ed 1. Veneta, 2016.

²⁷¹ARRUDA, Aline Alves; BARROCA, Iara Christina Silva; TOLENTINO, Luana, MARRECO, Maria Inês. (org). **Memorialismo e Resistência: Estudos sobre Carolina Maria de Jesus**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016

²⁷²PERPÉTUA, Elzira Divina. **A vida escrita de Carolina Maria de Jesus**. Belo Horizonte: Nandyala, 2014

²⁷³SOUSA, Germana Henriques Pereira de Sousa. **Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira lata**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012

²⁷⁴Germana entende por linguagem fraturada em Carolina de Jesus a tentativa de uma pessoa da camada subalterna de dominar os códigos da cidade letrada.

Ser escritora é um projeto de ascensão social que através da literatura permitirá que ela saia do quarto de despejo, em que foi colocada à margem da sociedade, dos direitos fundamentais e adentrar a sala de visita, com acesso a direitos básicos como uma moradia digna, uma casa de alvenaria, num bairro, com água encanada, energia elétrica, acesso a escola dos filhos, direitos fundamentais que os moradores da favela Canindé não tinham.

Germana analisa o sistema literário e como Carolina de Jesus está inserida nele a partir da perspectiva de Antônio Cândido. “Ela não acha que seu público está ali, na favela, mas sim na cidade jardim. Escreve para um público ideal, letrado, capaz de entender seu desejo de escritura, coisa impossível na favela”²⁷⁵.

Vida por escrito²⁷⁶: guia do acervo de Carolina Maria de Jesus, organizado por Sérgio Barcellos. A obra trata do acervo da autora que é imenso e está espalhado por vários lugares e Sérgio Barcellos dá uma ideia de organização, guarda e preservação dos cadernos originais e outros escritos inéditos da autora para auxiliar os pesquisadores a encontrarem de forma mais rápida e organizada os materiais adequados à pesquisa de cada um.

O livro inicia com uma cronologia biográfica, a produção bibliográfica escrita pela autora e por terceiros a respeito de suas obras. Depois é descrito o acervo de Carolina no Arquivo Público Municipal Cônego Hermógenes Casimiro de Araújo Bruonswik, Instituto Moreira Salles, Museu Afro Brasil, Acervo de escritores mineiros (AEM), Biblioteca Nacional. O guia possui ainda resumos e sinopses de textos não conhecidos da autora e ensaios selecionados escritos por pesquisadores de Carolina de Jesus.

A palavra testemunhal²⁷⁷ em Carolina Maria de Jesus de Maria Madalena Magnabosco. A pesquisadora utiliza como aporte teórico as teorias críticas feministas relacionando com geografias, territórios e estudos de gênero, através da literatura de testemunho nos diários de Carolina de Jesus.

O primeiro capítulo²⁷⁸ delimita de forma geográfica, racial e gênero a história de Carolina de Jesus em Sacramento e como seu jeito questionador desestabilizava a homogeneização do conhecimento a respeito de gênero e raça. Carolina é mostrada de forma

²⁷⁵SOUSA, Germana Henriques Pereira de Sousa. **Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira lata**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012, p. 28

²⁷⁶BARCELLOS, Sérgio da Silva. **Vida por escrito: guia do acervo de Carolina Maria de Jesus**. Sacramento: MG Bertolucci: Editora, 2015.

²⁷⁷MAGNABOSCO, Maria Madalena. **A palavra testemunhal em Carolina Maria de Jesus: reconstruindo imaginários femininos**. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2021.

²⁷⁸ MAGNABOSCO, Maria Madalena. **A palavra testemunhal em Carolina Maria de Jesus: reconstruindo imaginários femininos**. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2021, p.19-56.

individual e coletiva na construção de sua trajetória de vida, questiona também os lugares das mulheres negras e escritoras no Brasil.

No segundo capítulo,²⁷⁹ Carolina desestabiliza e resiste ao patriarcado imposto a ela ao tornar-se uma escritora negra de sucesso, ultrapassando em vendas os grandes escritores brancos da época. A autora escreve numa linguagem coloquial, com expressões e palavras da norma culta, mistura gêneros literários, o que incomoda muitos que não a aceitam como escritora e contestam seus textos. Possui contradições discursivas e comportamentais na tentativa de fazer parte da sala de visita de São Paulo. Ora ela hostilizava as mulheres, como suas vizinhas na favela, mas ora as compreendia, ora maldizia os homens que a abandonaram com três filhos pequenos, ora os desejava como no caso do cigano e do Sr. Manoel.

No terceiro capítulo,²⁸⁰ a autora teoriza sobre o gênero Testemunhos narrativos, as contradições deste gênero literário e a relação com a literatura canônica. No quarto capítulo²⁸¹ demonstra que a literatura de testemunho da autora possibilita uma “cena” psicológica das pessoas subalternizadas pela linguagem ao relatar suas histórias pessoais e a transformação decorrente ao longo de suas vidas.

No catálogo de teses e dissertações da Capes²⁸² entre os anos de 2000 a 2020 constam 20 teses em que a obra e vida de Carolina de Jesus, principalmente, “Quarto de Despejo” é estudada. O interesse crescente por pesquisá-la não se restringe ao universo dos Doutorados em Letras, Linguística, Teoria Literária, Estudos Literários, mas cursos de Doutorado como Serviço Social, Ciências Sociais e Direito também compreendem a importância de Carolina de Jesus para seus cursos.

Nas dissertações e teses observa-se que a obra de Carolina Maria de Jesus é estudada, muitas vezes, de forma comparativa com outras autoras, dentre elas, podemos citar: Conceição Evaristo, Ana Maria Gonçalves, Maria Firmino dos Reis, Maya Angelou, Sapphire, Zora Neale Hurston, Toni Morrison, Paulina Chiziane, Alice Walker, Clarice Lispector.

São inúmeras dissertações encontradas no catálogo da Capes que abordam Carolina Maria de Jesus e a importância da autora para as discussões literárias, jurídicas, sociais. Os

²⁷⁹ MAGNABOSCO, Maria Madalena. **A palavra testemunhal em Carolina Maria de Jesus: reconstruindo imaginários femininos.** Belo Horizonte: Editora Dialética, 2021, 57-102.

²⁸⁰ MAGNABOSCO, Maria Madalena. **A palavra testemunhal em Carolina Maria de Jesus: reconstruindo imaginários femininos.** Belo Horizonte: Editora Dialética, 2021, p.103-126.

²⁸¹ MAGNABOSCO, Maria Madalena. **A palavra testemunhal em Carolina Maria de Jesus: reconstruindo imaginários femininos.** Belo Horizonte: Editora Dialética, 2021, p.127-173.

²⁸² No apêndice estão elencadas as dissertações e teses encontradas durante a pesquisa da tese. Por elas não serem analisadas apenas as coloquei a título de conhecimento.

temas abordados são os mais diversos, tais como: representações da favela, da periferia, a escrita e autoria de “Quarto de Despejo”, literatura memorialística e de testemunho, denúncia social, maternidade negra, opressão de classe, resistência, violência doméstica, subalternidade, dentre tantos outros temas.

Apesar do epistemicídio que a autora sofreu durante muito tempo, é crescente o interesse em conhecê-la e pesquisá-la sob os mais variados aspectos, em diferentes cursos, embora no Direito sejam poucas as pesquisas sob a vida e obra desta autora é necessário que futuros advogados, professores de Direito, promotores, juízes conheçam uma realidade que não é a deles, mas que não está longe de nós e o impacto que a desigualdade social e estar no quarto de despejo traz aos favelados.

3.6 Interseccionalidade de gênero, raça e classe no quarto de despejo

Nas obras literárias selecionadas o *corpus* de pesquisa foi pensado a partir do feminismo negro, porque as mulheres negras são mais vulneráveis a essa violência. Na obra de Carolina de Jesus e Conceição Evaristo fica explícito os diversos tipos de violência sofrida pelas autoras, que muitas vezes são contestadas e não reconhecidas até mesmo como escritoras, assim como pelas personagens representadas nas obras literárias. Não há uma hierarquização nas discriminações, ou seja a discriminação racial, não é maior, do que a de gênero e de classe. São situações que se entrecruzam como podemos perceber pelo conceito de interseccionalidade de Kimberlé Crenshaw:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento²⁸³.

As questões de gênero, raça e classe influenciaram a obra de Carolina de Jesus, em “Quarto de Despejo”, “Diário de Bitita”, “Casa de alvenaria” e demais obras da escritora. Na

²⁸³CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBOQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29/06/2022. P. 177

década de 60, uma mulher negra que lê, escreve, publica e produz uma obra literária transgressora, em que narra em primeira pessoa o que é ser moradora do quarto de despejo de São Paulo, tendo seus direitos fundamentais violados pelo Estado incomoda leitores, críticos literários, escritores.

Essas vias são por vezes definidas como eixos de poder distintos e mutuamente excludentes; o racismo, por exemplo, é distinto do patriarcalismo, que por sua vez é diferente da opressão de classe. Na verdade, tais sistemas, frequentemente, se sobrepõem e se cruzam, criando interseções complexas nas quais dois, três ou quatro eixos se entrecruzam. As mulheres racializadas frequentemente estão posicionadas em um espaço onde o racismo ou a xenofobia, a classe e o gênero se encontram. Por consequência, estão sujeitas a serem atingidas pelo intenso fluxo de tráfego em todas essas vias. As mulheres racializadas e outros grupos marcados por múltiplas opressões, posicionados nessas interseções em virtude de suas identidades específicas, devem negociar o o “tráfego” que flui através dos cruzamentos. Esta se torna uma tarefa bastante perigosa quando o fluxo vem simultaneamente de várias direções. Por vezes, os danos são causados quando o impacto vindo de uma direção lança vítimas no caminho de outro fluxo contrário; em outras situações os danos resultam de colisões simultâneas²⁸⁴.

Na obra de Carolina de Jesus é perceptível essa intersecção tanto na vida da autora que é constantemente discriminada por ser negra, mulher e pobre, que conseguiu sair do “Quarto de despejo” que é a favela, mas não foi bem aceita na sala de visita de São Paulo. Quando se mudou para a tão desejada casa de alvenaria em um bairro de São Paulo foi malvista pelos novos vizinhos, pelos moradores de Canindé e por alguns literatos que nunca a consideraram como escritora, segundo eles, ela estava mais para um “ser exótico” que surgira no meio literário do que propriamente uma escritora. Era evidente para essas pessoas que logo ela seria esquecida e durante décadas não se falou em Carolina, até ela ser resgatada por movimentos feministas e negros, para que os leitores da atualidade tenham a oportunidade de lê-la e tirar suas próprias conclusões.

O conceito de interseccionalidade serve como ferramenta para analisar as violências sofridas por Carolina de Jesus como mulher, negra, favelada, escritora que ousou adentrar a Literatura Brasileira e dá voz aos invisíveis da favela. As relações que ela teceu se entrelaçam, e sobrepõem, por exemplo, após sair da favela continuou sendo chamada de escritora (ex) favelada, ou vira lata, denotando que a questão da classe social é importante para muitas pessoas, que só consideravam os escritores canônicos, que na sua maioria eram constituídos por homens brancos.

²⁸⁴CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTp4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29/06/2022. P. 177

Em “Quarto de Despejo” a mulher negra deixa de ser tema, não é sensualizada, é mãe solteira, solitária, vista pelo olhar falocêntrico e heteronormativo. É uma escritora que mostra as desigualdades sociais (gênero, raça e classe) de São Paulo, mostra o lado opressor do capitalismo, o desemprego, as condições desumanas que os excluídos do progresso e da modernidade vivem, da migração dos nordestinos e nortistas em busca de uma oportunidade de trabalho e uma vida melhor, fugindo da seca e fome e habitando a favela, pois é o único lugar disponível para aqueles que estão à margem da sociedade.

Lélia Gonzalez no pensamento feminista articula ação e prática.

Era necessário, portanto, que as mulheres negras enquanto coletividade marcassem suas experiências fazendo emergir questões relacionadas aos dilemas de raça e classe e às questões históricas e culturais, assim como aos diferentes papéis e representações sociais das mulheres a partir da sua condição racial na sociedade brasileira²⁸⁵.

Carolina deixa explícito em “Quarto de despejo” os dilemas experimentados pelas mulheres negras, moradoras da favela Canindé. As dificuldades de sobrevivência, a luta diária em busca de comida para si e filhos, a manutenção de um barraco limpo e com as condições mínimas de higiene, a busca pela água na madrugada, a violência naturalizada como algo normal e inquestionável.

Lélia Gonzalez questiona o papel da mulher negra na sociedade “ Em suas análises acerca das representações sobre mãe preta e mucama, doméstica e mulata, destacava-se a questão dos estereótipos em torno da mulher negra que limitavam seu lugar na sociedade”²⁸⁶.

Esses papéis são bem conhecidos da escritora de “Quarto de Despejo”, pois trabalhou como babá, empregada doméstica, sempre em situação de subalternidade, em que muitas vezes, a patroa acertava um valor com Carolina, mas na hora do pagamento recebia a menos do que o valor estipulado quando foi contratada. Depois de engravidar e não poder mais trabalhar em casas de família, sem ter para onde ir, terminou encontrando abrigo na favela Canindé, onde para sobreviver e sustentar os filhos saía para catar papéis todos os dias.

02 de setembro.

E eu saí com a Vera. Quase fiquei louca. Porque havia pouco papel na rua. Agora até os lixeiros avançam no que os catadores de papéis podem pegar. Eles são egoístas. Na rua Paulino Guimarães tem um depósito de ferro. Todos os dias eles põe o lixo na rua, e lixo tem muito ferro. Eu catava os ferros para vender. Agora, o carro que faz a coleta, antes de iniciar a coleta vem na rua Paulino Guimarães e pega o lixo e põe no carro.

²⁸⁵GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p.19.

²⁸⁶GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p.19.

Nogentos. Egoístas. Eles já tem emprego, tem hospital, farmácia, médicos. E ainda vende no ferro velho tudo que encontra no lixo. Podia deixar os ferros para mim²⁸⁷.

Catar papéis e outros objetos recicláveis é a forma de sobreviver que a escritora encontrou, apesar de saber ler e escrever, o lugar que ela tem ainda é o quarto de despejo, à margem do emprego com carteira assinada e direitos trabalhistas garantidos. Ela tem consciência que o seu trabalho é mal remunerado e não lhe dá direitos como auxílio doença, aposentadoria, direitos inerentes aos trabalhadores com carteira assinada, por isso a indignação com os lixeiros, que na visão dela já tem emprego formal, farmácia, médicos e que apesar de terem tudo isso, ainda tiram seu ganha pão, ao recolherem antes dela o material de reciclagem mais pesado e que valeria mais dinheiro. Até para coletar lixo alguns possuem mais vantagens que os outros.

No trecho abaixo, Carolina tem consciência que nascer branco dá mais oportunidades de vencer na vida do que nascer negro.

30 de julho

[...]Encontrei a Rosalina que estava discutindo com o Helio. Ele não quer que fala que ele e a Olga pede esmola. A Rosalina dizia que ela é sosinha e sustenta 3 filhos. E que ela não sabe que seu filho Celso anda dizendo que quer fugir de casa porque tem nojo dela. Acha a mãe muito barbara e avarenta. Ele diz que queria ser meu filho. Então eu lhe digo:

- Se você fosse meu filho, voce era preto. E sendo filho de Rosalina voce é branco.

Ele respondeu-me:

- Mas se eu fosse teu filho eu não passava fome. A mamãe ganha pão duro e nos obriga a comer os pães duro até acabar²⁸⁸.

Celso está preocupado em aplacar a fome que o assola, ainda é criança e não percebe as desigualdades sociais e a relação com a raça, mas Carolina o adverte que ser filho de Rosalina e ser branco dá mais oportunidade a ele, não vai sofrer com o racismo estrutural da sociedade brasileira, que vai examinar seus traços físicos como forma de excluí-lo do mercado de trabalho, por exemplo, ou colocá-lo em subemprego por causa de sua raça.

A desigualdade de classe é perceptível constantemente na favela, como no trecho abaixo:

29 de dezembro

²⁸⁷JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014, p. 111.

²⁸⁸JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014, p.96.

Saí com João e a Vera e o José Carlos. O João levou o rádio para concertar. Quando eu ia na rua Pedro Vicente, o guarda do depósito chamou-me e disse-me para eu ir buscar uns sacos de papel que estavam perto do rio.

Agradei e fui ver os sacos. Eram sacos de arroz que estavam nos armazéns e apodreceram. Mandaram jogar fora. Fiquei horrorizada vendo o arroz podre. Contemplei as traças que circulavam, as baratas e os ratos que corriam de um lado para o outro.

Pensei: **porque é que o homem branco é tão perverso assim?** (grifo nosso) Ele tem dinheiro, compra e põe nos armazéns. Fica brincando com o povo igual gato com rato²⁸⁹.

Ao recolher os sacos de papel conforme foi solicitado, Carolina percebe o arroz apodrecido, pela armazenagem inadequada e os animais se alimentando do arroz que poderia alimentar ela e sua família se tivesse sido doado, ao invés de deixarem apodrecer. Enquanto, muitos passam fome, muitos alimentos são desperdiçados.

A pergunta que a escritora faz é por que o homem branco é tão perverso? Por que ele prefere deixar o alimento apodrecer, ser desperdiçado e não doar aos pobres e necessitados? Porque vender alimentos a preços exorbitantes, que a população carente não possa comprar é mais vantajoso para os capitalistas? Carolina reclama constantemente do custo de vida, do preço dos alimentos, que não permite que a população carente tenha o mínimo para comer com dignidade, que precise constantemente do auxílio do governo, de políticas públicas, de esmolas, para ter o básico para sobreviver. Porque o que não muda na favela, é que a fome está sempre à espreita. “Morre um menino aqui na favela. Tinha dois meses. Se vivesse ia passar fome”²⁹⁰.

Para os capitalistas quanto mais pobres no mundo, mais desigualdade social, melhor para explorá-los como podemos ver abaixo:

8 de dezembro

...De manhã o padre veio dizer missa. Ontem ele veio com o carro capela e disse aos favelados que eles precisam ter filhos. Penso: porque há de ser o pobre quem há de ter filhos – se filhos de pobre tem que ser operário?

Na minha fraca opinião quem deve ter filhos são os ricos, que podem dar alvenaria para os filhos. E eles podem comer o que desejam.

Quando o carro capela vem na favela surge vários debates sobre a religião. As mulheres diziam que o padre disse-lhes que podem ter filhos e quando precisar de pão podem ir buscar na igreja.

Para o senhor vigário, os filhos de pobres criam só com pão. Não vestem e não calçam²⁹¹.

²⁸⁹JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014, p.137

²⁹⁰JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014, p.116

²⁹¹JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014, p.132

Carolina tem consciência de classe ao sugerir que aqueles que tem mais condições financeiras tenham mais filhos, e não os pobres, que mal conseguem se manter e não vão possuir condições adequadas para criá-los, que os pobres apenas serviriam de mão de obra barata e explorada pelos ricos

Em relação a mulher negra existem vários estereótipos, um deles é em relação a sensualidade, que são mulheres fogosas, sedutoras, propensas ao sexo, o que as leva muitas vezes para a prostituição como alternativa de sobrevivência.

Em “Quarto de Despejo” em vários momentos Carolina de Jesus mostra situações em que as mulheres da favela se prostituem, sejam elas casadas ou solteiras, como podemos ver no trecho abaixo:

17 DE NOVEMBRO

A I. e a C. estão começando a prostituir-se. Com os jovens de 16 anos. É uma folia. Mais de 20 homens atrás delas.

Tem um mocinho que mora na Rua do Porto. E amarelo e magro. Parece um esqueleto ambulante. A mãe lhe obriga a ficar só na cama, porque ele é doente e cança atoa. Ele sai com a mãe só para pedir esmola, porque o seu aspecto comove.

Aquele filho amarelo é o seu ganha pão.

Mas até ele anda atrás da I. e da C. Apareceu tantos jovens de 15 e 16 anos aqui na favela, que vou dar parte as autoridades

Vi as moças da Fabrica de Doces, tão limpinhas. A I. e a C. podiam trabalhar. Ainda não tem 18 anos. São infelizes que iniciam a vida no lodo²⁹².

A prostituição como alternativa de sobrevivência deixa a poetisa da favela triste, porque ela considera que elas já iniciam a vida no lodo, na sujeira, quando poderiam procurar outras alternativas como trabalhar na fábrica de doces, com carteira assinada e direitos trabalhistas garantidos. No entanto, não são apenas as jovens que se prostituem, existe a prostituição de mulheres casadas, o que na visão de Carolina ainda é pior, porque tem o adultério.

28 DE OUTUBRO

A I. separou-se do esposo e está morando com a Zefa. O esposo dela encontrou ela com o primo. Agora a I. veio comercializar o seu corpo, na presença do esposo. Penso: a mulher que separa-se do esposo não deve prostituir-se. Deve procurar um emprego. A prostituição é a derrota moral de uma mulher. É como um edifício que desaba. Mas tem mulher que não quer ser só de um homem. Quer ser dos homens. É uma unica dama, dançando quadrilha com vários homens. Sai dos braços de um, vai para os braços de outro²⁹³.

²⁹² JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014, p. 111

²⁹³ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014, p. 119

A prostituição e o adultério são situações corriqueiras na favela e que são avaliadas por Carolina como uma derrota moral da mulher que recorre a elas. Apesar de ter namorado bastante e ter três filhos de pais diferentes, a autora não se prostituiu, teve relacionamentos sérios com os pais de seus filhos, que após descobrirem a gravidez a abandonaram. Apenas o pai de Vera Eunice é citado na obra, mas a autora não revela o nome dele. “Eu pensava nas roupas por lavar. Na Vera. E se a doença fosse piorar? Eu não posso contar com o pai dela. Ele não conhece a Vera. E nem a Vera o conhece. Tudo na minha vida é fantástico. Pai não conhece filho, filho não conhece pai²⁹⁴.” Após saber que a filha está doente, o pai vai visitá-la.

09 de junho

Fui ver. Era o pai da Vera.

—Entra!

—Por onde entra aqui?

—Dá a volta.

Ele entrou. E perpassou o olhar pelo barracão. Perguntou:

—Você não sente frio aqui? Isto aqui não chove?

—Chove, mas eu vou tolerando.

—Você me escreveu que a menina estava doente, eu vim visitá-la. Obrigado pelas cartas. Te agradeço porque você me protege e não revela o meu nome no teu diário.

Ele deu dinheiro aos filhos e eles foram comprar balas. Nós ficamos sozinhos.

Quando os meninos voltaram a Vera disse que quer ser pianista. Ele sorriu:

— Então você quer ser granfina.

Ele sorriu porque os filhos dele são músicos. A Vera pediu um rádio. Ele disse que dá um no Natal. Quando ele saiu eu fiquei nervosa. Depois cantei e fui comprar pão para os filhos. Eles comeram. E fomos deitar. Eu disse para o pai da Vera que ia sair no Cruzeiro²⁹⁵.

O pai de Vera Eunice nota a situação de miséria em que Carolina vive com os filhos, mas ainda assim não é todos os meses que dá a ajuda financeira necessária para criar a filha. É um homem branco, financeiramente estável, casado que se preocupa em manter a imagem perante a sociedade e tem medo que a escritora diga quem ele é em seu diário, em vários momentos agradece por ela não citar seu nome na obra. Apesar de ter ido visitá-las e levar algum dinheiro para ajudar nas despesas, não há um contato mais íntimo entre pai e filha.

²⁹⁴ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014, p. 65

²⁹⁵ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014, p. 157-158.

Carolina e Vera Eunice não conhecem o pai²⁹⁶ e essa é uma realidade brasileira em que os números crescem pelos mais variados motivos. O CONDEGE²⁹⁷ faz uma campanha nacional para diminuir o número de crianças que não possuem o nome do pai no registro de nascimento²⁹⁸.

A violência assume muitas formas e Carolina de Jesus questiona em várias passagens de seu diário as violências sofridas e provocadas pelas mulheres negras, moradoras da favela Canindé.

Quando eu comecei a escrever ouvi vozes alteradas. Faz tanto tempo que não há briga na favela [...] Era a Odete e o seu esposo que estão separados. Brigavam porque ele trouxe outra mulher no carro que ele trabalha. Elas estavam na casa do Seu Francisco irmão do Alcino. Sairam para a rua. Eu fui ver a briga. Agrediram a mulher que estava com Alcino. Quatro mulheres e um menino avançaram na mulher com tanta violência e lhe jogaram no solo. A Marli saiu. Disse que ia buscar uma pedra para jogar na cabeça da mulher. Eu pui a mulher no carro e o Alcino e mandei eles ir-se embora. Pensei em ir chamar a Polícia. Mas até a Polícia chegar eles matavam a mulher. O Alcino deu uns tapas na sogra, que é a pior agitadora. Se eu não entro para auxiliar o Alcino ele ia levar desvantagem. As mulheres da favela são horríveis numa briga. O que podem resolver com palavras elas transformam em conflito. Parecem corvos, numa disputa²⁹⁹.

A violência física entre o casal chega a interromper a escrita de Carolina, que em várias passagens registra que o ambiente doméstico para os moradores da favela é violento, principalmente para mulheres e crianças, que constantemente são espancadas pelos companheiros e pais, estejam estes ébrios ou não, por qualquer motivo as brigas iniciam e muitas vezes a autora é obrigada a chamar a polícia para resolver as questões familiares.

É comum na favela as constantes brigas entre os casais, estejam eles se separando ou não, a violência física não se dá apenas entre o casal, outras pessoas interferem seja para separá-los fisicamente, para também compartilhar das agressões mútuas, ou intervir chamando a autoridade competente para apaziguar os ânimos, no trecho acima quatro mulheres e um menino se unem para bater em outra mulher, supostamente a amante de Alcino.

²⁹⁶Das 432,4 mil crianças nascidas e registradas em 2022 até a data de ontem, 7, mais de 29 mil não têm o nome do pai no registro de nascimento. O enfrentamento a esse problema é feito de forma recorrente pela Defensoria Pública nos Estados e terá ação concentrada no mês de março com a realização do projeto “Meu Pai Tem Nome”. A iniciativa é do Conselho Nacional das Defensoras e Defensores Públicos-Gerais (Condege) em parceria com as Defensorias Públicas Estaduais. OLIVEIRA, Cleo. 2022 já tem mais de 22 mil novas crianças sem o nome do pai no registro de nascimento. Disponível em: <http://condege.org.br/2022/03/08/2022-ja-tem-mais-de-29-mil-novas-criancas-sem-o-nome-do-pai-no-registro-de-nascimento/>. Acesso em: 29/03/2022.

²⁹⁷Conselho Nacional das Defensoras e Defensores Públicos-Gerais promove no dia 12 de março de 2022 o dia D para atendimentos relacionados a paternidade.

²⁹⁸Projeto Meu Pai tem nome. Dados nacionais. Disponível em: <http://condege.org.br/wp-content/uploads/2022/03/Dados-Meu-Pai-Tem-Nome.pdf>. Acesso em 29/03/2022.

²⁹⁹JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014, p.52.

A violência nem sempre é física, muitas vezes, pode ser simbólica, não é necessário bater, quando se pode submeter uma mulher negra a uma situação de assédio sexual, por meio de palavras e insinuações

30 de agosto de 1958.

Fui no senhor Eduardo comprar querosene, óleo, e tinta para escrever. Quando eu pedi o tinteiro, um homem que estava perto perguntou-me se eu sabia ler. Disse-lhe que sim. Ele pegou o lapis e escreveu:

A senhora é casada? Se não for quer dormir comigo?

Eu li e entreguei-lhe, sem dizer nada³⁰⁰.

O homem desconhecido, não nomeado por Carolina de Jesus, parece não acreditar que ela saiba ler e escreve um convite de cunho sexual explícito convidando-a para dormir com ele. Ela lê mas não dá nenhuma resposta ao assediador.

Ser assediada sexualmente é algo corriqueiro na vida das mulheres, principalmente, das negras, que são sexualizadas como resquício da escravidão, da época que os senhores de engenho se apossavam dos corpos negros para servi-los à mesa e cama, dos estupros constantes cometidos pelos senhores da casa grande e seus familiares.

Carolina aborda muito a questão da violência sofrida pelas mulheres no casamento. “Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas”³⁰¹. Compara a vida delas a escravidão imposta as mulheres da Índia, país que ela reconhece como não garantindo os direitos fundamentais as mulheres. “Não casei e não estou descontente. Os que preferiu-me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis”³⁰². Condições estas que Carolina não estava disposta a aceitar, afinal não gostava de ser teleguiada. Tem opiniões próprias tanto na condução de sua vida particular e criação dos filhos, bem como na publicação de suas obras posteriores ao “Quarto de Despejo”.

“Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade”³⁰³. O trecho refere-se as vizinhas dela, que apesar de serem casadas e terem um marido que deveriam sustentá-las não é isso que ocorre na prática. Vivem da caridade alheia, seja de associações ou de estranhos, o que não é condizente com o papel de mulher casada esperado pela autora, afinal o homem deveria manter o sustento da família e não é o que acontece na maioria das casas da favela.

³⁰⁰JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014, p.110.

³⁰¹ JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014, p.23

³⁰² JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014, p.23

³⁰³JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014, p.23

Uma mulher negra, mãe de três filhos, de homens diferentes, que não se casou com nenhum deles é malvista pelos vizinhos e os que a conhecem por não seguir as regras morais da época. A maternidade deve ser exercida dentro do matrimônio, amparada por um homem, que seja marido e pai e isso não acontece com Carolina de Jesus. Esta não recorre ao aborto, como é frequente em casos de mulheres que estão em estado de vulnerabilidade social e que não possuem condições materiais de sustentar sozinhas os filhos. Carolina sofre várias discriminações, de gênero por ser mulher, de raça por ser negra, de classe por ser pobre, e por não ser considerada uma escritora por alguns críticos literários, autores e leitores.

4. CONCEIÇÃO EVARISTO

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em 29 de novembro de 1946, em Belo Horizonte. Graduiu-se em Letras pela UFRJ e trabalhou como professora da rede municipal de ensino da capital fluminense até se aposentar.

Possui mestrado em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro defendendo a dissertação *Literatura negra: uma poética da nossa afro-brasilidade* (1996). O Doutorado em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense com a tese: *Poemas Malungos, cânticos irmãos*. (2011).

A estreia de Conceição Evaristo na Literatura deu-se com a publicação de poemas e contos na série *Cadernos Negros*. Em 2003 publicou o romance “*Ponciá Vicêncio*”. “*Becos da memória*” (romance) em 2006; “*Poemas da Recordação*” e outros movimentos (poesia) em 2008; “*Olhos d’água*”(contos) 2014; “*Histórias de leves enganos e parencças*” (contos e novelas) em 2016 e “*Canção para ninar gente grande*” (romance) em 2018.

4.1.A Academia Brasileira de Letras – a sala de visitas inacessível a Conceição Evaristo.

Em 2018, Conceição Evaristo candidatou-se para a cadeira número 07, que pertencia ao cineasta Nelson Pereira Santos na ABL - Academia Brasileira de Letras. Sua candidatura causou incômodo e foi desconcertante para os imortais, que não esperavam uma campanha na internet com mais de 20.000 (vinte mil assinaturas) incentivada pela pesquisadora Juliana Borges e a publicação de uma carta-manifesto, a favor da candidatura da escritora em que a hashtag #ConceicaoEvaristonaABL# viralizou, promovendo uma discussão nas redes sociais sobre a falta de representatividade feminina e negra na academia.

Conceição Evaristo tem uma ampla obra literária que é reconhecida pelos leitores brasileiros e estrangeiros. Suas obras: Os romances: “*Ponciá Vicêncio*” (2003), “*Becos da Memória*” (2006); “*Poemas de recordação e outros movimentos*”(2017) e os livros de contos: “*Insubmissas lágrimas de mulheres*” (2011); “*Olhos d’água*” (2014); “*Histórias de leves enganos e parencças*” (2016) são objetos de estudos literários em artigos científicos, dissertações e teses por representar uma literatura brasileira fora do cânone, mas recepcionada pelos leitores como autêntica e que tem muito a dizer e merece ser lida e reconhecida pelos imortais da ABL.

A fundação da Academia Brasileira de Letras se deu em 1897 e teve como um dos fundadores Machado de Assis, escritor negro, que ao longo dos anos foi embranquecido e só recentemente a questão da raça do escritor faz parte dos debates acadêmicos. Atualmente os imortais são 33 homens brancos, 5 mulheres brancas e 2 homens negros (o escritor Domingos Proença Filho e Gilberto Gil). Apenas em 1977 Rachel de Queiroz foi eleita a primeira imortal mulher para fazer parte da academia.

A candidatura da escritora mineira incomodou porque partiu de uma iniciativa dos leitores, que sabem da qualidade e riqueza da obra literária da escritora e isso deveria ser o requisito primordial para fazer parte do quadro de imortais, no entanto, os candidatos a imortais devem seguir protocolos como comunicar aos demais imortais através de telegrama sobre a candidatura, oferecer jantares e visitá-los, enviar livros de sua autoria para que eles conheçam as obras literárias produzidas pelos candidatos à ABL e isso não foi feito da forma devida por Conceição Evaristo, segundo eles.

A imortal Nélida Pinõn³⁰⁴ em entrevista a respeito da candidatura de Conceição Evaristo diz que ela não foi eleita por um erro na condução da campanha. A escritora não fez o que era esperado que ela fizesse, procurar manter uma relação de afinidade afetiva e intelectual, conversar com os demais imortais e falar de sua candidatura, pois se eleita fosse seria uma relação que permaneceria até a morte, não há divórcio na relação com a Academia.

Ao observarmos quem faz parte dos imortais da literatura vemos cineastas, políticos, escritores, artistas, médicos, na sua maioria de brancos, muitos não tem suas obras “literárias” tão conhecidas do público leitor ou produzem textos autobiográficos e memorialísticos ou não ficção, mas são políticos quando fazem alianças e seguem protocolos para a candidatura. A Academia continua sendo um ambiente com pouca representatividade de gênero, raça, etnia, e é um reflexo do que vemos nos demais espaços de poder, em que negros, mulheres e índios ainda são minorias. As obras literárias publicadas pelos imortais não são representativas de uma identidade genuína da literatura brasileira.

Conceição Evaristo recebeu apenas um voto, mas rendeu uma discussão nos meios literários e acadêmicos sobre o papel da ABL na sociedade brasileira? Quem pode se candidatar e quem se elege? Por que uma escritora renomada como Conceição Evaristo não se elege apesar

³⁰⁴Nélida Piñon sobre campanha de Conceição Evaristo em disputa por cadeira na ABL. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aetiJPCKQ50>. Acesso em 01/12/2021.

da representatividade de sua obra para os leitores? Que raça e gênero ocupam os espaços de poder na ABL?

Ficou visível para o público leitor que ser uma das maiores escritoras negras brasileiras reconhecidas no Brasil e exterior não é suficiente para se tornar imortal e fazer parte de um seleto clube de escritores (as). No entanto, a discussão abriu a possibilidade de que outras candidaturas como está se tornem possíveis e continuem incomodando o *status quo* vigente, como é o caso do escritor indígena Daniel Munduruku, que também se candidatou a uma das cadeiras da ABL, apesar de não ser o favorito e não ter chances de ser eleito. Incomoda aos imortais essa insistência de não ter apenas autores (as) que representem uma literatura eurocêntrica e canônica, mas que represente a pluralidade brasileira, a partir da raça negra e indígena e que discutam temas sociais e políticos explícitas em suas obras.

Assim, a principal tese dos que afirmam a existência de racismo institucional é que os conflitos raciais também são parte das instituições. Assim, a desigualdade racial é uma característica da sociedade não apenas por causa da ação isolada de grupos ou de indivíduos racistas, mas fundamentalmente porque as instituições são hegemônicas por determinados grupos raciais que utilizam mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos³⁰⁵.

Em entrevistas concedidas depois do resultado, a Conceição Evaristo diz que não se sente derrotada, porque possibilitou abrir caminhos para que outros autores (as) que venham depois dela possam submeter a candidatura para fazer parte do quadro dos imortais da ABL. O público leitor reconheceu a qualidade das obras literárias produzidas pela escritora e movimentou-se para vê-la representando a vivência sofrida de mulheres negras, da periferia e seus problemas oriundos da desigualdade social e do racismo, no entanto, não houve o reconhecimento da representatividade da obra da autora para uma literatura brasileira genuína.

Perguntada em entrevista por que se candidatou à ABL se no início titubeou a escritora responde que:

Essa decisão foi tomada a partir do conclamado externamente. Perceber que existe um grupo de leitoras e leitores que me colocam nesse lugar foi muito revelador, inclusive da potência da minha literatura. Meu texto é capaz mesmo de convocar a coletividade, pensando nos afro-brasileiros, e em leitores que têm uma história diversa da minha. Homens, mulheres, negros, brancos. Não se trata de um texto apenas de uma mulher negra, mas de um grupo social, étnico e de gênero que ocuparia um lugar dentro de uma Academia que se supõe diversa, que representa uma literatura nacional. Esse lugar também é nosso³⁰⁶.

³⁰⁵ ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro: Editora Jandaíra, 2021, p. 39-40

³⁰⁶ ACAUAN. Ana Paula. **Esse lugar também é nosso**. Disponível em: <https://www.pucrs.br/revista/esse-lugar-tambem-e-nosso/>. Acesso em 23 de dezembro de 2022.

No dia 04 de novembro, a atriz renomada Fernanda Montenegro foi eleita para a cadeira 17 da Academia Brasileira de Letras. Ninguém ousou se candidatar e disputar com a atriz a cadeira de imortal. Foi uma espécie de consagração de sua arte dramática e não literária, que a fez merecedora de estar entre os imortais da academia brasileira de Letras. Entre suas obras estão: “Prólogo, ato, epílogo”³⁰⁷ com a colaboração de Marta Góes; “Fernanda Montenegro: itinerário fotobiográfico”³⁰⁸. As duas obras falam de suas memórias e de sua atuação como atriz.

Fernanda Montenegro é uma das mulheres que conseguiu adentrar um dos espaços de poder que é restrito às mulheres. Segundo Ana Clara Costa em artigo publicado na Folha de São Paulo “A atriz enviou um telegrama a cada acadêmico, relatando em poucas linhas sua candidatura, fez ligações aos imortais mais chegados e os presenteou com seus dois livros: Prólogo, Ato e Epílogo: Memórias, e Fernanda Montenegro – Itinerário Fotográfico”³⁰⁹.

O que fica explícito através da interseccionalidade são as formas de opressão que ainda existem no Brasil, por meio do racismo estrutural, que permeiam as relações de poder, que ainda colocam mulheres negras em posição de subalternidade em relação as mulheres brancas e aos homens. Ambas são mulheres e consagradas em suas artes. Por que é necessário que uma se submeta a todas as formalidades de uma candidatura a Academia Brasileira de Letras e à outra seja oferecida um lugar entre os imortais de forma que fica clara a homenagem, visto que ninguém nem mesmo ousou se candidatar e concorrer com Fernanda Montenegro?

A ABL foi chamada de racista, mas os imortais não pareceram se importar com essa questão, pelo menos não de forma pública, mas a eleição de Gilberto Gil e a candidatura do poeta Salgado Maranhão ficou parecendo que a ABL é um lugar disponível a todos, pelo menos aqueles que se submetam às regras do Poder nem sempre explícitas.

No dia 11 de novembro de 2021, Gilberto Gil foi eleito imortal para Academia Brasileira de Letras ocupando a cadeira 20, obtendo 21 dos 34 votos. Disputaram com ele o poeta Salgado

³⁰⁷ MONTENEGRO, Fernanda. **Prólogo, ato, epílogo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

³⁰⁸ MONTENEGRO, Fernanda. **Itinerário Fotobiográfico** Edições Sesc, 2018.

³⁰⁹ COSTA, Ana Clara. **O xadrez político dos imortais**: as manobras dos membros da Academia Brasileira de Letras para eleger seus candidatos preferidos. Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/o-xadrez-politico-dos-imortais/>. Acesso em: 15/11/2021.

Maranhão que obteve 07 votos e o crítico literário Ricardo Daunt que não obteve nenhum voto, quatro votaram em branco, dois nulos e um não votou porque estava doente.

Gilberto Gil é cantor, compositor, produtor musical. Publicou as obras: “Gilberto bem perto”³¹⁰, “Disposições Amoráveis”³¹¹ e “Cultura pela palavra: artigos, entrevistas e discursos dos ministros da cultura 2003-2010”³¹², “Gilberto Gil: todas as letras”³¹³. Foi embaixador da ONU em 2001 e ministro da cultura durante os dois mandatos do presidente Luís Inácio da Silva entre 2003 e 2008.

Depois de ser convencido por alguns imortais a propor sua candidatura a ABL, enviou aos imortais exemplares do livro Gilberto Gil: todas as letras e recebeu para um almoço um grupo pequeno de acadêmicos, entre eles: Merval Pereira, Zuenir Ventura, Nélide Piñon, Antonio Carlos Secchin. Houve outro almoço na casa de Adriana Calcanhoto com outros integrantes da academia e ainda um almoço na casa de Gilberto Gil com um imortal que estava indeciso no seu voto. Dentre os imortais atualmente, Gilberto Gil é o segundo negro que faz parte da ABL, junto com Domício Proença filho.

O que se percebe com a candidatura e eleição de Fernanda Montenegro e Gilberto Gil é a disputa política que existe nos bastidores da ABL, para ser eleito não é apenas necessário ser um escritor (a) reconhecido(a) pela sua obra literária, pode ser médico, engenheiro, professor desde que os imortais o aceitem como candidato. “Já o poeta gaúcho Carlos Nejar ressalta a tradição da ABL de eleger notáveis não necessariamente do mundo das letras, alegando que essa é também a essência da Academia Francesa, na qual os fundadores da ABL se inspiraram para criar a versão brasileira³¹⁴”.

Para adentrar a Academia Brasileira de Letras é necessário ter a aprovação prévia dos imortais, não adianta abaixo assinado com 20 mil assinaturas de leitores, nem campanha nas redes sociais, nem uma obra literária rica que só teria a enriquecer a biblioteca e as discussões

³¹⁰ MOREIRA, Gilberto Passos Gil, ZAPPA, Regina. **Gilberto, bem perto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019

³¹¹ MOREIRA, Gilberto Passos Gil, OLIVEIRA, Ana de. **Disposições Amoráveis**. São Paulo. Editora Iyá Omin, 2015.

³¹² MOREIRA, Gilberto Passos Gil, FERREIRA, Juca. **Cultura pela palavra**: coletânea de artigos, entrevistas e discursos dos ministros da Cultura 2003 – 2010. Editora Versal, 2013.

³¹³ MOREIRA, Gilberto Passos Gil, RENNÓ, Carlos. **Todas as letras**. (Nova edição ampliada). São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

³¹⁴ COSTA, Ana Clara. **O xadrez político dos imortais**: as manobras dos membros da Academia Brasileira de Letras para eleger seus candidatos preferidos. Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/o-xadrez-politico-dos-imortais/>. Acesso em: 15/11/2021.

do meio acadêmico, nem dissertações e teses a respeito das obras literárias de Conceição Evaristo.

No dia 18 de novembro de 2021 o médico Paulo Niemeyer Filho foi eleito para a cadeira 12 da ABL, obtendo 25 dos 34 votos, concorreram com ele o poeta Joaquim Branco e o autor indígena Daniel Munduruku, este obteve o apoio dos escritores Milton Hatoum e Chico Buarque, e de mais de cem autores que fizeram campanha para a eleição.

Paulo Niemeyer é um renomado médico, com dois livros de não-ficção publicados: “O que é ser médico”³¹⁵ e “No labirinto do cérebro”³¹⁶, enquanto Daniel Munduruku é um premiado escritor indígena com mais de 50 livros publicados tais como: “A palavra do Grande Chefe”³¹⁷, “Coisas de índio”³¹⁸, “Como surgiu – mitos indígenas brasileiros”³¹⁹, “Contos indígenas brasileiros”³²⁰, “Histórias de índio”³²¹, “Histórias que eu vivi e gosto de contar”³²², “Memórias de Índio – uma quase autobiografia”³²³, “Outras tantas histórias Indígenas de origem das coisas e do universo”³²⁴, “Um dia na aldeia”³²⁵.

A respeito da não eleição de Daniel Munduruku, Conceição Evaristo diz que:

Lá dentro da Academia, assim como tem as cabeças pensantes, tem também um monte de cabeça adormecida. As cabeças pensantes, se pensam numa casa que representa a brasilidade, é uma injustiça, uma cegueira, uma inconsciência, uma burrice ter deixado o Munduruku de fora. Além da representatividade, ele tem produtividade³²⁶.

O que mais uma vez fica claro na eleição da ABL é que falta representatividade negra e indígena na instituição, que continua sendo um espaço restrito a uma cultura hegemônica de caráter falocêntrica, misógina, racista e não-inclusiva e que autores que não estão nos espaços

³¹⁵ NIEMEYER FILHO, Paulo. FONTES, Lilian. **O que é ser médico?** Rio de Janeiro: Record, 2003.

³¹⁶ NIEMEYER FILHO, Paulo. **No Labirinto do cérebro**. Editora Objetiva, 2020.

³¹⁷ MUNDURUKU, Daniel. **A palavra do grande chefe**. São Paulo: Global Editora, 2008.

³¹⁸ MUNDURUKU, Daniel. **Coisas de índio**. Versão infantil. São Paulo: Callis, 3ª ed, 2019.

³¹⁹ MUNDURUKU, Daniel. **Como surgiu: mitos indígenas brasileiros**. São Paulo: Callis, 2011.

³²⁰ MUNDURUKU, Daniel. **Contos indígenas brasileiros**. São Paulo: Global Editora, 2004.

³²¹ MUNDURUKU, Daniel. **Histórias de índio**. Companhia das letrinhas, 1996.

³²² MUNDURUKU, Daniel. **Histórias que eu vivi e gosto de contar**. São Paulo: Callis, 2ª edição, 2010.

³²³ MUNDURUKU, Daniel. **Memórias de índio – uma quase autobiografia**, Edelbra, 2016.

³²⁴ MUNDURUKU, Daniel. **Outras tantas histórias indígenas de origem das coisas e do universo**. São Paulo: Global Editora, 2008.

³²⁵ MUNDURUKU, Daniel. **Um dia na aldeia**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2013.

³²⁶ RIBEIRO, Luiz Antonio. **Conceição Evaristo afirma: houve cegueira e burrice da ABL ao barrar Munduruku**. Disponível em: <https://notaterapia.com.br/2021/12/06/conceicao-evaristo-afirma-houve-cegueira-e-burrice-da-abl-ao-barrar-munduruku/>. Acesso em: 08/12/2021.

de poder e não pertençam ao cânone literário podem até tentar ocupar esses espaços, mas são impedidos, porque a temática de suas obras literárias incomoda.

A autora de Ponciá Vicêncio a respeito da eleição de Fernanda Montenegro e Gilberto Gil diz que:

Gosto de pensar que há várias maneiras de ler e produzir um texto. Ele não é fornecido só através do livro. Fernanda fornece através da arte de representação, pelo corpo, pela voz. Gil nem se discute. É um grande poeta. Compõe poesia e coloca uma musicalidade³²⁷.

Segundo a autora sua candidatura abriu espaço para novas possibilidades, de autores como Daniel Munduruku e outros que tenham uma representatividade na literatura negra ou indígena, mas não vê a possibilidade de candidatar-se novamente, principalmente pela discussão que houve a respeito de sua candidatura e das inúmeras entrevistas que deu a respeito disso.

Conceição Evaristo e Daniel Munduruku escancaram e aprofundam a temática da violência contra a mulher negra, o racismo, a desigualdade social, o mito da democracia racial, a arte, a cultura, o modo de viver do índio sob a perspectiva de um autor indígena e não de autores que escrevem sobre o índio sob o viés do colonizador e isso incomoda muita gente.

A obra “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo que foi adotada por uma professora de História do Ensino Médio na escola particular Vitória Régia em Salvador foi rejeitada por oito famílias de alunos que se manifestaram dizendo que a obra possuía “linguagem inadequada” a idade de 16 e 17 anos de seus filhos, que a obra retratava histórias reais de violência urbana e doméstica e que eles “não sabiam lidar com uma dor que não era sua”. Exigiram que a professora pedisse desculpa pelo conteúdo da obra literária, o que a docente não fez e foi afastada de suas atividades laborais pela direção da escola, que alegou que pela segurança da docente era melhor que esta não voltasse a ministrar aulas naquela turma, pois alguns pais se manifestaram dizendo que iriam impedir que as aulas ocorressem, deixando a docente temerosa por sua integridade física e abalada em sua saúde mental.

Heloísa Toller Gomes no prefácio de Olhos d’água diz que

No livro estão presentes mães, muitas mães. E também filhas, avós, amantes, homens e mulheres – todos evocados em sus vínculos e dilemas sociais, sexuais, existenciais, numa pluralidade e vulnerabilidade que constituem a humana condição. Sem

³²⁷RIBEIRO, Luiz Antonio. **Conceição Evaristo afirma: houve cegueira e burrice da ABL ao barrar Munduruku**. Disponível em: <https://notaterapia.com.br/2021/12/06/conceicao-evaristo-afirma-houve-cegueira-e-burrice-da-abl-ao-barrar-munduruku/>. Acesso em: 08/12/2021.

quaisquer idealizações, são aqui recriadas com firmeza e talento as duras condições enfrentadas pela comunidade afro-brasileira³²⁸.

As temáticas abordam a violência urbana e doméstica vivenciada diariamente por milhares de pessoas que “combinam de não morrer”, que vivem à margem da sociedade, não possuem privilégios, são abordadas pela polícia independente do que estejam fazendo, que veem seus filhos serem assassinados e fazerem parte de um triste estatística de violência que não muda, de corpos negros que são alvo constante do racismo, de balas perdidas, de outras fomes que não só do alimento e a escrita de Conceição Evaristo é uma forma de resistência “Escrever é uma maneira de sangrar³²⁹”, de deixar exposta as feridas da desigualdade social, de expor a dor de milhares de pessoas que não tem oportunidade e nem voz, que são silenciadas constantemente pelo Estado.

A autora dá voz a essa dor, nomeia personagens e expõe as agruras da vida na favela, em que a meritocracia não tem vez, em que a fome e a miséria são visíveis nas vielas que o Estado não consegue adentrar e fazer presentes os direitos fundamentais expostos na Constituição Federal de 1988.

Talvez por isso a Literatura de Conceição Evaristo e Daniel Munduruku incomodem tantos os imortais, é mais cômodo não vê, permanecer cego a dor do outro, a falta de representatividade na ABL, a que a Literatura não é só o que está divulgado nos livros didáticos e no cânone. Ao se candidatarem as cadeiras vagas na ABL estes autores fizeram os leitores se posicionarem através de abaixo-assinados, de textos na internet, temas como racismo na Literatura e a falta de representatividade negra e indígena permearam os discursos.

Os referidos autores não foram eleitos, mas a literatura deles é a maior contribuição que eles podem deixar aos leitores. Suas vozes não serão silenciadas, seus leitores estão lendo, escrevendo textos, discutindo, promovendo debates em escolas e no mundo acadêmico sobre as obras literárias que incomodam aqueles que não sabem vê e lidar com a dor do outro, porque só reconhecem as próprias dores.

Carolina de Jesus também nos fala a respeito das Academias:

Chegou a Dona Helena Figueiredo. Convidou-me para sair que ela ia fotografar-me para uma reportagem. Alugamos um táxi ela fotografou-me na porta da Academia Brasileira de Letras, a porta estava fechada, ela disse:

³²⁸EVARISTO. Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2015, p. 10.

³²⁹EVARISTO. Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2015, p. 109.

- As portas das Academias do Brasil ainda estão fechadas para Carolina Maria de Jesus³³⁰.

Para as referidas autoras, seja na década de 60 ou em 2021, apesar de todo o sucesso e reconhecimento dos leitores e de alguns críticos literários, a Academia Brasileira de Letras não aceita em seus quadros de imortais, mulheres que representam uma literatura periférica, à margem do cânone literário e percebe-se na seleção dos autores um racismo estrutural e que o fato de eleger Gilberto Gil, não quer dizer que o racismo estrutural não exista, assim como a discriminação de gênero. Afinal, existem mulheres negras que poderiam compor a imortalidade na Literatura se a elas fosse dado chance.

4.2 “Becos da Memória”, de Conceição Evaristo

A obra literária de Conceição Evaristo aborda em seus contos e romances a interseccionalidade de gênero, raça e classe. Isso é perceptível em obras como “Insubmissas Lágrimas de Mulheres” e “Olhos d’água”, que são duas obras de contos da autora em que é explícita a violência de gênero e urbana. A obra “Becos da Memória”, de Conceição Evaristo é a que mais se aproxima em temática a “Quarto de Despejo”, de Carolina de Jesus, por isso foi selecionada para discutir a violência de gênero, a partir da interseccionalidade de gênero, raça e classe.

A obra “Becos da Memória”, segundo Sarah Froz e Silvana Pantoja tem esse título, pois:

No título do romance de Conceição Evaristo há uma dualidade: beco é compreendido como menção ao espaço/lugar e como suporte memorial, ou seja, os lugares que guardam memórias que guardam vivências e referências. Ao propormos a relação entre espaço e memória, problematizamos a simbologia que emana da favela, no que se refere às lembranças que se presentificam no espaço. A narradora de Becos da Memória reatualiza as recordações das correntes da escravidão e da diáspora, deixando evidente a aproximação da favela com a senzala. Os personagens que habitam a favela são afro-brasileiros, alguns remanescentes do período escravocrata, excluídos e renegados ao espaço suburbano³³¹.

A favela nesta obra não é nomeada explicitamente e nem especificada a sua localização. A narradora de “Becos da Memória” não diz o que acontece lá cotidianamente como faz Carolina de Jesus em “Quarto de Despejo”. Maria- Nova narra a vida das personagens e o impacto que o desfavelamento provoca na vida dos moradores.

³³⁰JESUS, Carolina Maria. **Casa de alvenaria**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021, p. 127.

³³¹FROZ, Sarah Silva. SANTOS, Silvana Maria Pantoja dos. Espaços da Exclusão e da memória em narrativas de Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus. Disponível em: https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terroroxa/article/view/31294/pdf_1. Acesso em: 14/07/2022.

A respeito da narrativa de “Becos da Memória”, Conceição Evaristo diz que:

Também já afirmei que inventei sim e sem o menor pudor. As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção. Nesse sentido venho afirmando: nada que está narrado em Becos da Memória é verdade, nada que está narrado em Becos da Memória é mentira. Ali busquei escrever a ficção como se estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade. Na base, no fundamento da narrativa de Becos está uma vivência que foi minha e dos meus. Escrever Becos foi perseguir uma escrevivência³³²

A autora ficcionaliza sua experiência de moradora na favela, não há uma preocupação por parte da autora de ser fiel à realidade, mas narra a experiência de viver em uma favela que está passando por um processo de desfavelamento, em que aquelas pessoas que já estavam à margem da sociedade, vivendo no “quintal da cidade”, como dizia Carolina de Jesus vão passar por mais um processo de exclusão ao serem colocados para fora da favela, alguns moradores nasceram, cresceram e viveram toda sua vida naquele ambiente inóspito de desigualdade social, mas era tudo que eles conheciam.

Ela via ali, em coro, todos os sofrendores, todos os atormentados, toda a sua vida e a vida dos seus. Maria Nova sabia que a favela não era o paraíso. Sabia que ali estava mais para o inferno. Entretanto, não sabia bem por quê, mas pedia muito à Nossa Senhora que não permitisse que eles acabassem com a favela, que melhorasse a vida de todos e que deixasse todos por ali. Maria -Nova sentia uma grande angústia. Naquele momento, sua voz tremia, tinha vontade de chorar³³³.

Maria-Nova é quem narra a história dos moradores da favela é através de seu olhar que percebemos a interseccionalidade de gênero, raça e classe na obra “Becos da Memória”. “Um dia, não se sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali. Contar as histórias dela e de outros. Por isso ela ouvia tudo tão atentamente. Não pedia nada. Duas coisas ela gostava de colecionar: selos e histórias que ouvia³³⁴.” A respeito do romance de Conceição Evaristo, Suely das Graças nos diz que:

Neste romance de corte tão biográfico quanto memorialístico, além da centralidade e protagonismo de Maria Nova percebo que a cena literária centraliza outras, mulheres como se para oferecer movimento à narrativa há várias passagens que fazem referência a mulheres vivendo sozinhas e criando seus filhos, ou mesmo de mulheres agredidas pelos companheiros. Também encontramos na narrativa, mulheres subordinadas a um sistema de trabalho que revela a inferiorização de sua condição social. Isso acontece, por exemplo, nas passagens sobre a personagem Ditinha. Empregada doméstica que mora na favela, desde sempre Ditinha mostra a discrepância entre a casa e a vida da patroa, mulher branca e com boas condições financeiras, e a sua vida e seu barraco, que comporta além dela o pai, os três filhos e

³³²EVARISTO, Conceição. **Da construção de Becos**. In: Becos da Memória. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, s/p.

³³³EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 45-46.

³³⁴EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 31-32

a irmã (que pouco aparece em casa). Vivendo em condições precárias a personagem é quem cuida de todos e por isso é o pilar da família; a maneira como ela vê a patroa e é vista por ela sugere uma reflexão para se pensar a desigualdade social no Brasil³³⁵.

As histórias narradas por Maria-Nova mostram a intimidade e as subjetividades de mulheres negras, que são exploradas seja no trabalho ou em casa e vivenciam a violência de gênero e as consequências desses atos em suas vidas e de suas famílias. Além da problemática de classe, em que fica nítida a desigualdade social e a marginalização das pessoas que vivem na favela, herança de um passado escravocrata que ainda tem consequências até hoje com o racismo estrutural que permeia a sociedade brasileira. A questão da raça e do gênero também são abordadas na questão da subalternidade das personagens e nas suas trajetórias de vida permeadas pelo racismo e machismo.

4.3 A escrevivência em “Becos da Memória”

A escrevivência de “Becos da Memória” surgiu segundo Conceição Evaristo a partir de um texto intitulado “Samba favela” que foi publicado em 1963 ou 1964, no jornal “O Diário” e foi a semente do texto ficcionalizado de “Becos da Memória”. A autora parte de sua experiência como moradora da favela³³⁶, das dificuldades que enfrentou junto com a família e vizinhos para criar a partir de sua vivência um texto literário que nos mostra diversas violências sofridas por mulheres negras e pobres, que vivem numa favela que está passando por um processo de desfavelamento e como os ecos da escravidão ainda são presentes na vida das pessoas negras no Brasil.

Na construção da narrativa de “Becos da Memória” a autora diz: “ E continuo afirmando que a favela descrita em “Becos da Memória” acabou e *acabou*. Hoje as favelas produzem outras narrativas, provocam outros testemunhos e inspiram outras ficções³³⁷.” Esta favela por passar por um processo de desfavelamento está desaparecendo para dá lugar a algum empreendimento luxuoso que não fica claro na obra qual é, mas em outros lugares novas favelas surgem todos os dias, para receber os que estão à margem da sociedade e não tem vez nos bairros estruturados e outras histórias são vividas para serem contadas.

³³⁵GRAÇAS, Shely Adna das. **Feminismo negro na Literatura**: Pioneirismo de Carolina Maria de Jesus e consagração em Conceição Evaristo. Dissertação (Mestrado em Teoria Literaria e Critica da Cultura) - Universidade Federal de São João Del-Rei, 2020, p. 65-66

³³⁶ Conceição Evaristo viveu parte de sua infância na extinta favela do Pindura Saia em Belo Horizonte- Minas Gerais, que passou por um processo de desfavelamento para construção do mercado municipal.

³³⁷ EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de janeiro: Pallas, 2017, s/p.

É a própria Conceição Evaristo quem nos define o termo *escrevivência* como:

Escrevivência em sua concepção inicial, se realiza como um ato da escrita de mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia as mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais³³⁸.

A narração do que acontece na favela dá-se pela *escrevivência* de Maria-Nova, que através da memória vai contando as histórias das personagens, que assim como ela viviam na favela as consequências do processo de desfavelamento e exclusão social. Maria-Nova dá ao leitor as histórias das personagens, não apenas de forma oral como acontece com as histórias contadas por *Bondade*³³⁹, mas a menina sente a necessidade de escrever as dores de todo aquele povo sofredor que não tem a quem recorrer. “Um dia, agora ela já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova um dia escreveria a fala de seu povo”³⁴⁰.

Através da escrita Maria-Nova vê a possibilidade de visibilizar as histórias de sofrimento de seu povo, denunciar o que séculos de escravidão deixaram de herança ao povo negro, mostrar o lado humano daqueles que são invisibilizados pela sociedade, desprovidos de direitos, esquecidos pelo poder público e explorados por políticos que só lembram deles quando é época de eleição e querem os votos dos eleitores.

Conceição Evaristo utiliza a voz narrativa de Maria-Nova para que a ajude a contar as histórias de sua infância na favela. A *escrevivência* da autora se aproxima da narradora, porque aquela transmite através de suas memórias as histórias que vão ser narradas por Maria-Nova. A *escrevivência* das duas se com(fundem) como a própria Conceição afirma em “*Becos da Memória*”.

Quanto à aparência de Maria-Nova, comigo, no tempo do meu eu-menina, deixo a charada para quem nos ler resolver. Insinuo, apenas, que a literatura marcada por uma *escrevivência* pode con(fundir) a identidade da personagem narradora com a identidade da autora. Esta con(fusão) não me constrange³⁴¹.

³³⁸EVARISTO, Conceição. **A *escrevivência* e seus subtextos**. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p.30

³³⁹É um personagem que os moradores acolhem em suas casas, contador de histórias, conhece boas e ruins dos que moram na favela e as conta para Maria-Nova.

³⁴⁰EVARISTO, Conceição. ***Becos da Memória***. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p.177.

³⁴¹EVARISTO, Conceição. ***Becos da Memória***. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, s/p.

Conceição Evaristo cria dramas existenciais como iremos perceber na construção das personagens de “Becos da Memória”, desde a empregada doméstica Ditinha que apesar de trabalhar muito para sustentar a família termina por furtar uma joia da patroa e as consequências desse ato atinge a todos que dependem dela; Cidinha-Cidoca, prostituta que termina enlouquecendo e morrendo de forma trágica; Fuizinha e sua mãe que sofrem violência doméstica do provedor da casa, dentre tantas outras histórias de moradores da favela e a própria consciência de raça, classe, gênero, da desigualdade social que aos poucos vai percebendo Maria-Nova.

São personagens que experimentam tais condições, para além da pobreza, da cor da pele, da experiência de ser homem ou mulher ou viver outra condição de gênero fora do que a heteronormatividade espera. São personagens ficcionalizadas que se com (fundem) com a vida, essa vida que eu experimento, que nós experimentamos em nosso lugar ou vivendo com(fundido) com outra pessoa ou com o coletivo, originalmente de nossa pertença³⁴².

Maria-Nova é sempre participativa nas aulas e faz intervenções inteligentes durante a explanação do conteúdo pela professora. Na aula sobre a “Libertação dos escravos” a professora já esperava que ela se posicionasse sobre a questão, mas ela se manteve quieta e arredia, alheia ao conteúdo. A professora pergunta o porquê ela não querer falar sobre o assunto, no que a menina respondeu:

Maria-nova levantou-se dizendo que, sobre escravos e libertação, ela teria para contar muitas vidas. Que tomaria a aula toda e não sabia se era bem isso que a professora queria. Tinha para contar sobre uma senzala de que, hoje, seus moradores não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida³⁴³.

A professora continua sem compreender o que Maria-Nova quer dizer e pede que ela explique melhor. E ela lembrou de vários moradores das favelas, das muitas histórias nascidas de uma outra História, uma que não era ensinada nos livros, mas era vivida e sentida todos os dias pelos descendentes das pessoas que foram escravizadas durante séculos, uma história que nem todos estavam preparados para ouvir e refletir sobre ela.

Maria-nova olhou novamente a professora e a turma. Era uma História muito grande! Uma história viva que nascia das pessoas, do hoje, do agora. Era diferente de ler aquele texto. Assentou-se e, pela primeira vez, veio-lhe um pensamento: quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente³⁴⁴.

³⁴²EVARISTO, Conceição. **A escrivência e seus subtextos**. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escrivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p.31

³⁴³EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p.150.

³⁴⁴EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p.150-151.

Maria-Nova acredita que através da escrita ela pode ressignificar aquilo que ela aprendeu na escola sobre o povo negro, a escravidão, pois nos livros de História a versão oficial é a do colonizador, os professores transmitem aos alunos o que está escrito nos livros, mas não refletem sobre as consequências de séculos de escravidão, de estereótipos e estigmatização para o povo negro e o racismo estrutural da sociedade brasileira.

A menina narradora é a esperança de Maria-Velha, de Tio Totó, Bondade, Negro Alírio e de tantos outros que a observam ouvir as histórias de seu povo, estudar e querer contá-las sob perspectiva dos que foram aprisionados durante séculos e silenciados, que mesmo após a liberdade ainda sofrem com as consequências da escravidão.

- Menina, o mundo, a vida, tudo está aí? Nossa gente não tem conseguido quase nada. Todos aqueles que morreram sem se realizar, todos os negros escravizados de ontem, os supostamente livres de hoje, se libertam na vida de cada um de nós, que consegue viver, que consegue se realizar. A sua vida, menina, não pode ser só sua. Muitos vão se libertar vão se realizar por meio de você. Os gemidos estão sempre presentes. É preciso ter os ouvidos, os olhos e o coração abertos³⁴⁵.

É através da escrevivência de autores (as) negros (as) que velhas histórias podem ser (re)significadas e construídas a partir das memórias de quem as viveu para uma nova geração que tem possibilidades de transformar o mundo em que vivem através da educação. “Afinal, ela estava estudando. Maria-Nova apertou os livros e os cadernos contra o peito, ali estava a sua salvação. Ela gostava de aprender; de ir à escola, não”³⁴⁶.

A escrevivência de Conceição Evaristo em “Becos da Memória” retratou como veremos nos tópicos a seguir a violência de gênero enfrentadas pelas personagens femininas em suas mais variadas formas. Violência que está relacionada a interseccionalidade de gênero, raça e classe, com a exclusão social que permeia os moradores da favela, que são invisibilizados no cotidiano, mas que a escrita quebra esse silêncio ao mostrar as dores vivenciadas, principalmente pelas mulheres negras na obra.

4.4 Senzala- Favela

Conceição Evaristo através da narrativa de “Becos da Memória” nos apresenta os moradores de uma favela, que estão passando por um processo de desfavelamento e toda a violência que esse processo traz à vida daquelas pessoas que veem a cada partida dos vizinhos a realidade do desfavelamento se tornar mais próxima. Eles têm que sair imediatamente e

³⁴⁵EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 111.

³⁴⁶EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p.110.

procurar uma moradia em outra favela e iniciar uma vida nova. As opções oferecidas pela construtora ou são aceitas pelos moradores ou estes ficam sem nada e vão ter que sair de qualquer maneira.

Os tratores da firma construtora estavam cavando, arando a ponta norte da favela. Ali, a poeira se tornava maior e as angústias também. Algumas famílias já estavam com ordem de saída e isto precipitava a dor de todos nós. Cada família que saía, era uma confirmação de que chegaria a nossa vez. Ofereciam duas opções ao morador: um pouco de material, tábuas e alguns tijolos para que ele construísse outro barracão num lugar qualquer, ou uma indenização simbólica, um pouco de dinheiro. A última opção era pior. Quem optasse pelo dinheiro recebia uma quantia tão irrisória, que acabava sendo gasta ali mesmo. Depois vinha o pior, decorrido o prazo de permanência, nem o dinheiro, nem as tábuas, nem os tijolos, só o nada³⁴⁷.

É no meio desse processo de desfavelamento que a narradora Maria-Nova, nos conta através de seu olhar crítico as histórias de vida de vários moradores, os conflitos que existem entre os da “casa-grande e os da senzala”, as memórias que ficaram guardadas quando todos se forem e os tratores destruírem seus casebres. Para onde os moradores iriam? Pessoas que moraram toda uma vida naquele chão de que estavam sendo desalojados. Iriam para mais longe do trabalho, dos vizinhos. “Todos sabiam que favela não era o paraíso, mas ninguém queria sair”³⁴⁸.

Maria-Nova ao retomar seus estudos toma consciência que os moradores da favela são os descendentes de homens e mulheres que foram escravizados. A favela de hoje nos remete a escravidão, a senzala de outrora como podemos perceber no trecho abaixo:

Maria- Nova que divagava em um pensamento longínquo e próximo ao mesmo tempo. Duas ideias, duas realidades, imagens coladas machucavam-lhe o peito. Senzala-favela. Nesta época, ela iniciava seus estudos de ginásio. Lera e aprendera também o que era casa-grande. Sentiu vontade de falar à professora. Queria citar, como exemplo de casa-grande, o bairro nobre vizinho e como senzala, a favela onde morava. Ia abrir a boca, olhou a turma e a professora. Procurou mais alguém que pudesse sustentar a ideia, viu a única colega negra que tinha na classe. Olhou a menina, porém ela escutava a lição tão alheia como se o tema escravidão nada tivesse a ver com ela. Sentiu certo mal-estar. Numa turma de quarenta e cinco alunos, duas alunas negras, e, mesmo assim, tão distante uma da outra. Fechou a boca novamente, mas o pensamento continuava. Senzala-favela, senzala-favela³⁴⁹.

Maria-Nova percebe a relação da senzala com a favela e quer falar disso em sala de aula. Mas quem entenderia essa relação? A casa grande é comparada ao bairro nobre vizinho, em que seus habitantes têm todos seus direitos e garantias constitucionais preservados e a favela é a senzala, em que os moradores não são donos de nada, são despejados de seus casebres e

³⁴⁷EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p.71

³⁴⁸EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p.71

³⁴⁹EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p.73

lançados novamente à margem da sociedade e dos direitos e garantias constitucionais. Maria-Nova compreende essa relação, mas se vê silenciada, por que quem entenderia seu pensamento? A outra menina negra, que estuda na mesma sala que ela, ouve a explicação da professora a respeito da escravidão, mas se mostra alheia a própria história, não reflete sobre o processo de escravidão que o povo negro sofreu e as consequências disso nos dias atuais. Não percebe que as favelas de hoje têm resquícios da senzala, dos porões do navio negreiro, das prisões atuais.

Segundo Lelia Gonzalez:

O lugar natural do grupo branco dominante são moradias saudáveis, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidos por diferentes formas de policiamento que vão desde os feitores, capitães de mato, capangas, etc até a polícia formalmente constituída. Desde a casa-grande e do sobrado até os belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” [...] dos dias de hoje, o critério tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço[...]. No caso do grupo dominado o que se constata são famílias inteiras amontoadas em cubículos cujas condições de higiene e saúde são as mais precárias. Além disso, aqui também se tem a presença policial: só que não é para proteger, mas para reprimir, violentar e amedrontar. É por aí que se entende porque o outro lugar natural do negro sejam as prisões³⁵⁰.

Lelia Gonzalez nos mostra a relação geográfica em que estão pessoas brancas e negras na sociedade brasileira, e as consequências dessa divisão racial, em que a miséria em todas as suas formas é mostrada: o desemprego, a prostituição, a falta de amparo do poder público para as questões básicas como saúde, educação, segurança pública não estão assegurados os direitos básicos aos cidadãos que moram em favelas, como fica explícito a ausência regular a esses direitos em “Becos da Memória”.

Simone Pereira Schmidt a respeito da relação senzala-favela nos diz que:

Esta relação senzala-favela, se atualiza no romance de duas formas. Primeiramente, na memória da escravidão, frequentemente relatada pelos mais velhos, em histórias nas quais rememoram sua infância passada em fazendas, senzalas, plantações e enfrentamentos com os sinhôs. Num segundo plano, o mais vivido no romance, a relação da senzala com a favela se atualiza na geografia dos becos onde se vivencia a condição subalterna dos seus moradores. Através desse fio que une passado colonial e escravocrata com as profundas desigualdades vivenciadas na pele pelos descendentes dos escravos nas cidades de hoje, uma outra história da literatura brasileira, e de seus personagens, sem dúvida está a ser feita neste momento³⁵¹.

³⁵⁰GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 84-85

³⁵¹SCHMIDT, Simone Pereira. **Nos becos da memória a força da narrativa**. In: Escrivências: Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo. DUARTE, Constância Lima, CÔRTEZ, Cristiane, PEREIRA, Maria do Rosário A (orgs) Belo Horizont: Idea, 2018, p. 103.

Através da memória as personagens resgatam histórias da escravidão de seus antepassados, e que impacta diretamente a vida que os moradores têm hoje nas favelas. A falta de oportunidades de estudo e trabalho, o racismo estrutural que permeia a sociedade brasileira. Essa relação senzala-favela é lembrada pelos personagens mais velhos, como tio Totó que lembra que seus pais foram escravos, que ele já nasceu sob a “Lei do Ventre Livre”, mas que tanto ele como seus antepassados não escolheram aquela vida. Que trabalharam em senzalas, depois em plantações, fazendas e foram despejados nas novas senzalas, que são as favelas. Tio Totó não se conforma com tantas perdas como podemos ver:

Perdi pai e mãe que nunca tive direito, dado o trabalho de escravo nos campos. Perdi um lugar, uma terra, que pais de meus pais diziam que era um lugar grande, de mato, bichos. De gente livre e sol forte... E hoje, agora a gente perde um lugar de que eu já pensava dono. Perder a favela!³⁵²

O avô de Maria-Velha lembra da perda dos vários filhos, vivo só tinha Luisão, mas este era louco, rebelde, que odiava os sinhôs, por terem vendido sua irmã e depois disso desapareceu no mundo, só tendo retornado para levar o pai embora dali.

- Pai, vamos daqui, não é preciso nem falar pro sinhô da fazenda. Nessas andanças descobri coisas... Há muito que o branco não é mais dono de negro. Nem vender Lya, a mãe com os filhos, nem vender Ayaba, minha irmã, podiam. Tenho algum dinheiro, labutei fora, trabalhei madeira e vendi³⁵³.

E assim pai e filho partem para comprar um pedaço de terra que pudessem lavrar para seu sustento, sem depender das ordens do sinhô, sem serem escravizados, mas as lembranças do tempo de escravidão, da venda dos entes queridos, da exploração laboral sem o devido pagamento e reconhecimento permaneceu na memória de ambos.

E agora, mais uma vez estavam sendo retirados à força do lugar em que viviam, assim como seus antepassados foram escravizados e retirados da África, estavam mais uma vez passando por uma dispersão com o violento processo de desfavelamento, que os deixava sem opções de uma vida com mais dignidade.

O processo de desfavelamento é interrompido momentaneamente por uma tragédia que acontece com João da Esmeralda, Zé da Binha, Neca Palito e Tonho Cuíca, meninos-homens, que resolveram brincar de carrinho nos tratores da firma encarregada de derrubar os casebres depois de desocupados. Na infância roubada em que tinham que crescer muito cedo, não tinham

³⁵²EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 29.

³⁵³EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p.34

brinquedos para brincar, mas tinham curiosidade para observar os operários da firma dirigindo os tratores e quiseram fazer o mesmo, enebriados de cachaça, foram apenas brincar e voltar a serem crianças dirigindo aqueles tratores.

O estrondo ouviu-se em toda favela, e os adultos encontraram quatro corpos mutilados, tratores destruídos. Após as mortes dos homens-vadios-meninos³⁵⁴ passaram-se quatro meses em que o processo de desfavelamento parou até recomeçar o trabalho, o acúmulo de poeira, a partida dos antigos moradores para outras paragens, o medo do desconhecido de pessoas que já eram marginalizadas e que não sabiam o que o futuro reservava para elas.

Não era para menos, o desfavelamento recomeçara. E recomeçara bravo. Os homens exigiam a saída rapidamente dos moradores. Que se juntassem logo os trapos! Quem escolhia os tijolos e as tábuas, pelo menos tinha um pouco de material que permitiria erguer um barraco em outra favela qualquer. Vó Rita viu o caminhão sumir. Em duas semanas, mais de cinquenta famílias que já tinham recebido a ordem de despejo antes da morte dos homens-vadios-meninos, tiveram de sair rapidamente. Quem havia escolhido o dinheiro, já havia gasto tudo e a situação estava pior³⁵⁵.

O processo de desfavelamento descrito na narrativa deixa explícito a desigualdade social e o processo violento que é a retirada das pessoas da favela, que apesar de não ser um bom lugar para morar, era o único que conheciam, mas tinham que sair às pressas, com o pouco que possuíam para procurar outra moradia, em outra favela, às vezes num lugar mais longe ainda do trabalho, sem os vínculos anteriores construídos ao longo dos anos de convivência com os vizinhos.

E quando o plano de desfavelamento aconteceu na prática é que fomos descobrir que os pretensos donos éramos nós. Eles, sim, é que eram os donos verdadeiros ou se portavam como tais. Nós, cada qual ajuntava seus trapos e, mesmo estando com o coração cheio de dor, mesmo estando com o coração cheio de rancor, partíamos³⁵⁶.

Os moradores tinham direito de estar ali, durante décadas moraram sem serem incomodados pelo Poder Público ou algum particular que fosse o dono do terreno e depois de décadas que tinham constituído raízes, criado vínculos e formado suas famílias eram despejados de seus casebres. A lei os amparava, mas eles não tinham acesso a justiça. Não sabiam a quem recorrer. Quem procurar diante da situação de desfavelamento? E muitos se aproveitavam dessa situação como podemos ver no trecho abaixo:

³⁵⁴ Na narrativa de “Becos da Memória” é assim que João da Esmeralda, Zé da Binha, Neca Palito e Tonho Cuíca são chamados “Homens-vadios-meninos”.

³⁵⁵ EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 85

³⁵⁶ EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 117

Em época de eleição, apareciam por lá candidatos a votos e juravam que fariam alguma coisa por nós. Que a lei usucapião existia, que nós não sairíamos de lá nunca, se votássemos neles. E tome de panfletos e tome de retratos e tome de faixas. As paredes dos barracos ficavam enfeitadas. Os fundos das fossas também. As propagandas, jornais velhos, panfletos, depois de soletadamente lidos, quando lidos, cumpriam outra função: a higienização da bunda. Os rostos e olhos daqueles candidatos que antes nunca havíamos visto e que depois não veríamos mais, principalmente se vencessem nas urnas, perseguiam-nos o tempo todo, tornavam-se então íntimos de nós. Estavam espalhados por todas as partes. As mulheres e as crianças da favela ficavam votando de brincadeira nos candidatos que elas achavam de rosto mais bonito. Um dia, apareceu um candidato negro. Espalhou também seus papeizinhos. Poucos escutavam o que o homem tinha a dizer. Diziam mesmo que ele não ganharia nunca. Parecia ser pobre como nós. No concurso de beleza, obteve poucos votos³⁵⁷.

Como diria Carolina de Jesus, as eleições são “o cavalo de troia” da população. Nessa época os políticos aparecem fazendo promessas, ouvindo a população carente e dizendo exatamente o que eles querem ouvir. Ficam indignados com as condições desumanas em que aquela população sobrevive e falam da lei de usucapião, que eles têm direito de permanecer naquela terra, mas sem fazer nada de prático, sem dá acesso à justiça, ao direito fundamental de uma moradia digna.

As propagandas de candidatos a eleição entulhavam a favela de mais lixo, panfletos, propagandas das propostas eleitoreiras dos candidatos visando conquistar o eleitorado com promessas de que o desfavelamento não irá mais acontecer. Que se eleitos fossem vão cuidar de garantir que os moradores permaneçam onde estão, mas depois de eleitos desaparecem, esquecem as promessas de campanha e só retornam nas próximas eleições, é um ciclo que se repete em toda eleição e continua atual, um verdadeiro presente de grego.

Essas mazelas sociais são reforçadas por um processo de desigualdade social e pela pouca representatividade de pessoas negras na Câmara dos Deputados e Senado. Segundo o Observatório Equidade no Legislativo, nas eleições de 2014 a 2018 temos os seguintes dados³⁵⁸.

³⁵⁷EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 117

³⁵⁸Para fins de exemplificação do desafio, quando se analisa o Poder Legislativo nacional, apresentam-se os seguintes dados referentes à 56ª Legislatura do Senado Federal:

- a) foram eleitos apenas 3 senadores homens que se autodeclararam pretos;
- b) foram ELEITAS(OS) apenas 18 parlamentares que se autodeclararam NEGRAS(OS) (pretas/os ou pardas/os) e, desse número, há apenas 2 mulheres negras (2 pardas e nenhuma preta); e
- c) em termos relativos, as(os) 18 parlamentares ELEITAS(OS) para a 56ª Legislatura do Senado Federal que se autodeclararam NEGRAS(OS) (pretas/os ou pardas/os) representam 22,22% do total de parlamentares dessa Casa, ao passo que brancas e brancos representam 77,78% - não foram eleitas pessoas que se autodeclararam indígenas ou descendentes de povos orientais para a 56ª Legislatura do Senado Federal.

No caso da Câmara Federal, entre 513 parlamentares ELEITAS(OS) para a 56ª Legislatura há 436 homens e apenas 77 mulheres.

Percebe-se que os negros não tem uma representatividade no Congresso Nacional e isso impacta as políticas públicas, as ações afirmativas, sanções mais efetivas e que sejam aplicadas para os crimes de injúria racial e racismo.

Maria-Nova narra as histórias de violência física, sexual, psicológica vivenciadas por mulheres negras, moradoras da favela e que tem sua dignidade violada constantemente, nos casos de estupro de vulnerável, de abuso sexual intrafamiliar, espancamentos, agressões, lesão corporal, xingamentos que ocorrem diariamente na favela e que são silenciados pelas vítimas, os vizinhos não denunciam e conseqüentemente não há punição por parte do Estado.

A desigualdade social fica explícita na festa organizada pelo Cabo Armindo, que morava numa área privilegiada na favela, num terreno enorme e que bancava financeiramente sozinho toda a festa junina, alguns moradores diziam que ele apenas organizava e cedia o local da festa, mas quem pagava por todas as comidas e bebidas eram os vizinhos do bairro rico, como forma de uma trégua, para que não fossem importunados pelos moradores da favela.

Havia outros bairros perto de favelas em que as casas eram constantemente arrombadas. Parece que havia mesmo um acordo tácito entre os favelados e seus vizinhos ricos. Vocês banquem a nossa festa junina, deem-nos as sobras de suas riquezas, oportunidades de trabalho para nossas mulheres e filhas e, antes de tudo, deem-nos água, quando faltar aqui na favela. Respeitem nosso local, nunca venham com plano de desfavelamento, que nós também não arrombaremos a casa de vocês. Assim, a vida seguia aparentemente tranquila. E dois grupos tão diversos teciam, desta forma, uma política da boa vizinhança³⁵⁹.

A política da boa vizinhança entre o bairro nobre e a favela consistia em possibilitar que os marginalizados se banquetessem com as sobras da riqueza, daqueles que os exploravam.

São 26 deputadas a mais do que na legislatura anterior, o que representa um avanço tímido (aumento da representação feminina de 9,94% para 15,01%), conquanto ainda seja insatisfatório, caso se considere o fato de as mulheres serem a maioria da população brasileira, representando aproximadamente 51,5% do total, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Quando se analisa a composição étnico-racial das deputadas e dos deputados federais ELEITAS(OS) para a 56ª Legislatura, 124 parlamentares autodeclararam-se NEGRAS(OS) (pretas/os ou pardas/os), o que corresponde a 24,16% do total. As brancas e os brancos somam 75,24%, ao passo que indígenas e descendentes de povos orientais representam apenas 0,6% do total.

A composição étnico-racial nos outros Poderes da República é ainda mais preocupante. No Judiciário, mais especificamente no Supremo Tribunal Federal (STF), há apenas 2 mulheres e nenhuma negra ou negro entre os 11 ministros da Corte. No Superior Tribunal de Justiça, composto por 33 ministros, há apenas 6 ministras, das quais nenhuma é negra, e apenas 1 negro, o ministro Benedito Gonçalves.

A baixa representatividade étnico-racial e de gênero nas lideranças de instituições brasileiras é, portanto, evidente e deve ser mais bem compreendida para que seja superada. O Observatório elaborado pelo Grupo de Trabalho de Afinidade de Raça e pelo Comitê Permanente pela Promoção da Igualdade de Gênero e Raça do Senado Federal tem o objetivo de contribuir para a referida superação. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/responsabilidade-social/oel/observatorio-de-equidade-nos-legislativos-federal-e-estaduais>. Acesso em 18/07/2022.

³⁵⁹EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p.47

Que as mulheres servissem de empregadas domésticas, babás e limpassem a sujeira dos ricos e fossem a “mãe-preta” de crianças brancas e privilegiadas, para que as mulheres brancas pudessem ir trabalhar sem culpa, em empregos que pagavam bem, enquanto as negras permaneciam em subempregos e em situação de vulnerabilidade social.

Maria – Nova como narradora vai nos dando uma ideia dessa relação dos marginalizados da favela, seus antepassados escravizados que viviam nas senzalas, construíram a resistência nos quilombos e que lutam até hoje pela libertação de um passado escravocrata que ainda reverbera numa sociedade brasileira racista.

De qualquer forma, memórias acumuladas, sejam individuais ou coletivas, formam o grande painel da real favela da infância ou na fictícia senzala-favela do romance. Pode-se dizer que a memória de Maria-Nova é adquirida na medida em que a personagem-testemunha toma como sua as lembranças do grupo com o qual se relaciona, ou seja, há um processo de apropriação de representações coletivas por parte da personagem em interação com outros personagens, revivendo acontecimentos pessoais ou “herdados”, num tempo-espaço comum ao grupo: a favela³⁶⁰.

Nos becos da favela e da memória da narradora estão as histórias de vida das personagens, homens, mulheres, adolescentes, crianças que vivem a dor da exclusão social, de morar numa favela e não ter os direitos e garantias constitucionais respeitados. Vamos privilegiar alguns personagens que vivenciam histórias de violência, seja ela física, psicológica, sexual ou simbólica, como a empregada doméstica Ditinha, Fuizinha, Nazinha, Dora, Custódia, que são mulheres negras que representam uma parcela significativa da população brasileira, que vivem as desigualdades sociais provenientes da interseccionalidade do gênero, da raça e classe.

4.5 Ditinha - a cor da faxina no Brasil

“E Faxina tem Cor no Brasil. Tem gênero. Tem Raça. É preta”³⁶¹. Resquício ainda da escravidão, as mulheres negras são constantemente interrogadas se fazem faxina, se querem trabalhar como empregadas domésticas ou babás, de preferência que durmam no emprego, na maioria das vezes, sem carteira de trabalho assinada e acesso aos direitos trabalhistas, com remuneração abaixo do salário mínimo, sofrendo assédio moral e sexual por parte dos patrões,

³⁶⁰SOUZA, Adriana Soares de. **Costurando um tempo no outro: vozes femininas tecendo memórias no romance de Conceição Evaristo**. Dissertação de Mestrado Programa de Pós-Graduação em Literatura: UFSC, 2011, p. 93

³⁶¹PIEIDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017, p. 45

sem folgas aos sábados e domingos, sem direito de estudar e melhorar de vida. Um exemplo dessa realidade da mulher negra está presente no episódio que aconteceu com a historiadora Luana Tolentino.

A pergunta feita à Historiadora Luana Tolentino por uma legítima representante da Branquitude: “Moça, você é Faxineira?”, causou, recentemente, indignação nas redes sociais. E a resposta de Luana à referida senhora “Não, eu faço Mestrado. Sou Professora” sinaliza que o Racismo continua a todo vapor³⁶².

A indignação de Luana Toletino não é que seja vergonhoso ser faxineira, mas ela tem consciência que só perguntaram se ela fazia faxina por ser negra. Se ela fosse uma mulher branca essa pergunta não seria feita a ela. Isso mostra o racismo estrutural brasileiro, que no imaginário social funções como: faxineiras, babás, empregadas domésticas, que são exercidas por mulheres com pouca ou nenhuma escolaridade e são colocadas em situação de subalternidade são exercidas exclusivamente por mulheres negras.

A respeito da criação da personagem Ditinha em “Becos da Memória”, em entrevista a Ademir Pascale, Conceição Evaristo relata como não precisa investigar, fazer laboratório para escrever sobre uma mulher negra que é empregada doméstica, pois as mulheres de sua família e a própria autora têm experiência em trabalhar como empregadas domésticas ou babás, o que ela escreve parte da vivência dela como mulher subalternizada.

O conto “Di Lixão”, fui inspirada ao ouvir um relato de briga de um menino, vendedor de amendoim, em um bar, na Cinelândia, Rio de Janeiro. Digo ainda, quando crio uma personagem, como Biliza ou Ditinha, ambas domésticas, repetindo uma afirmativa da escritora Miriam Alves, sobre o lugar em que nos colocamos para criar essas personagens. Miriam enfatiza o que eu também explicito. Para criar uma personagem que encarna uma doméstica, não precisamos de laboratório ou investigação para a criação da mesma. Enquanto um processo criativo pode se dá pelo olhar de “uma patroa ou patrão”, que na porta do quarto da empregada olha para a personagem lá dentro, para a construção da mesma, o processo criativo que experimento, por injunções de uma história particular e coletiva se torna outro. Trago outra vivência, a minha fala nasce de dentro do quarto da empregada. Posso ser a própria empregada falando, escrevendo, concebendo uma personagem de si própria. Escre (vendo) se. Escrevivendo-se. Escrita e vivência. Vivência como sumo da própria escrita. Escrevivência³⁶³.

A autora oscila entre a veracidade de sua história de vida que pode ser ficcionalizada numa personagem inventada por ela para discorrer sobre a subalternização da mulher negra no emprego doméstico.

Em relação à influência de gênero e raça, entendidos como dois dispositivos circunscritos ao dispositivo trabalho doméstico, podemos dizer que o gênero se liga a características relacionadas a construções sociais que disciplinam os corpos femininos

³⁶²PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017, p. 44

³⁶³PASCALE, Ademir. **Entrevista com Conceição Evaristo**. Disponível em: <http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/2017/10/entrevista-com-conceicao-evaristo.html>. Acesso em: 29/07/2022.

para a prática cotidiana de atividades historicamente associadas às mulheres, como o cuidado da casa, dos filhos, do marido³⁶⁴.

Em “Becos da Memória” de Conceição Evaristo, Maria-Nova narra a história de Ditinha, moradora da favela, empregada doméstica, mãe de três filhos e que mora com a irmã e o pai paralítico. A opressão de classe mostra-se presente na relação de Ditinha com a patroa em que a miséria e o luxo coexistem, como na senzala e casa-grande, em que os escravos comiam os restos deixados pelos senhores.

Muitas vezes, quando ela estava na casa da patroa e ia almoçar, lembrava da comida que havia deixado em casa. O alimento crescia-lhe na boca, formava um bolo e não descia. Com lágrimas nos olhos, ela era obrigada a jogar aquela refeição tão boa no lixo, pensando nos seus que estavam com fome em casa. Tinha vontade de pôr tudo numa lata e pedir para levar para casa, mas tinha vergonha. Tinha muita vergonha de Dona Laura³⁶⁵.

A fartura na mesa de poucos e a falta de comida na mesa de boa parte da população que mora na favela, que se alimenta mal, quando se alimenta. “Ela, por exemplo, nunca havia pensado que os restos que muitas vezes ganhava das patroas, eram o excesso dos que tinham muito e que esta sobra era construída justo em cima da falta ou do pouco dos que nada tinham”³⁶⁶. Negro Alírio é quem procura conscientizar as pessoas da favela sobre a desigualdade social, a fome e a miséria em que vivem ser resultado de anos de exploração dos patrões, do capitalismo e não por preguiça dos moradores da favela, da herança escravocrata que deixou negros à margem da sociedade, porque ainda lutam por uma reparação histórica depois de séculos de escravidão.

Ditinha trabalha a quase um ano na mansão de dona Laura e diante do luxo que a outra possuía, mansão, carros, joias, vestidos e sapatos que combinavam “Olhou-se no espelho sentiu-se tão feia, mais feia do que normalmente se sentia”³⁶⁷, ao contrário da patroa que é descrita da seguinte forma:

Como D. Laura era bonita! Muito alta, loira, com os olhos da cor daquela pedra das joias. Ditinha gostava muito de D. Laura e D. Laura gostava muito do trabalho de Ditinha. Olhando e admirando a beleza de D. Laura, Ditinha se sentiu mais feia ainda. Baixou os olhos envergonhada de si mesma³⁶⁸.

Ditinha é uma mulher negra, que tem uma rotina exaustiva de trabalho como empregada doméstica na casa de D. Laura, depois cuidando do pai paralítico, de três crianças pequenas e sendo a provedora do lar. No trecho acima a narradora diz que D. Laura gosta do trabalho de

³⁶⁴TEIXEIRA, Juliana Cristina. **Trabalho doméstico**. São Paulo: Jandaíra, 2021, p. 110-111.

³⁶⁵EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 104.

³⁶⁶EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 147.

³⁶⁷EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 99

³⁶⁸EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p.100-101.

Ditinha, não da pessoa em si, mas do que ela proporciona, uma mansão limpa e organizada, principalmente depois das festas promovidas pela patroa.

Enquanto empregada doméstica, ela sofre um processo de reforço quanto à internalização da diferença, da subordinação e da “inferioridade” que lhe seriam peculiares. Tudo isso acrescido pelo problema da dupla jornada que ela, mais do que ninguém, tem de enfrentar. Antes de ir para o trabalho, tem que buscar água na bica comum da favela, preparar o mínimo de alimentação para os familiares, lavar, passar, e distribuir as tarefas dos filhos mais velhos com os cuidados dos mais novos (as meninas, de um modo geral, encarregam-se da casa, e do cuidado dos irmãos mais novos). Após “adiantar” os serviços caseiros, dirige-se à casa da patroa, onde permanece durante todo o dia³⁶⁹.

A narrativa mostra bem essa dupla jornada de trabalho de Ditinha, que tem que acordar muito cedo para deixar tudo minimamente organizado em casa para o pai paraplégico e os filhos que ainda ficam dormindo. Chega ainda cedo na casa da patroa e permanece até à noite, indo embora apenas quando D. Laura dá permissão para o fim da jornada e ela segue exausta para casa, para terminar os afazeres domésticos e iniciar novamente no dia seguinte. É uma vida de muito trabalho, miséria e nenhum atrativo diante das dificuldades diárias, por isso, às vezes vaga a esmo pelos becos da favela, antes de voltar para casa e se deparar com a pobreza do seu barraco, contrastando com a riqueza da mansão que limpa diariamente.

Um episódio transforma a vida de Ditinha e de toda sua família é o interesse que ela demonstra em uma pedra preciosa específica, os olhos de Ditinha reluziam para a pedra e durante a arrumação do quarto de D. Laura após a festa de aniversário da patroa, ela não resiste e furta a joia:

O quarto estava lindo novamente. obrigação cumprida. Colocou a caixinha de joias na terceira prateleira; mas, antes porém, apanhou a pedra verde, tão bonita, tão suave, que até parecia macia. Era um broche. Ditinha colocou o broche no peito, junto aos seios, sob o sutiã encardido. A pedra não era tão macia assim, estava machucando-lhe o peito³⁷⁰.

O broche é a representação do abismo social entre patroa e empregada, entre a mulher branca que possui bens materiais e é sinônimo de beleza, é culta, tem condições de se cuidar, e a mulher negra subalternizada, que se acha feia, que não gosta do seu cabelo, depende de um emprego doméstico sem garantias trabalhistas, que a submete a horas exaustivas de trabalho, sem horário definido, que não pode faltar ao serviço mesmo quando está doente. “Pode ir, não

³⁶⁹GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro Zahar, 2020, p. 58.

³⁷⁰EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 106

falte amanhã, porque você terá muito que fazer³⁷¹” A fala de D. Laura já antecipa o trabalho árduo que Ditinha teria no dia seguinte ao aniversário da patroa.

O ato impensado de furtar o broche da patroa que tanto chamou-lhe a atenção tem consequências trágicas para sua vida e de sua família. A pedra não tinha a maciez que aparentava e depois de furtada Ditinha não sabia o que fazer com ela. Pensara em devolver para D. Laura, mas tinha vergonha do que tinha feito e de ser chamada de ladra, ela que sempre fora trabalhadora e se orgulhava disso. Se antes já se sentia feia e suja, depois de furtar se sentia pior “Julgava a patroa tão limpa, ela tão suja. E agora, ainda por cima, ladra.³⁷²” Segundo Juliana Teixeira a respeito de uma pesquisa realizada e dos furtos cometidos por domésticas.

Para além de acusações indevidas e injustas respaldadas pelo mito negro (SOUZA, 1983) construído pela branquitude, em casos em que o furto de fato ocorre, observei em narrativas de entrevistas coletadas pela professora e pesquisadora Jurema Brites (2008, p. 73-99) algumas especificidades. Segundo a pesquisadora os furtos adquirem simbolicamente o significado de um jogo. Em um estudo publicado por ela sobre as políticas da vida privada na prática do trabalho doméstico, há relatos de furtos cometidos pelas empregadas que poderiam ser substituídos por simples pedidos às patroas. Apesar de poderem ser considerados um reconhecimento deliberado da subalternidade presente na relação, o ato de furtar também pode ser simbolicamente considerado uma forma de exercer algum poder numa relação já tão subalternizada e, por vezes, desumanizada³⁷³.

A relação entre patroas e empregadas deixa explícita a desigualdade social e a situação de subalternidade em que as empregadas vivem, muitas vezes, alimentando a si e a seus familiares com os restos dos patrões. Os conflitos entre patroa e empregada surgem em decorrência do encontro de classes sociais desiguais, que convivem na intimidade do mesmo espaço em que fica nítido o abismo social entre as duas e a violação aos direitos fundamentais básicos da empregada.

Logo entendi que os furtos, imputados aos domésticos, também apresentavam um panorama das tensões constitutivas do trabalho doméstico, em nosso país. Seguindo tais pistas, foi possível localizar na literatura científica um enquadramento para tais tensões, as quais incidem nas seguintes premissas: o serviço doméstico proporciona o encontro de classes desiguais numa sociedade cada vez mais marcada pela segregação e o medo do “outro”; a empregada doméstica aparece como um elemento “arcaico” (tanto pela sua intromissão na intimidade, como pela desigualdade social e econômica que evidencia) no seio da “família moderna”; o serviço doméstico pauta-se em relações de trabalho clientelistas numa época marcada pela cidadania³⁷⁴.

³⁷¹EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p.101

³⁷²EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 119

³⁷³TEIXEIRA, Juliana Cristina. **Trabalho doméstico**. São Paulo: Jandaíra, 2021, p.49-50.

³⁷⁴BRITES, Jurema. **Afeto, desigualdade e rebeldia**: bastidores dos serviços domésticos. Tese. (Doutorado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000, p. 12.

Para Ditinha a patroa é uma mulher branca, linda, culta, possuidora de bens materiais, limpa, enquanto ela, é uma mulher negra, subalternizada, explorada por D. Laura, mas sem a devida consciência disso, se considera feia e suja e a sujeira fica mais impregnada ainda depois do ato de furtar.

O sujo está associado ao negro: à cor, ao homem e à mulher negros. A linguagem gestual, oral e escrita institucionaliza o sentido depreciativo do significante negro: o Aurelio, por exemplo – para citar apenas um dos nossos mais conceituados dicionários – vincula ao verbete “negro” os atributos sujo e sujeira, entre dez outros de caráter pejorativos. O negro acreditou no conto, no mito, e passou a ver-se com os olhos e a falar a linguagem do dominador³⁷⁵.

O broche continuava escondido no sutiã, lhe ferindo o seio, deixando-o marcado em carne viva. Ditinha não para de pensar na merda que fez e procura uma solução, pensa nos filhos e no pai paralítico, quem vai cuidar deles se ela for presa. Sua família sempre foi pobre e miserável, mas se orgulhavam de ser trabalhadores e de não existir ladrões entre eles, até agora. Por fim, encontra a solução.

O peito, o broche... O alfinete do broche havia rasgado o peito dela. Como tudo ardia! O cheiro da fossa ardia em seu nariz. A ardência ia até a alma. A chama da lamparina, irresponsavelmente, brincava em sombra sobre a parede esburacada. De repente, a chama iluminou fundo da fossa. Num lampejo Ditinha viu as merdas supitando lá no fundo. E num lampejo mais rápido ainda, o broche tão bonito, de pedra verde tão suave que até parecia macia, sumiu em meio às bostas.³⁷⁶

Jogar o broche na fossa é uma metáfora da vida que a personagem leva, ao furtar a joia a vida que já não era fácil, torna-se ainda mais difícil, pois a ferida no seio infecciona e ela não pode ir trabalhar nos dias seguintes, o corpo e a alma estão doentes. Após cinco dias a polícia aparece na favela procurando por uma falsa doméstica de nome Ditinha, que “trabalhou quase um ano na casa daquela senhora, para dar o golpe depois”³⁷⁷. Ela mostra-se indignada diante da acusação de ser uma falsa doméstica, afinal durante quase um ano exercera seu trabalho com primor e era constantemente elogiada pela patroa, que fazia questão de dizer que ela trabalhava bem. E agora sofria a acusação de ser uma falsa doméstica e ladra.

Ditinha foi interrogada na delegacia e sempre negou o crime até que de tanto os policiais perguntarem ela disse que tinha jogado a joia na merda e durante três dias, vários policiais se revezavam procurando o broche na fossa, sem nada encontrar. Os vizinhos não sabiam dizer se

³⁷⁵SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021, p.59-60.

³⁷⁶ EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 123

³⁷⁷EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 125

o broche foi encontrado ou não, mas levaram Ditinha presa, deixando as crianças e o pai paralítico sem a provedora do lar. Os vizinhos se revezavam ajudando como podiam com alimentos, a dar banho no idoso e Beto, o filho mais velho de Ditinha, ainda adolescente tornou-se homem de repente. Ditinha se arrependeu do ato e adocece emocionalmente, pois a humilhação e a culpa de ser apontada como uma ladra, logo ela, que sempre fora tão trabalhadora a desestabiliza psicologicamente

Nota-se que essa “violência” vai abranger, além do social, o psíquico da personagem. Embora tenha cometido uma ação condenada pela sociedade, a degradação moral e psicológica marca o sujeito pela humilhação e culpabilidade. Por intermédio da voz narrativa, mostram-se as qualidades e as dificuldades enfrentadas pela personagem chefe de família. Sabe-se o que a impulsionou a cometer a ação impensada. No entanto, percebe-se que esse ato se torna pequeno, se comparado com o descaso da sociedade ou do Estado – que atentam contra a dignidade e a identidade dos segmentos excluídos³⁷⁸.

O furto cometido por Ditinha representa metaforicamente a desigualdade de classe, em que a opulência da riqueza de D. Laura contrasta com a miséria em que vive a empregada e seus familiares. O ato de jogar o broche furtado na merda mostra não só o ato de desespero e arrependimento de Ditinha, que não sabe como sair daquela situação vexatória em que se colocou, mas a merda é a representação da própria vida dela, que por mais que trabalhe, se esforce, não consegue prover de forma digna a família. É uma merda de vida, que piorou com a prisão de Ditinha e a situação de miséria em que as crianças e o pai paralítico se encontraram, a ponto de o filho mais velho começar a trabalhar no que aparecesse para colocar um pouco de alimento dentro de casa.

O olhar crítico e observador de Maria-Nova mostra vários tipos de violência vivenciada por homens e mulheres na favela, a desigualdade social, a fome, a miséria, a prostituição, a violência doméstica, o alcoolismo, o processo de desfavelamento, os resquícios do período escravocrata que ainda são percebidos nas relações de poder, em quem pessoas brancas detém os meios de produção exploram os demais com baixos salários e condições exaustivas de trabalho.

³⁷⁸SOUZA, Adriana Soares de. **Costurando um tempo no outro: vozes femininas tecendo memórias no romance de Conceição Evaristo**. Dissertação de Mestrado Programa de Pós-Graduação em Literatura: UFSC, 2011, p. 130

4.6 Cidinha- Cidoca: morrer de não viver

A personagem Cidinha-Cidoca é apresentada ao leitor como uma mulher sexualizada e objetificada pelo olhar masculino. O corpo negro é desvelado mostrando o quanto é desejado pelos homens e odiado pelas mulheres que a veem como uma rival.

Diziam as más línguas e as boas também que Cidinha-Cidoca tinha o “rabo de ouro”. Não havia quem o provasse e não se tornasse freguês. Todos iam e voltavam. Velhos, moços e até crianças. As mulheres da favela odiavam Cidinha-Cidoca. As mais velhas a temiam pelos seus homens, as mocinhas por seus namorados e as mães por seus filhos que começavam a crescer e que, entre o vício da mão, do autocarrinho, preferiam o corpo macio e quente, preferiam o “rabo de ouro” da Cidinha- Cidoca³⁷⁹.

O estereótipo da sexualização da mulher negra vem desde o período da escravidão, em que as escravas eram submetidas além do trabalho das lavouras, e doméstico na casa-grande, de cuidar dos filhos dos senhores, sofriam os estupros pelos homens brancos, provocando ainda a ira das senhoras que não as viam como vítimas, mas como mulheres sedutoras que queriam roubar seus maridos. A sexualização e objetificação do corpo feminino negro permanece até hoje como podemos perceber:

A exploração da mulher negra enquanto objeto sexual é algo que está muito além do que pensam ou dizem os movimentos feministas brasileiros, geralmente liderados por mulheres da classe média branca. Por exemplo, ainda existem “senhoras” que procuraram contratar jovens negras belas para trabalharem em suas casas como domésticas,; mas o objetivo principal é que seus jovens filhos possam “se iniciar” sexualmente com elas. (Desnecessário dizer que o salário de uma doméstica é extremamente baixo). Com isso temos um exemplo a mais da superexploração econômico-sexual de que falamos acima, além da reprodução/perpetuação de um dos mitos divulgados a partir de Freyre: o da sensualidade especial da mulher negra³⁸⁰.

Cidinha-Cidoca é uma prostituta conhecida por seus atributos sexuais, por enlouquecer os homens com seu “rabo de ouro”, não só os vizinhos, mas os moradores de outras favelas que vinham jogar futebol e aproveitavam para desfrutar dos prazeres carnais disponibilizados por Cidinha. “Festival de bola no campo. Festival no corpo de Cidinha-Cidoca. Tempo de novo homem, de homem estranho chegar ao corpo de Cidinha. As mulheres gostavam, enquanto ela se divertia com os homens do time contrário, os seus estavam resguardados”³⁸¹.

³⁷⁹EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 21-22.

³⁸⁰GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro Zahar, 2020, p.60

³⁸¹EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 25

Havia homens que mal conseguiam jogar pensando em Cidinha, alguns jogadores mais afoitos até queriam levá-la embora para outra favela, mas ela era tida como propriedade dos homens que ali moravam e que não permitiriam sua saída.

Os antigos homens, pretensos donos de Cidinha, estavam na espreita. Deitar com ele ou outro, sim, ela podia, afinal era fama, prestígio para a favela, mais um para contar as delícias da mulher. Porém, Cidinha ir, saltar as divisas, ultrapassar os limites do campo empoeirado...Não! Nem ela nem eles seriam doidos para se meterem em tamanha loucura³⁸².

A mulher negra vista como propriedade, que não tem vontade própria, pois não pode ir embora para outra favela, não pode desvendar lugares desconhecidos “Cidinha tinha mesmo vontade de conhecer outros lugares”³⁸³, mas nem ela, nem ele seria louco de fazer isso. Cidinha era vista como um troféu por aquele que a desejava e a queria levar para outro lugar e como propriedade, que trazia fama para a favela por seus pretensos donos, que conheciam seu corpo, mas não lhe davam liberdade para ela ir aonde quisesse.

No imaginário brasileiro a mulher negra é estereotipada, ora como empregada doméstica, ou como serviçal exercendo trabalhos mal remunerados em escolas, hospitais, supermercados sem exigência de escolaridade e qualificação, além de outra “profissão” ser a “mulata tipo exportação” como é o caso de Cidinha-Cidoca.

A profissão de mulata é exercida por jovens negras que, num processo extremo de alienação imposto pelo sistema, submetem-se à exposição de seus corpos (com o mínimo de roupa possível), através do “rebolado”, para o deleite do voyeurismo dos turistas dos representantes da burguesia nacional. Sem se aperceberem, elas são manipuladas, não só como objetos sexuais mas como provas concretas da “democracia racial” brasileira; afinal são tão bonitas e tão admiradas! Não se apercebem de que constituem uma nova interpretação do velho ditado “ Preta para cozinhar, mulata para fornicar e branca para casar”. Em outros termos são sutilmente cooptadas pelo sistema sem se aperceberem do alto preço a pagar: o da própria dignidade³⁸⁴.

Quando Maria- Nova apresenta Cidinha ao leitor a descreve como quieta, alheia ao que está acontecendo ao seu redor “Suja, descabelada, olhar parado no vazio. Se lhe dessem um trago, bebia. Se não lhe dessem, nem de segura na boca reclamava mais”³⁸⁵. Ainda que tenha perdido a lucidez e demonstre claros sinais de loucura, que não está mais em posse de sua razão, ainda assim continuava com um corpo belo, esbelto, sensualizando em roupas transparentes “A

³⁸²EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 26.

³⁸³EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 26

³⁸⁴GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 59.

³⁸⁵EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 21.

sombra de sua negra nudez era percebida sob o camisolão alvo. Era tudo muito bonito e tentador”³⁸⁶.

Não se sabe como Cidinha-Cidoca foi engolida pelo Buracão que existia na favela, nunca tinha havia tido morte ali, era um buraco que crescia, e que no fundo tinha lama e pequenos arbustos, muitas coisas eram jogadas pelos moradores naquele buraco. Um dia notaram algo estranho no fundo, alguns homens desceram para saber o que era e voltaram com o corpo inerte de Cidinha, dias antes ela havia avisado que ia “morrer de não viver”, mas ninguém tinha prestado atenção. “A mulher estava morta. Cidinha-Cidoca, durante os anos de lucidez, representava a vida na favela. Ela, o corpo dela, o sexo gostoso, o prazer. Veio a loucura; primeiro, o espanto de todos; depois o acostumar-se”³⁸⁷.

O que seria morrer de não viver para Cidinha-Cidoca? Não há uma explicação do porquê ela repetir várias vezes essa frase. A loucura, o silêncio da personagem, o que a fez desistir de viver? Ela que já fora a definição de vivacidade e prazer, aos poucos vai definhando a olhos vistos, perdendo o brilho de outrora, aparentemente permanece alheia ao que acontece ao seu redor, pode-se compará-la com a favela que vai se desfazendo com a saída das famílias de seus casebres e a tristeza que vai tomando conta dos moradores que ainda restam, que não sabem que rumo tomar, alheios à própria sorte. A morte de Cidinha impressionara Maria-Nova que lembrava a ameaça de “Morrer de não viver” e não era aquilo que ela queria “Era preciso viver. “Viver do Viver”. A vida não podia se gastar em miséria e na miséria”³⁸⁸.

4.7 Nazinha – violência sexual infantil

Uma das histórias era de sua amiga Nazinha, que foi vendida para um homem mais velho e pedófilo que a violentou. O homem aproveitou-se da miséria em que a família vivia, da dificuldade diária de conseguir se alimentar e comprar remédios para o filho doente, do marido que não conseguia prover as necessidades básicas da família e descontava suas frustrações na bebida.

Outro dia, veio aqui o fornecedor da fábrica de cigarros, suprir os botequins da favela. O homem, diferente de nós, fala grosso com a mão no bolso. A mãe da menina fica a olhar a mão do moço sempre no bolso. Os dois se olham. Ela já sabe do vício do moço. O moço já sabe das necessidades da mãe da menina. O moço é rápido, direto, franco e cruel. “Quanto você quer, mulher?” A mãe da menina não responde. O moço tira um pacote de notas. A mãe chama a menina: “Nazinha, acompanhe o moço!” O

³⁸⁶ EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 21.

³⁸⁷ EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 158-159

³⁸⁸ EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p.160.

Homem pega pela mãe e segue outros rumos. Não mais o rumo da fábrica, era preciso fugir, pegara o dinheiro do patrão. A mãe da menina junta os trapos, o filho doente, o marido revoltado e bêbado. Procura outros caminhos, também era preciso fugir³⁸⁹.

A história de Nazinha foi assunto durante dias na favela. A família tinha fugido com medo de represálias, ninguém sabe que rumo tomaram. O agressor também teve que fugir, porque utilizou o dinheiro do patrão para comprar a menina e cometer estupro de vulnerável. Maria- Nova sentia a dor de Nazinha, que foi vendida e estuprada.

Maria – Nova na noite em que ouviu a história de dor da outra menina dormiu e sonhou com a amiguinha. Nazinha sentia dor, sangue, sangue, sangue... era como se a vida lhe estivesse fugindo, a começar por aquele ponto entre as pernas. O homem tapou-lhe a boca e gozou tranquilo³⁹⁰.

A violência sexual aparece diariamente nos noticiários da TV, na internet, nas conversas com as amigas, nas discussões em sala de aula, é raro uma mulher no Brasil não ter sofrido assédio ou ter sido vítima de tentativas ou de abuso sexual consumado, e na maioria das vezes, as vítimas se calam, são silenciadas porque sabem que o seu comportamento e não o do abusador é que vai ser questionado. A definição de violência sexual que consta no SINAN é:

É qualquer ação na qual uma pessoa, valendo-se de sua posição de poder e fazendo uso de força física, coerção, intimidação ou influência psicológica, com uso ou não de armas ou drogas, obriga outra pessoa, de qualquer sexo e idade, a ter, presenciar ou participar de alguma maneira de interações sexuais, ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, com fins de lucro, vingança ou outra intenção. Incluem-se como violência sexual situações de estupro, abuso incestuoso, assédio sexual, sexo forçado no casamento, jogos sexuais e práticas eróticas não consentidas, impostas, pornografia infantil, pedofilia, voyeurismo, manuseio, penetração oral, anal ou genital, com pênis ou objetos, de forma forçada. Inclui, também, exposição coercitiva/constrangedora a atos libidinosos, exibicionismo, masturbação, linguagem erótica, interações sexuais de qualquer tipo e material pornográfico. Igualmente, caracterizam a violência sexual os atos que, mediante coerção, chantagem, suborno ou aliciamento, impeçam o uso de qualquer método contraceptivo ou forcem ao matrimônio, à gravidez, ao aborto, à prostituição; ou que limitem ou anulem em qualquer pessoa a autonomia e o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos. A violência sexual é crime, mesmo se exercida por um familiar, seja ele pai, mãe, padrasto, madrasta, companheiro(a), esposo(a).³⁹¹

A definição é bem ampla e abrange vários tipos de violências sexuais, dentro e fora do casamento, nas relações intrafamiliares, no caso do abuso incestuoso, o uso da pornografia e da exposição dos órgãos genitais em público ou num ambiente mais reservado, as situações de assédio inclusive no trabalho.

³⁸⁹EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 38.

³⁹⁰EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p.38

³⁹¹ Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan) do Ministério da Saúde.

Não existe lugar seguro para mulher. No âmbito familiar, podem ser vítimas de quem as deveria proteger como: pai/padrasto, avô, tio, irmão, sobrinho, filho, no entanto, esses homens que *a priori* deveriam resguardar a integridade física das mulheres da família, muitas vezes, são os algozes delas, estupradores que convivem com as vítimas e que as perseguem durante anos, até que seja descoberto. Ainda assim, não é garantia de que o abusador seja punido, a vítima silenciada durante anos, é indagada porque não denunciou antes, se não denunciou era porque gostava e não seria estupro.

Algumas pessoas da família inclusive culpam a vítima dizendo que ela seduziu, se insinuou para os homens da família e em muitos casos estamos falando de crianças e adolescentes de 00 a 18 anos de idade, que ainda não possuíam a compreensão do ato sexual em si quando foram estupradas e que viam no abusador uma figura de autoridade e proteção que deveria resguardá-la de qualquer violência.

O FBSP - Fórum Brasileiro de Segurança Pública realizou levantamento de dados de violência contra crianças e adolescentes, de 0 a 17 anos, entre o primeiro semestre de 2019 e o primeiro semestre de 2021, em 12 Estados³⁹² da Federação.

O crime com maior número de vítimas de 0 a 17 anos é o estupro com 73.442 casos identificados. A faixa etária mais atingida por esse tipo de crime é a de 10 a 14 anos. Nesse caso, existe uma significativa desigualdade de gênero, já que 85% das vítimas são do sexo feminino. A desigualdade de raça/cor não é significativa, mas a maior parte das vítimas é negra (51,6% dentre o total de registros com a raça disponível)³⁹³.

Apesar dos números serem alarmantes, casos de estupro ainda são subnotificados porque as vítimas se sentem culpadas, envergonhadas, confusas, não sabem a quem pedir ajuda e muitas vezes vão ter suas histórias contestadas. No caso, das crianças muitas vezes elas sabem que algo aconteceu, que o toque do abusador não foi apropriado, mas ela não sabe que é estupro e não tem muita noção do que aconteceu. Por isso é tão importante a educação sexual nas escolas, para que as crianças tenham noção do que é um abuso sexual e quando o toque é apropriado ou não.

Quando os abusos acontecem na adolescência, no início a vítima resiste, revida, mas com a sequência dos abusos ela termina cedendo, não porque esteja gostando, mas pelo medo,

³⁹²Alagoas, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Pará, Piauí, Paraná, Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo devido as informações disponíveis nestes Estados sobre os boletins de ocorrência.

³⁹³FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Violência contra criança e adolescente. (2019-2021). Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/12/violencia-contra-criancas-e-adolescentes-2019-2021.pdf>. Acesso em: 05/07/2021.

ameaças, não saber a quem procurar para ajudá-la, não ter em quem confiar, afinal o agressor é um familiar acima de qualquer suspeita e ela não sabe como será a reação da família.

Até mesmo mulheres adultas casadas tem dificuldade em acreditar que foram estupradas pelo marido, porque acreditam que por estarem casadas deve haver a relação sexual, mas esta deve ser consentida e quando os dois querem, não pela imposição do desejo sexual do homem sobre a mulher. O estupro marital existe e poucas vezes vai ser denunciado, porque quando isto acontece, o casamento que já passava por situações de violência tende a ser rompido com a prisão do agressor, mas a mulher vai ouvir que ela acabou com a família quando fez a denúncia do marido/companheiro e que havia outras formas de resolver a questão que não fosse com a prisão do homem.

O estupro é uma forma de submeter as mulheres negras, desde a escravidão ao domínio do homem branco, que procurava através da violência sexual subjugar-la, minando sua resistência e oprimindo-a ainda mais. Segundo Angela Davis “O estupro era uma arma de dominação, uma arma de repressão, cujo objetivo oculto era aniquilar o desejo das escravas de resistir e nesse, processo, desmoralizar seus companheiros”³⁹⁴.

As violências sofridas pelas mulheres são muitas e estão estampadas em jornais, na internet, redes sociais, nos gritos que ouvimos de madrugada na casa vizinha e ainda assim, suas dores são silenciadas, invisibilizadas pelo sexismo e racismo cotidiano.

Já há algum tempo, quando leio escritos de autoria feminina, reparo que raramente eles tratam da questão que me parece a mais urgente, a mais premente, que nenhuma mulher pode ignorar. Onde estão as marcas literárias da violência a que cotidianamente as mulheres são submetidas? Onde, as dores do espancamento, do estupro, do aborto? Na vida – nesta que fica aquém da literatura – tais dores são comuns. Não passa uma semana sem que os jornais noticiem a morte de mulheres assassinadas pelo companheiro, vingativo ou enlouquecido de ciúmes. Não passa um dia sem que uma mulher seja espancada, sangrada, violada, apenas por ser mulher. E não me refiro só à violência física que deixa marcas visíveis no corpo. Também as outras, a humilhação, a ofensa, o desprezo, marcam, doem, e são cotidianas ³⁹⁵

As dores dos espancamentos, estupro, aborto são silenciados e invisibilizam as violências sofridas pelas mulheres todos os dias, apesar das leis de proteção, das medidas protetivas que não impedem que os agressores ameacem, assediem, atentem contra a integridade física e psicológica da mulher. As mulheres têm medo de denunciar, expor suas

³⁹⁴ DAVIS, Ângela. **Mulheres, Raça e Classe**. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 36

³⁹⁵ DUARTE, Constância Lima. **Gênero e violência na literatura afro-brasileira**. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/arquivos/artigos/teoricos/conceituais/ArtigoConstancia1generoeviolencia.pdf>. Acesso em: 25/07/2022, p.01

dores ao julgamento de outras pessoas, que não demonstram empatia e nem se tornam rede de apoio de mulheres violentadas.

As obras “Quarto de Despejo” e “Becos da Memória” expõem as violências sofridas pelas autoras como mulheres negras e a violência de gênero sofrida pelas personagens, que vivem as agressões físicas e psicológicas no cotidiano e não tem uma rede de apoio que as ampare para sair do círculo da violência doméstica.

4.8 Fuizinha – violência sexual intrafamiliar

Maria- Nova narra a história de Fuinha e sua família “Havia a miséria das pessoas que trazem o coração trancado para qualquer ato de amor. E essas pessoas acabavam atraindo para si o ódio de todos os demais. Fuinha era uma dessas pessoas”³⁹⁶.

Fuinha destaca-se na favela pelos episódios de violência doméstica que cometia contra a esposa e a filha Fuizinha. Batia nas duas por qualquer que fosse o motivo, os vizinhos ouviam tudo, mas nada faziam. Um dia a esposa amanheceu morta, morrera de tanto apanhar, gritara a noite toda e enfim fora silenciada pela violência de seu marido e a omissão de seus vizinhos. O sofrimento dela tivera fim, mas o de Fuizinha ainda estava no começo.

Fuizinha ainda muito haveria de gritar. Ia crescendo apesar das dores, ia vivendo apesar da morte da mãe e da violência que sofria do pai carrasco. Ele era dono de tudo. Era dono da mulher e da vida. Dispôs da vida da mulher até a morte. Agora dispunha da vida da filha. Só que a filha, ele queria bem viva, bem ardente. Era o dono, o macho, mulher é para isto mesmo. Mulher é para tudo. Mulher é para gente bater, mulher é para apanhar, mulher é para gozar, assim pensava ele. O Fuinha era tarado, usava a própria filha³⁹⁷.

O lar que deveria ser um local de proteção e acolhimento da mulher, é justamente neste ambiente doméstico e privado que as agressões físicas, sexuais e psicológicas acontecem com as vítimas. O estupro incestuoso que provoca um trauma em Fuizinha é silenciado pela vítima e pelos vizinhos, que mesmo sabendo o que acontece não denunciam Fuinha pelo estupro reiterado da filha, nem pelas constantes surras que diariamente a menina sofre, nem pelo feminicídio em relação a esposa. “Maria- Nova tinha pavor dele. Houve quem tentasse falar com ele e Fuinha cinicamente respondeu que a filha era dele e que ele fazia com ela o que bem

³⁹⁶EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 78.

³⁹⁷EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p.79

quisesse”³⁹⁸. Fuizinha não tem a quem recorrer e após a morte da mãe passa a sofrer constantemente as investidas sexuais do pai.

A menina pobre, sozinha em casa com seu pai, não tem a quem apelar. A presença da arma branca ou de fogo reitera permanentemente as ameaças verbais. Ela não tem escapatória. Entrar em luta corporal com seu pai só pioraria as coisas. Primeiro, não podendo medir forças com um homem adulto, poderia sair muito ferida daquela situação. Segundo, e em última instância, poderia perder a vida nesta brincadeira de mau gosto. A rigor, não havia saída. Se não havia escapatória, ela é, indubitavelmente, vítima e como tal se concebe e define. Logo, não há razões para sentir-se culpada³⁹⁹.

Fuinha age como dono e senhor das mulheres que estão sob seu domínio, primeiro a esposa que durante toda a vida sofreu inúmeros tipos de violência até culminar com sua morte, sem que houvesse interferência do poder público ou dos vizinhos, que sabiam do que aconteciam, mas se mantiveram inertes, revalidando o ditado popular que em “briga de marido e mulher não se mete a colher”

A violência doméstica apresenta características específicas. Uma das mais relevantes é sua rotinização (Saffioti, 1997c), o que contribui, tremendamente, para a codependência e o estabelecimento da relação fixada. Rigorosamente, a relação violenta se constitui em verdadeira prisão. Neste sentido, o próprio gênero acaba por se revelar uma camisa de força: o homem deve agredir, porque o macho deve dominar a qualquer custo; e a mulher deve suportar agressões de toda ordem, porque seu “destino” assim o determina⁴⁰⁰.

Fora do ambiente doméstico em que impõe sua virilidade e machismo a esposa e filha ele é um homem negro comum, marginalizado como os demais moradores da favela, embora a percepção que os outros moradores tenham dele seja divergente.

Uns diziam que ele era louco, outros que era maldoso, perverso, e que nada de louco tinha. Conversava, andava, falava, trabalhava normalmente. Aparecia no armazém de Seu Ladislau, tomava banho ali naqueles quartinhos em que os homens se banhavam, bebia uns goles de pinga, falava e até ria um pouco para alguns, e ia embora⁴⁰¹.

Fuinha é um homem normal que trabalha, conversa com outras pessoas, não é desprovido de discernimento, sabe muito bem o que está fazendo e o poder que não tem fora de casa, por ser um homem marginalizado, ele exerce no ambiente doméstico através da violência impondo todo seu poder e ódio as mulheres da família, por ser o único provedor do lar, em que se percebe a dependência econômica das vítimas. Isso facilita as agressões, pois não há uma rede de apoio que as façam sair desse ambiente de violência. A omissão dos vizinhos e do

³⁹⁸ EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p.79-80.

³⁹⁹ SAFIOTTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015, p. 22-23

⁴⁰⁰SAFIOTTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015, p.90

⁴⁰¹EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 78

Estado contribuem para que as agressões sofridas por elas permaneçam impunes. O silêncio também mata.

A quem elas recorreriam para denunciar o marido e pai? Como elas sobreviveriam se ele fosse preso? Quem manteria economicamente o lar? Na obra o único que as visitam é Bondade, mas mesmo ele não consegue fazer muita coisa diante do domínio do marido “Eles não recebiam nem faziam visitas. Bondade sempre passava por lá, demorava um pouco, mas nunca lhe permitiram ficar para dormir. Ele nunca esquecia das duas”⁴⁰². Bondade tem trânsito livre pela favela, não tem pouso certo, dorme na casa de um, de outro, visita a todos e é bem recebido pelos moradores, mas na casa de Fuinha diferente de outras moradias da favela não é permitido que ele durma, para não haver mais uma testemunha da violência doméstica sofrida por mãe e filha.

Faltam políticas públicas eficazes e uma rede de apoio que auxiliem as mulheres que denunciaram seus maridos/companheiros por violência doméstica, para que elas pudessem trabalhar, prover a família do sustento básico, escola integral para os filhos, apoio psicológico e psiquiátrico para a família. Inserção nos programas sociais de casa própria do governo. Não basta colocar mulheres e crianças em casas abrigos para se protegerem do agressor. A família precisa retomar a vida num ambiente doméstico saudável, sem medo de sofrer as consequências de ter denunciado a violência sofrida e começar uma vida nova.

4.9 Vozes-mulheres: a maternidade

As feministas do século XIX reivindicaram o direito a “maternidade voluntária” e o controle de natalidade. “A maternidade voluntária era considerada uma audácia, uma afronta e uma excentricidade por pessoas que insistiam que a esposa não tinha o direito de recusar-se a satisfazer os anseios sexuais do marido⁴⁰³.” É uma visão progressista da mulher de classe média e da burguesia que não atendia as reivindicações das mulheres das classes trabalhadoras. Conceição Evaristo a respeito da maternidade da mulher negra diz que:

Uma leitura mais profunda da literatura brasileira, em suas diversas épocas e gêneros, nos revela uma imagem deturpada da mulher negra. Um aspecto a observar e a

⁴⁰²EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p.. 79

⁴⁰³DAVIS, **Angela. Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2016, p. 205.

ausência da representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para as mulheres brancas em geral⁴⁰⁴.

As mulheres são impostas socialmente que sejam mães, aquelas que não querem exercer a maternidade são tidas como incompletas, que não atendem ao objetivo biológico da procriação e por isso são menos mulheres. A personagem Dora é julgada por não querer ser mãe e deixar o filho recém-nascido sob os cuidados do pai. Ela gestou a criança e depois de parir não quis exercer a maternidade que todos as pessoas esperavam que ela exercesse. É uma violência imposta a mulher que não tem o direito de escolher se quer ou não ser mãe, mas a mesma sociedade que a julga, não faz os mesmos julgamentos em relação aos homens que abandonam a mulher e o filho quando descobrem uma gravidez indesejada e não assumem a paternidade.

O homem pode impor o aborto à mulher, ameaçá-la caso leve a gravidez não planejada adiante e embora o aborto provocado com ou sem consentimento da gestante seja crime, muito raramente os homens são denunciados por essa conduta. No entanto, a mulher sofre as consequências de uma gravidez indesejada que não conta com o apoio emocional e financeiro do companheiro. Assim, muitas mulheres realizam abortos clandestinos em ambientes insalubres, sem as condições de higiene adequadas, que podem causar sequelas graves para a mulher, levando até mesmo ao óbito.

A segunda onda do feminismo reivindicou o direito ao próprio corpo (sexualidade, autonomia e reprodução), direitos que até os dias de hoje são contestados e que muitas mulheres não conseguem exercer numa sociedade patriarcal e misógina, que considera que a mulher tem que ser feminina e não feminista e que deve constituir uma família sob os moldes tradicionais.

O controle dos corpos das mulheres negras ocorre pela imposição da maternidade compulsória, mas a maternidade dedicada a crianças brancas, de classe média; a maternidade legitimada para a mulher negra no Brasil é a que está vinculada a exploração violenta do trabalho doméstico. As experiências de maternidade que perpassam pelos corpos negros estão marcadas por inúmeras estratégias estatais de dizimação desse grupo, como se constata com os inúmeros casos de mortes evitáveis de mulheres negras em assuntos relativos à saúde sexual reprodutiva⁴⁰⁵.

As mulheres são mães em potencial, mesmo aquelas que não exercem a maternidade podem escolher e se tornar mãe pela adoção. Ser mãe possibilita a mulher uma posição

⁴⁰⁴EVARISTO, Conceição. Da representação a auto-representação da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares** – Cultura Afro-brasileira, ano 1, nº 1, ago, 2005.

⁴⁰⁵ GONZAGA, Paula Rita Bacellar; MAYORGA, Claudia. Violências e instituição maternidade: uma reflexão feminista decolonial. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/TBYV3XG9hyGn8NxknjnyKP/?format=pdf&lang=pt#:~:text=O%20controle%20dos%20corpos%20das,explora%C3%A7%C3%A3o%20violenta%20do%20trabalho%20dom%C3%A9stico..> Acesso em: 03/08/2022. P.65

hierárquica superior às demais. Não ser mãe põe a mulher numa posição hierárquica inferior e ela deixa de exercer realizações e compromissos típicos da maternidade. Na obra “Becos da Memória”, de Conceição Evaristo por intermédio da maternidade as mulheres negras sofrem diversos tipos de violência como podemos ver nas histórias de Dora, Ditinha e Custódia.

4.9.1 Dora

Na época da colonização eram constantes os estupros de mulheres indígenas e negras, quando engravidavam a maternidade era uma forma de controlar essas mulheres, que ficavam à mercê de mais violência ainda de seus algozes. As escravas que engravidavam continuavam fazendo os trabalhos na lavoura e domésticos normalmente, não existia nenhum benefício por estarem grávidas. Sabendo o que aconteceria com seus filhos quando nascessem, muitas escravizadas recorriam ao aborto e ao infanticídio, porque não queriam que seus filhos padecessem do mesmo sofrimento da escravidão que elas. Estas mulheres não tinham direito aos seus corpos, a decidir com quem iriam ter relações sexuais e se queriam ou não ser mães e quando seria o momento mais adequado para isso.

O sofrimento de outrora ligado à escravidão agora será imposto pela desigualdade econômica, o racismo institucional, a violência obstétrica e o genocídio da juventude negra que mata jovens e interrompe o projeto de maternidade de mulheres que socialmente não são autorizadas a declinarem de exercer⁴⁰⁶.

É descrita como uma mulher bonita, mulata, uma das rezadeiras e tiradeiras de terço da favela, tinha uma voz alta e melodiosa, assim como seu corpo. “ Os homens viviam assediando o barraco e o corpo de Dora.”⁴⁰⁷. É uma mulher que se permite exercer a sexualidade dela com vários parceiros, sem culpa, até que “Negro Alírio encontrou pouso no barraco, no corpo e no coração de Dora.”⁴⁰⁸.

Os amantes que poucos se conhecem contam suas histórias de vida. Dora narra toda sua vida, dos inúmeros homens que teve, do espanhol rico que queria se casar com ela, mas que ela teria que ir embora com ele para a Espanha e não poderia levar a mãe, por esse motivo ela não se casou, do amigo de sua patroa que a engravidou, depois dela ter transado com inúmeros homens, sem nunca ter se preocupado com gravidez, de repente descobriu-se grávida.

⁴⁰⁶GONZAGA, Paula Rita Bacellar, MAYORGA, Claudia. Violências e Instituição Maternidade: uma Reflexão Feminista Decolonial. *Psicologia: Ciência e Profissão* 2019 v. 39 (n.spe 2), P. 66. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/TBYV3XG9hyGn8NxknjnyKP/?format=pdf&lang=pt#:~:text=O%20controle%20dos%20corpos%20das,explora%C3%A7%C3%A3o%20violenta%20do%20trabalho%20dom%C3%A9stico..> Acesso em 15/08/2022.

⁴⁰⁷EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 90

⁴⁰⁸EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 91.

O pai da criança quando descobriu a gravidez perguntou se ela queria se casar, assumiu prontamente a paternidade e disse que se ela quisesse ele poderia cuidar da criança e ela poderia vê-la quando quisesse. “ Dora não queria nada, nem casar, nem ter filhos, nem a barriga. Dora não queria nada.⁴⁰⁹” Entregou o filho ao pai sem culpa materna, sem se condenar por essa atitude “ Entregou o menino ao homem e saiu daquela casa. Continuou a vida, era feliz. Era feliz sempre que podia. Ela sempre podia ser feliz”⁴¹⁰. E continuou sua vida sem se submeter a pressão social que impõe que as mulheres têm que ser mãe, que é algo inato a mulher querer a maternidade e exercê-la de forma plena e ainda reforça que é feliz sem ser mãe, que não é algo que ela quisesse exercer naquele momento e que é possível para a mulher escolher.

Dora não deixa claro ao engravidar porque não quer ser mãe. Não recorre ao aborto, ou infanticídio, deixa o filho aos cuidados do pai, que inclusive diz que ela pode vê-lo quando quiser, mas isso não acontece. Ela não queria naquele momento específico ser mãe, a gravidez não planejada não afetou seus sentimentos em relação a exercer a maternidade em relação àquela criança.

As mulheres que não desejam ser mãe são constantemente confrontadas por outras pessoas, por não quererem exercer a maternidade, como se esta fosse algo impositivo a mulher e ela não tivesse o direito de escolher quando e se seria mãe. É uma violência psicológica em relação a mulher por familiares, amigos, sociedade, que não busca compreender os motivos que a levaram a não ser mãe.

Negro Alírio ouve a história de Dora e no primeiro momento não compreende uma mulher não ter apego ao filho que pariu, mas depois analisa que assim como ele, Dora buscava prazer, não a responsabilidade de ser mãe, mas os direitos reprodutivos para homens e mulheres são diferentes na sociedade.

Não entendia o fato de se ter um filho e não criar apego. Se bem que ela até que tinha suas razões. Ele mesmo já deitara com tantas mulheres, só buscando o amor, só buscando o prazer. Filho quase sempre vem sem querer. E a mulher sempre carrega tudo, carrega a barriga e as dificuldades⁴¹¹.

O relacionamento dos dois se consolida. Dora estava feliz com negro Alírio, nunca tivera um homem tão carinhoso na cama e fora dela e a sensação de bem-estar fazia sentisse segura ao lado dele. E diferente da primeira vez que engravidou Dora “Sorriu feliz, estava

⁴⁰⁹EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 93.

⁴¹⁰EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 93.

⁴¹¹EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 93-94

grávida. Estava esperando um filho. Alisou a barriga onde Negro Alírio havia plantado a semente”⁴¹².

A ausência de destinos possíveis para as mulheres, além da maternidade acarreta o questionamento sobre a presumida liberdade de escolha para nossas capacidades reprodutivas. Como a reivindicação do lugar de indivíduo para as mulheres é apontado como falha de caráter que desvia mães em potencial de seus caminhos? Como não causa estranheza, para não falar literalmente em indignação que nossas vidas, que potencialidades e existências sejam resumidas à possibilidade de produção de outrem? Esses questionamentos fazem pensar que a possibilidade de uma existência sem filhos precisa ser retomada como uma bandeira do feminismo decolonial latino—americano. Repensar a maternidade é um caminho para repensar como a ficção de gênero e raça continua produzindo verdades totais sobre nossos corpos e impondo desvalorização de outras experiências, de outros modelos e de outras mulheres⁴¹³

Apesar da situação financeira não ser a ideal para trazer uma criança ao mundo, pois estavam prestes a serem despejados da favela, Dora tinha optado pelas madeiras, e escolhido um local em outra favela que surgia, para que negro Alírio fizesse um novo barraco para eles e pudesse constituir uma família.

Dora engravida de Negro Alírio, atual companheiro e a reação é oposta a primeira vez que engravidou, desta vez ela se sente feliz, protegida, a gravidez também inesperada como da primeira vez, mas traz uma sensação de felicidade ao casal, que apesar de estar indo embora da favela pensa na construção de uma nova família. Dora decide que naquele momento está preparada para ser mãe e exercer a maternidade, sem a imposição do companheiro ou da sociedade, mas por uma escolha dela. Não há violência quando a mulher tem a possibilidade de escolha.

4.9.2 Ditinha

Ditinha, aos quinze anos se descobre grávida. A mãe já falecida não está lá para orientá-la, o pai trabalha o dia todo como servente de pedreiro e não fez escândalo ao descobrir a gravidez da filha. Sem educação sexual adequada, métodos de prevenção a gravidez na adolescência, muitas adolescentes grávidas e desesperadas por não saberem o que fazer, a quem recorrer, como vão cuidar de mais uma criança naquela situação de miséria recorrem a abortos clandestinos sem a mínima condição de higiene e condições adequadas de serem realizados, a

⁴¹²EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 164.

⁴¹³GONZAGA, Paula Rita Bacellar; MAYORGA, Cláudia. Violências e instituição maternidade: uma reflexão feminista decolonial. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/TBYV3XG9hyGn8NxknjnyKP/?format=pdf&lang=pt#:~:text=O%20controle%20dos%20corpos%20das,explora%C3%A7%C3%A3o%20violenta%20do%20trabalho%20dom%C3%A9tico..> Acesso em: 03/08/2022.

remédios e chás abortivos e crendices para interromper a gravidez. “Quando se descobriu grávida, Ditinha tomou o diabo, bebeu chá de limão-capeta com vinagre, pulou, dançou, sambou e não abortou”⁴¹⁴.

Não há orientação da família, da escola, do Estado em relação aos direitos reprodutivos das mulheres. “O controle de natalidade – escolha individual, métodos contraceptivos seguros, bem como abortos, quando necessários – é um pré-requisito fundamental para a emancipação das mulheres”⁴¹⁵. Neste caso, as mulheres buscam outras formas de resolver a gravidez indesejada e de continuar exercendo sua liberdade sexual e direitos reprodutivos.

Na primeira gravidez, pensou em procurar a ajuda de Vó Rita, mas por ela ser parteira e trazer crianças ao mundo, ela se recusava a ajudar qualquer mulher a abortar, mesmo que essa oferecesse muito dinheiro. E assim sem planejamento familiar e métodos anticoncepcionais acessíveis que possibilitassem que Ditinha tivesse uma vida sexual ativa, sem que engravidasse foi que a família cresceu e ela se tornou mãe de três crianças. “A barriga de Ditinha cresceu. Beto estava com treze anos. Ela temia pelo futuro de Beto. E depois vieram o Zé, o Nico. A mesma coisa, ela só faltou tomar o diabo em pós para abortar, entretanto, a barriga crescia”⁴¹⁶.

Na favela não havia ninguém que orientasse as mulheres em como prevenir uma gravidez indesejada, métodos anticoncepcionais seguros para evitar a concepção, consultas com ginecologistas ou outros profissionais da saúde que pudesse orientar num planejamento familiar e no caso de uma gravidez indesejada pela legislação brasileira não é permitido um aborto seguro, assim a cada gravidez Ditinha continua fazendo uso dos mesmo métodos para interrupção da gravidez, sem conseguir o seu intento como podemos observar no trecho abaixo:

Na última gravidez, ela já sabendo que remédios, chás de nada adiantavam, pois tinha o organismo forte, de mulher parideira, Ditinha foi mais longe, Maria Cosme não era escrupulosa como Vó Rita. Maria Cosme enfiou uma sonda por dentro de Ditinha. A sonda ficou lá dentro quase dez dias, até que numa manhã ela começou a sangrar. Sangrou tanto que foi parar no hospital. Os médicos queriam que ela dissesse o nome da “fazendeira de anjinhos”. Ela não disse mesmo; pelo contrário, se preciso fosse, se pudesse até esconder Maria Cosme ela esconderia. Tiveram que retirar o útero e o ovário de Ditinha. Ela respirou aliviada, pelo menos não criaria barriga mais nunca⁴¹⁷.

Como a Saúde Pública não disponibiliza as mulheres a interrupção da gravidez de forma segura, Ditinha procura uma “fazedeira de anjos” que é a mulher responsável por provocar o

⁴¹⁴EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 102

⁴¹⁵DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 205.

⁴¹⁶EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p.102.

⁴¹⁷EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 102-103

aborto de forma insegura, em alguns casos esta prática pode acarretar a morte da paciente ou deixá-la com sequelas graves como esterilidade permanente, retirada total do útero e ovários.

Ditinha não era mulher de muitos medos. Nem a morte temia. Conviveu com a morte no seu ventre na ocasião de sua última gravidez. O aborto mal feito quase lhe tirara a vida. No hospital, em meio de hemorragias, lembrou-se do pai paralítico, dos filhos e da irmã. Pensou: “se eu morrer, a vida deles continua”⁴¹⁸

As mulheres negras tem uma possibilidade maior de terem seus direitos reprodutivos violados, de suas escolhas serem permeadas em um ambiente marcado pela violência, pela impossibilidade de ter direitos básicos como trabalho, moradia, alimentação adequada serem acessíveis.

Dentre as principais causas de morte materna está o aborto criminalizado. As mulheres negras também estão mais expostas ao aborto clandestino, correspondendo a 47,9% das internações e 45,2% dos óbitos por aborto, contra 24% e 17% das mulheres brancas, respectivamente. A Política Nacional do Aborto (2017) também apontou maior frequência de aborto entre mulheres negras. Porém, as desigualdades raciais não se expressam apenas no número de abortos provocados. Em pesquisa realizada por Emanuelle Góes (2018), é possível identificar que mulheres pretas em situação de abortamento interromperam a gravidez mais tardiamente; declaram ter enfrentado mais barreiras institucionais, especialmente, o tempo de espera por uma vaga ou leito (três vezes maior que o relatado por mulheres brancas); e apresentaram proporções duas vezes maiores de condições regulares, graves e muito graves comparativamente às brancas⁴¹⁹.

Desde a época da escravidão, mulheres negras têm autoinduzido o aborto para que seus filhos não nascessem sobre o regime escravocrata e sofressem com os castigos e abusos cometidos pelos donos de escravos. Na favela, diante das condições precárias de vida, da insegurança alimentar, moradias insalubres, desemprego, violência doméstica, muitas mulheres negras optam por não serem mães e as que por ventura engravidam e não querem manter a gravidez recorrem a vários métodos abortivos para a interrupção da gravidez.

O uso de medicamentos abortivos, uso de ervas medicinais para chás, introdução de objetos para atingir o útero e provocar sangramentos, procurar clínicas clandestinas e provocar o aborto são algumas formas que as mulheres das classes populares têm para interromper a gravidez. Formas estas que não são seguras para a mulher, nem são feitas em locais adequados com um corpo médico especializado. Aborto é uma questão de saúde pública, mas no Brasil torna-se um problema de ordem moral e religiosa, porque as mulheres são punidas pela religião com o “fogo do inferno” por terem assassinado uma criança indefesa e moralmente são mulheres que ficam marcadas como assassinas, aborteiras.

⁴¹⁸EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p. 122.

⁴¹⁹SIQUEIRA, Lia Maria Manso. (coord). **Dossiê: Mulheres negras e justiça reprodutiva**. Rio de Janeiro, 2021.

4.9.3 Custódia

Custódia está grávida de sete meses do marido Tonho, que está constantemente alcoolizado e não consegue perceber que durante a gravidez da esposa, a mãe dele agride a nora de várias maneiras, torna-se inimiga de Custódia. “Custódia apanhava da sogra que gritava como se fosse Tonho o agressor. Ele nada percebia. No outro dia, Custódia não se levantou de dor. À tarde pariu uma menina morta. Dona Santina pegou a Bíblia e orou⁴²⁰.” A hipocrisia da sogra é nítida nas atitudes violentas que toma em relação a Custódia, a agride e faz parecer que é o marido que a está espancando, Tonho não percebe nada devido ao nível de embriaguez em que se encontra, e não tem como auxiliar a esposa no momento do espancamento, nem depois do nascimento da filha natimorta, as sequelas físicas e emocionais de Custódia não encontram amparo no companheiro.

Além da dor da perda da filha, Custódia tem que partir junto com os familiares da favela, as dores se misturam, a de não ter mais no seu ventre a criança amada e de ir embora rumo a um futuro incerto. “Havia sido uma violência, mas tinha medo de falar alguma coisa⁴²¹.” Quem acreditaria em Custódia, que aquela mulher devota, sempre com a Bíblia na mão e orando era seu algoz, que a espancava mesmo grávida e culpava o filho. A pretexto de amparar Tonho bêbado, dona Santina chama Custódia para ajudar, mas a intenção é espancá-la:

Ela, barriguda, pesada, de sete meses, parecendo nove completos, segura o homem. Na confusão, empurrões, chutes e murros em sua barriga. O Tonho caindo, Custódia também, a sogra em cima dela. Custódia já tinha tido quadro filhos dele, quatro barrigas ao lado dele. Tonho nunca esbarrara nela sequer⁴²².

A violência contra Custódia grávida é realizada pela própria sogra, que ao invés de cuidar, zelar pelo nascimento da neta, desfere golpes na barriga provocando o nascimento de uma criança natimorta. Nem Tonho ou os vizinhos perceberam o que aconteceu com Custódia, as sequelas da violência são sentidas no corpo, pois ela continua vertendo sangue, está fraca devido ao parto e não consegue chorar pelo acontecimento, vê sua filha ser enterrada no fundo do quintal por dona Santina, que depois a desenterra ao lembrar que os tratores vão passar naquele local. Tudo isso acontece com Custódia no meio do processo de desfavelamento, em que sua família está indo embora para uma nova favela que surge em algum outro lugar.

⁴²⁰ EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p.84

⁴²¹ EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p.82

⁴²² EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017, p.84

Mulheres negras, moradoras da favela tem uma maternidade difícil e complexa, pois as condições muitas vezes levam-nas a terem seus filhos em casa, sem um acompanhamento médico adequado, os abortos espontâneos ou provocados, em alguns casos levam a esterilização da mulher por ela não ter tido um acompanhamento pós-aborto, podendo ficar restos do feto e da placenta no útero provocando uma infecção no organismo feminino.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pretensão de se investigar a violência de gênero por intermédio da Literatura negro-brasileira de Carolina de Jesus e Conceição Evaristo é com o objetivo de mostrar que não é só no cânone literário, falocêntrico, heteronormativo, que a violência está explícita. A interseccionalidade de gênero, raça e classe auxilia na compreensão de porquê mulheres negras sofrem mais violência, seja ela física, patrimonial, sexual, psicológica. A herança escravocrata permanece na sexualização das mulheres negras que são objetificadas e desumanizadas, que são expostas como Cidinha-Cidoca em “Becos de Memória”, ou executam trabalhos domésticos com carga horária exaustiva como a exercida por Ditinha na obra de Conceição Evaristo.

A literatura canônica foi bastante citada como contraponto as obras literárias das duas autoras. A intenção não é criticar os clássicos ou que eles não devam ser lidos, mas possibilitar a nova geração lê uma literatura mais contemporânea, que relate as desigualdades sociais como as expostas por Carolina de Jesus e Conceição Evaristo. As autoras relatam em suas obras a fome na década de 50, 60 e 80 e na atualidade pesquisas como a da OXFAM citada no trabalho mostram que o número de famintos só aumentam.

A fome é tema recorrente na obra das duas autoras e um mal que atinge não só o corpo, que fica enfraquecido pela ausência de alimento, mas atinge a alma porque quem tem fome diariamente e luta para sobreviver fica abatido emocionalmente, como: Carolina de Jesus, que muitas vezes pensa em cometer suicídio e acabar com todo seu sofrimento, mas lembra que tem três crianças para alimentar e que se algo acontecesse com elas a situação de seus filhos se agravaria, porque a assistência social do governo estadual de São Paulo, segundo ela é a sucursal do inferno e não se importa com as lágrimas que os pobres vertem quando buscam auxílio.

É possível para os leitores de Carolina de Jesus e Conceição Evaristo visualizarem situações, que muitas vezes estão longe da realidade do leitor, mas estes se sensibilizam com a descrição da morte causada pela fome, da tristeza com a retirada dos moradores da favela no processo de desfavelamento, com uma preocupação social com aquelas pessoas que vão ficar sem um lar, mesmo que fosse um barraco sem uma estrutura adequada, era o que eles tinham e naquele momento estavam sendo retirados de seus casebres e enviados para outros lugares.

A literatura possibilita que o leitor vivencie situações que ele nunca viveu e reflita sobre ela, seja a fome ou a violência de gênero sofrida pelas escritoras negras e a dificuldade em publicar suas obras literárias, porque o mercado editorial não acredita no potencial da escrita feminina, principalmente das escritoras negras.

As autoras narram diversas violências sofridas pelas mulheres no âmbito doméstico, espancamentos que levam até a morte, como foi o caso da mãe de Fuizinha, que depois de anos de violência foi silenciada definitivamente pelo marido, a violência sexual que crianças e adolescentes sofrem dentro de casa, por familiares que deveriam protegê-los e no entanto são os primeiros a abusar sexualmente da inocência deles e mantêm durante anos a violência sexual com base em ameaças, agressões físicas, espancamentos e as vítimas não denunciam por medo de morrer ou de não acreditarem nelas.

As mulheres passam por situações de violência todos os dias e a sororidade é uma forma delas se sentirem acolhidas uma pelas outras e ter uma rede de apoio que as auxiliem a sair do círculo da violência doméstica, que se repete indefinidamente até que a vítima tenha condições de partir para longe e permanecer segura. No caso, das mulheres negras apenas a sororidade não é suficiente, porque junto com a violência de gênero, a mulher negra sofre com o racismo, com a exposição dos seus corpos como se fosse mercadoria barata, com a ridicularização de partes de seu corpo como boca, cabelo, nariz, quadris avantajados, então a dororidade faz-se presente para que mulheres negras sejam acolhidas ao serem agredidas também pela raça.

A escrivência de Carolina de Jesus e Conceição Evaristo influenciam que outras mulheres negras tenham coragem de escrever suas experiências de vidas, a violência que sofrem por serem mulheres e negras. No caso, de Carolina de Jesus o preconceito de classe fica explícito até hoje, porque ou a escritora é apresentada como favelada ou ex favelada, mas sempre deixando claro o papel de subalternidade que ela tem por morar na periferia, mesmo quando consegue comprar uma casa de alvenaria, vender milhares de cópias de “Quarto de Despejo”, ainda assim a discriminação de classe permanece. Carolina consegue sair do quarto de despejo, do quintal de São Paulo e adentrar a sala de visita, mas não é bem recebida lá, sente-se deslocada, como um “bicho exótico” colocada para exibição aos olhares curiosos e que se divertem com as tentativas frustradas de Carolina de Jesus de obter o mesmo sucesso com suas obras posteriores. A discriminação de classe Conceição Evaristo conseguiu vencer, porque através do estudo conseguiu se destacar, se tornar professora de Literatura e terminar um Doutorado e não é apresentada aos leitores como uma ex-favelada, mas ainda assim, a autora contesta a questão da meritocracia. Para uma moradora da favela, negra, pobre com acesso à

educação ou não, a possibilidade de ser publicada e reconhecida nacional e internacionalmente não é algo tão simples. Segundo Conceição Evaristo, não basta querer e muitos são os escritores (as)negros (as), que escrevem, mas não tem possibilidade de publicação, por falta de recursos e deixam de ser conhecidos do público leitor, por falta de oportunidades.

Conceição Evaristo criou o conceito de escrevivência para explicar o processo criativo em suas obras e como sua vivência e a observação de outras mulheres negras são responsáveis pela criação de personagens, que enriquecem a literatura quando não se submetem ao machismo e racismo, mantém uma relação de sororidade e dororidade em relação às outras mulheres.

As autoras merecem constar no cânone literário brasileiro, seus textos deveriam estar nos livros didáticos do ensino fundamental e médio como forma de incentivar a leitura de autoras que contribuem para uma literatura mais autêntica que mostre “o Brasil para os brasileiros”, como dizia Carolina de Jesus, abordando as desigualdades sociais, que o machismo contribui para a violência de gênero, que o racismo no Brasil é explícito, mas que a branquitude prefere não vê.

Os leitores (as) se identificam com as personagens e com suas histórias, elas incomodam porque relatam a fome que milhares de brasileiros vivenciam e que muitos gestores e cidadãos insistem em não vê, ou por omissão na execução de seus mandatos ou porque é mais fácil fechar os olhos para uma dura realidade, que o problema da fome que já era grave antes, após a pandemia piorou bastante.

Mulheres negras escrevem sobre a violência sob uma perspectiva diferente de autores canônicos como Jorge Amado, Lev Tolstói e Shakespeare. Estes autores colocam os personagens masculinos de suas obras como feminicidas, mas culpabilizam as vítimas pelas agressões e mortes que elas sofreram. Elas deram motivo para que os homens a matassem, ou porque cometeram adultério ou o marido têm a suspeita que ela tenha cometido. A honra do marido traído é mais importante que a vida da mulher que é vítima do feminicídio, porque esta não é vista pelo agressor como um ser humano, com direitos, dentre eles: a vida, principalmente se esta for com outro homem que não seja ele.

O machismo mata mulheres todos os dias, seja uma morte física ou psicológica, que vai matando aos poucos, todos os dias, com as desconfianças, com acesso de raiva, xingamentos, cárcere privado em que a mulher não pode sair para lugar nenhum a não ser que seja acompanhada pelo agressor ou de alguém de confiança dele. Quando os homens matam suas esposas/companheiras a legítima defesa da honra é o argumento utilizado por advogados e

aceito por muitos jurados que fazem parte do tribunal do júri, em que o comportamento da vítima é questionado por supostamente macular a honra e imagem do marido/companheiro perante a sociedade.

Carolina de Jesus e Conceição Evaristo narram histórias de violência de gênero a partir de suas experiências, de seus familiares, amigas, leitoras ou de desconhecidas que podem contar suas histórias e vê-las transformadas em texto literário. A mulher negra descrita pelas autoras é periférica, não tem emprego fixo na maioria dos casos, faz faxina ou trabalha em casas de famílias como babás ou empregadas domésticas, sofre violência no ambiente doméstico por quem deveria protegê-la, seja pai, marido, companheiro, no ambiente laboral quando sofre com as investidas sexuais do patrão, que a vê como objeto sexual, resquício ainda da época da escravidão em que as escravas eram obrigadas a manter relações sexuais com fazendeiros e iniciar sexualmente os filhos destes.

São situações de violência que mulheres negras passam cotidianamente, mas a perspectiva da narrativa é diferente. Elas são vítimas, não são culpabilizadas como se tivesse dado causa a agressão sofrida. Não são elas que seduzem o patrão como muitas vezes são acusadas, elas a assediam, mas quem acreditaria na palavra delas?

A violência de gênero em relação a mulher negra é invisibilizada, como quando ocorre a morte da esposa de Fuinha, depois de mais uma noite de espancamentos ela é sepultada como se fosse uma morte natural, os vizinhos e a filha sabem a verdade, mas ninguém o denuncia. A Literatura é uma forma de expor as situações de violência vivenciadas por essas mulheres que não chegam a denunciar, entram na cifra negra dos crimes, não são investigados e nem constam dos números oficiais do governo.

O racismo torna ainda mais difícil a convivência num país como o Brasil, em que algumas pessoas ainda acreditam no mito da democracia racial, e que por sermos um povo miscigenado não poderia haver discriminação pela raça e todos viveriam de forma harmônica e pacífica. Os relacionamentos afetivos interracialis também são alvos frequentes de pessoas má intencionadas, que não suportam vê pessoas de raça diferentes se relacionando e destilam intrigas e o racismo para separá-las.

Carolina de Jesus e Conceição Evaristo quando escrevem suas obras relatam em diversas passagens que as personagens brancas possuem privilégios que o negro não tem, o de sair tranquilamente na rua sem temer o risco de ser abordado pela polícia, não sofrer com os olhares atravessados quando se entra num comércio em que não se é conhecido, porque o dono

do estabelecimento acredita que vai ser assaltado, morar em bairro com infraestrutura, porque na favela a predominância é de pessoas negras, na maioria descendentes de pessoas que foram escravizadas pelo colonizador branco. A senzala-favela descrita por Conceição Evaristo permanece até os dias atuais.

A contribuição dessa tese é visualizar a violência de gênero na literatura dessas autoras, que não estão no cânone literário, mas tem uma escrevivência digna de estar nos livros didáticos e de serem lidas e conhecidas desde o ensino fundamental e médio. A história de vida delas já demonstra o quanto ser mulher e negra no Brasil torna as coisas mais difíceis como a publicação de suas obras literárias, mesmo Conceição Evaristo teve dificuldade de publicar suas obras, dentre elas “Becos da memória”, que foi escrito em 1987/88, mas que só foi publicado em 2006.

As autoras não devem ficar restritas apenas ao ambiente acadêmico em trabalhos de Mestrado e Doutorado, porque é um ambiente muito específico e que infelizmente ainda não é acessível a todos os brasileiros. Dissertações e teses nem sempre são lidas em sua íntegra e apenas um público seletivo tem acesso a elas e as autoras merecem ser conhecidas e discutidas por um público leitor variado, seja nas escolas públicas ou privadas, na graduação nos cursos de Letras.

“Quarto de Despejo” e “Becos da Memória” são obras significativas da literatura brasileira em que é perceptível a violência de gênero na vida das autoras e das personagens descritas nas obras. A interseccionalidade de gênero, raça e classe demonstra que ser uma mulher negra no Brasil a possibilidade de ser sexualizada e sofrer violência sexual no ambiente laboral e doméstico é uma realidade de muitas mulheres. Violências essas que são silenciadas porque a vítima tem medo de denunciar e ter sua vida íntima exposta.

Além da violência sexual, mulheres negras sofrem com a agressividade de seus parceiros que as agridem por qualquer motivo e as expõem a um adoecimento psicológico, seus corpos são ridicularizados com nomes pejorativos deixando-as com a autoestima baixa e mais susceptível de aceitarem as agressões porque o agressor as faz acreditar que ela não vai encontrar um homem melhor que ele, que apenas ele a quer como companheira.

A Literatura de Carolina de Jesus e Conceição Evaristo expõe violências que são silenciadas pelas vítimas, que a sociedade misógina brasileira sabe que existe mas não tem uma preocupação em protegê-las. A rede de apoio que deveria ser disponibilizada pelo Estado não consegue proteger as mulheres da violência de gênero, as vítimas muitas vezes não procuram os órgãos públicos porque não se sentem amparadas. Na década de 50 e 60 em que Carolina de

Jesus descreve os espancamentos que suas vizinhas sofriam não se discutia violência de gênero e muitas pessoas normalizavam o poder que o homem exercia sobre a mulher, podendo inclusive espancar quando ela não fizesse o que ele queria. A autora que nunca chegou a se casar ou morar com o pai de seus filhos, diz que prefere a paz de ouvir valsas vianenses, enquanto suas vizinhas estão sendo espancadas pelo marido.

Conceição Evaristo tem suas obras publicadas décadas depois e a violência de gênero continua acontecendo, e apesar de inúmeras leis que protegem a mulher, na prática todos os dias mulheres são assassinadas, assediadas, estupradas, porque não basta a coercitividade da lei para mudar o que acontece no Brasil, é necessária uma mudança de atitude a partir da forma de criar os filhos com uma educação que seja antirracista e que prime pela igualdade de gênero.

6. REFERÊNCIAS

ACAUAN, Ana Paula. Esse lugar também é nosso. Disponível em:

<https://www.pucrs.br/revista/esse-lugar-tambem-e-nosso/>. Acesso em 23 de dezembro de 2022.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo. Companhia das Letras, 2019, p. 22-23. Este livro foi originado da palestra proferida pela autora no TED TALK, em 2009 e que está disponível em:

https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br#t-12885.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo. Companhia das Letras, 2019

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo. Editora Jandaíra, 2021.

AMADO, Jorge. **Gabriela, Cravo e Canela**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ARRUDA, Aline Alves; BARROCA, Iara Christina Silva; TOLENTINO, Luana, MARRECO, Maria Inês. (org). **Memorialismo e Resistência: Estudos sobre Carolina Maria de Jesus**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016

AUGEL, Moema Parente. “‘E Agora Falamos Nós’: Literatura Feminina Afrobrasileira”, Revista Literafro, 2018. Disponível em:

<http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigosteorico-conceituais/157-moema-parente-augel-e-agora-falamos-nos>. Acesso em 19/10/2021.

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. São Paulo. Ática, 1979.

BARCELLOS, Sérgio da Silva (org). **Vida por escrito: guia do acervo de Carolina Maria de Jesus**. Sacramento: Bertolucci Editora, 2015.

BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

BLOOM, Harold. **O cânone Ocidental**. Tradução de Marcos Santarita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

BRITES, Jurema. **Afeto, desigualdade e rebeldia: bastidores dos serviços domésticos**. Tese. (Doutorado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

BRITTO, Lemos. **O Crime e os criminosos na Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora José Olympio, 1946.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos?** Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CÂNDIDO, Antônio. **O Direito à Literatura e outros ensaios**. Coimbra: Angelus Novus, 2004.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese. (Doutorado em Educação). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005, p.97. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em 15/04/2022.

CASTRO, Eliana de Moura, MACHADO, Marília Novais da Mata. **Muito bem, Carolina!** Biografia de Carolina Maria de Jesus. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2007.

COSTA, Renata Jesus de. **Subjetividades femininas: mulheres negras sob o olhar de Carolina Maria de Jesus, Maria Conceição Evaristo e Paulina Chiziane**. Dissertação. (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP, 2007.

COSTA, Ana Clara. **O xadrez político dos imortais: as manobras dos membros da Academia Brasileira de Letras para eleger seus candidatos preferidos**. Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/o-xadrez-politico-dos-imortais/>. Acesso em: 15/11/2021.

COUTINHO, Sidney. Consuni aprova título de Doutora Honoris Causa a Carolina Maria de Jesus. Disponível em : <http://www.cfch.ufrj.br/index.php/27-noticias/1415-consuni-aprova-titulo-de-doutora-honoris-causa-a-carolina-maria-de-jesus>. Acesso em : 10/01/2022.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010, p.32-33. (coleção consciência em debate/coordenada por Vera Lúcia Benedito).

DALCASTAGNÈ, Regina. **Vozes nas sombras: representação e legitimidade na narrativa contemporânea**. In: DALCASTAGNÈ, Regina (org.). **Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea**. Vinhedo: Horizonte, 2009.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Horizonte, 2017.

DANTAS, Audálio. **Tempo de reportagens**. Histórias que marcaram época no Jornalismo Brasileiro. São Paulo: Leya, 2012.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. **Kafka por uma literatura menor**. Tradução Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

DORALI, Ivana. **Conceição Evaristo: imortalidade além de um título**. Disponível em: <https://revistaperiferias.org/materia/conceicao-evaristo-imortalidade-alem-de-um-titulo/>. Acesso em: 30/11/2021.

DUARTE, Constância Lima. **Gênero e violência na literatura afro-brasileira**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/artigos/teoricos/conceituais/ArtigoConstancia1genereoviolencia.pdf>. Acesso em: 25/07/2022.

DUARTE, João Ferreira. Cânone. E-Dicionário de Termos Literários, 29 dez. 2009. Disponível em: <https://edtl.fcs.unl.pt/encyclopedia/canone/>. Acesso em 27 de setembro de 2022.180

EGA, FRANCOISE. **Cartas a uma negra**: narrativa antilhana. Tradução Vinicius Carneiro e Mathilde Moaty. São Paulo: Todavia, 2021.

ELUF, Luiza Nagib. **A paixão no banco dos réus**. São Paulo: Saraiva, 2013.

EVARISTO, Conceição. **A Escrivência e seus subtextos**. In: *Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita**. In: ALEXANDRE, Marcos Antonio (org) *Representações. performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2015.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. DE JESUS, Vera Eunice. **Outras letras**: Tramas e sentidos da escrita De Carolina Maria de Jesus. In: DE JESUS, Carolina Maria. *Casa de Alvenaria. Volume 2: Santana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021

EVARISTO, Conceição. **Depoimento no I Colóquio de escritoras mineiras**. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em 28/02/2022.

FARIAS, Tom. **Carolina**: uma biografia. Rio de Janeiro: Malê 2017.

FELMAN, Shoshana. **O inconsciente jurídico**: julgamentos e traumas no século XX. Tradução: Ariani Bueno Sudatti; prefácio Márcio Seligmann Silva. São Paulo: EDIPRO, 2014.

FERNANDEZ, Raffaella. **A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus**. São Paulo: Aetia Editorial, 2019.

FERRI, Enrico. **Os criminosos na Arte e na Literatura**. Tradução, atualização, notas e comentários, Dagma Zimmermann. Porto Alegre: RicardLenz, 2001.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Por uma crítica feminista**: leituras transversais de escritoras brasileiras. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.

FROZ, Sarah Silva. SANTOS, Silvana Maria Pantoja dos. **Espaços de exclusão e memória em narrativas de Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus**. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terroroxa/article/view/31294>. Acesso em 25/05/2022.

GELEDÉS, Instituto da Mulher Negra, CFEMEA, Centro Feminista de Estudos e Assessoria. (2013a). *Guia de enfrentamento do racismo institucional*. São Paulo: Geledés; Cfemea. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Guia-de-enfrentamento-ao-racismo-institucional.pdf>. Acesso em: 08/02/2022.

GODOY, A. S. de M. **Monteiro Lobato no banco dos réus: o tema da judicialização das caçadas de Pedrinho. ANAMORPHOSIS - Revista Internacional de Direito e Literatura**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 113–121, 2016. DOI: 10.21119/anamps.21.113-121. Disponível em: <https://periodicos.rdl.org.br/anamps/article/view/218>. Acesso em: 23 ago. 2022.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GRAÇAS, Shely Adna das. **Feminismo negro na Literatura: Pioneirismo de Carolina Maria de Jesus e consagração em Conceição Evaristo**. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Crítica da Cultura) - Universidade Federal de São João Del-Rei, 2020.

GONZAGA, Paula Rita Bacellar; MAYORGA, Claudia. Violências e instituição maternidade: uma reflexão feminista decolonial. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/TBYV3XG9hyGn8NxnjnnyKP/?format=pdf&lang=pt#:~:text=O%20controle%20dos%20corpos%20das,explora%C3%A7%C3%A3o%20violenta%20do%20trabalho%20dom%C3%A9stico..> Acesso em: 03/08/2022.

JESUS, Carolina Maria de. **Antologia Pessoal**. Rio de Janeiro. Ed. UFRJ, 1996.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014.

JESUS, Carolina. **Diário de Bitita**. São Paulo: SESI-SP editora, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de Alvenaria**. Volume 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de Alvenaria**. Volume 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras; tradução Ana Luíza Libânio**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

HUGO, Victor. **O último dia de um condenado: tradução Joana Canêdo**. São Paulo: Estação Liberdade, 2018

LEAL, Marcelle Ferreira. **Poéticas da sombra: de projeções a sujeito da literatura**. 2017. 267 f. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.posciencialit.letras.ufrj.br/images/Posciencialit/td/2017/Tese%20formatada%20Marcelle%20Ferreira.pdf>.

LEANDRO, Michel Luís da Cruz. **Autoria e Resistência: Carolina Maria de Jesus em discurso**. Orientador: Dra. Soraya Maria Romano Pacífico, 2019, 187 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeira Preto. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59140/tde-03102019-231200/publico/Corrigida.pdf>. Acesso em 19/01/2022.

LOBATO, Monteiro. **A menina do Narizinho Arrebitado**. Revista do Brasil. São Paulo, 1920.

LOBATO, Monteiro. **Caçadas de Pedrinho**. 60ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LOBATO, Monteiro. **A negrinha**. Disponível em: <https://cs.ufgd.edu.br/download/Negrinha-de-Monteiro-Lobato.pdf>. Acesso em: 07/03/2021.

LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo**. 2 ed. revista. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**: tradução Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LUCINDA, Elisa. **Carolina de Jesus é literatura sim!**. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2017/04/24/carolina-de-jesus-e-literatura-sim>. Acesso em: 10/02/2022.

LUDEMIR, Júlio (org). **Carolinas**: a nova geração de escritoras negras brasileiras. Rio de Janeiro: Bazar do tempo: Flup, 2021. (ebook)

MACHADO, Serafina Ferreira. **Literatura afro-feminina**: uma escrita de cobrança. Revista Graphos, vol. 14, nº 2, 2012.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. LEVINE, Robert M. **Cinderela Negra**: a saga de Carolina de Jesus Sacramento, MG: Editora Bertolucci, 2015.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom . **Entrevista** .Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/autoras/carolina-maria-jesus/CarolinaCr02BomMeihy.pdf>. Acesso em: 03/02/2022.

MESSA, Fábio. **O gozo estético do crime**: Dicção homicida na ficção contemporânea. Tubarão: ed. Unisul, 2008.

MONTENEGRO, Fernanda. **Itinerário Fotobiográfico** Edições Sesc, 2018.

MOREIRA, Gilberto Passos Gil, OLIVEIRA, Ana de. **Disposições Amoráveis**. São Paulo. Editora Iyá Omin, 2015.

MOREIRA, Gilberto Passos Gil, ZAPPA, Regina. **Gilberto, bem perto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

MOREIRA, Gilberto Passos Gil, FERREIRA, Juca. **Cultura pela palavra**: coletânea de artigos, entrevistas e discursos dos ministros da Cultura 2003 – 2010. Editora Versal, 2013.

MOREIRA, Gilberto Passos Gil, RENNÓ, Carlos. **Todas as letras**. (Nova edição ampliada). São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MOREIRA, Adilson José; ALMEIDA, Philippe Oliveira de. CORBO, Wallace. **Manual de educação jurídica antirracista**: direito, justiça e transformação social. São Paulo: Editora Contracorrente, 2022.

MUNDURUKU, Daniel. **A palavra do grande chefe**. São Paulo: Global Editora, 2008.

MUNDURUKU, Daniel. **Coisas de índio**. Versão infantil. São Paulo: Callis, 3ª ed, 2019.

MUNDURUKU, Daniel. **Como surgiu**: mitos indígenas brasileiros. São Paulo: Callis, 2011.

- MUNDURUKU, Daniel. **Contos indígenas brasileiros**. São Paulo: Global Editora, 2004.
- MUNDURUKU, Daniel. **Histórias de índio**. Companhia das letrinhas, 1996.
- MUNDURUKU, Daniel. **Histórias que eu vivi e gosto de contar**. São Paulo: Callis, 2ª edição, 2010.
- MUNDURUKU, Daniel. **Memórias de índio** – uma quase autobiografia, Edelbra, 2016.
- MUNDURUKU, Daniel. **Outras tantas histórias indígenas de origem das coisas e do universo**. São Paulo: Global Editora, 2008.
- MUNDURUKU, Daniel. **Um dia na aldeia**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2013.
- MUNIZ, Tailane. **Professora do Vitória Régia é afastada de turma por abordar livro de escritora negra em sala de aula**. Disponível em: <https://www.metro1.com.br/noticias/cidade/115433.professora-do-vitoria-regia-e-afastada-de-turma-por-abordar-livro-de-escritora-negra-em-sala-de-aula>. Acesso em 21/11/2021.
- NASCIMENTO, Érica Peçanha. **“Literatura Marginal”**: os escritores da periferia entram em cena. Dissertação. (Mestrado em Antropologia Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-03092007-133929/publico/TESE_ERICA_PECANHA_NASCIMENTO.pdf. Acesso em: 08/02/2022.
- NASCIMENTO, Tânia. **Literatura afrofeminina a construção de novos significados**. Opiniões –Revista dos Alunos de Literatura Brasileira. São Paulo, ano 10, n. 18, jan.-jul. 2021, p.360. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/179980/174687>. Acesso em: 16/11/2021.
- NATÁLIA, Livia. **Intelectuais escrevintes**: enegrecendo os estudos literários. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- NIEMEYER FILHO, Paulo. FONTES, Lilian. **O que é ser médico?** Rio de Janeiro: Record, 2003.
- NIEMEYER FILHO, Paulo. **No Labirinto do cérebro**. Editora Objetiva, 2020.
- NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância Religiosa**. São Paulo: Sueli Carneiro: Pólen, 2020.
- NUSSBAUM, Martha C. **Justicia Poetica**. La imaginación literaria y la vida pública. Traducción de Carlos Gardini. Editorial Andres Bello. Edición original: Beacon Press, Boston, 1995.
- OLIVEIRA, Cleo. **2022 já tem mais de 22 mil novas crianças sem o nome do pai no registro de nascimento**. Disponível em: <http://condege.org.br/2022/03/08/2022-ja-tem-mais-de-29-mil-novas-criancas-sem-o-nome-do-pai-no-registro-de-nascimento/>. Acesso em: 29/03/2022.
- PACHÁ, Andréa, PIEDADE, Vilma. **Sobre feminismos**. Rio de Janeiro: Agir, 2021.

PASCALÉ, Ademir. **Entrevista com Conceição Evaristo**. Disponível em: <http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/2017/10/entrevista-com-conceicao-evaristo.html>. Acesso em: 29/07/2022.

PEREIRA, Anamaria. L.; PEREIRA, Camila. S. **A obra infantil de Monteiro Lobato: do racistês ao pretuguês**. *Práxis Educativa*, [S. l.], v. 17, p. 1–23, 2022. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.17.19417.072. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/19417>. Acesso em: 23 ago. 2022.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

PINHEIRO, João; BARBOSA, Sirlene. **Carolina**. Ed 1. Veneta, 2016.

PROJETO MEU PAI TEM NOME. **Dados nacionais**. Disponível em: <http://condege.org.br/wp-content/uploads/2022/03/Dados-Meu-Pai-Tem-Nome.pdf>. Acesso em 29/03/2022.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019.

RIBEIRO, Luiz Antonio. **Conceição Evaristo afirma: houve cegueira e burrice da ABL ao barrar Munduruku**. Disponível em: <https://notaterapia.com.br/2021/12/06/conceicao-evaristo-afirma-houve-cegueira-e-burrice-da-abl-ao-barrar-munduruku/>. Acesso em: 08/12/2021.

RIPOLLÉS, Antonio Quintano. **La Criminologia em la Literatura Universal**: ensayo de propedêutica biológico-criminal sobre fuentes literárias. Barcelona: BOSCH, Casa Editorial, 1951.

ROCHA, Wesley Henrique Alves. **Diário de Bitita de Carolina Maria de Jesus**: saltando os muros da subalternidade. Salvador: Editora Devires, 2021.

SAFIOTTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pelas Mãos de Alice**. O Social e o Político na Pós-Modernidade. 7º. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Carolina Maria de Jesus**: uma escritora improvável. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa, MENESES, Maria Paula (orgs). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.

SCHMIDT, Simone Pereira. **Nos becos da memória a força da narrativa**. In: *Escrivências: Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. DUARTE, Constância Lima, CÔRTEZ, Cristiane, PEREIRA, Maria do Rosário A (orgs) Belo Horizonte, Idea, 2018

SHAKESPEARE, William. **Grandes obras de Shakespeare**: volume 1: tragédias. Tradução Barbara Heliadora. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017, p. 416. Ato III, Cena III.

SCHNAIDERMAN, Boris. **Posfácio**. In: A Sonata a Kreutzer. São Paulo: Editora 34, 2010.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo**: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. 2ª edição. São Paulo.

SILVA, Joana Aguiar e. **A prática judiciária entre Direito e Literatura**. Coimbra: Editora Almedina, 2001.

SILVA, Joana Aguiar e. **Para uma teoria hermenêutica da Justiça**: repercussões jusliterárias no eixo problemático das fontes e da interpretações jurídicas. Coimbra: Editora Almedina, 2011.

SILVA, Priscila Elisabete da. **O conceito de branquitude**: Reflexões para o campo de estudo. In: MÜLLER, Tânia M. P. CARDOSO, Lourenço. Branquitude. Estudos sobre a identidade branca no Brasil. Curitiba, Appris, 2017.

SIQUEIRA, Lia Maria Manso. (coord). **Dossiê: Mulheres negras e justiça reprodutiva**. Rio de Janeiro, 2021.

SOUZA, Adriana Soares de. **Costurando um tempo no outro**: vozes femininas tecendo memórias no romance de Conceição Evaristo. Dissertação de Mestrado Programa de Pós-Graduação em Literatura: UFSC, 2011

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SPIVAK, GayatriChakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TEIXEIRA, Juliana Cristina. **Trabalho doméstico**. São Paulo: Jandaíra, 2021

TOLSTÓI, Lev. **A sonata a Kreutzer**. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2010.

WEST, Robin. **Economic man and literarywoman: one contrast**. Mercer Law Review, v. 39, p. 867-878, 1988. Disponível em: <https://core.ac.uk/reader/70374200>. Acesso em 04/03/2021.

WOOLF, Virginia. **Mulheres e ficção**. Tradução de Leonardo Fróes. São Paulo: Penguins Classics Companhia das Letras, 2019.

APÊNDICE

TESES SOBRE CAROLINA MARIA DE JESUS

1) ARRUDA, ALINE ALVES. **Carolina Maria de Jesus: projeto literário e edição crítica de um romance inédito**' 24/04/2015 257 f. Doutorado em ESTUDOS LITERÁRIOS
Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte
Biblioteca Depositária: Biblioteca da FALE e Universitária da UFMG

2) CARRIJO, FABIANA RODRIGUES. **NAS FISSURAS DOS CADERNOS ENCARDIDOS: PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E A DISCURSIVIDADE LITERÁRIA EM CAROLINA MARIA DE JESUS**' 16/12/2013 176 f. Doutorado em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, Patos de Minas Biblioteca Depositária: SISBI - Sistema de Biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia

Detalhes

3) CASTRO, FABIANA SOUZA VALADAO DE. **CAROLINA MARIA DE JESUS E CLARICE LISPECTOR: REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA**' 08/11/2017 137 f. Doutorado em LETRAS E LINGÜÍSTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia
Biblioteca Depositária: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações

4) COSTA, Rodrigo Cazes. **CAROLINA DE JESUS E OZUALDO CANDEIAS – A EMERGÊNCIA DA CULTURA POPULAR MODIFICADA NO BRASIL DOS SÉCULOS XX E XXI**' 01/04/2012 1 f. Doutorado em Letras Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro
Biblioteca Depositária: Biblioteca Central

5) DALCOL, MONICA SALDANHA. **A CONDIÇÃO DA MULHER NEGRA NA LITERATURA BRASILEIRA EM ÚRSULA, CASA DE ALVENARIA E UM DEFEITO DE COR**' 26/08/2020 undefined f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, Santa Maria Biblioteca Depositária: Biblioteca Central (UFSM)

6) FERNANDEZ, RAFFAELLA ANDREA. **Processo criativo no espólio literário de Carolina Maria de Jesus**' 31/08/2015 347 f. Doutorado em TEORIA E HISTÓRIA LITERÁRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, Campinas Biblioteca Depositária: IEL

7) MAGNABOSCO, Maria Madalena. **Reconstruindo imaginários femininos através dos testemunhos de Carolina Maria de Jesus**' 01/12/2002 267 f. Doutorado em ESTUDOS LITERÁRIOS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE Biblioteca Depositária: Bibliotecas Universitária e da Faculdade de Letras da UFMG

8) MOREIRA, DANIELE FERNANDA FELIZ. **OS VÁRIOS GÊNEROS DA PRODUÇÃO ARTÍSTICA DE CAROLINA MARIA DE JESUS E A LITERATURA MARGINAL CONTEMPORÂNEA**' 30/04/2019 93 f. Doutorado em LITERATURA, CULTURA E CONTEMPORANEIDADE Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Puc Rio.

9)PENTEADO, GILMAR JOSE. **Estética da vida no limite: autenticidade, ponto de vista interno, testemunho e valor literário em Quarto de Despejo (diário de uma favelada)**' 09/11/2018 356 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre Biblioteca Depositária: BSCSH

10)PERPÉTUA, ELZIRA DIVINA. **Traços de Carolina de Jesus: gênese, tradução e recepção de "Quarto de despejo"**' 01/09/2000 285 f. Doutorado em ESTUDOS LITERÁRIOS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE Biblioteca Depositária: Biblioteca da FALE/UFMG e Biblioteca Universitária da UFMG

11)REZENDE, TALLYSSA IZABELLA MACHADO SIRINO. **CANETAS ROUBADAS DE CAROLINAS QUE R.EXISTEM**' 28/03/2019 128 f. Doutorado em Letras Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANA, Cascavel Biblioteca Depositária: campus Cascavel

12)ROSA, BARBARA OLIVEIRA. **CAROLINAS, CATADORAS DE SONHOS**' 18/12/2020 150 f. Doutorado em SERVIÇO SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (FRANCA), Franca Biblioteca Depositária: repositório institucional unesp

13)SA, JANAINA DA SILVA. **ROTAS EM FUGA – A SAGA DE CAROLINA MARIA DE JESUS EM UMA PERSPECTIVA RIZOMÁTICA**' 18/08/2017 undefined f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, Santa Maria Biblioteca Depositária: undefined

14)SANTOS, MARCELA ERNESTO DOS. **RESISTINDO À TEMPESTADE: a interseccionalidade de opressões nas obras de Carolina Maria e Maya Angelou**' 05/12/2014 143 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (ASSIS), Assis Biblioteca Depositária: UNESP-FCL/ASSIS

15)SILVA, ELIANE DA CONCEICAO. **A violência social brasileira na obra de Carolina Maria de Jesus** ' 20/12/2016 223 f. Doutorado em Ciências Sociais Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (ARARAQUARA), Araraquara Biblioteca Depositária: Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara

16) SILVA, Fernanda Felisberto da. **Escrevivências na Diáspora: escritoras negras, produção editorial e suas escolhas afetivas. Uma leitura de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou e ZoraNealeHurstun**' 01/09/2011 160 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: Biblioteca do Instituto de Letras

17)SOUSA, Germana Henriques Pereira de. **Carolina Maria de Jesus: O estranho Diário da Escritora Vira-Lata**' 01/12/2004 261 f. Doutorado em LITERATURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA Biblioteca Depositária: BCE

18)SOUZA, ALESSANDRA CORREA DE. **VIOLÊNCIA E EXCLUSÃO EM DIÁRIO DE BITITA DE CAROLINA MARIA DE JESUS E PIEL DE MUJER DE DELIA ZAMUDIO'** 26/02/2018 137 f. Doutorado em LETRAS NEOLATINAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Faculdade de Letras

19)SOUZA, FLAVIA DE CASTRO. **Do silenciamento à escrita autodefinidora de mulheres negras na diáspora: Carolina Maria de Jesus e Maya Angelou'** 10/12/2021 160 f. Doutorado em LITERATURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília Biblioteca Depositária: BCE-UNB

20)VALERIO, AMANDA CRISPIM FERREIRA. **A POESIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS: UM ESTUDO DE SEU PROJETO ESTÉTICO, DE SUAS TEMÁTICAS E DE SUA NATUREZA QUILOMBOLA** ' 10/09/2020 359 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, Londrina Biblioteca Depositária: biblioteca uel ([http //www.bibliotecadigital.uel.br/](http://www.bibliotecadigital.uel.br/))

DISSERTAÇÕES SOBRE CAROLINA MARIA DE JESUS

1)AGNELLINO, ERIKA DA SILVA COSTA. **As vozes da periferia: Carolina e o seu quarto de despejo'** 17/12/2018 116 f. Mestrado em LITERATURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis Biblioteca Depositária: BU UFSC

2)AMARAL, Luiz Eduardo Franco do. **VOZES DA FAVELA – Representações da favela em Carolina de Jesus, Paulo Lins e Luiz Paulo Corrêa e Castro'** 01/03/2003 121 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca Central

3)AZEREDO, EDSON GUIMARAES DE. **As muitas vidas e identidades de Carolina Maria de Jesus: o uso do biográfico e do autobiográfico no ensino das relações étnico raciais'** 22/11/2018 115 f. Mestrado Profissional em Ensino de História Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: UERJ/CEH-D

4)BASSANI, SANDRA LUCIA DIMIDIUK. **DISCURSO, PODER E VIRILIDADE DO SUJEITO-MULHER CAROLINA MARIA DE JESUS EM QUARTO DE DESPEJO'** 22/02/2018 108 f. Mestrado em Letras Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE, Guarapuava Biblioteca Depositária: <http://tede.unicentro.br:8080/jspui/handle/jspui/903>

5)BURANELLI, GABRIELA MOREIRA. **AS FORMULAÇÕES PARA CAROLINA MARIA DE JESUS E QUARTO DE DESPEJO: interpretação e efeitos de sentido das designações em manchetes de jornais'** 09/03/2021 88 f. Mestrado em LINGÜÍSTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE FRANCA.

6)CAMILO, GABRIEL HENRIQUE. **Cartografias identitárias, educacionais e de subjetivação nas manifestações artísticas contemporâneas: a narrativa em Carolina Maria de Jesus.**' 12/11/2021 244 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, Londrina Biblioteca Depositária: Biblioteca Digital da Universidade Estadual de Londrina

7)CASSIANO, BRUNA LOUIZE MIRANDA BEZERRA. **TRAGAR NO CORPO, VERTER EM PALAVRAS: A ESCRITA DA SOLIDÃO EM QUARTO DE DESPEJO'** 10/07/2020 132 f. Mestrado em LITERATURA E CULTURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador Biblioteca

8) CHAIB, Nelson. **A questão da autoria em "Quarto de despejo"** 01/09/2005 122 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE VALE DO RIO VERDE, TRÊS CORAÇÕES Biblioteca Depositária: Biblioteca da UNINCOR

9)COSTA, ANA KAROLINY TEIXEIRA DA. **DO DIÁRIO AO ROMANCE: REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA EM "QUARTO DE DESEJO" E "PEÇAÇOS DA FOME"** 25/03/2013 123 f. Mestrado em Letras Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS, Dourados Biblioteca Depositária: Biblioteca da Universidade Federal da Grande Dourados

10)COSTA, RENATA JESUS DA. **Subjetividades femininas: mulheres negras sob o olhar de Carolina Maria de Jesus, Maria Conceição Evaristo e Paulina Chiziane'** 01/04/2008 152 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO Biblioteca Depositária: pucsp

11)COSTA, SANDRA SANTOS. **TRADUÇÃO CULTURAL E COMENTADA DO LIVRO “QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA” DE CAROLINA MARIA DE JESUS: SUBSÍDIOS PARA TRADUZIR AS PRÁTICAS RACISTAS NO COTIDIANO BRASILEIRO'** 14/12/2020 100 f. Mestrado em ESTUDOS DA TRADUÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Universitária

12)COUTINHO, VANESSA LOPES. **Um olhar sobre a história, as histórias e as memórias no universo literário de Carolina Maria de Jesus'** 10/09/2021 100 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, Viçosa Biblioteca Depositária: Biblioteca Central.

13)DAWSLEY, SAYONARA LIMA. **A ESCRITA DE SI EM A COR PÚRPURA, DE ALICE WALKER E DIÁRIO DE BITTA, DE CAROLINA MARIA DE JESUS'** 30/03/2017 110 f. Mestrado em LITERATURA E INTERCULTURALIDADE Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA, Campina Grande Biblioteca Depositária: Biblioteca Central

14)DIAS, AYANA MOREIRA. **A ESCRITORA POR DETRÁS DO ESTEREÓTIPO'** 27/08/2019 108 f. Mestrado em Estudos de Literatura Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Niterói Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DO GRAGOATÁ(BCG)

15)DUARTE, FRANCIS PAULA CORREA. **O INVISÍVEL QUARTO DE DESPEJO DA SOCIEDADE: O DIÁRIO COMO GÊNERO DISCURSIVO DE CRÍTICA E REESCRITA SOCIAL EM “QUARTO DE DESPEJO”, DE CAROLINA MARIA DE JESUS'** 13/07/2015 undefined f. Mestrado Profissional em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO, Natal Biblioteca Depositária: universidade federal Rural do Rio de Janeiro

16)FERNANDEZ, RAFFAELLA ANDRÉA. **Carolina Maria de Jesus, uma poética de resíduos.**' 01/10/2006 175 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE EST.PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/ASSIS, Assis Biblioteca Depositária: UNESP-Assis/SP

17)FERREIRA, JACINAILA LOURIANA. **QUARTO DE DESPEJO: TEMÁTICAS ATEMPORAIS PARA SALA DE AULA'** 05/04/2021 323 f. Mestrado Profissional em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO MATO GROSSO - CAMPUS SINOP, Natal Biblioteca Depositária: Biblioteca da UNEMAT

18)FERREIRA, NAIVA BATISTA. **Quarto de despejo: gênero e autobiografia na literatura de Carolina Maria de Jesus'** 29/08/2019 93 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, Manaus Biblioteca Depositária: tede.ufam.edu.br

19)FRASSON, IVANA BOCATE. **NA COZINHA, O DURO PÃO; NO QUARTO, A DURA CAMA: UM PERCURSO PELOS ESPAÇOS NA OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS'** 08/09/2016 157 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, Londrina Biblioteca Depositária: undefined

20)FREITAS, LEIDIANA DA SILVA LIMA. **ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA: TRAVESSIAS MIGRATÓRIAS, AFRODIASPÓRICAS E IDENTITÁRIAS EM DIÁRIO DE BITITA DE CAROLINA DE JESUS'** 12/03/2021 129 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: FUNDACAO UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUI FUESPI, Teresina Biblioteca Depositária: undefined

21)GONCALVES, EMANUEL REGIS GOMES. **A LITERATURA VISTA DE BAIXO: O LIVRO QUARTO DE DESPEJO , DE CAROLINA MARIA DE JESUS'** 12/02/2014 100 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, Fortaleza Biblioteca Depositária: BCH

22)GRACAS, SHELY ADNA DA. **FEMINISMO NEGRO E LITERATURA: PIONEIRISMO EM CAROLINA MARIA DE JESUS E CONSAGRAÇÃO EM CONCEIÇÃO EVARISTO'** 11/12/2020 undefined f. Mestrado em TEORIA LITERARIA E CRITICA DA CULTURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI, São João del Rei Biblioteca Depositária: undefined

23)HERZOG, ADRIANA DE AQUINO. **Percursos críticos da obra de Carolina Maria de Jesus (2012-2017) : uma poética indomável'** 25/02/2019 121 f. Mestrado em LINGÜÍSTICA E LETRAS Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Irmão José Otão

24)JESUS, ERIKA NUNES DE. **UMA ESCRITA DE SI COMO FALA DO OUTRO: UM ESTUDO DO DIÁRIO DE CAROLINA MARIA DE JESUS'** 18/05/2016 undefined f. Mestrado em CRÍTICA CULTURAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, Alagoinhas Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA DO DEDC - II

25)JUNIOR, ROMILDO RODRIGUES NEVES. **IDENTIDADE E MEMÓRIA EM DIÁRIO DE BITITA, DE CAROLINA MARIA DE JESUS: UMA “HISTÓRIA CONTADA” ACERCA DOS ANOS DE 1920 A 1940, NO INTERIOR DO BRASIL'** 28/11/2019 156 f. Mestrado Profissional em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Catalão Biblioteca Depositária: undefined

26)LEANDRO, MICHEL LUIS DA CRUZ RAMOS. **Autoria e Resistência: Carolina Maria de Jesus em discurso'** 28/08/2019 187 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (RIBEIRÃO PRETO), Ribeirão Preto Biblioteca Depositária: Biblioteca Digital USP

27)LIMA, DANDARA BACA DE JESUS. **CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA PARA A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE SAÚDE: CAROLINA MARIA DE JESUS E EQUIDADE RACIAL'** 15/08/2018 182 f. Mestrado Profissional em Saúde Coletiva Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

28)LOPES, MICHELLY CRISTINA ALVES. **Irrrompendo silêncios: a literatura afro-brasileira de Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo'** 19/12/2019 undefined f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, Vitória Biblioteca Depositária: undefined

29)MEIRELLES, KELEN GURGEL. **PARA ALÉM DO QUARTO DE DESPEJO: INJUSTIÇA AMBIENTAL LITERATURA E RESISTÊNCIA NA OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS '** 13/03/2020 82 f. Mestrado Profissional em ENSINO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE E DO MEIO AMBIENTE Instituição de Ensino: CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA, Volta Redonda Biblioteca Depositária: CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA

30)MELO, PEDRO DA SILVA DE. **Carolina Maria de Jesus e a paixão pela escrita: um estudo sociolinguístico de Quarto de Despejo'** 27/03/2014 172 f. Mestrado em FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Florestan Fernandes

31)MIRANDA, FERNANDA RODRIGUES DE. **Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus: experiência marginal e construção estética'** 20/09/2013 160 f. Mestrado em LETRAS (EST.COMP. DE LITER. DE LÍNGUA PORTUGUESA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Florestan Fernandes

32)NASCIMENTO, CLEIDENI ALVES DO. **TONI MORRISON E CAROLINA MARIA DE JESUS: DOIS TIMBRES MARCANTES DA VOZ AUTORAL FEMININA'** 01/02/2012 139 f. Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade Instituição de Ensino:

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, Ponta Grossa Biblioteca Depositária: UEPG

33)NASCIMENTO, DANIELA DE ALMEIDA. **Carolina Maria de Jesus e a escrita de si como lugar de memória e resistência'** 29/07/2020 108 f. Mestrado em ESTUDOS LITERÁRIOS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (ARARAQUARA), Araraquara Biblioteca Depositária: Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara

34)NASCIMENTO, MAURICIO GABRIEL DOS SANTOS. **"Quarto de Despejo & Sala de Visitas": Carolina de Jesus, Intérprete Extraordinária do Brasil'** 04/02/2021 89 f. Mestrado em TEORIA E HISTÓRIA LITERÁRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, Campinas Biblioteca Depositária: IEL

35)NASCIMENTO, RAQUEL ALVES DOS SANTOS. **Do exotismo à denúncia social: sobre a recepção de Quarto de despejo, de Carolina Maria De Jesus, na Alemanha'** 29/02/2016 225 f. Mestrado em ESTUDOS DA TRADUÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Biblioteca Florestan Fernandes

36)NETO, JOAO XIMENES. **CAROLINA MARIA DE JESUS: UMA ESTRANGEIRA EM NOSSA LITERATURA'** 27/02/2018 81 f. Mestrado em LETRAS (LETRAS VERNÁCULAS) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Faculdade de Letras da UFRJ

37)NOAL, SARA MUNIQUE. **“SEJA O QUE DEUS QUISER. EU ESCREVI A REALIDADE.” CAROLINA MARIA DE JESUS E O REGISTRO DA EXPERIÊNCIA SOCIAL DOS TRABALHADORES POBRES NO BRASIL (1920-1970)'** 26/08/2019 96 f. Mestrado em História Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANA, Marechal Cândido Rondon Biblioteca Depositária: Unioeste - Campus de Marechal Cândido Rondon

38)OLIVEIRA, ANA CLAUDIA TABOSA MENDES DE. **EDUCAÇÃO ESTÉTICA NAS PRÁTICAS CURRICULARES DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO'** 02/10/2020 157 f. Mestrado Profissional em EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA Instituição de Ensino: INSTITUTO FED. DE EDUC., CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE PERNAMBUCO, Vitória Biblioteca Depositária: Biblioteca Carolina Maria de Jesus do IFPE Campus Olinda

39) OLIVEIRA, CAROLINA GUEDES DE. **SUBALTERNO PODE ESCREVER! UMA CONTRIBUIÇÃO DECOLONIAL E INTERSECCIONAL NA OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS PARA OS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS'** 11/12/2020 113 f. Mestrado em ADMINISTRAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO - PROF JOSE DE SOUZA HERDY, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca Euclides da Cunha/UNIGRANRIO

40)OLIVEIRA, DANIELLE STEPHANIE DE. **Favelada e escritora: Carolina Maria de Jesus, a instituição literária e a escrita romanesca'** 04/11/2019 139 f. Mestrado em ESTUDOS LITERÁRIOS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS

GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: Biblioteca da FALE/UFMG e Repositório Institucional - Biblioteca Universitária da UFMG

41) OLIVEIRA, Érica Cristina de. **De Quarto de despejo a Le dépotoir, o processo de refração na reescrita do diário de Carolina Maria de Jesus'** 01/10/2012 83 f. Mestrado em LETRAS (EST. LING., LITERÁRIOS E TRADUTOLÓGICOS EM FRANCÊS) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Florestan Fernandes

42) OLIVEIRA, ERICA DE SOUZA. **Imagens de maternidade negra em Quarto de despejo e Diário de Bitita'** 29/03/2021 122 f. Mestrado em ESTUDO DE LINGUAGENS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, Salvador Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UNEB

43) OLIVEIRA, MARGARETE APARECIDA DE. **Narrativas de favela e identidades negras: Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo'** 30/06/2015 112 f. Mestrado em ESTUDOS LITERÁRIOS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: Biblioteca da FALE e Universitária da UFMG

44) OLIVEIRA, SUELEN WANDERLEY DE. **UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA ESCRIVIVÊNCIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS NA OBRA QUARTO DE DESPEJO'** 17/12/2021 91 f. Mestrado em ESTUDOS DA LINGUAGEM Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO, Recife Biblioteca Depositária: Biblioteca central da Universidade Federal Rural de Pernambuco

45) PEDROTTI, JACOPO. **QUESTÕES de Raça, Gênero e Classe na Tradução de “diário de Bitita”, de Carolina Maria de Jesus'** 14/05/2021 210 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, Vitória Biblioteca Depositária: undefined

46) PEREIRA, GABRIELA LEANDRO. **Corpo, discurso e território: a cidade em disputa nas dobras da narrativa de Carolina Maria de Jesus'** 29/06/2015 252 f. Doutorado em ARQUITETURA E URBANISMO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador Biblioteca Depositária: Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa

47) REIS, MARIA JOILMA FERREIRA DOS. **"A arte que liberta não pode vir da mão que escraviza": escrita resistente e discurso contra-hegemônico em Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus'** 24/05/2019 115 f. Mestrado em Letras Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, Pelotas Biblioteca Depositária: Campus Anglo UFPel

48) ROCHA, WESLEY HENRIQUE ALVES DA. **DIÁRIO DE BITITA, DE CAROLINA MARIA DE JESUS: SALTANDO OS MUROS DA SUBALTERNIDADE'** 25/11/2019 130 f. Mestrado em ESTUDOS DE LINGUAGEM Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, Cuiabá Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFMT

49)ROCHO, Cleverson Alberto. **O outro na Narrativa Testemunhal: um estudo a partir de Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus'** 01/01/2005 105 f. Mestrado em LITERATURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA Biblioteca Depositária: BCE

50)RODRIGUES, SILMARA APARECIDA. **LETRAMENTO LITERÁRIO NA EJA - UMA PRÁTICA COM QUARTO DE DESPEJO, DE CAROLINA MARIA DE JESUS'** 27/02/2018 155 f. Mestrado Profissional em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (JOÃO PESSOA), Natal Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba

51)SANTANA, DANILO DE ANDRADE. **REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO DA CIDADE DE SÃO PAULO SOB A ÓTICA SUBJETIVA DE CAROLINA MARIA DE JESUS'** 27/09/2019 139 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS, Porto Nacional Biblioteca Depositária: Biblioteca do Câmpus de Porto

52)SANTANA, ELANE SANTOS. **O TESTEMUNHO LITERÁRIO DE CAROLINA MARIA DE JESUS, EM DIÁRIO DE BITITA, COMO PEDAGOGIA DE QUESTIONAMENTO À EXISTÊNCIA NEGRA'** 27/03/2020 2019 f. Mestrado Profissional em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, Natal Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial do Campus V – UNEB

53)SANTANA, RAQUEL LEITE DA SILVA. **O TRABALHO DE CUIDADO REMUNERADO EM DOMICÍLIO COMO ESPÉCIE JURÍDICA DO TRABALHO DOMÉSTICO NO BRASIL: uma abordagem justrabalhista à luz da trilogia literária de Carolina Maria de Jesus.'** 27/02/2020 255 f. Mestrado em DIREITO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL - BCE - UnB

54)SANTOS, ANA LAURA PERENHA DOS. **Caminhos para uma história pública da mulher favelada: compreendendo Quarto de Despejo (1960)'** 23/09/2021 115 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ - REITORIA, Paranavaí Biblioteca Depositária: Biblioteca da Unespar - Campus de Campo Mourão

55) SANTOS, ANDREIA APARECIDA DOS. **A LITERATURA DE CAROLINA MARIA DE JESUS NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES DIDÁTICAS A PARTIR DA OBRA “QUARTO DE DESPEJO” (1960)'** 23/09/2020 131 f. Mestrado Profissional em Ensino de História Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ - REITORIA, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca da Unespar - Campo Mourão

56)SANTOS, LARA GABRIELLA ALVES DOS. **CAROLINA MARIA DE JESUS: ANÁLISE IDENTITÁRIA EM QUARTO DE DESPEJO - DIÁRIO DE UMA FAVELADA'** 20/03/2015 103 f. Mestrado em ESTUDOS DA LINGUAGEM Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia Biblioteca Depositária: Biblioteca Regional Catalão

57)SANTOS, MARCELA ERNESTO DOS. **MULHER E NEGRA: as memórias de Carolina Maria e Maya Angelou'** 01/12/2009 100 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE EST.PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/ASSIS, Assis Biblioteca Depositária: UNESP - FCL/ASSIS
Trabalho anterior à Plataforma Sucupira

58)SANTOS, MARCELA ERNESTO DOS. **RESISTINDO À TEMPESTADE: a interseccionalidade de opressões nas obras de Carolina Maria e Maya Angelou'** 05/12/2014 143 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (ASSIS), Assis Biblioteca Depositária: UNESP-FCL/ASSIS

59)SANTOS, MARIBETH PAES DOS. **Quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus: uma proposta didática de leitura e análise crítica para a EJA'** 23/02/2018 258 f. Mestrado Profissional em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, Natal Biblioteca Depositária: UFU

60)SILVA, ALAN PEREIRA DA. **Entre o tempo, a memória e o espaço na escrita de Carolina Maria de Jesus'** 27/09/2021 188 f. Mestrado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, São Carlos Biblioteca Depositária: <https://repositorio.ufscar.br/>

61)SILVA, ANA CAROLINA DA. **GÊNERO EM QUARTO DE DESPEJO: A LITERATURA MARGINAL COMO INSTRUMENTO DIDÁTICO'** 16/08/2019 146 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO, Mariana Biblioteca Depositária: ICHS

62)SILVA, BIANCA PEREIRA DA. **ROMANCE MODERNO E DEMANDA SOCIAL: UMA INCURSÃO POR MADAME BOVARY E CAROLINA MARIA DE JESUS'** 25/02/2019 122 f. Mestrado em FILOSOFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Niterói Biblioteca Depositária: Biblioteca Central do Gragoatá

63)SILVA, FERNANDA ROCHA DA. **AS TRÊS MARIAS: UMA CONSTELAÇÃO DO TRABALHO INTELLECTUAL DE MULHERES NEGRAS PARA A PLURIVERSALIDADE DO SABER'** 01/04/2021 143 f. Mestrado em ADMINISTRAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: Repositório UFMG

64)SILVA, GISELLE SILVEIRA DA. **REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO NA OBRA QUARTO DE DESPEJO'** 29/08/2018 undefined f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE, Rio Grande Biblioteca Depositária: SIB FURG

65)SILVA, JONATAN GOMES DOS SANTOS E. **Expressão de infância negada na obra de Carolina Maria de Jesus (191?-1977)'** 04/06/2021 95 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (FRANCA), Franca Biblioteca Depositária: UNESP/FCL/Assis

66)SILVA, NATALIA DE MORAES ROMAO DA. **DO DESPEJO AO DESPIR:**

CAROLINA DE JESUS, ESCREVIVÊNCIAS PRETUGUESAS E A PERCEPÇÃO DO FEMININO NEGRO EM ALUNAS NO ESPAÇO ESCOLAR PRIVADO' 08/08/2019 114 f. Mestrado em Relações Étnico-Raciais Instituição de Ensino: CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECN. CELSO SUCKOW DA FONSECA, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca Central do Cefet/RJ

67)SILVA, RAPHAEL RIBEIRO DA. **Costurando Vozes-Mulheres: Leitura de escritas negro-femininas – Joremir de Assis Ferreira em roda com Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus'** 17/04/2020 125 f. Mestrado em LITERATURA, CULTURA E CONTEMPORANEIDADE Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Puc Rio

68)SILVA, VANESSA MARIA POTERIKO DA. **A trajetória na construção da identidade da personagem-narradora-autora Carolina Maria de Jesus em seus diários'** 13/03/2019 168 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, Curitiba Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFPR

69)SOARES, ALEXSANDRO ROSA. **Diário de Bitita: o testemunho na obra de Carolina Maria de Jesus'** 15/03/2019 92 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA, Juiz de Fora Biblioteca Depositária: Campus Academia

70)SOARES, MACKSA RAQUEL GOMES. **CAROLINA MARIA DE JESUS: Tessitura da escrita como identidade'** 27/07/2020 112 f. Mestrado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO, São Luís Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO

71)SOUZA, ALESSANDRA ARAUJO DE. **Do Quarto de Despejo à Sala de Visita: experiência e narrativa nos diários de Carolina Maria de Jesus (1955-1961).'** 24/08/2016 114 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (JOÃO PESSOA), João Pessoa Biblioteca Depositária: UFPB

72)SOUZA, ALINE ROSA MAXIMINIANO DE. **Carolina Maria de Jesus e Clareece Precious Jones: diários e resistência'** 28/02/2019 132 f. Mestrado em Estudos Literários Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, Patos de Minas Biblioteca Depositária: REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL UFU

73)SOUZA, Edilene Silva Bahia de. **Uma obra fora do lugar? Quarto de despejo diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus.'** 01/08/2012 50 f. Mestrado em LITERATURA E DIVERSIDADE CULTURAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA, Feira de Santana Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Julieta Carteadó

74)STORI, JESSICA BRISOLA. **"Quando infiltrei na literatura eu não previa o pranto": a memória e a escrita de Carolina Maria de Jesus'** 20/03/2020 139 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, Curitiba Biblioteca Depositária: Sistema de Bibliotecas da UFPR

75)TEIXEIRA, PATRICIA CRISTINA CAPELETT. **ANÁLISE DE MARCADORES CULTURAIS EM QUARTO DE DESPEJO E CASA DE ALVENARIA E AS RESPECTIVAS TRADUÇÕES, À LUZ DOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO BASEADOS EM CORPUS'** 01/03/2016 108 f. Mestrado em Letras Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANA, Cascavel Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Unioeste

76)TOLEDO, Christiane Vieira Soares. **O estudo da escrita de si nos diários de Carolina Maria de Jesus: a célebre desconhecida da literatura brasileira'** 01/01/2011 194 f. Mestrado em LINGÜÍSTICA E LETRAS Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Irmão José Otão.

77)TREMBA, GABRIELA BASTOS CORDEIRO. **O espaço urbano em Carolina Maria de Jesus: entre o "Quarto de despejo" e a "Casa de alvenaria"** 11/08/2020 123 f. Mestrado em ESTUDOS DE LINGUAGENS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ, Curitiba Biblioteca Depositária: UTFPR - Campus Curitiba

78)VALERIO, AMANDA CRISPIM FERREIRA. **'Escrevivências', as lembranças afrofemininas como um lugar da memória afro-brasileira: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Geni Guimarães'** 26/02/2013 115 f. Mestrado em ESTUDOS LITERÁRIOS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: Biblioteca da FALE e Biblioteca Universitária da UFMG

79)VELOSO, THIAGO CESARIO. **Deixa eles e elas falarem: do Quarto (de despejo) à Sala (de aula)'** 03/07/2018 undefined f. Mestrado em EDUCAÇÃO, CULTURA E COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Duque de Caxias Biblioteca Depositária: Rede Sirius UERJ

80)YAMASAKI, THAIS TIEMI DA SILVA. **ESCRIT(UR)A (IN)FAME: (R)EXISTÊNCIA EM QUARTO DE DESPEJO DE CAROLINA MARIA DE JESUS'** 28/08/2018 108 f. Mestrado em LINGÜÍSTICA APLICADA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, Campinas Biblioteca Depositária: IEL